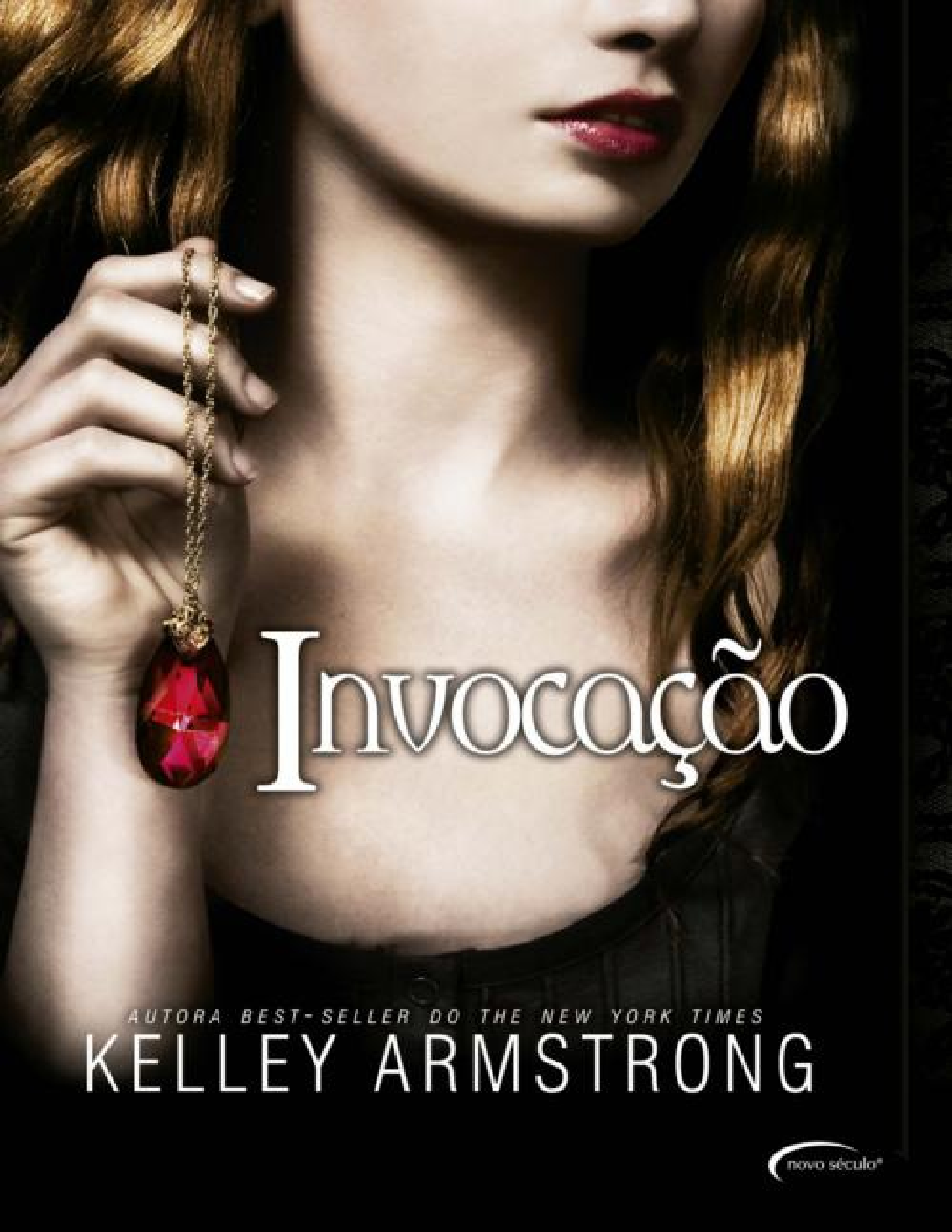




Invocação

AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

KELLEY ARMSTRONG



Darkest Powers 1:

The Summoning

KELLEY

ARMSTRONG

Meu nome é Chloe Saunders e minha vida nunca mais será a mesma de novo. Tudo o que eu queria era fazer amigos, conhecer garotos, e continuar sendo comum. Eu nem sei mais o que isso significa. Tudo começou no dia que

eu vi meu primeiro fantasma – e o fantasma me viu.

Agora há fantasmas por toda a parte e eles não me deixam em paz. Ainda por cima, de alguma maneira eu fui trancafiada na Casa Lyle, um "lar especial"

para adolescentes perturbados. Mas o lar não é o que parece. Não diga a ninguém, mas eu acho que meus colegas não são bem o que parecem. A pergunta é, de que lado eles estão? Sou eu quem deve descobrir os perigosos segredos por trás da Casa Lyle... antes que seus esqueletos voltem para me assombrar.

Créditos:

Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156>

Tradução: Juliana Dias

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=2713339427589710285>

Tradução: Nel Farias

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=14848990466760383737>

Revisão: Juliana Dias

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=2713339427589710285>

Doze anos antes...

MAMÃE ESQUECEU DE AVISAR a nova babá sobre o porão.

Chloe balançou-se no degrau de cima, mãos gorduchas esticadas para agarrar ambos os corrimões, seus braços chacoalhando tanto que ela mal conseguia segurar. Suas pernas tremiam, também, as cabeças do Scooby Doo de suas pantufas sacudindo. Até mesmo sua respiração estava abalado, bafejando como se ela tivesse corrido.

“Chloe?” a voz abafada de Emily foi trazida pela corrente do porão escuro.

“Sua mãe disse que as Cocas estão no refrigerador, mas eu não consigo achar. Pode descer e me ajudar?”

Mamãe disse que tinha contado a Emily sobre o porão. Chloe estava certa disso. Ela fechou seus olhos e pensou arduamente.

Antes de Mamãe e Papai terem saído para a festa, ela estivera brincando na sala da TV. Mamãe tinha chamado, e Chloe tinha corrido para o vestibulo da entrada onde Mamãe tinha pego-a em um abraço, rindo com a boneca de Chloe lhe feriu no olho.

“Vejo que está brincando com a Princesa – quero dizer, Pirata Jasmine. Ela já resgatou o pobre Aladdin do gênio malvado?”

Chloe balançou sua cabeça, então sussurrou, “Você contou pra Emily do porão?”

“Certamente que sim. Sem porão para a Senhorita Chloe. Aquela porta fica fechada.” Quando Papai chegou pelo canto, Mamãe disse, “Nós realmente precisamos conversar sobre nos mudar, Steve.”

“É só dizer e eu coloco a placa.” Papai despenteou o cabelo de Chloe.

“Seja boazinha com Emily, menina.”

E então eles tinham ido.

“Chloe, eu sei que você consegue me escutar,” Emily gritou.

Chloe desenroscou seus dedos do corrimão e os enfiou em suas orelhas.

“Chloe!”

“Eu n-não posso ir no porão,” Chloe avisou. “N-não me deixam.”

“Bem, eu estou no comando e eu digo que você pode. Você é uma garota crescida.”

Chloe forçou seu pé a descer um degrau. A parte de trás de sua garganta doía e tudo parecia indistinto, como se ela fosse chorar.

“Chloe Saunders, você tem cinco segundos ou eu vou te arrastar aqui para baixo e trancar a porta.”

Chloe correu pelos degraus tão rápido que seus pés se enrolaram e ela caiu numa pilha na aterrissagem. Ela ficou deitada lá, o tornozelo doendo, lágrimas queimando seus olhos enquanto ela espreitava o porão, com suas rachaduras e cheiros e sombras. E a Sra. Hobb.

Tinha havido outros, antes da Sra. Hobb assustá-los. Como a velha Sra.

Miller, que brincava de esconde-esconde com Chloe e a chamava de Mary. E o

Sr. Drake, que perguntava coisas estranhas, como se alguém já morava na lua,

e na maior parte das vezes Chloe não sabia a resposta, mas ele ainda assim sorria e lhe dizia que era uma boa menina.

Ela costumava gostar de descer e falar com as pessoas. Tudo o que ela tinha que fazer era não olhar atrás da fornalha, onde um homem estava pendurado no teto, seu rosto todo roxo e inchado. Ele nunca dizia nada, mas

vê-lo sempre fazia a barriguinha de Chloe doer.

“Chloe?” a voz abafada de Emily chamou. “Você está vindo?”

Mamãe teria dito “Pense nas partes boas, não nas ruins.” Então enquanto Chloe descia os últimos três degraus, ela se lembrou da Sra. Miller e do Sr. Drake e ela não pensou na Sra. Hobb de modo algum... ou não muito.

No final, ela deu uma olhada na escuridão próxima. Só as luzes noturnas estavam ligadas, aquelas que Mamãe colocou em todo lugar quando Chloe começou a dizer que não queria descer e Mamãe pensou que ela estivesse com medo do escuro, o que ela tinha, um pouco, mas só porque o escuro significava que a Sra. Hobb podia se mover furtivamente para cima dela. Chloe conseguia ver a porta do refrigerador, contudo, então ela manteve seus olhos nele e andou o mais rápido que pôde.

Quando algo se moveu, ela esqueceu sobre não olhar, mas era apenas o homem pendurado, e tudo que ela pôde ver foi sua mão espreitando de detrás da fornalha enquanto ele balançava.

Ela correu para o refrigerador e o abriu. Dentro, estava escuro como piche.

“Chloe?” Emily chamou da escuridão.

Chloe fechou seus punhos. Agora Emily estava realmente sendo má.

Escondendo-se dela—

Passos tamborilaram acima. Mamãe? Já em casa?

“Vamos, Chloe. Não está com medo do escuro, está?” Emily riu. “Acho que você é ainda uma bebezinha afinal de contas.”

Chloe fez cara feia. Emily não sabia de nada. Só uma garota estúpida e má. Chloe pegaria a sua Coca, então correria escada acima e contaria a Mamãe, e Emily nunca ficaria de babá dela novamente.

Ela se inclinou na salinha, tentando se lembrar onde Mamãe guardava a Coca. Era na prateleira de cima, não era? Ela lançou-se para cima e ficou nas pontas dos pés. Seus dedos se fecharam ao redor de uma lata fria de metal.

“Chloe? Chloe!” Era a voz da Emily, mas muito distante, aguda.

Passos golpeavam o chão acima.

“Chloe, onde você está?”

Chloe derrubou a lata. Bateu no concreto com um estalo, então rolou contra seu pé, sibilando e esparramando, uma poça de refrigerante ao redor de suas pantufas.

“Chloe, Chloe, onde você está?” imitou uma voz atrás dela, como a de Emily, mas não exatamente.

Chloe se virou lentamente.

Na entrada estava uma mulher velha com um roupão rosa, seus olhos e dentes brilhando no escuro. A Sra. Hobb.

Chloe queria fechar apertadamente seus olhos, mas ela não ousou porque isso só a deixava mais brava, deixava tudo pior.

A pele da Sra. Hobb se ondulou e contorceu. Então ficou preta e brilhante, explodindo como galhos em uma fogueira de piquenique. Pedações se desgrudaram, caindo no chão. O cabelo dela chiou e queimou. E então não havia mais nada exceto um esqueleto salpicado com pedaços de carne escurecida. A mandíbula se abriu, os dentes ainda brilhando.

“Bem vinda de volta, Chloe.”

Um

EU ME SENTEI RIGIDAMENTE NA CAMA, uma mão apertando meu pendente, a outra enrolada no meu lençol. Eu lutei para recapturar tufos do meu sonho, que já estava ficando confuso. Algo sobre um porão... uma menininha... eu? Eu não conseguia nem lembrar de ter um porão – nós sempre

tínhamos morado em apartamentos de condomínio.

Uma menininha em um porão, algo assustador... os porões não eram sempre assustadores? Eu estremeci só de pensar neles, escuros e úmidos e vazios. Mas esse não tinha estado vazio. Houvera... eu não conseguia lembrar o que. Um homem atrás da fornalha...?

Uma batida na porta do meu quarto me fez pular.

“Chloe!” Annette gritou. “Por que o seu alarme não despertou? Eu sou a governanta, não a sua babá. Se se atrasar novamente, vou ligar para o seu pai.”

Quando se trata de ameaças, essa não era exatamente um pesadelo.

Mesmo se Annette conseguisse falar com o meu pai em Berlim, ele só fingiria

ouvir, os olhos em seu Blackberry, a atenção pregada em algo mais importante,

como a previsão do tempo. Ele murmuraria um vago “Sim, eu tratarei disso quando eu voltar” e se esqueceria de mim no momento em que desligasse.

Eu liguei meu rádio, aumentei o volume, e rastejei para fora da cama.

Uma meia hora mais tarde, eu estava no meu banheiro, me preparando para a escola. Eu puxei as laterais do meu cabelo para trás com presilhas,

olhei no espelho, e estremecei. O estilo me deixava com doze anos... e eu não precisava de ajuda alguma. Eu tinha acabado de fazer quinze e os garçons ainda me davam o menu infantil nos restaurantes.

Eu não podia culpá-los. Eu tinha um metro e cinquenta e dois de nada, com curvas que só apareciam se eu usava calça jeans apertada e uma camiseta mais apertada ainda.

Tia Lauren jurava que eu cresceria – para cima e para os lados – quando eu finalmente menstruasse. Agora, eu imaginava que seria “se”, não “quando”.

A maioria das minhas amigas tinha menstruado aos doze, até mesmo aos onze. Eu tentava não pensar muito nisso, mas é claro que eu pensava. Eu me preocupava de que tivesse algo errado comigo, me sentia uma aberração toda vez que minhas amigas falavam sobre suas menstruações, rezava para que elas não descobrissem que eu não tinha menstruado. Tia Lauren dizia que eu estava bem, e ela era médica, então eu acho que ela saberia. Mas isso ainda me incomodava. Um monte.

“Chloe!” A porta estremeceu contra o punho carnudo de Annette.

“Estou no banheiro,” eu gritei de volta. “Posso ter um pouco de privacidade?”

Eu tentei só uma presilha na parte de trás da minha cabeça, segurando as laterais. Nada mal. Quando eu virei minha cabeça para uma olhada lateral, a presilha deslizou do meu cabelo fino como o de um bebê.

Eu nunca devia ter cortado. Mas eu tinha estado cansada de ter um cabelo comprido, liso, de menininha. Eu decidi por um estilo na altura dos ombros, fino. Na modelo pareceu ótimo. Em mim? Nem tanto.

Eu espiei o tubo de tinta para o cabelo fechado. Kari jurou que mechas

vermelhas ficariam perfeitas no meu cabelo loiro-morango. Eu não conseguia evitar pensar que eu pareceria uma bengala de açúcar. Ainda assim, podia me fazer parecer mais velha...

“Estou pegando o telefone, Chloe,” Annette gritou.

Eu agarrei o tubo de tinta, enfiei na minha mochila, e abri com tudo a porta. Eu fui pela escada, como sempre. O prédio podia mudar, mas minha rotina nunca. No dia em que eu comecei o jardim de infância, minha mãe segurou minha mão, minha mochila da Sailor Moon sobre seu outro braço enquanto ficávamos paradas no alto da escada.

“Prepare-se, Chloe,” ela tinha dito. “Um, dois três—”

E partimos, acelerando escada abaixo até que alcançamos o fim, ofegando e rindo, o chão oscilando e deslizando debaixo dos nossos pés instáveis, todos

os meus medos sobre o meu primeiro dia na escola embora.

Nós corríamos escada abaixo juntas toda manhã por todo o jardim de infância e metade da primeira série e então... bem, então não havia mais ninguém para correr escada abaixo.

Eu parei no fim, tocando o colar debaixo da minha camiseta, então me liberei das memórias, hasteei minha mochila, e andei pela escadaria.

Depois que a minha mãe morreu, nos mudamos muito por Buffalo. Meu pai movimentava apartamentos de luxo, o que significava que ele comprava-os em

edifícios nos estágios finais de construção, então os vendia quando o trabalho estava completo. Já que ele estava longe a negócios na maior parte do tempo, firmar raízes não era importante.

Não para ele, pelo menos.

Nessa manhã, a escada não tinha sido uma ideia muito boa. Meu estômago já estava sacudindo de nervoso por causa da minha trimestral de Espanhol. Eu tinha fracassado no último teste – ido a uma festa do pijama de fim de semana na casa da Beth quando eu devia estar estudando – e mal passei. Espanhol nunca tinha sido a minha melhor matéria, mas se e não chegasse a um C, meu pai podia realmente notar e começar a se perguntar se uma escola de arte fora realmente uma boa escolha.

Milos estava esperando por mim em seu táxi no meio-fio. Ele está me levando de carro já por dois anos, passando por duas mudanças e três escolas. Enquanto eu entrava, ele ajustou o visor do meu lado. O sol da manhã

ainda batia nos meus olhos, mas eu não disse isso a ele.

Meu estômago relaxou enquanto eu esfregava meus dedos contra o rasgo familiar no apoio de braço e inalei pinho químico do perfumador de ar girando

acima do ventilador.

“Eu vi um filme ontem à noite,” ele disse enquanto deslizava o táxi por três vielas. “Um do tipo que você gosta.”

“Um suspense?”

“Não.” Ele franziu a testa, os lábios movendo como se testando escolha de palavras. “Uma ação-aventura. Você sabe, muitas armas, coisas explodindo. Um verdadeiro filme desses de cair pelos ares.”

Eu odiava corrigir o inglês do Milo, mas ele insistia nisso. “Você quer dizer um filme de subir pelos ares.”

Ele levantou uma sobrancelha preta. “Quando você atira em um homem, o que acontece? Ele sobe?”

Eu ri, e nós falamos um pouco sobre filmes. Meu assunto favorito.

Quando Milos teve que atender uma ligação de seu despachante, eu olhei para fora pela janela lateral. Um garoto de cabelo comprido arremessou-se de trás de um grupo de homens de negócio. Ele carregava uma lancheira plástica fora de moda com um super herói nela. Eu estava tão ocupada tentando descobrir que super herói que era, que eu não notei onde o garoto se dirigia até

que ele saltou do meio-fio, pousando entre nós e o próximo carro.

“Milos!” eu gritei. “Olha—”

A última palavra foi arrancada dos meus pulmões à medida que eu batia contra meu cinto de ombro. O motorista atrás de nós, e o atrás dele, enfiaram a

mão nas buzinas, uma reação em corrente de protesto.

“O quê?” Milos disse. “Chloe? Qual o problema?”

Eu olhei por sobre o capô do carro e vi... nada. Só uma viela vazia na frente e o tráfico desviando à nossa esquerda, motoristas mostrando o dedo para Milos enquanto passavam.

“O-o-o—” Eu fechei meus punhos, como se isso de algum jeito pudesse forçar as palavras a saírem. Se você fica comprimida, toma outra rota, minha terapeuta de fala sempre dizia. “Eu achei que tinha visto algué-gué-gué—” Fale devagar. Considere suas palavras primeiro.

“Sinto muito. Eu achei que tinha visto alguém pular na nossa frente.”

Milo começou a ir para frente com o táxi. “Isso acontece comigo às vezes, especialmente se estou virando minha cabeça. Eu acho que vejo alguém, mas não há ninguém ali.”

Eu concordei. Meu estômago doeu novamente.

Dois

ENTRE O SONHO que eu não conseguia me lembrar e o garoto que eu não podia ter visto, eu estava assustada. Até que eu tirasse pelo menos uma pergunta da minha cabeça, me focar no meu teste de espanhol estava fora de questão. Então eu chamei a tia Lauren. Quando deu caixa de voz, eu disse que

ligaria de novo no almoço. Eu estava na metade do caminho do armário da minha amiga Kari quando minha tia ligou de volta.

“Eu já morei em uma casa com porão?” Eu perguntei.

“E bom dia para você também.”

“Desculpa. Eu tive esse sonho e ele está me incomodando.” Eu contei a ela os pedaços que conseguia lembrar.

“Ah, essa seria a casa antiga em Allentown. Você era apenas uma criança. Não estou surpresa por não lembrar.”

“Obrigada. Estava—”

“Te incomodando, eu sei. Deve ter sido um pesadelo único.”

“Algo sobre um monstro vivendo no porão. Muito clichê. Estou com vergonha de mim mesma.”

“Monstro? O quê—?”

O sistema de auto-falante do lado dela a cortou, uma voz metálica dizendo,

“Dra. Fellows, por favor vá á estação 3B.”

“Essa seria a sua deixa,” eu disse.

“Pode esperar. Está tudo bem, Chloe? Você não parece bem.”

“Não, só... minha imaginação está em sobremarcha hoje. Eu assustei o Milos essa manhã, achando que eu vi um garoto pular na frente do táxi.”

“O quê?”

“Não havia um garoto. Não fora da minha cabeça, de qualquer jeito.” Eu vi Kari em seu armário e acenei. “O sinal vai tocar, então—”

“Vou te buscar depois da escola. Jantaremos cedo* no Crowne. Conversaremos.”

* no original, high tea, que é um jantar cedo onde é servido chá.

Escola. Não há muito que dizer sobre. As pessoas acham que escolas de arte devem ser diferentes, toda aquela energia criativa fervendo lentamente, classes cheias de crianças felizes, até mesmo os góticos o mais perto da felicidade que suas almas torturas permitem. Eles acham que escolas de arte devem ter menos pressão do grupo e intimidação. Afinal, a maioria da garotada

lá são os que são intimidados nas outras escolas.

É verdade que essas coisas não são tão ruins na Escola A. R. Gurney, mas quando se coloca garotos juntos, não importa o quanto pareçam similares, linhas são traçadas. Panelinhas se formam. Ao invés de atletas e nerds e zé-ninguéns, você tem artistas e músicos e atores.

Como uma estudante de artes teatrais, eu estava agregada aos atores, onde o talento parecia contar menos que a aparência, a pruma, e a habilidade verbal. Eu não virava cabeças, e eu tirava um zero redondo nos últimos dois.

Em uma escala de popularidade, eu me classificava com um cinco perfeitamente medíocre. O tipo de garota de quem ninguém pensa muito sobre.

Mas eu sempre sonhei em estar em uma escola de artes, e era tão legal quanto eu tinha imaginado. Melhor ainda, meu pai tinha prometido que eu

podia ficar até me formar, não importando quantas vezes nos mudássemos. Isso queria dizer que pela primeira vez em minha vida, eu não era a “garota nova”. Eu tinha começado na A. R. Gurney no primeiro ano, como todo mundo.

Apenas uma garota normal. Finalmente.

Naquele dia, contudo, eu não me sentia normal. Eu passei a manhã pensando no garoto na rua. Havia diversas explicações lógicas. Eu tinha encarado a lancheira dele, então eu julguei mal para onde ele correria. Ele tinha pulado num carro à espera no meio-fio. Ou desviou no último segundo e desapareceu na multidão.

Isso fazia muito sentido. Então por que ainda me incomodava?

“Ah, vamos,” Miranda disse enquanto eu fuçava no meu armário na hora do almoço. “Ele está bem ali. Pergunte se ele vai ao baile. Não pode ser muito difícil.”

“Deixe-a em paz,” Beth disse. Ela esticou a mão por sobre o meu ombro, agarrou minha sacola de almoço amarela clara da prateleira de cima, e a balançou. “Não sei como pode perder isso, Chloe. É praticamente néon.”

“Ela precisa de uma escadinha para enxergar tão alto,” Kari disse.

Eu bati nela com meu quadril, e ela saltou para longe, rindo.

Beth girou seus olhos. “Vamos, gente, ou nunca pegaremos uma mesa.”

Chegamos até o armário de Brent antes que Miranda me acotovelasse.

“Pergunte a ele, Chloe.”

Ela sussurrou zombeteiramente. Brent olhou para cá... então rapidamente olhou para longe. Meu rosto esquentou e eu apertei minha sacola de almoço

ao

meu peito.

O longo e escuro cabelo de Kari roçou o meu ombro. “Ele é um canalha,” ela sussurrou. “Ignore-o.”

“Não, ele não é um canalha. Ele só não gosta de mim. Não pode evitar isso.”

“Aqui,” Miranda disse. “Eu vou perguntar a ele por você.”

“Não!” Eu agarrei o braço dela. “P-por favor.”

Seu rosto redondo contorceu-se em nojo. “Deus, você consegue ser tão bebezinha. Você tem quinze anos, Chloe. Você tem que fazer as coisas sozinha.”

“Tipo telefonar para um cara até que a mãe dele diga para você deixá-lo em paz?” Kari disse.

Miranda só deu de ombros. “Essa foi a mãe do Rob. Ele nunca disse isso.”

“É? Continue dizendo isso a si mesma.”

Isso as fez detonar de verdade. Normalmente, eu teria pulado no meio e as feito parar, mas eu ainda estava chateada por Miranda me embaraçar na frente

de Brent.

Kari, Beth e eu costumávamos falar sobre caras, mas não estávamos totalmente a fim deles. Miranda estava – ela tinha tido mais namorados do que

ela poderia nomear. Então quando ela começou a sair conosco, de repente se tornou muito importante ter um cara do qual gostássemos. Eu me preocupava o

bastante sobre ser imatura, e não ajudou quando ela explodiu em risadas

quando eu admiti que nunca tinha ido num encontro de verdade. Então eu inventei um paquera. Brent.

Eu imaginei que pudesse simplesmente nomear um cara que eu gostasse e isso seria o bastante.

Sem chance. Miranda tinha me desmascarado – contando a ele que eu gostava dele. Eu tinha ficado horrorizada. Bem, na maior parte. Tinha havido também uma pequena parte de mim que esperava que ele dissesse “Legal. Eu realmente gosto da Chloe, também.” Sem chance. Antes, nós costumávamos falar na aula de espanhol às vezes. Agora ele se sentava há duas fileiras, como

se eu tivesse repentinamente desenvolvido o pior caso mundial de cecê.

Nós tínhamos acabado de chegar à cantina quando alguém chamou o meu nome. Eu me virei para ver Nate Bozian correndo na minha direção, seu cabelo

vermelho como um farol no corredor lotado. Ele esbarrou em alguém do terceiro ano, sorriu como desculpa, e continuou vindo.

“Ei,” eu disse enquanto ele se aproximava.

“Ei para você. Você se esqueceu que Petrie remarcou o clube do filme para o horário do almoço essa semana? Estamos discutindo avant-garde. Eu sei que você ama filmes de arte.”

Eu fingi um vômito.

“Mandarei seus pesares, então. E eu direi à Petrie que não está interessada em dirigir aquele curta tampouco.”

“Estamos decidindo isso hoje?”

Nate começou a andar de costas. “Talvez sim. Talvez não. Então eu direi à Petrie—”

“Tenho que correr,” eu disse para minhas amigas e me apressei para alcançá-lo.

A reunião do clube do filme começava nos bastidores como sempre, onde falávamos sobre negócios e almoçávamos. Comida não era permitida no auditório.

Discutimos o curta, e eu estava na lista de diretores – a única do primeiro ano que tinha passado pela peneira. Depois, enquanto todos assistiam cenas de filmes avant-garde, eu ponderei minhas opções sobre uma fita de audição. Eu escapuli antes que acabasse e me dirigi para meu armário.

Meu cérebro continuou zunindo até eu estar a meio caminho de lá. Então meu estômago começou a comportar-se estranhamente de novo, me lembrando de que eu estivera tão animada sobre entrar na lista de candidatos que tinha esquecido de comer.

Eu tinha deixado minha sacola de almoço nos bastidores. Eu chequei meu relógio. Dez minutos antes da aula. Eu conseguiria.

O clube do filme tinha acabado. Quem quer que tenha saído do auditório por último tinha desligado as luzes, e eu não tinha ideia de como ligá-las, especialmente quando achar o interruptor necessitava ser capaz de vê-lo. Interruptores que brilham no escuro. Era como eu financiaria meu primeiro filme. É claro, eu precisa de alguém para fazê-lo de verdade. Como a maioria dos diretores, eu era mais de ter ideias.

Eu peguei o caminho entre os corredores, batendo meus joelhos duas vezes.

Finalmente meus olhos se ajustaram às turvas luzes de emergência, e eu achei a escada que levava aos bastidores. Então ficou mais difícil.

Os bastidores se dissolviam em áreas menores fechadas por cortinas para armazenamento e camarins improvisados. Havia luzes, mas outra pessoa tinha

ligado-as. Após apalpar a parede mais próxima e não achar um interruptor, eu desisti. O brilho fraco de mais luzes de emergência me deixava ver formas.

Bom o bastante.

Ainda assim, estava bem escuro. Eu tenho medo do escuro. Eu tive algumas experiências ruins quando criança, amigos imaginários que se espreitavam em lugares escuros e me assustavam. Eu sei que isso soa estranho.

Outras crianças sonham com coleguinhas – eu imaginava o bicho papão.

O cheiro de maquiagem me dizia que eu estava no camarim, mas o cheiro, misturado com o odor inconfundível de naftalina e figurinos velhos, não me acalmou do jeito que geralmente acalmava.

Mais três passos e eu soltei um grito quando um tecido ondeou ao meu redor. Eu tinha tropeçado numa cortina. Ótimo.

Exatamente o quão alto eu tinha gritado? Eu realmente esperava que essas paredes fossem à prova de som.

Eu varri minha mão pelo poliéster áspero até eu achar a abertura e separar a cortina. À frente, eu conseguia distinguir a mesa de almoço. Algo amarelo estava no alto. Minha sacola?

O corredor improvisado parecia se estender perante mim, escancarando-se na escuridão. Era a perspectiva – os dois lados das cortinas com os ângulos para dentro, então o corredor se estreitava. Ilusão interessante, especialmente

para um filme de suspense. Eu teria de me lembrar disso.

Pensar no corredor como um lugar de filmagem acalmou meus nervos. Eu enquadrei a tomada, o salto do meu passo acrescentando movimentos espasmódicos que tornariam a cena mais imediata, colocando o espectador na cabeça de nossa protagonista, uma garota tola caminhando em direção ao barulho estranho.

Algo caiu. Eu me mexi, e meus sapatos guincharam e esse barulho me fez pular mais alto. Eu esfreguei os arrepios nos meus braços e tentei rir. Certo, eu

disse barulho estranho, não disse? Deixa para os efeitos sonoros, por favor.

Outro barulho. Um farfalhar. Então tínhamos ratos no nosso corredor assustador, não tínhamos? Que clichê. Hora de desligar minha imaginação galopante e focar. Dirigir a cena.

Nossa protagonista vê algo no fim do corredor. Uma figura sombreada—

Ah, por favor. Falando em estímulos baratos. Seja original... misteriosa...

Tomada dois.

O que é isso que ela vê? Uma sacola de almoço de criança, amarela clara e nova, fora de lugar nessa velha e condenada casa.

Continue a filmar. Não deixe a minha mente vagar—

Um soluço ecoou pelas salas silenciosas, então foi quebrado, dissolvendo-se em um fungar molhado.

Choro. Certo. Do meu filme. A protagonista vê a sacola de almoço de uma criança, então ouve soluços lúgubres. Algo se moveu no fim do corredor. Uma

sombra escura—

Eu me atirei para frente, correndo para a minha sacola. Eu a agarrei e dei o

fora.

Três

"Chloe! Espera aí!"

Eu tinha acabado de jogar meu almoço intacto em meu armário e estava andando para longe quando Nate me saudou. Eu me virei para vê-lo avançando lentamente pela lateral de um grupo de garotas. O sino tocou e o corredor irrompeu, garotos se acotovelando como salmões lutando corrente acima, carregando junto qualquer coisa em seu caminho.

Nate teve que lutar para me alcançar.

“Você saiu do clube do filme antes que pudesse te pegar. Eu queria te perguntar se você vai ao baile.”

“Amanhã? Hm, é.”

Ele lançou um sorriso com covinhas. “Ótimo. Te vejo lá.”

Um enxame de garotos o engolfou. Eu fiquei lá, encarando ele.

O Nate tinha acabado de me localizar para perguntar se eu ia ao baile?

Não era o mesmo que me chamar para o baile, mas ainda assim... Eu definitivamente iria ter que repensar a minha roupa.

Um veterano me golpeou, lançando minha mochila e murmurando algo sobre “ficar parada no meio do corredor.” Enquanto me curvava para agarrar minha mochila, eu senti um jorro entre as minhas pernas.

Eu me endireitei rapidamente e fiquei parada antes de tentar dar um passo.

Ai Deus. Eu tinha mesmo me mijado? Eu tomei um longo fôlego. Talvez eu estivesse doente. Meu estômago estivera dançando o dia todo.

Veja se consegue se limpar e se estiver ruim, pegue um táxi para voltar para casa.

No banheiro, eu puxei a minha calça para baixo e vi um vermelho vivo. Por alguns minutos, eu simplesmente fiquei sentada lá, na privada, sorrindo como uma idiota e esperando que o rumor sobre câmeras no banheiro de escolas não fosse verdade.

Eu embolei papel higiênico na minha calcinha, puxei a minha calça jeans, e manquei pra fora do box. E ali estava, um sinal que vinha zombando de mim desde o outono: a máquina de absorventes.

Eu enfiei a mão em meu bolso traseiro e puxei uma nota de cinco dólares, uma moeda de dez, e dois centavos. De volta ao box.

Vasculhando minha mochila. Achei...cinco centavos.

Eu olhei a máquina. Cheguei mais perto. Examinei o fecho raspado, aquele que Beth disse que poderia ser aberta com uma unha comprida. As minhas mãos eram longas, mas minha chave de casa funcionava tão bem quanto.

Uma semana animadora para mim. Entrando na lista de candidatos para o cargo de diretor. Nate me perguntando sobre o baile. Minha primeira menstruação. E agora meu primeiro ato criminoso.

Após eu ter me arrumado, eu cacei na minha mochila a minha escova e emergi ao invés com o tubo de tinta para cabelo.

Eu o levantei. Meu reflexo no espelho sorriu de volta.

Por que não acrescentar “primeira aula cabulada” e “primeira tintura” à lista?

Pintar o meu cabelo na pia do banheiro da escola não seria fácil, mas seria provavelmente mais simples do que em casa, com Annette pairando.

Tingir uma dúzia de mechas de vermelho brilhante levou vinte minutos. Eu tive que tirar minha camisa para evitar tingi-la, então eu estava e pé na pia de

sutiã e calça jeans. Felizmente ninguém entrou.

Eu terminei de espremer as tranças, secando-as com papel toalha, tomou um longo fôlego, olhei... e sorri. Kari estivera certa. Era bonito. Annette iria pirar. Meu pai talvez notasse. Talvez até ficasse bravo. Mas eu tinha bastante certeza de que ninguém mais iria me dar um menu para menores de doze anos.

A porta estralou. Eu joguei os papéis na lixeira, agarrei minha camisa, e lancei-me em um boxe. Eu mal tive tempo de trancar a porta antes que outra garota começasse a chorar. Eu dei uma olhada e vi um par de Reeboks no boxe ao lado.

Eu deveria perguntar se ela estava bem? Ou isso a embaraçaria?

A privada deu descarga e a sombra aos meus pés se deslocou. O fecho do boxe se abriu. Quando a torneira abriu, contudo, seus soluços ficaram ainda mais altos.

A água parou. O rolo de papel guinchou. Papel foi amassado. A porta se abriu. Fechou. O choro continuou.

Um dedo gelado deslizou pela minha espinha. Eu disse a mim mesma que ela tinha mudado de ideia, e iria ficar até que controlasse as coisas, mas o choro estava logo ao meu lado. No boxe ao lado.

Eu fechei minhas mãos em punhos. Era só a minha imaginação.

Eu me curvei lentamente. Nenhum sapato debaixo da divisória. Eu me abaixei mais ainda.

Nenhum sapato em nenhum dos boxes. O choro parou.

Eu coloquei vigorosamente minha camisa e me apressei para fora do banheiro antes que ele começasse de novo.

Enquanto a porta fechava atrás de mim, tudo ficou silencioso. Um corredor vazio.

“Você!”

Eu virei para ver um zelador andando na minha direção, e eu suspirei de alívio.

“O banheiro,” eu disse. “Eu estava usando o banheiro.”

Ele continuou vindo. Eu não o reconheci. Ele tinha talvez a idade do meu pai, com um corte muito curto, usando o uniforme de zelador da nossa escola. Um temporário, substituindo o Sr. Teitlebaum.

“E-eu estou indo para a s-sala agora.”

Eu comecei a andar.

“Você! Volte aqui. Eu quero falar com você;”

O único outro som era dos meus passos. Meus passos. Por que eu não conseguia ouvir os dele?

Eu andei mais rápido.

Um borrão passou por mim. O ar tremeu cerca de três metros à frente, uma figura tomando forma em uma camisa e calça de zelador. Eu girei e saí correndo.

O homem soltou um rugido que ecoou pelo corredor. Um estudante dobrou a esquina, e nós quase colidimos. Eu gaguejei uma desculpa e olhei sobre o meu ombro. O zelador tinha ido embora.

Eu exalei e fechei meus olhos. Quando eu os abri, a camisa azul do uniforme estava há poucos centímetros do meu rosto. Eu olhei para cima... e soltei um berro.

Ele parecia um manequim que tinha chego perto demais do fogo. Rosto

queimado. Derretido. Um olho esbugalhado, exposto.

O outro olho tinha escorregado para perto de sua bochecha, a bochecha toda afundada, pálpebras caindo, pele brilhante e desfigurada e—

Os lábios torcidos se afastaram. “Talvez agora você preste atenção em mim.”

Eu corri precipitadamente pelo corredor. Enquanto eu corria pela porta de uma sala de aula, ela abriu.

“Chloe?” a voz de um homem.

Eu continuei correndo.

“Fale comigo!” a voz horrível e deturpada rosnou, chegando mais perto.

“Você sabe há quanto tempo estive preso aqui?”

Eu voei pelas portas em direção à escadaria e me dirigi para cima.

Cima? Todas as heroínas estúpidas vão para cima!

Eu mudei de direção na aterrissagem e atingi a escadaria próxima.

O zelador mancou para cima do andar de baixo, dedos agarrando o corrimão, dedos derretidos, ossos espiando através—

Eu movimenteimei-me em alta velocidade pelas portas e corri para o corredor principal.

“Me escute, sua pirralha egoísta. Tudo o que eu quero são cinco minutos—”

Eu desviei para a próxima sala de aula vazia e fechei a porta com tudo.

Enquanto recuava para o centro da sala, o zelador passou pela porta. Bem através dela. Aquele rosto derretido horrível tinha ido embora, e ele estava normal novamente.

“Está melhor? Agora dá para você parar de gritar e falar com—”

Eu me lancei para a janela e comecei a procurar por um jeito de abri-la,

então vi o quão alto era. Pelo menos nove metros...para a calçada.

"Chloe!"

A porta se abriu. Era a vice-presidente, Srta. Waugh, com meu professor de matemática, Sr. Travis, e um professor de música cujo nome eu não conseguia lembrar. Me vendo na janela, a Srta. Waught jogou seus braços para

os lados, bloqueando os dois homens.

"Chloe?" ela disse, voz baixa. "Querida, você precisa se afastar dessa janela."

"Eu só estava—"

"Chloe ..."

Confusa, eu olhei de volta na direção da janela.

O Sr. Travis passou pela Srta. Waugh e me parou. Quando atingimos o chão, o ar voou dos meus pulmões. Arrastando-se, ele acidentalmente me deu uma joelhada no estômago. Eu cai para trás, dobrada, ofegando.

Eu abri meus olhos para ver o zelador parado perto de mim. Eu gritei e tentei me levantar, mas o Sr. Travis e o professor de música me seguraram abaixada enquanto a Srta. Waugh tagarelava em seu celular.

O zelador inclinou-se por sobre o Sr. Travis. "Agora você fala comigo, garota? Não pode escapar."

Eu bati e chutei o zelador, tentando me afastar dos professores.

Eles simplesmente me seguraram mais firme. Eu vagamente ouvi a Srta.

Waugh avisando que a ajuda estava à caminho. O zelador enfiou seu rosto no meu e ele se transformou naquela máscara derretida horrível, tão perto que eu encarava seu olho esbugalhado, quase fora de seu buraco.

Eu mastiguei minha língua para que não gritasse. Sangue encheu minha

boca. Quanto mais eu lutava, mais duramente meus professores me seguravam, torcendo meus braços, dor me apunhalando.

“Não conseguem ver ele?” Eu gritei. “Ele está bem ali. Por favor. Por favor, por favor, por favor. Levem-no para longe de mim. Levem-no para longe!”

Eles não escutavam. Eu continuei a lutar, a discutir, mas eles me seguravam imóvel enquanto o homem queimado me provocava.

Finalmente, dois homens de uniforme se apressaram pela porta. Um ajudou os professores a me prenderem enquanto o outro se movia atrás, fora da minha vista. Dedos se apertaram no meu antebraço.

Então a picada de uma agulha. Gelo deslizou pelas minhas veias.

A sala começou a oscilar. O zelador se dissipou, ora aparecendo, ora não.

“Não!” ele berrou. “Eu preciso falar com ela. Vocês não entendem? Ela consegue me ouvir. Eu só quero...”

Sua voz se dissipou enquanto os para médicos me abaixavam em uma maca. Ela subiu, oscilando. Oscilando.. . como um elefante.

Eu tinha andando em um uma vez, com minha mão, no zoológico, e minha mente deslizou para aquele tempo, os braços de mamãe ao meu redor, sua risada—

O uivo de raiva do zelador cortou a minha lembrança. “Não a levem. Eu preciso dela!”

Oscilando. O elefante oscilando. Mamãe rindo...

Quatro

EU SENTEI NA BEIRADA da minha cama de hospital e tentei me persuadir a pensar que ainda estava adormecida. Essa era a melhor explicação para o que eu estava ouvindo. Eu também podia alegar ilusão, mas eu preferia estar sonhando.

Tia Lauren estava sentada ao meu lado, segurando minha mão. Meus olhos foram até as enfermeiras que deslizavam pelos corredores. Ela seguiu meu olhar, levantou-se, e fechou a porta. Através de um revestimento de lágrimas, eu a observei e imaginei a mamãe ao invés.

Algo dentro de mim doeu, e eu estava com seis anos, aconchegada na cama, chorando pela minha mãe.

Eu esfreguei as minhas mãos sobre as cobertas, duras e ásperas, pegando na minha pele seca. O quarto estava tão quente que cada respiração fazia a minha garganta seca se apertar. Tia Lauren me deu a minha água, e eu enrolei minhas mãos ao redor do copo gelado. A água tinha um gosto metálico, mas eu a engoli.

“Uma casa de apoio*,” eu disse. As paredes pareciam sugar as palavras da minha boca, como num estúdio, absorvendo-as e deixando apenas ar morto.

“Oh Deus, Chloe.” Ela puxou um lenço de seu bolso e assuou seu nariz.

“Você sabe quantas vezes eu tive que contar a um paciente que ele estava morrendo? E de algum modo, isso parece mais difícil.”

Ela se deslocou para me encarar. “Eu sei o quanto você quer ir para a UCLA na faculdade. Essa é a única maneira de você ir para lá, querida.”

“É o papai?”

Ela pausou, e eu sabia que ela gostaria de culpá-lo. Ela tinha querido me criar depois da minha mãe falecer, poupar-me de uma vida de governantas e apartamentos vazios. Ela nunca tinha perdoado o meu pai por recusar.

* no original, group home, que é uma pequena instituição residencial supervisionada, para pessoas com problemas mentais, nas quais os residentes tipicamente participam em tarefas diárias e são livres para irem e virem voluntariamente.

Exatamente como ela nunca tinha perdoado-o por aquela noite em que minha mãe morreu. Não importava que eles tivessem sido golpeados lateralmente em uma batida onde os autores fugiram – ele estivera dirigindo, então ela o achava responsável.

“Não,” ela disse finalmente. “É a escola. A não ser que você passe duas semanas passando por avaliações em uma casa de apoio, isso ficará no seu histórico permanente.”

“O que ficará no meu histórico permanente?”

Sua mão cerrada fechou ao redor do lenço. “É aquela da—” Ela se parou. “É a política de tolerância zero.” Ela cuspiu as palavras com mais veneno do que uma maldição.

“Tolerância zero? Você quer dizer violência? M-m-mas eu não fiz—”

“Eu sei que você não fez nada. Mas para eles, é simples. Você lutou com um professor. Você precisa de ajuda.” Em um lar. Para crianças loucas.

Eu acordei diversas vezes naquela noite. Na segunda vez, meu pai estava na entrada, me observando. Na terceira, ele estava sentado ao lado da minha cama. Vendo meus olhos se abrirem, ele me alcançou e sem jeito deu um

patinha na minha mão.

“Vai ficar tudo bem,” ele murmurou. “Tudo vai ficar bem.”

Eu voltei a adormecer.

Meu pai ainda estava lá na manhã seguinte. Seus olhos estavam turvos, as rugas ao redor de sua boca mais profundas do que eu lembrava.

Ele tinha estado acordado a noite todo, voando de Berlim.

Eu não acho que papai tenha querido filhos. Mas ele nunca me diria isso, mesmo bravo. O que quer que a tia Lauren pense dele, ele faz seu melhor. Ele só não parece saber o que fazer comigo. Eu sou como um filhotinho deixado para ele por alguém a quem ele amava muito, e ele luta para fazer justiça a isso mesmo que não seja muito fã de cachorros.

“Você mudou seu cabelo,” ele disse enquanto eu me sentava.

Eu me preparei. Quando você corre gritando pelos corredores da escola após pintar o seu cabelo no banheiro das meninas, a primeira coisa que as pessoas dizem – bem, depois delas superarem a parte da gritaria nos corredores – é “você estava fazendo o quê?” Pintar o seu cabelo no banheiro da escola não é normal. Não para garotas como eu. E mechas vermelhas brilhantes?

Enquanto matava aula? Isso grita crise nervosa.

“Você gostou?” meu pai perguntou após um momento.

Eu acenei.

Ele pausou, então soltou uma risada tensa. “Bem, não é exatamente o que eu teria escolhido, mas fica bem. Se você gosta, é o que conta.” Ele coçou sua garganta, apimentada com sombra de barba. “Suponho que sua tia Lauren lhe

contou sobre o negócio da casa de apoio. Ela achou uma que acha é boa. Pequena, privada. Não posso dizer que estou empolgado com a ideia, mas é só por algumas semanas...”

Ninguém dizia o que tinha de errado comigo. Eles me fizeram falar com um monte de médicos e eles fizeram alguns testes, e eu podia dizer que eles tinham uma boa ideia do que tinha de errado e só não me diziam. Isso queria dizer que era ruim.

Essa não era a primeira vez que eu tinha visto pessoas que não estavam realmente lá.

Isso fora o que tia Lauren quisera falar comigo depois da escola. Quando eu mencionei o sonho, ela se lembrou como eu costumava sobre pessoas no nosso velho porão. Meus pais acharam que era a minha versão criativa de amigos imaginários, inventar um elenco todo de personagens. Então esses amigos começaram a me assustar, tanto que nós nos mudamos.

Mesmo depois disso, eu às vezes “via” pessoas, então minha mãe me comprou meu colar de rubi e disse que me protegeria. Papai dizia que era tudo

psicológico. Eu acreditava que funcionava, então funcionava. Mas agora, estava acontecendo novamente. E dessa vez, ninguém estava atribuindo isso a uma imaginação super ativa.

Eles estavam me enviando a um lar para crianças loucas. Eles achavam que eu era louca. Eu não era. Eu tinha quinze anos e tinha finalmente menstruado e isso tinha que contar para alguma coisa. Não podia simplesmente ser uma coincidência que eu comecei a ver coisas no mesmo dia. Todos aqueles hormônios estocados tinham explodido e meu cérebro

errou

o alvo, arrancando imagens de filmes esquecidos e me enganando para achar que elas eram reais.

Se eu fosse louca, eu estaria fazendo mais do que ver e ouvir pessoas que não estava lá. Eu estaria agindo como uma louca, e eu não estava.

Estava?

Quanto mais eu pensava sobre isso, mais eu não tinha certeza. Eu me sentia normal. Eu não conseguia lembrar de fazer nada estranho.

Exceto por pintar meu cabelo no banheiro. E cabular aula. E arrombar a máquina de absorvente. E lutar com um professor.

O último não contava. Eu tinha enlouquecido ao ver aquele cara queimado e eu estava lutando para me afastar dele, não tentando machucar alguém.

Antes disso, eu tinha estado bem. Minhas amigas achavam que eu estava bem. O Sr. Petrie achava que eu estava bem quando me colocou na lista de candidatos para diretor. Nate Bozian obviamente achava que eu estava bem. Você não ficaria feliz por uma garota louca ir ao baile. Ele tinha estado feliz, não?

Quando eu pensava nisso, tudo parecia difuso, como alguma lembrança distante que talvez eu tivesse apenas sonhado.

E se nada disso tivesse acontecido? Eu queria o cargo de diretor. Eu queria que Nate estivesse interessado em mim. Talvez eu tenha imaginado tudo. Alucinado, como o garoto na rua e a garota chorando e o zelador queimado.

Se eu fosse louca, eu saberia? Era isso que era ser louco, não? Você achava que estava bem. Todos os outros sabiam melhor.

Talvez eu estivesse louca.

Meu pai e tia Lauren me levaram para a Casa Lyle na tarde de domingo.

Eles tinham me dado um remédio antes de eu deixar o hospital e ele me deixou

sonolenta. Nossa chegada foi uma montagem de fotos paradas e cliques.

Uma enorme casa vitoriana estava de pé em um terreno excessivamente grande. Ornamento amarelo. Um balanço no envoltório da varanda.

Duas mulheres. A primeira, de cabelo cinza e larga nos quadris, vindo para frente para me cumprimentar. Os olhos circunspectos da mais nova me seguindo, seus braços cruzados, esperando encrenca. Andando por uma estreita escada. A mulher mais velha – uma enfermeira, que se apresentou como Sra. Talbotchirping, uma guia turística que meu cérebro confuso não conseguia seguir.

Um quarto, branco e amarelo, decorado com margaridas, cheirando a gel de cabelo.

No canto mais distante do quarto, uma cama dupla com uma colcha jogada por cima dos lençóis dobrados. As paredes sobre a cama eram decoradas com páginas rasgadas de revistas adolescentes. A penteadeira coberta com tubos e vidros de maquiagem. Só uma pequenina mesa sem nada.

Meu lado do quarto era uma imagem de espelho estéril – mesma cama, mesma penteadeira, mesma pequenina mesa, todos limpos de personalidade.

Hora de papai e tia Lauren irem. A Sra. Talbot explicou que eu não os veria por alguns dias porque eu precisava de tempo para me “aclimatar” ao meu novo “ambiente”. Como um bichinho de estimação em uma casa nova.

Abraçando tia Lauren. Fingindo não ver lágrimas em seus olhos. Um

abraço sem jeito do meu pai. Ele murmurou que ficaria na cidade, e ele viria me

visitar assim que o deixassem. Então ele pressionou um rolo de notas de vinte em minha mão e beijou o topo da minha cabeça.

A Sra. Talbot me dizendo que tinham guardado as minhas coisas, já que eu provavelmente estava cansada. Apenas arraste-se para a cama. A cortina se fechando. O quarto escurecendo. Adormecendo.

A voz do meu pai me acordando. O quarto completamente escuro agora, preto do lado de fora. Noite.

A silhueta do meu pai na entrada. A enfermeira mais nova – Srta. Van Dop – atrás dele, o rosto desaprovador. Meu pai se movendo para a cabeceira da cama e pressionando algo suave em meus braços. “Nós esquecemos do Ozzie. Eu não tinha certeza se você dormiria sem ele.” O coala que tinha estado na estante do meu quarto por dois anos, banido da minha cama quando eu tinha crescido. Mas eu o peguei e enterrei meu nariz em seu falso pelo de rato que cheirava a lar.

Eu acordei ao som da respiração adormecida ofegante da garota na outra cama. Eu olhei, mas só vi uma forma debaixo da colcha.

Enquanto virava de costas, lágrimas quentes deslizaram pelas minhas bochechas. Não de saudades de casa. De vergonha. Embaraço. Humilhação. Eu tinha assustado tia Lauren e o papai. Eles tiveram que lutar para descobrir o que fazer comigo. O que tinha de errado comigo. Como consertar. E a escola...

Minhas bochechas queimaram ainda mais que as lágrimas. Quantas crianças tinham me ouvido gritar? Espiado naquela sala enquanto eu lutava

com os professores e tagarelava sobre ser perseguida por um zelador derretendo. Visto eu ser levada amarrada à uma maca.

Qualquer um que tenha perdido o drama teria ouvido falar dele. Todos saberiam que Chloe Saunders tinha pirado. Que ela estava biruta, trancada com o resto dos lunáticos.

Mesmo se eles me deixassem retornar para escola, eu não achava que eu teria coragem de voltar.

Cinco

EU ACORDEI AO SOM DO TINIDO dos cabides metálicos. Uma garota loira passava por roupas que eu tinha bastante certeza serem minhas, penduradas ontem pela Sra. Talbot.

“Olá,” eu disse.

Ela se virou e sorriu. “Coisas legais. Boas marcas.”

“Eu sou a Chloe.”

“Liz. Como em Lizzie McGuire.” Ela acenou para um recorte velho e desbotado de revista em sua parede. “Exceto que eu não gosto de ser chamada de Lizzie, porque eu acho que soa meio—” ela abaixou sua voz, como

se para não ofender a foto da Lizzie “—infantil.”

Ela continuou a falar, mas eu não escutei porque tudo em que eu conseguia pensar era, O que tem de errado com ela?

Se ela estava na Casa Lyle, havia algo de errado com ela. Alguma “condição mental.”

Ela não parecia louca. Seu longo cabelo estava escovado em um rabo de cavalo resplandecente. Ela usava calça jeans da Guess e uma camiseta da Gap. Se eu não soubesse melhor, eu acharia que tinha acordado em um internato.

Ela continuou falando. Talvez fosse um sinal.

Ela parecia inofensiva o bastante, contudo. Ela teria de ser, não? Eles não colocariam ninguém perigoso aqui. Ou realmente louco.

Ah não, Chloe. Eles não colocam ninguém realmente louco aqui. Só aqueles que ouvem vozes e vêem zeladores queimados e lutam com

professores.

Meu estômago começou a doer.

“Vamos,” ela disse. “Café da manhã é em cinco minutos, e eles ficam realmente rudes se você chega atrasada.” Liz ergueu uma mão enquanto eu abria a gaveta da penteadeira. “Você pode ir de pijama no café da manhã. Os garotos almoçam e jantam conosco, mas eles tomam café da manhã mais tarde, então temos um pouco de privacidade.”

“Garotos?”

"Simon, Derek, e Peter."

“A casa é mista?”

“Aham.” Ela franziu seus lábios no espelho e tirou uma lasca seca. “Todos dividimos o andar de baixo, mas o de cima é dividido.”

Ela se inclinou para fora da porta e me mostrou como o corredor era curto.

“Eles ficam com o outro lado. Não há nem mesmo uma porta unificadora. Como se fôssemos escapulir para lá de noite se pudéssemos.” Ela deu risada.

“Bem, Tori escapuliria. E eu também, se houvesse alguém por quem valesse a pena escapulir. Tori reivindicou o Simon.”

Ela me examinou de perto no espelho. “Você talvez goste do Peter. Ele é bonitinho, mas novo demais para mim. Ele tem treze. Quase quatorze, eu acho.”

“Eu tenho quinze.”

Ela mordeu seu lábio. “Ah, Jesus. Hm, de qualquer jeito, Peter não vai ficar por aqui por muito mais tempo. Eu ouvi dizer que ele vai para casa em breve.”

Ela pausou. “Quinze, hein? Que série?”

“Primeiro ano.”

“A mesma que a Tori. Eu estou no segundo, como Simon, Derek, e Rae. Eu acho que Simon e Rae ainda tenham quinze, contudo. E eu disse que amo seu cabelo? Eu queria fazer isso, com mechas azuis, mas minha mãe disse...”

Liz continuou os comentários enquanto nos dirigíamos para baixo, passando pelo elenco todo de personagens.

Havia a Dra. Gill, a psicóloga, mas ela só vinha nas suas horas de expediente, assim como a tutora, a Srta. Wang.

Eu tinha conhecido duas das três enfermeiras. A Sra. Talbot – a mulher mais velha, a quem Liz proclamou ser “realmente boazinha,” e a mais nova, Srta. Van Dop, que era, ela sussurrou, “não tão boazinha.”

A terceira enfermeira, a Sra. Abdo, trabalhava nos finais de semana, dando a cada uma um dia de folga. Elas moravam aqui e cuidavam de nós. Elas soavam mais como as governantas que eu ouvia os garotos de internatos falarem, mas Liz as chamava de enfermeiras.

No final da escada, o fedor opressor de detergente de limão me atingiu. Cheirava à casa da vovó. Até mesmo o papai nunca pareceu confortável na casa imaculada de sua mãe, debaixo do olhar que dizia que era melhor não esperar nenhum dinheiro de aniversário se derramasse refri no sofá de couro branco. Uma olhada nessa sala de estar, contudo, e eu soltei um suspiro de alívio. Era tão limpa quanto à da vovó – o carpete imaculado, a madeira cintilando – mas tinha um aspecto de usado e confortável que te convidava para se aconchegar no sofá.

Também estava pintada da cor favorita da Casa Lyle – um amarelo pálido dessa vez.

Travesseiros cobriam o sofá azul escuro e duas cadeiras de balanço. Um antigo relógio de avô fazia tique-taque no canto. Cada mesa lateral tinha um vaso de margaridas ou narcisos.

Claros e alegres. Claros e alegres demais, na verdade, como nessa pousada perto de Syracuse onde tia Lauren e eu ficamos no último outono – tão desesperada para ser caseira que parecia mais um cenário do que a casa de alguém.

Não muito diferente daqui, eu acho - um local de trabalho ansioso para lhe convencer que não era um local de trabalho, para fazê-lo se sentir em casa. Para fazê-lo se esquecer que estava em um lugar para crianças loucas. Liz me parou do lado de fora da sala de jantar para que pudéssemos espiar.

De um lado da mesa estava sentada uma garota alta com cabelo escuro curto. “Aquela é a Tori. Victoria, mas ela prefere Tori. Com i. Ela é minha melhor amiga. Ela fica instável, e eu ouvi dizer que é por isso que ela está aqui,

mas eu acho que ela está bem.” Ela lançou seu queixo na direção de outra pessoa na mesa – uma bonita garota de pele cor de cobre com compridos cachos escuros. “Aquela é a Rachelle. Rae. Ela tem essa ‘queda’ por fogo.” Eu encarei a garota. Queda por fogo? Isso queria dizer que ela tocava fogo? Eu achei que esse lugar deveria ser seguro.

E quanto aos garotos? Algum deles era violento?

Eu acariciei meu estômago.

“Alguém está com fome, vejo,” gorjeou uma voz.

Eu olhei para cima para ver a Sra. Talbot vindo por o que eu achei que era a porta da cozinha, uma jarra de leite na mão.

Ela sorriu para mim.

“Entre, Chloe. Deixe-me apresentá-la.”

Antes do café da manhã, a Srta. Van Dop deu a todas nós pílulas, então observou enquanto as engolíamos. Era assustador. Ninguém disse uma palavra, simplesmente mostraram suas mãos, engoliram suas pílulas com água, e retornaram à suas conversas.

Quando eu encarei a minha, a Srta. Van Dop disse que a médica explicaria tudo mais tarde, mas por enquanto, eu deveria simplesmente tomá-la. Então eu tomei.

Depois de termos comido, nós marchamos escada acima para nos vestir.

Rae estava na liderança, seguida por Liz e Tori. Então eu.

"Rachelle?" Tori chamou.

Os ombros de Rae se contraíram e ela não se virou. “Sim, Victoria?”

Tori subiu mais dois degraus, fechando o buraco entre elas. “Você lavou a roupa, certo? É a sua vez, e eu quero usar aquela nova blusa que minha mãe me comprou.”

Rae se virou lentamente. “A Sra. T. disse que eu podia lavar a roupa hoje, já que tivemos que sair enquanto—” seu olhar pousou em mim, e ela ofereceu um minúsculo e quase apologetico sorriso “—Chloe se assentava.”

“Então você não lavou a roupa.”

“Foi o que eu disse.”

“Mas eu quero—”

“A sua blusa. Entendi essa parte. Então use. É nova em folha.”

“É, e outras pessoas provavelmente experimentaram ela. Isso é nojento.”

Rae jogou suas mãos para o alto e desapareceu corredor abaixo. Tori lançou um olhar furioso sobre seu ombro, como se isso fosse culpa minha. Enquanto ela virava, algo relampejou entre nós, e eu regredi um passo, agarrando o corrimão.

A carranca dela se contorceu. “Jesus, não vou bater em você.”

Sobre seu ombro, uma mão apareceu, dedos pálidos serpenteando como vermes.

“Chloe?” Liz disse.

“Eu-eu-eu” eu arranquei meu olhar da mão sem corpo. “Eu t-tropecei.”

“Escuta –garota–” Uma voz de homem sussurrou no meu ouvido.

Liz desceu os dois degraus entre nós e pousou seus dedos em meu braço.

“Você está bem? Você está toda branca.”

“Eu s-s-só achei que tinha o-o-ouvido algo.”

“Por que ela está falando desse jeito?” Tori perguntou à Liz.

“Chama-se gaguejo.” Liz apertou meu braço. “Está tudo bem. Meu irmão gagueja, também.”

“Seu irmão tem cinco anos, Liz. Muitas criancinhas gaguejam. Não adolescentes.”

Tori me olhou. “Você é devagar?”

“O quê?”

“Você sabe, você vai no ônibus graaande–” ela separou suas mãos, então as juntou novamente “–ou no pequeno*?”

Liz corou. “Tori, não é–”

“Bem, ela fala como uma criancinha, e ela parece com uma, então...”

“Eu tenho um defeito na fala,” eu disse, enunciando cuidadosamente, como

se ela fosse a devagar.

“Estou trabalhando para superá-lo.”

“Você está indo ótima,” Liz gorjeou. “Você disse essa frase toda sem gaguejar.”

“Garotas?” A Sra. Talbot espiou pela entrada do corredor abaixo. “Vocês sabem que não devem vadiar na escada. Alguém pode se machucar. A aula é em dez minutos. Chloe, ainda estamos esperando por anotações dos seus professores, então não terá aula hoje. Quando estiver vestida, discutiremos o seu horário.”

* acho que todos devem conhecer aqueles ônibus amarelos que levam as crianças pra escola nos Estados Unidos.... Lá eles também têm uma versão menor, que é usada para crianças com algum tipo de deficiência mental ou física.

A Casa Lyle gostava de horários do jeito que um campo de treinamento gosta de disciplina.

Nós acordávamos às 7:30. Comíamos, tomávamos banho, nos vestíamos, e tínhamos aula às 9:00, onde fazíamos trabalhos independentes designados pelos nossos professores normais, supervisionados pela tutora, Srta. Wang. Intervalo às 10:30 para um lanche – nutritivo, é claro.

De volta à aula. Intervalo para o almoço ao meio dia. De volta à aula da 13:00 até 16:30 com um intervalo de vinte minutos às 14:30.

Em algum lugar durante nossas aulas – o tempo variaria – teríamos nossa sessão de terapia individual de uma hora com a Dra. Gill; minha primeira seria

depois do almoço hoje.

Das 16:30 até às 18:00, nós tínhamos tempo livre... mais ou menos. Além de aulas e terapia, tínhamos tarefas. Um monte de tarefas pela aparência da lista. Essas tinham que ser feitas durante o nosso tempo livre antes e depois do jantar. Além disso, tínhamos que encaixar trinta minutos de atividade física todo dia.

Então depois de um lanche, íamos para cama às 21:00, as luzes apagadas às 22:00.

Lanches nutritivos? Sessões de terapia? Listas de tarefas? Exercícios mandatórios? Ir para cama às nove horas?

O campo de treinamento estava começando a parecer bom.

Eu não pertencia aqui. Eu realmente não pertencia.

Depois da nossa conversa, uma chamada de telefone mandou a Sra.

Talbot correndo para fora, retornando promessas de voltar com a minha lista de tarefas. Ah, que alegria.

Eu sentei na sala de estar tentando pensar, mas a alegria implacável era como uma luz clara brilhando nos meus olhos, dificultando a minha concentração. Uns poucos dias de tinta amarela e margaridas e eu tinha me transformado em um zumbi feliz, como a Liz.

Eu senti uma dor de vergonha. Liz tinha me feito sentir bem vinda e fora rápida em me defender contra sua amiga. Se ser alegre era uma doença mental, não era uma tão ruim de se ter – certamente melhor do que ver pessoas queimadas.

Eu esfreguei a parte de trás do meu pescoço e fechei meus olhos.

A Casa Lyle não era tão ruim, realmente. Melhor do que quartos acolchoados e corredores sem fim enchidos com zumbis de verdade, pacientes

psicóticos andando com dificuldade e tão dopados que não se importavam em se vestir, muito menos tomar banho. Talvez fosse a ilusão de lar que me incomodava. Talvez, de alguma maneira, eu ficaria mais feliz com sofás feios e

paredes brancas e barras nas janelas, então não teria falsas promessas. Ainda assim, só porque eu não conseguia ver barras não queria dizer que estava aberto como parecia. Não podia estar.

Eu andei até a janela da frente. Fechada, apesar do dia ensolarado. Havia um buraco onde provavelmente houvera uma fechadura para abri-la. Eu olhei para fora. Muitas árvores, uma rua silenciosa, mais casas velhas em terrenos grandes. Nenhuma cerca elétrica.

Nenhum sinal na grama proclamando CASA LYLE PARA CRIANÇAS LOUCAS. Tudo muito normal, mas eu suspeitava que se pegasse uma cadeira

e quebrasse a janela, um alarme soaria.

Então onde estava o alarme?

Eu entrei no corredor, olhei para a porta dianteira, e o vi, piscando.

Nenhuma tentativa de escondê-lo. Um lembrete, eu acho. Isso pode parecer a sua casa, mas não tente sair pela porta dianteira.

E quanto a dos fundos?

Eu fui para a sala de jantar e olhei para fora da janela para um grande jardim com tantas árvores quanto na frente.

Havia um galpão, cadeiras de jardim, e jardins. A bola de futebol em uma cadeira de madeira e o aro de basquete sobre um bloco de cimento sugeriam que permitiam que fôssemos para fora – provavelmente naqueles “trinta minutos de atividade física.” Era monitorado? Eu não conseguia ver câmeras, mas havia janelas o bastante para as enfermeiras ficarem de olho em todos no quintal. E a cerca de um metro e oitenta era uma boa dissuasória.

“Procurando por uma saída?”

Eu girei para ver a Srta. Van Dop. Seus olhos cintilavam com o que parecia divertimento, mas seu rosto estava solene.

“N-não. Eu e-estava só olhando ao redor. Ah, e enquanto eu estava me vestindo, eu notei que não estou com meu colar. Eu acho que talvez tenha deixado-o no hospital, e eu quero ter certeza de pegá-lo de volta. É meio que especial.”

“Eu avisarei o seu pai, mas ele terá que guardar para você enquanto estiver aqui. Não gostamos que nossas meninas usem jóias. Agora, quanto a olhar ao redor...”

Em outras palavras, bela tentativa de distração, mas não funcionou.

Ela puxou uma cadeira da sala de jantar e gesticulou para que eu sentasse. Eu sentei.

“Eu tenho certeza de que viu o sistema de segurança na porta da frente,” ela disse.

“Eu – eu não estava—”

“Tentando escapar. Eu sei.” O sorriso tocou seus lábios. “A maioria dos nossos residentes não é o tipo de adolescentes que fogem de casa, a não ser que seja para deixar algo claro. Eles são inteligentes o bastante para saber que

o que quer que tenha lá fora é pior do que tem aqui. E o que tem aqui não é de

todo mal. Não é a Disney World, mas não é uma prisão, tampouco. As únicas tentativas de escapar que já tivemos foram de garotos querendo escapulir para encontrar amigos. Dificilmente algo sério, mas os pais esperam uma segurança

melhor de nós; e, enquanto nos orgulhamos de providenciar uma atmosfera caseira, eu acho que é importante apontar os limites cedo.”

Ela esperou por uma resposta. Eu acenei.

“As janelas estão armadas com uma sirene, assim como as portas de fora. Você só é permitida ir para a parte de trás, e não há portão. Por causa do alarme, você deve nos avisar antes de sair, para que possamos desativá-lo e, sim, observar você. Se você tiver alguma pergunta sobre o que você pode ou não fazer, venha até mim. Eu não vou embelezar isso para você, Chloe. Eu acredito que a honestidade é o primeiro passo para estabelecer a confiança, e confiança é importante em um lugar como esse.”

Novamente seu olhar penetrou o meu, sondando, tendo certeza de que eu entendia o outro lado da afirmação – que a honestidade era uma via de mão dupla e era esperado que eu a mantivesse também.

Eu acenei.

Seis

A SRA. TALBOT ME COLOCOU para descascar cenouras para o almoço.

Eu não ousei dizer à ela que nunca descasquei uma na minha vida.

Após cortar meu dedão, eu peguei o jeito da coisa.

Enquanto eu descascava, minha mente começou a vagar... para lugares que eu preferia não visitar. Então eu acionei minha melhor defesa: transformar

tudo em um filme.

No que concerne à experiências traumáticas, os últimos dias foram o melhor alimento para os meus filmes. Mas que gênero seria?

Terror direto? Ou suspense psicológico? Talvez uma combinação de elementos, surpreendendo o espectador com—

“Já na tarefa de descascar?” uma voz sussurrou. “O que você fez para merecer isso?”

Dessa vez, quando eu girei ao redor, eu não vi uma mão sem corpo, mas um corpo inteiro. Um cara, de fato, talvez um ano mais velho do que eu, uns quinze centímetros mais alto e delgado, com maçãs do rosto altas e cabelo loiro escuro usado curto e bagunçado de modo espetado. Seus olhos castanhos amendoados dançavam em divertimento.

“Você deve ser a Chloe.”

Ele esticou a mão. Eu pulei para trás. A cenoura pulou das minhas mãos e acertou seu braço. Um braço de verdade.

Anexado a um cara de verdade.

“Eu—Eu—”

Ele colocou um dedo em seus lábios, então apontou para a porta da sala

de jantar. Através dela, a Sra. Talbot falava com a Liz.

“Eu não devia estar aqui,” ele sussurrou. “Eu sou o Simon, à propósito.”

Eu estava repentinamente consciente de que ele estava parado entre eu e a saída. Seu sorriso era amigável, e ele era definitivamente bonitinho, mas bonitinho não contava com um cara que tinha te encurralado em uma casa de apoio.

Ele recuou para a despensa, levantou um dedo me dizendo para esperar, então desapareceu para dentro. Eu conseguia ouvi-lo fuçando as prateleiras.

Quando eu espiei, ele estava pegando uma caixa de biscoitos maizena.

Um assaltante de geladeira? Eu não consegui evitar sorrir. Acho que não importava se era uma casa de apoio ou acampamento de verão, garotos e seus estômagos não mudavam. Simon puxou um cilindro fechado de biscoitos.

“O outro já está aberto,” eu sussurrei, apontando.

“Obrigado, mas ele vai querer tudo. Certo, mano?”

Eu segui seu olhar por sobre meu ombro, e soltei um uivo. O cara parado atrás de mim devia ter um metro e oitenta, com ombros tão largos quanto a porta. Apesar de ser tão grande quanto um adulto, ele nunca seria confundido com um. Seu rosto podia ser usado com a foto de “antes” para creme anti-acne. Cabelo escuro estava na frente de seus olhos, liso e maçante.

“Eu-eu-eu—” eu engoli. “Eu não te vi ali.”

Ele estendeu a mão passando por mim e pegou os biscoitos de Simon.

Quando ele começou a recuar, Simon agarrou a parte de trás da sua camisa.

“Ainda estamos lhe ensinando boa educação,” ele disse para mim. “Derek, Chloe. Chloe, meu irmão, Derek.”

“Irmão?” eu disse.

“É.” A voz de Derek era um estrondo baixo. “Gêmeos idênticos.”

“Ele é meu irmão adotivo,” Simon disse. “Então eu só estava prestes a dizer à Chloe—”

“Acabamos por aqui?” Derek disse.

Simon acenou para que ele fosse, então girou seus olhos. “Desculpa. De qualquer jeito, eu só ia dizer bem-vinda—”

“Simon?” A voz de Tori ecoou pela cozinha. “Aha. Eu achei que tivesse te escutado.” Seus dedos fecharam ao redor da porta da despensa. “Você e Derek estão sempre assaltando a—”

Ela me notou e seus olhos se estreitaram.

“Tori?” Simon disse.

Sua expressão mudou de um fervilhamento para um sorriso com afetação.

“Sim?”

Ele apontou um dedo na direção da porta da sala de jantar. “Shhh!”

Enquanto ela tagarelava desculpas, eu escapei.

Após eu ter terminado as cenouras, a Sra. Talbot disse que eu podia ter um tempo livre até o almoço e me direcionou para a sala de mídia. Se eu estivesse

esperando por uma TV de tela grande com som surround e um computador top

de linha, eu estava sem sorte. Havia uma TV de vinte polegadas, um conjunto barato de DVD/Vídeo Cassete, um Xbox velho, e um computador ainda mais velho. Uma zapeada pela coleção de filmes e eu sabia que não passaria muito tempo aqui... a não ser que ficasse repentinamente nostálgica pelas gêmeas Olsen. O único filme com classificação acima de dez anos era Jurassic Park, e

estava rotulado “Por favor peça antes de assistir,” como se eu tivesse que mostrar a minha carteirinha da escola para provar que eu tinha mais do que treze anos.

Eu liguei o computador. Levou cinco minutos para iniciar. Windows 98. Eu passei outros cinco minutos tentando lembrar como usar o Windows. Nós tínhamos Macs na escola e eu tinha usado isso como desculpa para finalmente

persuadir meu pai a me comprar um laptop da Apple – completo com todos os

programas de edição de filmes atualizados.

Eu procurei por um navegador. Eu ansiei pelo Firefox, mas não conseguia nada melhor do que o velho e comum Internet Explorer. Eu digitei um endereço

e segurei minha respiração, esperando uma mensagem do tipo “não conseguimos conectar à Internet”. Ao invés, a página apareceu. Suponho que não somos tão excluídos do mundo exterior quanto eu temia.

Eu zapeei pelos meus sites favoritos, matando tempo até que tomava coragem para checar minha caixa de entrada. Uns poucos minutos checando os números da bilheteria do final de semana limpou minha mente, então eu digitei o endereço para acessar a minha conta no MSN.

O navegador fez um barulho por um minuto, então mostrou uma mensagem do tipo "Página não pode ser exibida". Eu tentei o Hotmail. Mesma coisa.

“Chloe, aí está você.”

Eu me virei enquanto a Sra. Talbot entrava.

“Eu só estava...” Eu acenei para a tela. “Eu queria checar meu e-mail, mas

eu fico recebendo essa mensagem.”

Ela andou até mim, olhou para a tela e suspirou. “É aquele software Babá Eletrônica ou o que quer que seja que eles usam. Faz mais do que bloquear alguns websites, eu temo. Você pode mandar e receber e-mail através da nossa conta. Você precisa usar o programa do e-mail que veio com o computador, e fazer com a Srta. Van Dop digite a senha para que você mande.

Um saco, eu sei, mas tivemos um problema ano passado com um jovem acessando sites que ele não deveria e quando a direção descobriu...” Ela balançou sua cabeça. “Estamos punindo todos por causa de uma maçã podre, lamento informar. Agora, é hora do almoço.”

Eu conheci o último companheiro de casa, Peter, durante o almoço. Ele disse olá, perguntou como as coisas estavam indo, então retornou sua atenção para seu PSP enquanto comíamos. Como todo o resto na Casa Lyle, era tudo muito normal. Normal demais. Toda vez que alguém se movia, eu ficava tensa,

esperando que ela começasse a falar incompreensivelmente ou gritasse sobre insetos subindo em seu prato. Ninguém fez isso.

A comida era decente o suficiente. Uma caçarola caseira, repleta de vegetais e carne. Saudável, eu tinha certeza, como o leite e todos os rolos de trigo que tínhamos que aturar. Para sobremesa, prometeram para nós gelatina com sabor. Ah, que alegria.

As sirenes e os pneus chiando do jogo de Peter providenciavam a maior parte da trilha sonora da refeição. Rae não aparecera. Tori e Liz gorjeavam juntas, baixo demais para mim se juntar à elas.

Derek estava ocupado demais inalando sua comida para falar.

Então sobrou para Simon bancar o anfitrião. Ele perguntou de que parte da cidade eu era. Quando eu admiti que não estivera na vizinhança há muito, ele disse que eles se mudavam muito também – ele e Derek. Nós começamos a comparar histórias de piores mudanças, e Tori intrometeu-se com seu próprio conto de mudança de terror – de seu quarto no andar de cima para seu porão. Simon deixou-a tagarelar por cerca de dois minutos antes de perguntar em que

série eu estava e em qual escola.

Eu sabia que ele apenas estava sendo educado – incluindo a novata na conversa – mas se Tori fosse um personagem de desenho, fumaça teria surgido de suas orelhas. Eu tinha conhecido garotas como ela. Territoriais, fosse sobre sua escova de cabelo, uma melhor amiga, ou um garoto em quem estivesse de olho.

“Escola de arte,” ele aspirou. “Isso não é simplesmente fascinante? Conte-me, Chloe. O que você estuda lá? Fotografia fantasma? Escrita fantasma?”

Eu sufoquei com um pedaço de carne.

“Ah.” Tori virou seus olhos de corça para Simon. “A Chloe não te contou por que ela está aqui? Ela vê gente morta.”

Peter levantou sua cabeça de seu jogo. “Sério? Legal.”

Quando eu olhei para cima, o garfo de Derek tinha parado a meio caminho de sua boca, os olhos verdes penetrando as cortinas do cabelo enquanto me encarava, seus lábios curvados, como se para dizer Que tipo de aberração acha que vê fantasmas?

“Não é bem assim. Eu-eu-eu–”

“Lá vai ela.” Tori suspirou. “Liz, dê um tapa nela. Veja se consegue reiniciar

ela.”

Simon olhou furiosamente para ela. “Pare de agir como uma vaca, Tori.”

Ela congelou, de boca aberta, uma foto de terror de humilhação. Derek voltou ao seu almoço.

“Eu não quis dizer isso,” Tori disse, as palavras caindo. “Como o Peter disse, é meio legal. Se ela vê fantasmas, talvez ela possa ajudar Liz com o seu,

você sabe, poltergeist.”

“Tori!” Liz berrou, derrubando seu garfo.

“Aqui vamos nós,” Derek resmungou.

Os olhos de Liz se encheram enquanto ela guinchava sua cadeira para trás. Tori lançou-se em desculpas falhas novamente. Simon agarrou o copo de Liz antes que ela o lançasse voando. Peter se encurvou sobre seu jogo. Derek tirou vantagem do caos para pegar o resto da caçarola.

A porta da cozinha abriu-se e a Sra. Talbot apareceu, mas suas palavras foram repelidas pela cacofonia.

Rae apareceu na outra entrada segurando uma cesta de roupa suja.

“Última chamada,” ela balbuciou. “Mais?”

Ninguém mais notou, muito menos a ouviu. Eu olhei ao redor, e percebi que com toda a comoção ninguém perceberia se eu fosse embora. Então eu fui.

Eles sabiam. Todos sabiam.

Eu era uma aberração. Uma garota louca que via fantasmas. Eu pertencia aqui.

O almoço agitou-se no meu estômago. Eu me apressei escada acima,

pensando na minha cama com seu colchão fino que cheirava a baunilha química, repentinamente tão convidativa. Puxei as cortinas, me aconcheguei debaixo das cobertas com meu iPod, e tentei esquecer—

“Posso ajudá-la, Chloe?”

A dois passos do topo, eu parei e me virei para ver a Srta. Van Dop abaixo.

“Eu-eu só ia me deitar por um minuto. Minha cabeça dói e—”

“Então venha e tome um pouco de Tylenol.”

“Eu-eu meio que estou cansada. Eu não tenho aulas, então eu pensei—”

“Desça, Chloe.”

Ela esperou até que eu estivesse quase lá e então disse, “Na Casa Lyle, quartos são para dormir.”

“Eu—”

“Eu sei que você está provavelmente cansada e se sentindo estupefata, mas você precisa de atividade e interação, não de isolamento. Rae está começando a lavar as roupas antes das aulas da tarde. Se você terminou de almoçar, podia ir ajudá-la.”

Eu me preparei enquanto abria a porta do porão, esperando degraus de madeira rangedores descendo para a escuridão, um porão úmido, o tipo de lugar que eu odiava. Ao invés disso, eu vi uma escada cintilante, a passagem claramente iluminada, as paredes pintadas de verde pálido com uma borda florida. Pela primeira vez naquele dia, eu estava feliz pela alegre claridade. A lavanderia tinha um piso de azulejo, uma velha cadeira reclinável, uma lava-roupas e uma secadora, e um bando de armários e prateleiras.

Nada do fator assustador de “porão velho”.

A máquina de lavar estava funcionando, mas não havia sinal da Rae.

Eu olhei para o outro lado da lavanderia, na direção de uma porta fechada. Enquanto eu andava em direção à ela, eu senti um cheiro ácido.

Fumaça?

Se Rae estivesse fumando aqui, não seria eu quem iria pegá-la no flagra.

Eu me virei para ir para cima, e vi Rae espremida entre duas torres de prateleiras.

Seus lábios formavam um juramento silencioso enquanto ela balançava sua mão, apagando um fósforo. Eu procurei por um cigarro. Não havia um – só

o fósforo ardendo.

Eu ouvi a voz de Liz novamente: Ela tem essa ‘queda’ por fogo.

Minha reação deve ter se mostrado porque Rae pulou para frente, ficando entre eu e a porta, as mãos voando para cima.

“Não, não, não é bem assim. Eu não ia fazer nada. Eu não–”

Ela diminuiu, vendo que tinha a minha atenção. “Eu não causo incêndios.

Eles não me deixariam ficar aqui se eu causasse. Pergunte para qualquer um.

Eu simplesmente gosto de fogo.”

"Ah."

Ela me notou encarando a caixa de fósforos e a colocou no bolso.

“Eu, ah, notei que você não almoçou,” eu disse. “Posso te trazer algo?”

Seu rosto se iluminou. “Obrigada. Mas eu vou pegar uma maçã antes da aula. Eu uso qualquer desculpa para evitar comer com a Rainha Victoria. Você

viu como ela é. Comigo, é comida. Se eu pego uma porção grande ou repito ou

pego sobremesa, ela dá seu golpe.”

Eu devo ter parecido confusa, porque ela agitou uma mão pelo seu corpo abaixo.

“Sim, eu podia perder alguns quilos, mas eu não preciso dela como a minha nutricionista pessoal.” Ela se moveu para uma pilha de roupas desordenadas. “Meu conselho? Evite-a. Ela é como esses monstros que eu vi em um velho filme de ficção científica, vampiros do espaço, só que eles não bebiam sangue, eles sugavam toda a sua energia.”

“Força sinistra. Tobe Hooper. Vampiros psíquicos.”

Ela sorriu, mostrando um canino torto. “Vampiros psíquicos. Terei que me lembrar desse.”

Mais cedo eu tinha pensando que não pertencia aqui porque não me sentia louca. Eu aposto que nenhum deles se sentia. Talvez uma doença mental fosse como gagueira. Eu passei minha vida tentando convencer as pessoas que só porque eu gaguejava não queria dizer que havia algo mais de errado comigo. Eu só tinha um problema no qual estava trabalhando arduamente para superar.

Como ver pessoas que não estavam lá.

Como ser atraída por fogo.

Não queria dizer que você fosse esquizofrênica ou nada

Quanto mais cedo eu superasse isso, melhor eu me sairia na Casa Lyle.

Mais cedo eu melhoraria... e cairia fora.

Eu olhei para as pilhas de roupa suja. “Posso ajudar?”

Ela me mostrou-me como – outra coisa que eu nunca tinha feito. Mesmo no acampamento, alguém fazia isso por nós.

Após alguns minutos trabalhando juntas, ela disse, “Faz sentido para

você?”

“O quê?”

“Colocar uma garota em um lugar como esse porque ela gosta de fogo.”

“Bem, se é só isso...”

“Há mais, mas são só coisinhas, relacionadas ao negócio do fogo. Nada perigoso. Eu não me machuco ou a outra pessoa.”

Ela voltou a sua separação.

“Você gosta de mangá?” ela perguntou após um minuto. "Anime?"

“Anime é legal. Eu não sou muito fã disso, mas eu gosto de filmes japoneses, animados ou não.”

“Bem, eu sou. Eu assisto os seriados, leio os livros, converso em fóruns, e tudo isso. Mas essa garota que eu conheço, ela é uma completa fã. Ela gasta a maior parte de sua mesada nos livros e DVDs. Ela consegue recitar diálogos deles.” Ela capturou meu olhar. “Então você diria que ela pertence aqui?”

“Não. A maioria fica desse jeito por alguma coisa, certo? Comigo, são filmes. Tipo conhecer quem dirigiu um filme de ficção científica feito antes que eu nascesse.”

“Mas ninguém diria que isso te faz uma louca. Ser louca por filmes.

Fascinada por eles. Exatamente como—” ela pegou a caixa de fósforos de seu bolso e a sacudiu “—eu e o fogo.”

A porta no alto da escada abriu.

“Garotas?” A Sra. Talbot chamou. “Ainda estão aqui embaixo?”

Seus passos bateram antes que pudéssemos responder. Enquanto sua sombra rodeava a esquina, eu apanhei a caixa de fósforos da mão esticada de Rae e o escondi debaixo da camisa que estivera dobrando.

"Rae?" A Sra. Talbot disse. "Sua aula está começando. Chloe -"

"Eu vou terminar aqui, então subo."

A Sra. Talbot se foi. Eu devolvi à Rae sua caixa de fósforos e ela balbuciou um agradecimento, então seguiu a enfermeira escada acima. E fui deixada sozinha no porão.

Sete

EU JOGUEI UMA calcinha rosa marcada como da Liz em sua pilha, então parei. Nós lavávamos as cuecas dos garotos também? Eu realmente esperava que não. Eu verifiquei a pilha, achando só as da Rae, Liz, e Tori, e exalei em alívio.

“Garotas...” Uma voz de homem acima da minha cabeça. Eu endureci mas me forcei a continuar ordenando. Ninguém estava aqui. Ou, se alguém estava, ele não era real. Era assim que eu precisava lidar com isso. Não pular como um gato chamuscado. Aguentar. Ouvir as vozes, ver as visões, ignorá-las.

"... venha aqui..."

A voz tinha se movido pela lavanderia. Eu levantei uma calcinha fio-dental de renda vermelha marcada como da Tori e pensei nas minhas de algodão de menininha.

"... bem aqui..."

Eu tentei me focar em como eu podia arranjar calcinhas melhores antes que alguém lavasse as minhas, mas minhas mãos começaram a tremer do esforço em ignorar a voz. Só uma olhada. Só uma—

Eu espiei ao redor da lavanderia. Ninguém aqui. Eu suspirei e voltei a ordenar.

"... porta... fechada..."

Eu olhei para a porta fechada. Aquela que eu tinha notado antes, o que era prova de que a voz era simplesmente a minha imaginação hiperativa.

Por que você precisa de prova? O que mais seria?

Ótimo. Duas vozes para ignorar.

“Abra a porta... algo... mostrar a você...”

Ha! Aqui estava uma clássica cena de filme: Só venha olhar atrás da porta fechada, garotinha. Eu ri, mas o som estremeceu, guinchando no final.

Se liga. Seja forte ou eles nunca a deixarão sair.

Meu olhar esquivou-se para a porta. Parecia um armário comum. Se eu realmente acreditasse que a voz estava na minha cabeça, então o que me impedia de realmente abri-lo?

Eu marchei até a porta, me forçando a colocar um pé na frente do outro , sabendo que se eu parasse, eu perderia a coragem.

“Bom... venha...”

Eu agarrei a maçaneta, o metal frio debaixo dos meus dedos.

"... abra..."

Eu virei o cabo lentamente. Virou até um quarto, então parou. Eu a sacudi.

“Trancada.” Minha voz ecoou pela lavanderia.

Eu a sacudi novamente, então a girei duramente. A porta não se moveu.

“Chave... ache.. . destranque...”

Eu pressionei meus dedos nas minhas têmporas. “A porta está trancada e eu vou subir,” eu respondi.

Enquanto eu me virava eu bati numa parede de carne sólida e pela segunda vez naquele dia soltei um grito de menininha. Eu olhei para cima para

ver o mesmo rosto que tinha me feito gritar da última vez.

Eu tropecei para trás e teria caído se a porta não estivesse bem atrás de mim. Derek não fez menção de me pegar, só ficou parado ali, as mãos nos bolsos enquanto eu me recuperava.

“Com quem estava falando?” ele perguntou.

“Comigo mesma.”

“Hm.”

“Agora, se me dá licença...”

Quando ele não se moveu, eu dei um passo para o lado para contorná-lo.

Ele se moveu para o meu caminho.

“Você viu um fantasma, não viu?” ele disse;

Para meu alívio, eu consegui rir. “Odeio ter que te contar isso, mas esse negócio de fantasmas não existe.”

“Hm.”

Seu olhar viajou pela lavanderia, como um policial procurando por um fugitivo. Quando ele virou aquele olhar penetrante em mim, sua intensidade sugou a minha determinação.

“O que você vê, Chloe?”

“Eu-eu-eu não v-v-v-”

“Devagar.” Ele repreendeu, impaciente. “Como eles são? Eles falam com você?”

“Você realmente quer saber?”

“É.”

Eu mastiguei meu lábio, então levantei na ponta dos pés. Ele se inclinou para escutar.

“Eles usam lençóis branco com grandes buracos para os olhos. E eles dizem ‘Buu!’” Eu olhei para ele com raiva. “Agora caia fora do meu caminho.”

Eu esperei que ele olhasse com desdém. Que cruzasse seus braços e dissesse, Me obrigue, garotinha.

Seus lábios retorceram e eu endureci, então percebi que ele estava

sorrindo. Rindo de mim.

Ele deu um passo para o lado. Eu me arrastei por ele para a escada.

A Dra. Gill era uma mulher pequena com um comprido nariz de roedor e esbugalhados olhos de rato que me estudavam como se eu fosse o rato – um cujas cada movimento tivesse que ser rabiscado em seu caderno.

Eu tinha tido terapeutas antes. Dois, ambos após a minha mãe morrer. Eu odiei o primeiro, um velho com mau hálito que fechava seus olhos quando eu falava, como se estivesse tirando um cochilo. Quando eu reclamei, eu peguei a

segunda, Dra. Anna, uma mulher com um brilhante cabelo vermelho que brincava comigo e me lembrava da minha mãe e me ajudou a ir em diante com

a minha vida. Após dez minutos com a Dra. Gill, eu sabia que ela caía em algum lugar no meio. Ela parecia boazinha o suficiente, e escutava cuidadosamente, mas ela não ia começar a contar piadas num futuro próximo. Nós falamos sobre como eu dormira; como eu estava comendo; o que eu achava dos outros; e, na maior parte, como eu me sentia sobre estar aqui. Eu menti sobre o último. Eu não era estúpida. Se eu queria sair, eu não podia lamentar sobre não pertencer aqui ou reclamar que alguém cometera um terrível engano.

Então eu disse que sabia que meu pai e minha tia tinham feito a coisa certa ao me colocar na Casa Lyle, e que eu estava determinada a melhorar, a qualquer custo.

O rosto de rato da Dra. Gill relaxou. "É uma atitude bem madura. Fico feliz em ouvi-la."

Eu acenei, e tentei parecer sincera.

“Agora, Chloe, já ouviu falar em esquizofrenia?”

Meu coração parou. “Esqui-esquizofrenia?”

“Sim. Você sabe alguma coisa sobre isso?”

Minha boca abriu e fechou, o cérebro se recusando a ser preenchido com palavras.

"Chloe?"

“V-você acha que eu sou esquizo?”

Sua boca se apertou. “Não usamos essa palavra, Chloe. Na verdade, preferimos não usar rótulos algum. Mas um diagnóstico é uma parte necessária

do processo. Uma paciente deve saber de sua condição, entendê-la e aceitá-la antes que comecemos o tratamento.”

“M-mas eu acabei de chegar aqui. Como p-pode você já saber—”

“Você se lembra do hospital? Os médicos que você falou? Os testes que eles fizeram?”

“Eles acharam esquizofrenia?”

Ela balançou sua cabeça. “Enquanto os cientistas estão trabalhando em uma maneira de diagnosticar definitivamente a esquizofrenia, não temos nada conclusivo ainda. Esses testes, contudo, descartaram outras possibilidades, como tumores ou uso de drogas. Pegando esses resultados e combinando-os com os seus sintomas, o diagnóstico mais provável é esquizofrenia.”

Eu encarei o chão. “Você acha que eu tenho esquizofrenia.”

“Você sabe o que é isso?” Ela falou vagarosamente, como se estivesse começando a questionar minha inteligência.

“Eu vi Uma Mente Brilhante.”

Mais franzido de lábios. “Essa é a versão de Hollywood, Chloe.”

“Mas é baseada numa história real, certo?”

“Baseada.” Sua voz se suavizou. “Eu sei pelo seu arquivo que você gosta de filmes, e isso é maravilhoso. Mas eles não são um lugar bom para aprender sobre doenças mentais. Há muitas formas e graus de esquizofrenia e a sua não é a mesma que aquela.”

Não era? Eu via pessoas que não estavam lá, exatamente como o cara no filme.

A Dra. Gill continuou. “O que você está vivendo é o que chamamos de esquizofrenia indiferenciada, o que quer dizer que você está mostrando um número limitado de sintomas primários – no seu caso, vendo visões e ouvindo vozes.

Alucinações visuais e auditivas.”

“E quanto à paranóia?”

“Não vemos evidência disso. Você não mostra sinais de comportamento desorganizado ou padrões de fala desorganizados–

“E quanto a gagueira?”

Ela balançou sua cabeça. “Isso não está relacionado. Você não mostra nenhum dos outros sintomas, Chloe.”

“Eu irei? Eventualmente?”

“Não necessariamente. Teremos que ser vigilantes, é claro, mas pegamos isso cedo. Geralmente um diagnóstico não é feito até que um paciente esteja no fim da adolescência ou em seus vinte e poucos anos. É como pegar uma doença em seu estágio inicial, quando temos melhores chances de minimizar

sua progressão.”

“E nos livrarmos dela.”

Um momento de silêncio enquanto ela manuseava um comprido colar de cordas.

“Esquizofrenia... não é como uma gripe, Chloe. É permanente.”

Sangue golpeou meus ouvidos, afogando as próximas palavras dela. Ela se inclinou para frente, tocando o meu joelho.

“Chloe, você está me escutando?”

Eu acenei.

Ela se deslocou para trás. “Esquizofrenia não é uma pena de morte. Mas é uma condição para a vida toda. Como ter asma. Com mudanças de comportamento e medicação, pode ser controlada e você pode levar uma vida de resto normal, ao ponto que ninguém perceberá que você a tem a não ser que conte para eles.” Ela se inclinou para trás, encontrando o meu olhar.

“Mais cedo você disse que estava determinada a fazer o que fosse para acabar com isso. Eu sei que você estava esperando por uma solução rápida, mas isso irá necessitar do mesmo nível de maturidade e determinação. Você ainda está preparada para fazer isso, Chloe?”

Eu tinha mais perguntas. Isso geralmente acontecia tão rápido, sem aviso?

Um dia você estava andando por aí, totalmente normal, e no próximo você está

alucinando e correndo e gritando pelos corredores? Então, bang, é te dito que você tem esquizofrenia, caso encerrado?

Tudo parecia repentino demais. Mas quando eu olhei para a Dra. Gill, me observando esperançosamente, esperando para ir para a próxima fase, eu receava que se dissesse alguma coisa, eu soaria como se estivesse em

negação; e se eu fizesse isso, eu nunca sairia da Casa Lyle.

Então eu acenei. “Eu só quero melhorar.”

“Bom. Então vamos começar.”

A Dra. Gill explicou a medicação. Deveria parar as minhas alucinações. Uma vez que ajustassem a dosagem, não deveria haver nenhum efeito colateral significativo, mas de primeira eu poderia experimentar alucinações parciais, depressão, e paranóia. Ótimo. Parecia que a cura era tão ruim quanto a doença.

A Dra. Gill me assegurou que quando eu deixasse a casa de apoio, tomar as pílulas não seria diferente do que tomar remédio diário para asma. “É assim

que você precisa pensar na esquizofrenia, Chloe. Como uma condição médica.

Você não fez nada para causá-la.”

E não podia fazer nada para curá-la.

“Você passará por um período de depressão, de raiva, e até mesmo de negação. Isso é natural, e lidaremos com isso nas nossas sessões. Você se encontrará comigo uma hora por dia.”

“Há sessões em grupo também?” Eu perguntei.

“Não. Algum dia você poderá decidir que quer explorar a dinâmica da terapia em grupo e poderemos discutir isso mais tarde, mas na Casa Lyle, acreditamos que a privacidade é importante. Você precisa aceitar inteiramente

a sua condição antes que se sinta confortável em partilhá-la com os outros.”

Ela deitou seu caderno na mesa e cruzou suas mãos em seu joelho. “E

isso nos leva ao nosso tópico final de hoje. Privacidade. Como tenho certeza que adivinhou, todos os residentes estão lidando com problemas mentais. Mas

isso é tudo que qualquer um precisa saber. Não compartilharemos detalhes da sua condição, dos seus sintomas, ou do seu tratamento com qualquer um aqui. Se alguém lhe pressionar por detalhes, você deve vir até nós imediatamente."

"Eles já sabem," eu murmurei.

"O quê?"

O ultraje queimando de seus olhos me dizia que eu devia ter mantido minha boca fechada. Eu sabia pelas terapias passadas que era importante compartilhar qualquer coisa que estivesse me incomodando, mas eu não precisava começar a minha estadia na Casa Lyle tagarelando.

"N-não sobre a esquizofrenia. Só... que alguém sabia sobre eu ver coisas. Fantasmas. O que eu nunca disse. Para ninguém."

"Quem foi?"

"Eu-eu preferia não dizer. Não foi nada demais." Ela desdobrou suas mãos.

"Sim, foi demais, Chloe. Mas eu também aprecio que não queira meter ninguém em enrascadas. Eu faço uma boa ideia de quem seja. Ela deve ter ouvido atrás da porta quando estávamos discutindo as suas alucinações e chegado à suas próprias conclusões sobre..."

Um aceno de indiferença de suas mãos. "Fantasmas. Sinto muito isso ter acontecido, mas lhe promete que será cuidado discretamente."

"Mas—"

"Ela não saberá que você nos contou, mas isso precisa ser endereçado."

Ela relaxou-se novamente em seu assento. "Sinto muito isso ter acontecido no seu primeiro dia. Jovens são, por natureza, curiosos, e embora

nos esforcemos arduamente para providenciar privacidade, não é sempre possível em uma moradia tão apertada.

“Está tudo bem. Ninguém achou nada demais.”

Ela acenou. “Nós temos um grupo muito bom de jovens aqui. Em geral, eles são muito respeitadores e aceitadores. Isso é importante na Casa Lyle. Você tem uma estrada difícil a frente e estamos todos aqui para fazer essa jornada o mais suave possível.”

Esquizo.

Não importava quantas vezes a Dra. Gill a comparava a uma doença ou deficiência física, não era a mesma coisa. Simplesmente não era. Eu tinha esquizofrenia.

Se eu visse dois caras na calçada, um numa cadeira de rodas e um falando com ele mesmo, qual dos dois eu correria para abrir a porta? E qual eu atravessaria a rua para evitar?

A Dra. Gill disse que era só uma questão de eu tomar meus medicamentos e aprender a superar. Se fosse tão fácil, por que havia pessoas vagando pelas ruas falando consigo mesmas? Sem tetos com olhos malucos gritando para lugar algum?

Vendo pessoas que não estavam lá. Ouvindo vozes que não existiam.

Esquizo.

Exatamente como eu.

Depois da minha sessão, eu mergulhei na sala de mídia para pensar. Eu estava enrolada numa poltrona, abraçando um travesseiro ao meu peito,

quando Simon entrou.

Não me vendo, ele cruzou a sala e pegou um boné de beisebol da mesa do computador. Assobiando baixinho, ele jogou o boné no ar e o pegou.

Ele parecia feliz.

Como ele podia estar feliz aqui? Confortável, talvez. Mas feliz?

Ele virou o boné em sua mão e o puxou. Ele parou, o olhar fixo na janela.

Eu não conseguia ver sua expressão, mas ele ficou muito quieto. Então balançou duramente sua cabeça. Ele se virou e me viu. Um relampejo de surpresa, então um sorriso largo.

“Ei.”

“Oi.”

Ele deu um passo mais para perto, seu sorriso dissipando. “Você está bem?”

Eu estou bem lançou-se aos meus lábios, mas eu não consegui forçá-lo a sair. Eu não estava bem. Eu queria dizer que não estava. Eu queria que estivesse tudo bem dizer que eu não estava bem. Mas a preocupação em sua voz não ficou mais tempo do que seu sorriso, nenhum dos dois tocando seus olhos. Eles ficaram distantes, como se ele estivesse fazendo um esforço para ser legal porque ele era um cara legal e era a coisa certa a fazer.

“Eu estou bem,” eu disse.

Ele contorceu a etiqueta de seu boné, me observando. Então ele deu de ombros.

“Está bem. Mas um conselho? Não deixe eles te pegarem se escondendo aqui. É como ir ao seu quarto durante o dia. Você ganhará uma lição de moral sobre ficar deprimida pelos cantos.”

“Eu não estou—”

Ele levantou suas mãos. "Palavras deles, não minhas. Eu só estou te avisando. Você pode se livrar ligando a TV e fingindo que está assistindo, mas

eles ficarão mais felizes se você estiver ativa, ficando conosco. Não somos um

bando tão ruim. Não loucos demais.”

Ele deu um sorriso flamejante que fez meu estômago girar. Eu me endireitei, lutando para dizer algo, algo para mantê-lo aqui. Eu queria mesmo falar. Não sobre a Dra. Gill. Não sobre a esquizofrenia. Sobre qualquer outra coisa fora isso. Simon parecia normal e eu desesperadamente precisava de normalidade.

Mas seu olhar já tinha se desviado para a porta. Claro, ele achava que eu devia ficar... com outras pessoas. Ele estava só aconselhando a novata.

A entrada se obscureceu e o sorriso de Simon ficou fresco.

“Ei, mano. Não se preocupe. Eu não me esqueci de você. Só estava falando com a Chloe.”

Ele acenou para mim. Derek olhou, tão sem expressão que você acharia que Simon estava gesticulando para a mobília.

A cena no porão relampejou novamente – Derek me acusando de falar com fantasmas. Ele tinha contado ao Simon?

Provavelmente. Eu aposto que eles deram bastante risada da garota louca.

“Nós vamos lá para trás,” Simon disse. “Chutar umas bolas no nosso intervalo. É bem vinda para se juntar à nós.”

O convite veio levianamente, automaticamente, e ele nem ao menos esperou por uma resposta antes de passar por Derek com, “Eu farei Talbot

desarmar a porta.”

Derek ficou onde estava. Ainda me observando.

Me encarando.

Como se eu fosse uma aberração.

Como se eu fosse esquizo.

“Tire uma foto,” eu repreendi. “Vai durar mais tempo.”

Ele nem ao menos pestanejou. Não foi embora tampouco. Só ficou me estudando, como se não tivesse escutado uma palavra. Ele iria embora quando

estivesse pronto. E ele foi, indo embora sem uma palavra.

Quando eu deixei a sala de mídia, só a Sra. Talbot estava ao redor. Os outros tinham voltado à suas aulas depois do intervalo. Ela me mandou para a cozinha para descascar – batatas dessa vez.

Antes que eu começasse, ela me deu outra pílula. Eu queria perguntar quando eu podia esperar que elas comessem a funcionar, mas se eu perguntasse, então eu teria que admitir que ainda estava ouvindo vozes. Eu não estava vendo nada, contudo. Só aquela mão essa manhã, bem depois de ter tomada a pílula. Então talvez elas estivessem funcionando.

Talvez não ficasse melhor que isso.

O que eu faria então?

Fingir. Bloquear as vozes e fingir que não estava ouvindo-as. Aprender a—

Um grito ecoou pela casa.

Eu pulei, o descascador batendo na pia. Enquanto meu coração golpeava, eu escutei alguma reação. Nenhuma reação significaria que a voz estava na minha cabeça. Viu, eu já estava aprendendo.

"Elizabeth Delaney! Volte aqui!"

Uma porta foi batida. Passos aceleraram pelo corredor, pontuados por soluços. Os pelos em meu pescoço subiram enquanto eu pensava na garota chorando na escola. Mas eu me forcei a ir para a porta e a abri bem em tempo de ver Liz recuando para a escada.

"Gostando do show?"

Eu pulei e peguei a cara feia de Tori antes que ela se apressasse atrás de sua amiga. A Srta. Van Dop marchou da sala de estar para o corredor.

"Já chega!" a outra voz rugiu da sala de aula.

"Eu espero alguns problemas de comportamento lecionando em um lugar como esse, mas essa garota precisa de ajuda profissional."

"Srta. Wang, por favor," a Srta. Van Dop disse. "Não na frente—"

"Ela jogou um lápis em mim. Chicoteou. Como uma arma. Mais um centímetro e ela teria arrancado meu olho. Ela arrancou a pele. Sangue. De um

lápis! Tudo porque eu ousei sugerir que uma estudante do segundo ano deveria ser capaz de entender álgebra básica."

A Srta. Van Dop a puxou para o corredor, mas a mulher se esquivou e precipitou-se violentamente em outra sala.

"Cadê o número do diretor? Eu me demito. Aquela garota é uma ameaça..."

Uma sombra deslizou por mim e eu me virei para ver Derek ao meu ombro.

Enquanto a porta da sala de jantar balançava e fechava atrás dele, eu capturei um vislumbre de livros e de uma calculadora espalhados numa mesa. Ele devia ter estado ali o tempo todo, fazendo trabalho independente.

Enquanto ele me olhava, eu esperei algum comentário sarcástico sobre ouvir atrás da porta, mas ele só murmurou, "Bem vinda à casa dos loucos,"

então passou roçando por mim para a cozinha para pegar um lanche extra.

Oito

APÓS AQUILO, A CALMARIA SE ASSENTOU. Como a calmaria antes de uma tempestade, só que ao contrário. As enfermeiras colocaram o jantar no forno, então se isolaram no escritório da Dra. Gill, em uma reunião, para não serem perturbadas.

Ninguém tinha discordado da explicação da Srta. Wang sobre os eventos. Ninguém tentou dizer que tinha sido um acidente. Ninguém nem ao menos parecia surpreso por Liz ter quase arrancado o olho de alguém.

Quando a hora do jantar chegou, a Sra. Talbot serviu a comida, então se isolou no escritório novamente. Liz se juntou à nós, lívida e quieta. Simon deu-

lhe uma caixinha de suco, apesar de que deveríamos estar tomando leite. Tori flutuou sobre ela, persuadindo-a a comer. Até mesmo Rae e Peter fizeram esforços para conversar, como se para distraí-la; Somente Derek e eu não participamos.

Depois do jantar Tori lembrou à Liz que era noite de filme, quando eles podiam pedir um filme. Ela deu a Liz a honra de escolher, mas Liz pareceu sobrecarregada pela responsabilidade e nos pediu ajuda. Simon deu sugestões, mas disse que não assistiria – ele e Derek tinham um projeto para o

dia seguinte. Liz finalmente decidiu-se por uma comédia romântica. Enquanto

ela e Tori foram contar às enfermeiras, Rae anunciou que ela tinha que dobrar as roupas agora limpas. Eu ofereci ajuda.

Cada uma de nós carregou uma cesta para o quarto que Rae compartilhava com Tori. Eu podia afirmar que nenhuma das duas estava satisfeita com a acomodação. Eu jurei ter visto marcas de lápis no peitoril da janela para dividir o quarto ao meio.

O lado de Tori era tão limpo que parecia com o meu quando eu tinha entrado pela primeira vez. Nada nas paredes. Nada na cama ou no chão. Cada superfície estava nua, exceto por dois porta-retratos na penteadeira. Um tinha uma foto de Tori e seus pais e o outro de um enorme gato siamês.

A metade de Rae tinha desordem o bastante para as duas. Moletoms com capuz nas pernas da cama, livros escolares balançando precariamente na mesa, maquiagem deixada aberta na penteadeira, gavetas vazando roupas. O quarto de alguém que não via por que tinha que guardar as coisas quando ela as usaria novamente no dia seguinte. Suas paredes eram cobertas com fotos coladas.

Rae colocou sua cesta na cama de Tori, então fechou a porta. “Está bem, eu podia fazer rodeio, mas eu odeio isso, então eu vou direto ao ponto e perguntar. Eu ouvi direito? Que você está aqui porque você vê fantasmas?” As palavras eu não quero falar sobre isso subiram aos meus lábios. Mas eu queria falar sobre isso. Eu ansiava pegar o telefone e ligar para Kari ou Beth, mas eu não tinha certeza sobre quanto elas tinham escutado sobre o que acontecera e se elas entendiam ou não. A pessoa que parecia menos capaz de me zoar ou fazer fofoca sobre o meu problema estava bem aqui, perguntando sobre a minha história. Então eu contei à ela.

Quando eu terminei, Rae ficou ajoelhada ali, segurando uma camisa por pelo menos trinta segundos antes de perceber o que estava fazendo e dobrá-

la.

“Uau,” ela disse.

“Não é a toa que eu estou aqui, hein?”

“E começou bem antes de você ter a sua primeira menstruação? Talvez seja isso. Porque você a teve meio tarde, todo aquele negócio se juntou, e então... bam.”

“Super TPM?”

Ela riu. “Então, você pesquisou sobre isso?”

“Pesquisei o quê?”

“O zelador.”

Quando eu franzi a testa, ela continuou. “Você foi perseguida por um cara com uniforme de zelador, certo? E ele foi queimado, como se tivesse morrido em um incêndio ou explosão. Se realmente aconteceu, teria ido parar nos jornais. Você podia procurar isso on-line.”

Eu não vou dizer que o pensamento não tinha me ocorrido, mas eu só tinha dado permissão para que ele esvoaçasse pelo meu cérebro, como alguém que fica pelado num jogo de futebol americano, se movendo rápido demais para eu

dar uma boa olhada.

E se eu realmente estivesse vendo fantasmas?

Meu cérebro relampejou avisos de néon dizendo para não ir por esse caminho, mas alguma parte mais profunda estava fascinada, queria ir para lá.

Eu esfreguei a minha têmpora.

Fantasmas não são reais. Fantasmas são coisas de pessoas malucas. O que eu vi foram alucinações, e quanto mais cedo eu aceitasse isso, mais cedo eu cairia fora daqui.

“Seria legal se estivesse,” eu disse cuidadosamente. “Mas a Dra. Gill diz que ter visões é um sinal claro de doença mental.”

“Ah, o rótulo. Deus, eles amam seus rótulos aqui. Não deixam nem uma garota passar seu primeiro dia sem lhe enfiar um. O meu é piromania.” Ela capturou meu olhar. “É, eu sei. Não deveríamos partilhar. Proteger nossa privacidade. Eu acho que é idiotice. Eles só não querem que nós fiquemos comparando.”

Ela alinhou meias e começou a combiná-las. “Você não concorda.”

“Talvez com algo como piromania. Soa quase... legal. Mas há outras coisas, rótulos, que nós talvez não queiramos partilhar.”

“Como o quê?”

Eu me concentrei em combinar as meias por um minuto. Eu queria contar à ela. Como o negócio sobre os fantasmas. Tão assustada quanto eu estava por soar como uma aberração, eu queria contar à alguém, para ver o que ela diria, ter uma segunda opinião.

“Eles dizem que eu tenho esquizofrenia.”

Eu estudei a reação dela. Só um franzir de testa pequeno de confusão.

“Isso não é personalidade múltipla?” ela perguntou.

“Não. Esquizofrenia é, tipo, sabe, esquizo.”

Sua expressão não mudou. “Então é ver coisas e negócios?”

Eu levantei uma camiseta branca marítima, com as axilas levemente encardidas. Não precisei checar o nome. Eu a dobrei e a acrescentei à pilha de Derek. “Há um monte de outros sintomas, mas eu não os tenho.”

“Nenhum deles?”

“Acho que não.”

Ela relaxou, descruzando as pernas. “Vê, esse é o meu problema com isso. Você tem um episódio esquisito e eles te enfiam um rótulo, mesmo que você tenha só um problema. É como tossir e eles decidirem que você tem pneumonia. Eu aposto que há muito mais sintomas para a piromania também. Sintomas que eu não tenho.”

Seu olhar se fixou em uma meia vermelha e azul, e ela encarou-as intensamente, como se pudesse forçá-las a virarem roxas e combinarem.

“Então, o que mais vem com a esquizofrenia?”

“A Dra. Gill não disse exatamente.”

“Hm.”

“Eu acho que podia procurar na internet. Eu devia.”

“Nós devíamos. Esquizofrenia e piromania. Eu gostaria de saber mais.

Para ter certeza, sabe? Especialmente com o jeito como as coisas estão indo com a Liz...Ela esfregou sua boca com as costas da mão, ainda encarando as meias que não combinavam. “Eu acho que você vai ter o quarto para si mesma

em breve. Talvez muito em breve.”

“Eles vão transferi-la?”

“Provavelmente. Eles vêm falando nisso há algum tempo. Esse lugar é para crianças que tem problemas, mas elas não estão ruins demais e estão melhorando. Umas semanas depois de eu chegar aqui, eles transferiram um cara chamado Brady. Ele não estava piorando nem nada. Não como a Liz. Ele só não queria melhorar. Ele não achava que havia algo de errado consigo. Então ele se foi... . Me ensinou uma lição. Eu posso não gostar dos rótulos e medicamentos deles, mas eu fico de boca fechada, entro no jogo, e saio daqui do jeito certo.”

“E vou para casa.”

Um momento de silêncio, nenhuma de nós se movendo. Então ela agarrou a meia azul da minha mão e a acenou na frente do meu rosto.

“Opa.” Eu não tinha nem percebido que a estava segurando.

Ela dobrou o par azul junto, então enfiou a meia vermelha solitária debaixo da cama de Tori. “Pronto. Já deve estar quase na hora do filme.” Ela empilhou

as roupas dobradas em uma cesta. “Notou como Simon foi rápido de escapar de assistir o filme? São um par de eruditos, aqueles dois. Qualquer coisa para evitar ficar com as crianças loucas.”

“Eu tive essa impressão. Simon parece legal, mas...”

Ela me deu uma cesta e pegou a outra. “Ele é tão diva quanto a Tori. Eles formariam um ótimo par. Derek pode ser um babaca, mas pelo menos ele é honesto quanto a isso. Simon é legal durante o dia quanto tem que ficar conosco, então escapula no minuto que consegue escapar com seu irmão. Age como se não pertencesse aqui. Como se não tivesse nenhum problema e fosse tudo um grande erro.”

“Por que ele está aqui?”

“Acredite em mim, eu amaria saber. Ele e Derek, ambos. Simon nunca vai à terapia, mas Derek vai mais do que qualquer um.

Ninguém nunca vem visitá-los, mas as vezes você os ouve falando sobre o pai deles. O pai de Simon, eu acho. Se ele é tão bom, por que ele os jogaria aqui e se mandaria? E como dois garotos da mesma família, mas não irmãos de sangue, têm problemas mentais? Eu amaria ver a ficha deles.”

Eu estaria mentindo se dissesse que não estava curiosa sobre Simon. E talvez Derek, só porque eu tinha a sensação que eu talvez precisasse de

alguma munição contra ele. Mas eu não gostaria que ninguém lesse a minha ficha e eu não iria ajudar a Rae e ler a deles.

“Não poderíamos nos arriscar espiando hoje à noite de qualquer jeito,” ela disse. “Com o que está acontecendo com a Liz, eles estarão em alerta máximo.

Eu não quero ser chutado por corromper a novata.”

“Talvez eu seja chutada por corromper você.”

Ela capturou o meu sorriso e riu. “Ah, é, você é encrenca, garota. Eu consigo perceber.”

Ela saiu comigo do quarto e fechou a porta atrás de nós.

Nove

EU NÃO SOU MUITO FÃ DE COMÉDIAS românticas. Isso pode parecer com um cara admitindo que não gosta de corridas de carro, mas Rae deu umas

piscadas algumas vezes também, então eu acho que essa não teria sido sua escolha tampouco.

Eu fiquei acordada desconstruindo o roteiro, que era tão previsível que eu apostaria o meu dinheiro da faculdade que o escritor era um estudante do guru

do roteirismo Robert McKee.

Mas enquanto eu assistia a aquele filme tolo e mastigava pipoca, eu finalmente relaxei. Falar com Rae tinha ajudado. Ela não achava que eu era louca. Ela nem achava que eu era esquizofrênica.

Pela primeira vez desde o meu colapso, as coisas não pareciam tão ruins.

Talvez a vida como eu conhecia não tivesse realmente acabado naquela sala de aula. Talvez eu estivesse reagindo de forma exagerada e sendo uma total rainha do drama.

Os garotos na escola sabiam o que tinha acontecido comigo? Alguns me viram correr pelo corredor. Mais me viram carregada numa maca, inconsciente.

Grande coisa. Eu podia voltar em algumas semanas e a maioria provavelmente

nem notaria que eu tinha ido embora.

Amanhã, eu mandaria um e-mail para Kari, contar à ela que eu estava doente, e ver o que ela diria. É provavelmente que tenha sido exatamente isso que ela ouvira, que eu tinha algo parecido com mononucleose.

Eu sobreviveria a isso. O que quer que eu achasse do diagnóstico deles, agora não era hora de discutir. Eu tomaria meus remédios, mentiria se precisasse, seria solta da Casa Lyle, e tocaria a minha vida.

"Chloe? Chloe?"

A voz de Liz ecoou pelas profundas cavernas da terra do sonho, e eu levei alguns minutos para achar a saída.

Quando abri meus olhos, ela estava se inclinando sobre me, me banhando com hálito de pasta de dente, seu comprido cabelo fazendo cócegas na minha bochecha. A mão agarrando meu braço continuou tremendo mesmo depois de me chacoalhar.

Eu me levantei com meus cotovelos. "O que foi?"

"Eu estou deitada aqui há horas, tentando pensar em alguma maneira de perguntar, algum jeito que não soe esquisito. Mas eu não consigo. Eu simplesmente não consigo."

Ela recuou, seu rosto pálido brilhando na escuridão, as mãos puxando o decote de sua camisola, como se estivesse sufocando-a.

Eu me levantei. "Liz?"

"Eles vão me mandar embora. Todos sabem que eles vão, e é por isso que estão sendo tão bonzinhos comigo. Eu não quero ir, Chloe. Eles vão me trancar e—" Ela soluçou respirações profundas, as mãos vertidas em copo sobre sua boca. Quando ela olhou para mim, seus olhos estavam tão arregalados que a parte branca aparecia ao redor de suas íris pretas. "Eu sei que você não está aqui há muito tempo, mas eu realmente preciso da sua ajuda."

“Está bem.”

“Sério?”

Eu reprimi um bocejo enquanto me sentava. “Se houver algo que eu possa fazer—”

“Há. Obrigada. Obrigada.” Ela ficou de joelhos e puxou uma mochila debaixo de sua cama. “Eu não sei o que você precisa, mas eu fiz um desses numa festa do pijama ano passado, então eu juntei tudo que usamos. Há um copo, alguns temperos, uma vela—” Sua mão voou para sua mão.

“Fósforos! Ah, não. Não temos fósforos. Eles os deixam guardados por causa da Rae. Podem fazer isso sem acender a vela?”

“Fazer o quê?” Eu esfreguei minhas mãos sobre meu rosto. Eu não tinha tomado uma pílula para dormir, mas ainda sentia aquela estranha nebulosidade, como se eu estivesse nadando por um mar de bolas de algodão.

“O que exatamente estamos fazendo, Liz?”

“Tomando uma atitude, é claro.”

A neblina do sono evaporou, e eu me perguntei se isso era uma pegadinha. Mas eu podia afirmar pela expressão dela que não era. Eu me lembrei das palavras de Tori no almoço.

“O... poltergeist?” Eu disse cuidadosamente.

Liz voou até mim tão rápido que eu fui golpeada de costas na parede, as mãos voando na direção dela. Mas ela só ficou ao meu lado, os olhos arregalados.

“Sim!” ela disse. “Eu tenho um poltergeist. É tão óbvio, mas eles não vêem. Eles ficam dizendo que sou eu quem está fazendo todas essas coisas.

Mas como eu jogaria um lápis tão forte? Alguém me viu jogá-lo? Não. Eu fico

brava com a Srta. Wang e os lápis voam e a atingem e todos dizem “Ah, a Liz jogou,” mas eu não joguei. Eu nunca joguei.”

“É o... poltergeist.”

“Certo! Eu acho que ele está tentando me proteger porque toda vez que eu fico brava, as coisas começam a voar. Eu tentei falar com ele, fazê-lo parar. Mas ele não consegue me ouvir porque eu não falo com fantasmas. É por isso que eu preciso de você.”

Eu lutei para manter a minha expressão neutra. Eu tinha visto um documentário sobre atividades de poltergeists uma vez. Geralmente acontecia ao redor de garotas como Liz – adolescentes problemáticas desesperadas por atenção. Algumas pessoas achavam que as garotas estavam fazendo pegadinhas. Outras acreditavam que a energia das garotas liberava hormônios e raiva – e realmente fazia as coisas se moverem.

“Você não acredita em mim,” ela disse.

“Não, eu não disse—”

“Você não acredita em mim!” Ela levantou, seus olhos flamejando.

“Ninguém acredita em mim!”

“Liz, eu—”

Atrás dela, as embalagens de gel para cabelo chacoalharam. Cabides vazios no armário balançaram. Eu enterrei meus dedos no colchão.

“E-e-está bem, Liz, eu v-v-vejo—”

“Não, você não vê!”

Ela bateu suas mãos. As embalagens lançaram-se para o ar, batendo contra o teto com tal força que o plástico explodiu. Gel para cabelo choveu.

“Você vê?”

“S-s-sim.”

Suas mãos voaram para cima novamente, como um maestro atingindo o auge. Uma foto saltou da parada. Bateu contra o chão de madeira, o vidro pulverizando. Outra caiu. Então uma terceira.

Uma lasca de vidro foi atirada no meu joelho. Um botão de sangue originou-se e desceu pela minha perna.

De canto de olho, eu vi uma foto acima da minha cama. Saltou e seu ancoradouro.

“Não!” Liz gritou.

Eu mergulhei. Liz me acertou de lado, me empurrando para fora do trajeto da foto. Ela atingiu seu ombro. Ela se contorceu. Ambas rolamos da cama, atingindo o chão duramente.

Eu fiquei deitada de lado, recuperando o fôlego.

“Eu sinto tanto,” ela arfou. “Eu não queria – Você vê o que acontece? Eu não consigo controlar isso. Eu fico brava e tudo...”

“Você acha que é um poltergeist.”

Ela acenou, seu lábio tiritando.

Eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Não era um poltergeist – isso era loucura – mas se ela achava que era, então talvez se ela achasse que eu tivesse dito a ele para parar, realmente pararia.

“Está bem,” eu disse. “Pegue a vela e nós iremos—”

A porta abriu de supetão. A silhueta da figura do roupão da Sra. Talbot apareceu na entrada. Ela acendeu a luz. Eu recuei, piscando.

“Ah meu Deus,” ela ofegou, mal mais alto que um sussurro. “Elizabeth, o que você fez?”

Eu pulei de pé. “Não foi ela. Eu-eu-eu—”

Para variar, eu não estava gaguejando. Eu só não conseguia pensar em mais palavras.

Seu olhar varreu a sala, registrando o vidro no chão, o gel para cabelo pingando do teto, a pintura de maquiagem explodida na parede, e eu sabia que

não havia explicação plausível.

Seu olhar caiu para a minha perna e ela soltou um berro. “Está tudo bem,” eu disse, levantando a minha perna e enxugando o sangue.

“Não é nada. Eu me cortei. Me depilando. Mais cedo.”

Ela passou por mim, os olhos fixos no chão acarpetado com vidro.

“Não,” Liz sussurrou. “Por favor, não. Eu não queria.”

“Está tudo bem, querida. Nós vamos te ajudar.”

A Srta. Van Dop entrou marchando, carregando uma agulha. Ela sedou Liz enquanto a Sra. Talbot tentava acalmá-la, dizendo-a que só iam transferi-la para um hospital melhor, um mais adequado, um que a ajudaria a ficar melhor mais rápido.

Quando Liz ficou inconsciente, elas me enxotaram do quarto. Enquanto eu recuava para o corredor, uma mão bateu nas minhas costas, me empurrando contra a parede. Eu me virei para ver Tori se aproximando de mim.

“O que você fez com ela?” ela rosnou.

“Nada.” Para meu choque, a palavra saiu claramente, até mesmo desafiando. Eu me endireitei. “Não fui eu quem disse à ela que poderia ajudá-la.”

“Ajudá-la?”

“Contatando um poltergeist.”

Seus olhos se arregalaram, com aquela mesma expressão horrorizada de quando Simon a disse para parar de agir como uma vaca.

Ela se virou e tropeçou para dentro de seu quarto.

Dez

OS PARAMÉDICOS VIERAM BUSCAR A LIZ. Eu a observei ir embora, dormindo na maca, exatamente como eu fui levada da escola. Transporte de luxo para crianças loucas.

A Srta. Van Dop insistiu que eu tomasse metade de uma pílula para dormir. Eu cedi, mas quando ela tentou seguir com uma dose extra do meu remédio anti-alucinação, eu escondi minha pílula debaixo da minha língua.

Eu não tinha visto ou ouvido nada desde o almoço. Enquanto isso podia ser efeito dos remédios, eu não consegui evitar torcer para que a louca teoria de Rae estivesse certa – que a minha “separação da realidade” eram só férias mentais temporárias, trazidas pelo estresse e hormônios. Com sorte, eu já estava na viagem de volta à sanidade.

Eu tinha que testar essa teoria. Então eu guardaria a pílula e, se eu visse alguma coisa, eu a tomaria.

Eu me ofereci para ajudar a limpar a sala, mas a Sra. Talbot me levou para baixo para tomar um copo de leite, então me assentou no sofá. Eu vaguei, acordando quando ela veio me colocar de novo na cama, e estava adormecida novamente antes que eu pudesse puxar as cobertas.

Eu acordei com o cheiro frutoso do cabelo de gel da Liz. Eu flutuei ali, sonhando que estava presa em uma banheira de algodão doce, o cheiro doce fazendo meu estômago revirar enquanto eu lutava contra as grudentas cordas. Finalmente eu me libertei, os olhos abrindo, arfando por ar.

"Chloe?"

Eu pisquei. Soava como a voz da Liz, tímida e trêmula.

“Você está acordada, Chloe?”

Eu rolei de lado. Liz estava sentada na beirada da cama dela, usando sua camisola da Minnie Mouse e meias cinzas cobertas com girafas roxas e laranjas.

Ela balançou seus dedos do pé. “Irado, hein? Meu irmãozinho me deu no último Natal.”

Eu me empurrei para cima, piscando mais forte. O algodão doce da pílula para dormir ainda rodeava meu cérebro, grudento e grosso, e eu não parecia conseguir me focar. A luz solar jorrou pela persiana, fazendo as girafas nas meias de Liz dançarem enquanto ela balançava seus dedos dos pés.

“Eu tive um sonho muito estranho ontem a noite,” ela disse, o olhar fixo em seus pés.

Você e eu, eu pensei.

“Eu sonhei que eles me levaram embora e eu acordei nessa hospital. Só que eu não estava numa cama, mas numa mesa. Uma mesa fria de metal. E havia essa mulher lá, tipo uma enfermeira, usando uma dessas máscaras. Ela estava se inclinando sobre mim. Quando eu abri meus olhos, ela pulou.”

Seu olhar disparou na minha direção, e ela conseguiu dar um minúsculo sorriso. “Meio como você faz às vezes. Como se eu tivesse assustado ela. Ela chamou essa cara, e eu perguntei onde eu estava, mas eles simplesmente continuaram falando. Eles ficaram bravos porque eu não devia acordar e agora

eles não sabiam o que fazer. Eu tentei me sentar, mas eu estava amarrada.”

Liz dobrou sua camisola em suas mãos, amassando-a. “De repente eu não conseguia respirar. Eu não conseguia me mover, não conseguia gritar, e

então...” Ela estremeceu, os braços ao redor de si mesma. “Eu acordei aqui.”
Eu me sentei. “Eu vou te ajudar, Liz. Está bem?”

Ela correu de volta para a cama, puxando seus joelhos para cima. Ela abriu sua boca, mas ela estava chacoalhando muito para formar palavras. Eu fiquei de pé, o chão de madeira gelado abaixo dos meus pés, e cruzei para me sentar ao seu lado.

“Você quer que eu tente falar com o seu poltergeist?”

Ela acenou, o queixo tamborilando contra seu peito. “Diga-lhe para parar. Diga-lhe que eu não preciso da sua ajuda. Eu posso cuidar de mim mesma.”

Eu me estiquei para pousar minha mão no braço dela. Eu vi meus dedos fazerem contato, mas eles continuaram se movendo. Continuaram.

Através do braço dela.

Enquanto eu encarava com horror, Liz olhou para baixo. Ela viu a minha mão passar por ela. E ela começou a gritar.

Onze

EU CAI DA CAMA DELA, atingindo o chão tão forte que a dor sacudiu pela minha espinha. Quando eu me arrastei para cima, a cama de Liz estava vazia, o cobertor só amassado onde eu estivera sentada.

Eu dei uma olhada vagarosa ao redor do quarto. Liz tinha ido.

Ido? Ela nunca estivera lá. Eles a tinham levado embora na noite passada.

Eu não tinha sonhado essa parte – gel de cabelo ainda sarapintava o teto.

Eu pressionei minhas palmas nos meus olhos e recuei até atingir a minha cama, sentando nela e inalando profundamente. Após um momento, eu abri meus olhos. Margens grudentas de sono ainda entrelaçavam ao redor do meu cérebro.

Eu estava sonhando.

Não, não sonhando. Não imaginando coisas. Alucinando.

A Dra. Gill estivera certa. Eu tinha esquizofrenia.

Mas e se não fosse isso? E se Rae estivesse certa, e eu estivesse vendo fantasmas?

Eu balancei minha cabeça severamente. Não, isso era loucura. Isso significaria que a Liz estava morta. Isso era birutice. Eu estava alucinando, e eu

tinha aceitado isso.

Eu coloquei a mão debaixo do meu colchão, tirei a pílula que tinha entulhado ali na noite anterior, e o engoli em seco, engasgando em protesto.

Eu tinha que tomar meus medicamentos. Tome-os e melhore ou seja despachada para um hospício real, como a Liz.

Só a Rae se juntou à mim no café da manhã. Tori ainda estava em seu quarto, e as enfermeiras pareciam contentes em deixá-la lá.

Eu belisquei meu cereal, cavoucando um Cheerio com lima para parecer que eu estava comendo. Eu continuava pensando no quão assustada Liz estivera. Aterrorizada em ser mandada embora. Então falando sobre seu sonho

de ser amarrada, incapaz de respirar...

Uma alucinação. Na vida real, coisas como essa não acontecem.

E na vida real, garotas adolescentes não faziam embalagens explodirem e fotos voarem das paredes... .

“Srta. Van Dop?” Eu disse quando ela veio colocar a mesa de café da manhã para os garotos. “Sobre a Liz...”

“Ela está bem, Chloe. Ela foi para um lugar melhor.”

Aquelas palavras mandaram um arrepio por mim, minha colher colidindo contra a tigela.

“Eu gostaria de falar com ela se pudesse,” eu disse. “Não tive chance de dizer adeus. Ou agradecer-lá por me ajudar no primeiro dia.”

O rosto severo da Srta. Van Dop suavizou. “Ela precisa se assentar, mas nós ligaremos para ela em poucos dias e você pode falar com ela então.”

Viu? Liz estava bem. Eu estava sendo paranóica.

Paranóia. Outro sintoma da esquizofrenia. Eu empurrei para o fundo a dor do medo.

A enfermeira se virou para ir.

“Srta. Van Dop? Me desculpe. Eu, hm, estava falando com a Srta. Talbot ontem, sobre mandar um e-mail para uma amiga. Ela disse que eu precisava falar com você.”

“Simplesmente use o programa do e-mail para escrever a sua carta e clique em enviar. Ficará parado na caixa de envio até eu colocar a senha.”

Algumas instruções da minha escola tinham chego, então depois do café da manhã, eu tomei banho e me vesti enquanto os garotos comiam, então me dirigi para a aula com a Rae.

Tori ficou em seu quarto e as enfermeiras a deixaram. Isso me surpreendeu, mas eu acho que era porque ela estava chateada por causa da Liz. Eu me lembro de Liz dizer que a Tori estava aqui porque ela era instável. Tinha uma garota no acampamento de teatro há alguns anos que eu tinha ouvido os conselheiros a chamando de "instável." Ela sempre parecia estar ou realmente feliz ou realmente triste, nada no meio.

Com a Tori ausente, eu era a única do primeiro ano. Peter estava na oitava série; Simon, Rae, e Derek no segundo ano. Não parecia importar muito. Era meio que controlar um colégio com só uma sala, eu suponho. Nós dividíamos uma sala com oito mesas e todos trabalhávamos em nossas tarefas separadas enquanto a Srta. Wang passeava ao redor, nós ajudando e silenciosamente dando aulas curtas.

Talvez por saber que a Srta. Wang for a parcialmente responsável pela partida da Liz influenciou minha opinião sobre ela, mas ela parecia ser uma daquelas professoras que arrasta-se em seu trabalho, olhando o relógio, esperando o dia terminar... ou um trabalho melhor aparecer.

Eu não fiz muito trabalho naquela manhã. Eu não conseguia me concentrar, não conseguia parar de pensar na Liz, o que ela tinha feito, o que tinha acontecido   ela.

As enfermeiras não pareceram nem um pouco surpresas pelo dano no nosso quarto. Era só o que Liz fazia, como com o lápis.

Ela ficava brava e jogava coisas.

Mas ela não tinha jogado aquelas coisas. Eu tinha visto fotos voarem da parede quando ela não estivera nem um pouco perto delas.

Ou eu tinha visto?

Se eu fosse esquizofrênica, como eu poderia saber o que eu realmente vi ou ouvi? E se paranóia fosse outro sintoma, como eu poderia ao menos confiar

no meu pressentimento que dizia que algo ruim acontecera à Liz?

Rae estava em sessão com a Dra. Gill pela primeira parte da manhã.

Quando ela voltou, eu passei o resto da aula ansiosamente esperando pelo intervalo, para que pudesse falar com ela. Não sobre Liz ou meus medos. Só falar com ela. Sobre a aula, o filme de ontem a noite, o tempo... qualquer coisa

que tiraria Liz da minha cabeça.

Mas ela estava tendo problemas com uma folha de exercícios, e a Srta.

Wang a fez ficar no intervalo. Então eu prometi pegar um lanche para ela, então me arrastei para fora, me dirigindo à cozinha, sentenciada a passar mais uma hora ou duas presa na minha cabeça, pensando na Liz.

“Ei.” Simon correu ao meu lado no corredor. “Você está bem? Você parece quieta essa manhã.”

Eu consegui dar um sorriso exausto. “Eu estou sempre quieta.”

“É, mas depois da noite passada, você tem uma desculpa. Provavelmente não dormiu muito, hein?”

Eu dei de ombros.

Simon foi para a porta da cozinha. Uma mão apareceu sobre a minha cabeça e agarrou a porta por ele. Eu não pulei dessa vez, só olhei para trás, e murmurei um bom dia para Derek.

Ele não respondeu.

Simon se dirigiu à despensa. Derek permaneceu na cozinha, me observando.

Me

estudando,

novamente,

com

aquele

olhar

fantasmagoricamente intenso dele.

“O quê?” Eu não quis repreender, mas as palavras saíram duras.

Derek estendeu a mão para mim. Eu recuei... e percebi que ele estava estendendo a mão para a tigela de frutas, a qual eu estava bloqueando. Minhas

bochechas queimaram enquanto eu saía do caminho, murmurando uma desculpa.

Ele ignorou isso também.

“Então o que aconteceu na noite passada?” ele perguntou enquanto pegava duas maçãs com uma grande mão.

“Aco-o-o-?”

“Devagar.”

Meu rosto corou mais – de raiva agora. Eu não gostava quando adultos me

diziam para falar devagar. De outro garoto, era pior. Rude com uma beirada áspera de condescência,

Simon saiu da despensa, uma caixa de barras de granola na mão.

“Você devia pegar uma maçã,” Derek disse. “Isso não é—”

“Estou de boa, mano.”

Ele atirou uma barra de granola em Derek, então esticou a caixa para mim.

Eu peguei duas, agradecendo, e me virei para ir embora.

“Pode ajudar se você falar sobre isso,” Simon disse para mim.

Eu me virei. Simon estava desembrulhando sua barra de granola, o olhar desviado, tentando parecer casual. Derek não se incomodou em fazer isso. Ele

se inclinou contra a bancada, mastigando sua maçã, me encarando, esperando.

“Bem?” Derek disse quando eu permaneci em silêncio. Ele gesticulou para que eu me apressasse, contasse todos os detalhes sangrentos.

Eu nunca fui uma de fofocar. Talvez não fosse isso que eles quisessem – talvez eles estivessem simplesmente curiosos, até mesmo preocupados. Mas parecia fofoca, e Liz merecia algo melhor.

“Rae está esperando por mim,” eu disse.

Simon deu um passo para frente, levantando uma mão como se para me parar. Então ele olhou para Derek. Eu não peguei o olhar que passou entre eles, mas fez Simon recuar, dar um tchau para mim, e se ocupar desembrulhando o resto de sua barra.

A porta ainda estava balançando atrás de mim quando Simon sussurrou,

“Algo aconteceu.”

“É.”

Eu deixei a porta fechar, e fiquei parada lá. Derek disse outra coisa, mas seu ruído baixo engoliu as palavras.

“Eu não sei,” Simon disse. “Nós não devíamos—”

"Chloe?"

Eu girei enquanto a Sra. Talbot entrou no corredor pela sala de estar.

“Peter está aí?” ela perguntou. Seu largo rosto se iluminou.

“Hm, na aula eu acho.”

“Você pode dizer a ele que preciso vê-lo na sala de estar? Tenho uma surpresa para ele.”

Eu olhei para a porta da cozinha, mas os garotos tinham ficado em silêncio.

Eu acenei para a Sra. Talbot e me apressei para fora.

Os pais de Peter tinham vindo para levá-lo para casa.

Ele sabia que isso aconteceria em breve, mas elas queriam surpreendê-lo, então fizemos uma festinha, com bolo e tudo. Bolo de cenoura com baixo teor

de gordura, orgânico e sem cobertura. Então seus pais subiram para ajudá-lo a

fazer as malas, enquanto Simon, Derek, e Rae voltavam para a aula e eu tinha minha sessão com a Dra. Gill.

Vinte minutos mais tarde, da janela do escritório dela, eu observei a minivan dos pais dele recuar da garagem e desaparecer na rua.

Outra semana e eu faria o mesmo. Eu só tinha que parar de pensar na Liz e nos fantasmas e me concentrar em sair.

Doze

DEPOIS DO ALMOÇO, ERA hora de matemática. Essa era uma aula onde a tutora precisa saber exatamente onde eu estava no programa e meu professor de matemática ainda não tinha mandando meu trabalho, então me permitiram faltar por ora.

Matemática era também a aula em que Derek ficara sentado do lado de fora no dia anterior, e ele o fez novamente, levando seu trabalho para a sala de

jantar enquanto a Srta. Wang dava uma breve aula. Eu acho que ele estava fazendo trabalho de recuperação e precisava do silêncio. Ele foi para o seu caminho e eu fui para o meu, para a sala de mídia escrever o e-mail para Kari. Expressar as palavras corretamente tomou tempo. A terceira versão finalmente parecia vaga, mas não como se eu estivesse obviamente evitando algo. Eu estava prestes a apertar Enviar quando eu parei.

Eu estava usando uma conta pública. O que apareceria no campo de remetente? Casa de Apoio Lyle para Adolescentes Mentalmente Perturbados? Eu tinha certeza que não seria isso, mas até mesmo só “Casa Lyle” confundiria

Kari, talvez o bastante para ela procurar.

Eu mudei para o navegador e procurei por “Casa Lyle.” Mais de um milhão de resultados. Eu acrescentei “Buffalo” e isso cortou os meus resultados ao meio, mas uma varredura na primeira página mostrou que eram todos apenas resultados aleatórios – uma menção de uma casa em Lyle, Buffalo, uma lista de músicas de Lyle Lovette incluindo as palavras “casa” e “buffalo”, um deputado da Câmara chamado Lyle falando sobre o Lago Buffalo.

Eu movi meu mouse para o botão Enviar novamente, e parei de novo.

Só porque a Casa Lyle não tinha um site alegre com margem de margarida não queria dizer que Kari não descobriria na lista telefônica.

Eu salvei o e-mail como um documento texto com um nome obscuro. Então eu deletei a mensagem. Pelo menos com um telefonema, eu poderia provavelmente bloquear o identificador de chamada. Não havia telefones na área comum, então eu teria que pedir para usar o telefone das enfermeiras. Eu faria isso mais tarde, quando Kari estivesse em casa depois da escola.

Eu fechei o Outlook e estava prestes a desligar o navegador quando um resultado de busca chamou minha atenção – um sobre um homem de Buffalo chamado Lyle que morreu em um incêndio.

Eu me lembrava do que Rae tinha dito na noite passada sobre pesquisar o meu zelador queimado. Aqui estava a minha chance de acabar com a batalha entre o lado que disse que você estava alucinando – tome seus remédios e cale sua boca e o lado que não tinha tanta certeza.

Eu fui com o mouse até o campo de busca, deletei as palavras, então fiquei sentada ali, os dedos apertados nas teclas, cada músculo tensionado, como se me preparando para um choque elétrico.

Do que eu tinha medo?

De descobrir que eu realmente tinha esquizofrenia?

Ou de descobrir que eu não tinha?

Eu abaixei meus dedos nas teclas e digitei. Escola de artes A. R. Gurney morte de zelador Buffalo.

Milhares de resultados, a maioria dos quais eram resultados aleatórios para A. R. Gurney, o dramaturgo de Buffalo. Então eu vi as palavras acidente trágico

e soube.

Eu forcei meu mouse tela acima, cliquei, e li o artigo.

Em 1991, Rod Stinson, de quarenta e um anos, zelador chefe na Escola de Artes A. R. Gurney de Buffalo, morreu em uma explosão química. Um acidente

bizarro, causado por um zelador de meio período que estava enchendo um recipiente com a solução errada.

Ele tinha morrido antes de eu nascer. Então não tinha maneira de eu ter podido ouvir falar do acidente.

Mas só porque eu não conseguia me lembrar de ouvir sobre ele não queria dizer que eu não tinha pegado um pedaço disso, talvez alguém falando entre as aulas, e armazenado profundamente em meu subconsciente, para a esquizofrenia puxar e remodelá-lo como alucinação.

Eu examinei o artigo. Sem foto. Eu voltei para a página de busca e fui para o próximo. Mesma informação básica, mas esse tinha uma foto. E não havia dúvida que era o homem que eu vira.

Eu já tinha visto essa foto em algum outro lugar?

Você tem uma resposta para tudo, não tem? Uma “explicação lógica.” Bem, o que você acharia se visse isso em um de seus filmes?

Eu correria para a tela e bateria nessa garota tola que estava encarando a verdade na cara, idiota demais para vê-la. Não, não idiota demais. Teimosa demais.

Você quer uma explicação lógica? Junte os fatos. As cenas.

Cena um: garota ouve vozes sem corpos e vê um garoto que desaparece perante seus olhos.

Cena dois: ela vê um cara morto com algum tipo de queimadura.

Cena três: ela descobre que o zelador queimado é real e morreu na escola, justamente do jeito que ela viu.

Ainda assim essa garota, nossa heroína supostamente inteligente, não acreditar que vê fantasmas? Se liga.

Ainda assim eu resisti. Por mais que eu amasse o mundo do cinema, eu sabia a diferença entre a realidade e história. Em filmes, havia fantasmas e alienígenas e vampiros. Até mesmo alguém que não acredita em extraterrestes

pode se sentar em um cinema, ver o protagonista lutando com pistas que sugerem invasão alienígena, e querer gritar “Bem, dãh!”

Mas na vida real, se você conta às pessoas que está sendo perseguida por zeladores de escola derretendo, eles não dizem "Uau, você deve estar vendo fantasmas." Eles te colocavam num lugar como esse.

Eu encarei a foto. Não poderia haver dúvida.

“Foi esse quem você viu?”

Eu girei na minha cadeira. Derek estava ao meu ombro. Para alguém do tamanho dele, ele podia se mover tão silenciosamente que eu quase pensaria que ele era um fantasma. Tão silencioso quanto... e tão inoportuno quanto.

Ele apontou para a manchete acima do artigo do zelador. "A. R. Gurney.

Essa é a sua escola. Você viu esse cara, não viu?”

“Eu não sei sobre o que você está falando.”

Ele me fixou com um olhar.

Eu fechei o navegador. “Eu estava fazendo dever de casa. Para quando eu voltar. Um projeto.”

“Sobre o quê? ‘Pessoas que morreram na sua escola’? Sabe, eu sempre ouvi dizer que escolas de arte são estranhas... .”

Eu me enfureci. “Estranhas?”

“Você quer pesquisar alguma coisa?” Enquanto ele se inclinava para pegar o mouse, eu capturei ligeiramente seu odor corporal. Nada de fazer flores murcharem, só aquele primeiro indício que seu desodorante estava para expirar. Eu tentei me afastar discretamente, mas ele notou e olhou de cara feia,

como se insultado, então se deslocou para um lado, apertando seus cotovelos. Ele abriu uma nova sessão do navegador, digitou uma única palavra, e cliquei em Buscar. Então ele se endireitou.

“Tente isso. Talvez você aprenda algo.”

Eu fiquei encarando para o termo de busca por pelo menos cinco minutos. Uma palavra. Necromante.

Isso estava ao menos em português? Eu movi o cursor na frente da palavra e digitei “definir.” Quando apertei Enter, a tela se encheu.

Necromante: aquele que pratica adivinhação ao invocar os mortos.

Adivinhação? Tipo predizendo o futuro? Falando com pessoas mortas... do passado? Isso não fazia sentido algum.

Eu pulei para a próxima definição, da Wikipedia.

Necromancia é adivinhação por meio de levantar os espíritos dos mortos. A palavra deriva do grego nekros “morte” e manteia “adivinhação.” Tinha um significado auxiliar refletido em uma forma alternativa e arcaica da palavra, necromancia (uma etimologia popular usando o latim niger, “preto”), na qual a

força mágica dos “poderes obscuros”* é ganhada dos ou agindo sobre cadáveres.

Um praticante de necromancia é um necromante.

Eu reli o parágrafo três vezes e lentamente decifrei o papo de nerd, só para perceber que realmente não dizia mais do que a primeira definição. Para a próxima, também da Wikipedia.

No universo fictício de Diablo 2, os Sacerdotes de Rathma...

Definitivamente não o que eu estava procurando, mas eu dei uma

* no original, dark powers, remetendo ao título da série.

procurada rápida e descobri uma classe do jogo de RPG chamado

necromantes, que podiam levantar e controlar os mortos. Foi aí que Derek teve

a ideia? Não. Ele podia ser assustador, mas se ele errava o limite entre vida real e vídeo games, ele estaria em um hospício de verdade.

Eu voltei para a Wikipedia, pulei o resto das definições, e achei só

variações da primeira. Um necromante prediz o futuro falando com os mortos.

Curiosa agora, eu deletei definir e procurei por necromante.

Os dois primeiros sites eram religiosos.

De acordo com eles, necromancia era a arte de se comunicar com o

mundo espiritual. Eles chamavam isso de diabólico, de prática de magia negra

e de adoração de Satã.

O Derek achava que eu estava envolvida com magia negra? Ele estava

tentando salvar a minha alma? Ou me alertar de que ele estava observando?

Eu estremeci.

A clínica de saúde feminina da tia Lauren tinha uma vez sido

enganosamente o alvo de um grupo militante pró-vida. Eu sabia de primeira

mão como as pessoas ficavam assustadoras quando pensavam que você fazia algo que cruzava com suas crenças.

Eu voltei para a lista de resultados de busca e escolhi um que parecia mais acadêmico. Dizia que a necromancia era outro nome - mais velho - para médiuns, espiritualistas, e outras pessoas que podiam falar com fantasmas. O significado vinha de uma antiga crença que se você pudesse falar com os mortos, eles podiam predizer o futuro porque eles conseguiam ver tudo – eles sabiam o que seu inimigo estava fazendo ou onde você podia achar tesouros escondidos.

Eu mudei para o próximo site na lista, e uma pintura horrível encheu minha tela – um aglomerado de pessoas mortas, apodrecendo e se despedaçando, sendo guiados por um cara com olhos brilhantes e um sorriso maligno. O título:

O Exército dos Mortos.

Eu rolei a página abaixo. Estava cheio com coisas desse tipo, homens cercados por zumbis.

Eu mudei rapidamente para outra página. Descrevia a “arte da necromancia” como o levantamento dos mortos. Eu estremeci e mudei para outro. Um site religioso agora, citando algum livro velho desvairando sobre “necromantes imundos” que cometiam crimes contra a natureza, comunicando-

se com espíritos e reanimando os mortos.

Mais sites. Mais estampas e pinturas velhas. Fotos grotescas de homens grotescos.

Levantando
cadáveres.

Levantando

espíritos.

Levantando

demônios.

Com os dedos tremendo, eu fechei o navegador.

Treze

EU SAI CAUTELOSAMENTE DA sala de mídia, esperando achar Derek espreitando na esquina, esperando para atacar. O retumbar da voz dele me fez saltar, mas veio da sala de jantar, onde ele estava perguntando à Srta. Talbot quando a Dra. Gill estaria pronta para vê-lo. Eu me apressei para a aula. Eles ainda não tinham acabado com matemática, e a Srta. Wang acenou para que eu ficasse com o assento próximo à porta.

Quando a aula finalmente acabou, Derek entrou pesadamente. Eu lutei para ignorá-lo. Rae acenou para mim À mesa ao lado dela. Eu escapuli até ela.

Derek nem mesmo olhou na minha direção, só tomou seu assento regular ao lado de Simon, suas cabeças e vozes se abaixando enquanto eles falavam.

Sim riu. Eu me esforcei para ouvir o que Derek dizia.

Ele estava contando a Simon sua “piada”? Ou eu estava ficando paranóica?

Depois da aula de inglês, a escola tinha terminado. Derek desapareceu com Simon, e eu segui Rae para a sala de jantar, onde nós fizemos nossa lição de casa.

Eu mal consegui terminar uma página sobre diagramação de sentença. Era como decifrar uma língua estrangeira.

Eu estava vendo fantasmas. Fantasmas de verdade.

Talvez fosse diferente para alguém que já acreditasse em fantasmas. Eu não acreditava.

Minha preparação religiosa estava limitada à Igreja esporádica e visitas escolares bíblicas com amigo, e uma permanência breve em uma escola cristã quando meu pai não fora capaz de me colocar na escola pública. Mas eu acreditava em Deus e na vida após a morte do mesmo jeito que eu acreditava no sistema solar que eu nunca havia visto - aquela aceitação prosaica de que eles existiam mesmo que nunca tivesse pensado muito sobre isso especificamente.

Se fantasmas existiam, isso queria dizer que não havia paraíso?

Estávamos todos condenados a andar na terra para sempre como formas, esperando encontrar alguém que pudesse ns ver ou nos ouvir e... ?

E o quê? O que os fantasmas queriam de mim?

Eu pensei na voz do porão. Eu sabia o que aquela queria – uma porta aberta. Então esse espírito esteve vagando por anos, finalmente acha alguém que consegue ouvi-lo e seu pedido extremamente importante é “Ei, você pode abrir essa porta para mim?”

E quanto à Liz? Eu devo ter sonhado aquilo. Qualquer outra coisa... eu não conseguia acreditar.

Mas uma coisa era certa. Eu precisava saber mais, e se as pílulas estavam me impedindo de ver e ouvir os fantasmas claramente, então eu tinha que parar de tomá-las.

“Não vai acontecer com você.”

Eu me virei da janela da sala de estar enquanto Rae entrava.

“O que aconteceu com a Liz, ser transferida, isso não vai acontecer com você.” Ela se sentou no sofá. “É com isso que você está preocupada, certo? O

motivo pelo qual não disse dez palavras o dia todo?”

“Desculpa. Eu só...”

“Pirou.”

Eu acenei. Isso era verdade, mesmo se não fosse sobre o que ela pensava. Eu sentei em uma das cadeiras de balanço.

“Como eu disse na noite passada, Chloe, há um truque para sair daqui.”

Ela abaixou sua voz. “O que quer que pense? Sobre os rótulos deles?”

Simplesmente acene e sorria. Diga ‘Sim, Dra. Gill. Você que manda, Dra. Gill.

Eu só quero melhorar, Dra. Gill.’ Faça isso, e você seguirá Peter por aquela porta da frente a qualquer dia. Ambas iremos. Então lhe mandarei uma conta pelo meu conselho.”

Eu lutei para sorrir. Pelo que eu tinha visto até agora, Rae era uma paciente modelo. Então por que ela ainda estava aqui?

“Quanto é a estadia em média?” Eu perguntei.

Ela se reclinou no sofá. “Uns dois meses, eu acho.”

“M-meses?”

“Peter ficou aqui por esse tanto. Tori um pouco mais. Derek e Simon, cerca de três meses.”

“Três meses?”

“Eu acho que sim. Mas eu posso estar errada. Antes de você, Liz e eu éramos as novatas. Três semanas para cada uma de nós, eu alguns dias a mais que ela.”

“Eu – foi me dito que eu só ficaria aqui por duas semanas.”

Ela deu de ombros. “Eu acho que é diferente para você, então, garota de sorte”

“Ou eles quiseram dizer que duas semanas era o mínimo?”

Ela esticou seu pé para cutucar meu joelho. “Não fique tão melancólica. A companhia é boa, não é?”

Eu consegui dar um sorriso. “Algumas são”

“Fala sério, hein? Sem o Peter e a Liz, estamos presas com o Frankenstein e as divas. Falando nisso, a Rainha Victoria está se recuperando... em comparação.”

"Hmm?"

Ela abaixou sua voz mais uma nota. “Ela está cheia de remédios e está totalmente fora do ar.” Eu devo ter parecido alarmada, porque ela se apressou.

“Ah, isso é normal. Eles não fazem isso com ninguém exceto Tori, e ela quer. Ela é a princesa da pílula. Se ela não recebe a sua em tempo, ela pede por elas. Uma vez, no final de semana, eles ficaram sem e tiveram que bipar a Dra.

Gill para um refil e caaara—” Ela balançou sua cabeça. “Tori correu para o nosso quarto, trancou a porta, e não saiu até que alguém lhe trouxe seus remédios. Então ela fuxicou para a mãe dela e houve esse alvoroço enorme. A

mãe dela é conectada às pessoas que comandam a Casa Lyle. De qualquer jeito, ela está totalmente dopada hoje, então ela não deverá nos atrapalhar.”

Quando a Sra. Talbot nos reuniu para jantar, eu percebi que não tinha dito a Rae sobre seguir seu conselho e procurar o zelador morto.

Tori se juntou à nós para o jantar – em corpo, pelo menos. Ela passou a refeição praticando para um papel no próximo filme de zumbis, sem expressão,

metodicamente movendo o garfo até a boca, às vezes até com comida nele. Eu

estava dividida entre sentir pena dela e simplesmente ficar assustada.

Eu não fui a única que estava duvidosa. Rae ficava tensa com cada garfada, como se esperando pela “antiga Tori” saltar e esmurrá-la por estar comendo. Simon corajosamente tentou manter uma conversa comigo e tentativamente tendia perguntas para a Tori, como se com medo que ela só estivesse fingindo dormir, procurando por simpatia.

Após essa refeição interminável, todos corremos, agradecidamente, para nossas tarefas – Rae e eu limpamos o jantar, os garotos na unidade do lixo e da reciclagem. Mais tarde Rae tinha um projeto no qual trabalhar, e a Srta. Wang alertara as enfermeiras que ela queria que Rae o fizesse sem ajuda. Então depois de dizer à Srta. Van Dop que eu voltava logo, eu me dirigi para o meu quarto para pegar meu iPod. Quando eu abri a porta, eu achei um bilhete dobrado no chão.

Chloe, precisamos conversar. Encontre-me na lavanderia às 19h15.

Simon.

Eu dobrei o bilhete em quatro. O Derek tinha feito o Simon fazer isso quando eu não pirei por ele me chamar de necromante? Ele esperava que eu desse uma resposta mais gratificante ao seu irmão?

Ou o Simon queria retomar a nossa discussão da cozinha, quando eles tinham perguntado sobre a Liz? Talvez eu não fosse a única preocupada com ela.

Eu desci logo depois das sete, e usei o tempo extra para caçar fantasmas, rodeando a lavanderias, escutando e procurando.

Na única vez que eu queria ver ou ouvir um fantasma, não conseguia.

Eu podia contatar eles? Era uma via de mão única, e eu tinha que esperar até que um escolhesse falar comigo? Eu queria testar isso chamando um, mas Derek já tinha me pego falando comigo mesma. Eu não ia arriscar com o Simon.

Então eu simplesmente vaguei, minha mente automaticamente deslizando para trás de uma lente de câmera.

"...aqui..." uma voz sussurrou, tão suave e seca que soava como o vento através de uma grama alta. "...fale com..."

Uma sombra aproximou-se do meu ombro. Eu me preparei para ver uma visão de terror enquanto eu olhava para... o rosto de Derek.

"Você é sempre tão apreensiva?" ele disse.

"Da-daonde você veio?"

"Do andar de cima."

“Eu estou esperando por—” eu parei e estudei sua expressão. “É você, não é? Você fez Simon mandar—”

“Simon não mandou nada. Eu sabia que você não viria por mim. Mas pelo Simon?” Ele olhou para seu relógio. “Pelo Simon você chega cedo. Então, você procurou?”

Então era sobre isso. “Você quer dizer aquela palavra? Nec—” eu cerrei meus lábios, testando. “Necromante? É assim que se diz?”

Ele dispensou a pronúncia. Sem importância. Ele se inclinou contra a parede, tentando parecer casual, desinteressado talvez. Seus dedos flexionando traíram sua avidez para ouvir a minha resposta. Para ver minha reação.

“Você procurou?” ele perguntou novamente.

“Eu procurei. E, bem, eu não sei bem o que dizer.”

Ele esfregou suas mãos contra sua calça jeans, como se secando-as. “Está bem. Então, você procurou isso e...”

“Não foi o que eu esperava.”

Ele roçou em sua calça jeans novamente, então fechou suas mãos. Cruzou seus braços. Descruzou-os. Eu olhei ao redor, persistindo, fazendo-o balançar para frente, quase pulando de impaciência.

“Então...” ele disse.

“Bem, tenho de admitir...” Eu tomei um longo fôlego. “Não sou muito a fim de jogos de computador.”

Seus olhos fecharam em fendas, seu rosto confundido. “Jogos de computador?”

“Vídeo games? RPGs? Eu joguei alguns, mas não do tipo que você está

falando.”

Ele olhou para mim, cauteloso, como se suspeitando que eu realmente pertencesse em um lar para crianças loucas.

“Mas se vocês gostam deles?” Eu dei um sorriso. “Então eu certamente estou disposta a dar uma chance a eles.”

“Eles?”

“Os jogos. Interpretar papéis, certo? Mas eu não acho que o necromante seja para mim, apesar de eu apreciar a sugestão.”

“Sugestão...” ele disse lentamente.

“Que eu faça uma necromante? Foi por isso que você me fez procurar, certo?”

Seus lábios se separaram, os olhos arredondando à medida que ele entendia. “Não, eu não quis—”

“Acho que seria legal, fazer um personagem que pode levantar os mortos, mas é só, sabe, não eu. Um pouco negro demais. Emo demais, sabe? Eu preferia ser um mágico.”

“Eu não estava—”

“Então eu não tenho que ser uma necromante? Valeu. Eu realmente aprecio você tirar tempo para me fazer sentir bem vinda. É tão meigo.”

Enquanto eu o fixava com um sorriso doce, ele finalmente percebeu que eu estava enrolando ele. Seu rosto obscureceu. “Eu não estava te convidando para um jogo, Chloe.”

“Não?” Eu arregalei meus olhos. “Então por que você me mandou aqueles sites sobre necromantes? Me mostrou fotos de loucos levantando exércitos de zumbis apodrecendo? É assim que sente prazer, Derek? Assustando os

novatos? Bem, você se divertiu, e se você me encurralar novamente ou me atrair para o porão—”

“Te atrair? Eu estava tentando falar com você.”

“Não.” Eu levantei meu olhar para ele. “Você estava tentando me assustar. Faça isso novamente e eu contarei às enfermeiras.”

Quando eu escrevi as falas na minha cabeça, elas tinham sido fortes e desafiadoras – a novata enfrentando o valentão. Mas quando eu as disse, eu soava como a pirralha mimada ameaçando tagarelar.

Os olhos de Derek se endureceram em cacos de vidro verdes e seu rosto se contorceu em algo não bem humano, cheio de uma raiva que me fez retroceder para fora de seu caminho e correr para a escada.

Ele me agarrou, os dedos fixos ao redor do meu antebraço.

Ele puxou tão forte que eu gritei, o meu ombro machucando enquanto eu saía do chão. Ele me soltou e eu caí no chão.

Por um momento eu simplesmente fiquei lá, amarrotada em uma pilha, acariciando meu braço e piscando arduamente, incapaz de acreditar no que tinha acabado de acontecer. Então sua sombra caiu sobre mim, e eu lutei para ficar de pé.

Ele esticou a mão para mim. “Chloe, eu—”

Eu me balancei para trás antes que ele pudesse me tocar. Ele disse algo.

Eu não ouvi. Não olhei para ele. Simplesmente corri para a escada.

Eu não parei até estar em meu quarto. Então eu sentei de perna cruzada na minha cama, arfando por oxigênio. Meu ombro queimava.

Quando eu enrolei a minha manga, eu vi uma marca vermelha para cada um dos prolongamentos dele.

Eu os encarei. Ninguém nunca tinha me machucado antes. Meus pais nunca tinham me batido. Nunca me deram palmadas no traseiro ou ao menos ameaçaram fazer. Eu não era o tipo de garota que se envolvia em briga de soco ou uma violenta. Claro, eu fora puxada, empurrada, acotovelada... mas agarrada e empurrada para o outro lado de uma sala?

Eu puxei com violência minha manga para baixo. Eu estava surpresa?

Derek tinha me deixado nervosa desde aquele primeiro encontro na despensa. Quando eu percebi que ele tinha mandado o bilhete, eu devia ter ido para cima.

Se ele tivesse tentado me impedir, eu devia ter gritado. Mas não, eu tinha que ser descolada. Ser esperta. Enganá-lo.

Ainda assim, eu não tinha prova exceto marcas no meu braço que já estavam se dissipando. Mesmo se eu ainda as tivesse quando as mostrasse para as enfermeiras, Derek podia dizer que eu o tinha atraído para o portão e pirado, e ele tivera que agarrar meu braço para me conter. Afinal de contas, eu

fora diagnosticada com esquizofrenia.

Alucinações e paranóia faziam parte do pacote.

Eu tinha que lidar com isso sozinha.

Eu devia lidar com isso sozinha.

Eu tinha vivido a famosa vida resguardada. Eu sempre soube que isso significava que eu não tinha a experiência de vida que precisava para ser uma roteirista. Aqui estava a minha chance de começar a consegui-la.

Eu lidaria com isso. Mas para lidar com isso, eu precisava saber exatamente contra quem eu estava lidando.

Eu chamei Rae de lado.

“Você ainda quer ver os arquivos do Simon e do Derek?” Eu perguntei.

Ela acenou.

“Então eu vou te ajudar a pegá-los. Hoje a noite.”

Quatorze

NÓS ACHAMOS A SRA. TALBOT preparando o lanche da noite. Palitinhos de cenoura e molho. Delícia. Qualquer reclamação que eu tinha contra Annette,

pelo menos eu podia sempre contar em ter brownies em casa.

“Com fome, garotas? Não estou surpresa. Ninguém comeu muito no jantar.”

Ela segurou o prato. Cada uma de nós pegou um palitinho e mergulhou.

“Chloe e eu estávamos pensando, Sra. T.,” Rae disse. “Sobre a Tori.” Ela colocou o prato na mesa, os olhos abatidos enquanto ela acenava. “Eu sei, querida. Ela estava levando a partida de Liz muito a sério. Elas eram muito próximas. Tenho certeza de que ela se sentirá melhor quando elas conversarem, mas até lá ela pode se sentir um pouco deprimida enquanto... ajustamos seus medicamentos. Precisamos que vocês meninas sejam extremamente boazinhas com ela.”

“Claro.” Rae limpou molho de seu dedo. “Estávamos nos perguntando, contudo, se seria mais fácil para ela se ela tivesse o quarto só para si. Eu podia

dormir com a Chloe.”

A Sra. Talbot deu a Rae um guardanapo. “Eu não quero isolá-la demais, mas, sim, ela provavelmente ficaria mais feliz sozinha por ora.”

“Só por ora?”

A enfermeira sorriu. “Não, você pode ir dormir com a Chloe permanentemente, se é isso que vocês duas gostariam.”

Enquanto Tori estava no andar de baixo assistindo televisão, Rae começou a se mexer, como se com medo que a Srta. Van Dop ou a Dra. Gill vetassem a mudança.

Ela me deu uma pilha de camisetas. “É o Simon, não é?”

"Hmm?"

“Você quer saber por que o Simon está aqui.”

“Eu não—”

Eu dobrei sua calça jeans em seus braços e acenou para que eu saísse.

“Vocês dois estão conversando em todas as refeições. De primeira, eu achei que talvez ele estivesse te usando para tirar Tori de cima dele, mas ela não estava prestando nenhuma atenção hoje, e ele continuou falando.”

“Eu não estou—”

“Ei, você gosta dele. Tudo bem.” Ela abriu a gaveta debaixo de Liz. Estava vazia – cada traço dela limpo enquanto estávamos na aula. “Eu não ligo pro garoto, mas essa é só a minha opinião. Talvez ele só seja metido comigo porque eu não estou na sua liga.”

“Liga?”

Ela segurou uma calça jeans e apontou para a etiqueta. “Você vê mais alguém nesse lugar usando calça jeans do Wal-Mart? É um lar privado. Você tem que pagar por ele, e eu aposto que custa mais do que o Motel 6*. Eu sou o caso de caridade escolhido.”

“Eu—”

“Sem problema. Você me trata bem. Assim como o Peter e—” olhou

sombriamente para seu novo quarto “– a Liz. Derek é um canalha com todo mundo, então eu não levo isso para o lado pessoal. Se eu só sou tratada com frieza pelo Simon e pela Tori, eu posso sobreviver. É por isso que eu acho que

eles são perfeitos um para o outro, mas se você gosta dele e ele gosta de você? Não é da minha conta. Mas você é esperta por fazer uma investigação.” Ela se dirigiu de volta para seu antigo quarto, eu em seus calcanhares. “A amiga da minha mãe fez isso com um cara com quem ela ia casar. Descobriu que ele tinha três filhos que nunca havia mencionado.” Ela sorriu por sobre o ombro. “Tenho bastante certeza que Simon não tem filhos, mas nunca se sabe.”

Enquanto terminávamos de limpar as gavetas dela, eu considerei deixar isso por estar. Mas eu não queria que ela pensasse que eu fosse o tipo de garota que chega num lugar nova e imediatamente começa a mirar os caras. Se eu não estava pronta para contar às enfermeiras sobre Derek, eu devia contar a alguém. Desse jeito, eu teria apoio na minha história se precisasse mais tarde.

* rede de motéis com mais de mil locações nos EUA e no Canadá, A diária custa 6 dólares.

“Não é o Simon,” eu disse enquanto voltávamos ao seu quarto, as roupas terminadas. “É o Derek.”

Ela estivera no meio da arrancação de uma foto da parede e errou o alvo, xingando enquanto eu resgatava a foto caída.

"Derek? Você gosta–”

“Deus, não. Eu quero dizer que eu tô de olho é no Derek – e não desse jeito.”

Ela exalou e se inclinou contra a parede. “Graças a Deus. Eu sei que algumas garotas gostam dos canalhas, mas isso é simplesmente nojento.” Ela corou enquanto pegava a foto de mim e pegava outra. “Eu não devia dizer isso. Não é culpa dele, todo o negócio da...” Ela procurou por uma palavra.

“Explosão da puberdade.”

Um sorriso. “Exatamente. Eu devia sentir pena do cara, mas é difícil quando a atitude dele é tão feia quanto seu rosto.” Ela parou, a foto na mão, e olhou por cima de seu ombro para mim. “É isso? Ele... fez alguma coisa?”

“Por quê? Ele tem um histórico disso?”

“Depende do que é. De ser rude, sim. Um canalha, sim. Ele nos ignora exceto quando não tem escolha e, acredite em mim, ninguém reclama. Então o que ele fez?”

Eu considerei minhas palavras. Eu não queria que ela insistisse que eu falasse com as enfermeiras, então eu deixei de lado a parte de me jogar para o outro lado do cômodo e só disse que ele esteve me seguindo, aparecendo quando eu estava sozinha.

“Ah, ele gosta de você.” Ela me deu uma foto para segurar.

“Não, não é assim.”

“Aham. Bem, você provavelmente preferiria que não fosse assim, mas com certeza soa que é. Talvez você seja o tipo dele. Na minha escola, tem esse cara que eu gosto, no time de basquete. Ele é ainda mais alto que o Derek, mas ele sempre escolhe garotas pequenas como você.”

Eu peguei outra foto dela. “Não é isso. Tenho certeza absoluta disso.”

Ela abriu sua boca e eu senti um relampejo de chateação. Por que toda vez

que uma garota diz que um cara está incomodando-a, isso é espalhado como ah, ele simplesmente gosta de você, como se isso deixasse tudo bem?

Vendo a minha expressão, Rae fechou sua boca e tirou outra foto.

Eu disse, “Ele me assusta e eu quero saber o que seu arquivo diz. Se há uma razão para ficar assustada. Se ele tem, sabe, um problema.”

“Isso é inteligente. E eu sinto muito. Se ele te assusta, isso é sério. Eu não quis fazer piada. Nós pegaremos os fatos hoje à noite.”

Quinze

A HORA DE DORMIR NA CASA LYLE era as nove, com as luzes sendo apagadas e a regra de não falar entrando em efeito uma hora depois quando as enfermeiras se retiravam. Cada lado do nível superior tinha um quarto para a enfermeira designada. Liz tinha dito que não havia porta unindo a área dos garotos e das garotas, mas de acordo com a Rae, havia uma entre os quartos das enfermeiras, que lhes dava acesso rápido para todo o piso superior em uma emergência.

Então enquanto Rae jurou que a Sra. Talbot dormia rápido e era barulhenta, tivemos que levar a Srta. Van Dop em consideração também. Um arrombamento cedo era arriscado demais. Rae acionou o alarme em seu relógio esportivo para as 2:30 e fomos dormir.

As 2:30, a casa ainda estava parada e silenciosa. Parada demais e silenciosa demais.

Cada assoalho rangendo soava como um tiro. E em casas velhas, a maioria das tábuas rangia.

Rae me seguiu até a cozinha, onde pegamos duas caixas de suco da geladeira e colocamos no balcão.

Então eu abri a porta da despensa, acendi a luz, e voltei para o corredor, deixando ambas as portas entreabertas.

O escritório da Dra. Gill era na ala oeste, perto da escada dos garotos. Rae tinha verificado a fechadura há uma semana. Era apenas uma fechadura de chave interior normal, não muito mais forte do que o tipo que você pode abrir

com uma moeda. Ou foi o que ela disse. Eu nunca tive nenhuma razão para abrii uma fechadura doméstica – provavelmente porque eu não tinha irmãos. Então eu observei e tomei notas mentais. Tudo parte de ganhar experiência de vida.

Rae tinha observado a Dra. Gill tirar seu arquivo uma vez, durante sua sessão, então ela sabia onde eles eram mantidos. O escritório tinha uma impressora multiuso, o que facilitava as coisas. Eu fiquei de guarda. A única dificuldade veio quando ela copiou as páginas, o swoosh-swoosh do scanner alto o bastante para me deixar nervosa. Mas os arquivos deviam ser pequenos,

porque quando eu olhei, ela estava devolvendo-os à pasta, as cópias feitas. Ela me passou duas folhas, dobradas ao meio, então devolveu o arquivo à gaveta. Nós nos retiramos da sala.

Enquanto ela reconectava a fechadura, o som inconfundível de um assoalho rangendo fez nós duas congelarmos. Um longo momento de silêncio passou. Então um novo ranger. Alguém estava descendo a escada dos garotos.

Nós nos mandamos, caminhando descalças pelo corredor. Na porta da cozinha entreaberta, nós nos atiramos para dentro, e então para a despensa aberta.

“Vamos,” eu fingi sussurrar. “Escolha um negócio de uma vez.”

“Eu não consigo achar as barras de Rice Krispie*. Eu sei que tinha algumas semana passada.”

“Os garotos provavelmente–” eu parei, então sibilei. “Alguém está vindo. Apague a luz!”

Ela apertou o interruptor enquanto eu fechava a porta exceto por uma

fenda. Enquanto eu espiava pelo buraco, Derek parou dentro da porta da cozinha. Ele deixou a luz desligada enquanto olhava ao redor, raios de luz da janela jogando um brilho em seu rosto. Seu olhar varreu a cozinha e foi descansar na porta da despensa.

Eu a abri e dei um passo para fora.

“Biscoito?” eu disse, segurando uma caixa.

Ele olhou para mim e, em um relampejo, eu estava de volta ao porão, velejando no ar. Meu sorriso dissipou e eu empurrei a caixa em suas mãos.

“Estávamos pegando um lanche,” Rae disse.

Ele continuou me observando, os olhos estreitos.

“Eu pego o suco,” Rae disse, se espremendo para passar.

* uma sobremesa feito com Rice Krispies (um cereal, feito de grãos de arroz que são cozinhados, enxugados e torrados), margarina ou manteiga derretida e marshmallow derretido.

Derek olhou pra as caixas que tínhamos deixado no balcão. Prova de que só tínhamos assaltado a cozinha. Tinha sido meu plano, e eu achava que era tão esperto, mas enquanto seu olhar voltava para mim, os pelos em meu pescoço se levantaram e eu sabia que ele não acreditava.

Eu dei um passo para frente. Por um segundo, ele não se moveu e tudo que eu pude escutar foi a sua respiração, sentir o próprio tamanho dele, pairando ali.

Ele deu um passo para o lado.

Enquanto eu passava, ele pegou um pacote de bolacha da caixa e esticou para mim.

“Esqueceu deles.”

“Certo. Obrigada.”

Eu peguei um e fugi para o corredor, Rae atrás de mim. Derek nos seguiu, mas se dirigiu ao outro lado, na direção do lugar dos garotos. Quando eu me virei para subir, eu olhei para o corredor. Ele tinha parado do lado de fora do escritório da Dra. Gill e ficou olhando a porta.

Deitamos na cama com as luzes apagadas por quinze minutos, tempo o bastante para Derek contar para as enfermeiras sobre nós ou simplesmente ir para a cama. Meus dedos ficavam acariciando as páginas que eu tinha enfiado no elástico do meu pijama. Finalmente, Rae escapou para a minha cama, a lanterna na mão.

“Isso foi por pouco,” ela disse.

“Você acha que ele vai contar às enfermeiras?”

“Nem. Ele próprio estava pegando um lanche. Ele não ousaria tagarelar.” Então Derek por acaso tinha se levantado para pegar um lanche enquanto estávamos invadindo o escritório da Dra. Gill? Eu odiava coincidências, mas certamente a impressora não tinha feito barulho o bastante para ele ouvir do andar de cima.

Eu empurrei as cobertas e as alisei no colchão.

“Esse é do Derek,” Rae sussurrou enquanto ligava a lanterna.

Eu soltei a segunda página e a estiquei. “Quer o do Simon?”

Ela balançou sua cabeça. “Essa é a segunda página do Derek. Não tinha um para o Simon.”

“Você não conseguiu achar?”

“Não, não havia um. As divisórias na gaveta são marcadas com os nossos

nomes, então as pastas dos arquivos são marcadas novamente. Não havia uma divisória ou um arquivo para o Simon.”

“Isso é—”

“Estranho, eu sei. Talvez eles deixem em outro lugar. De qualquer jeito, você queria o do Derek, então achei que não devia perder tempo procurando pelo do Simon. Agora, vamos ver por que o Frankenstein está aqui.” Ela moveu

o raio para o topo da página. “Derek Souza. Data de nascimento, blá, blá, blá.”

Ela mudou a luz para a próxima sessão. “Hm. Ele foi trazido para a Casa Lyle por uma agência de serviço social da criança. Nenhuma menção ao pai que eles sempre falam. Se o serviço social está envolvido, então você pode apostar que ele não é o pai do ano. Ah, aqui está. Diagnóstico... transtorno de personalidade anti-social.”

Ela deu uma risada. “É? Me conta algo que eu não sabia. Isso é realmente uma doença? Ser rude? Que tipo de medicamentos eles te dão para isso?”

“O que quer que seja, não está funcionando.”

Ela sorriu. “Acertou essa. Não é de se surpreender que ela esteja aqui há tanto tempo—”

A luz do corredor se acendeu. Rae mergulhou para sua cama, deixando a lanterna para trás. Eu a desliguei enquanto a porta do banheiro fechava. Quando eu fiz um movimento para jogar para ela, ela balançou sua cabeça, então se inclinou para fora e sussurrou, “Termina você. Ache alguma coisa interessante. Me conta de manhã.”

Quem quer que estivesse no banheiro – Tori ou a Sra. Talbot – pareceu levar uma eternidade. Na hora que a privada deu descarga, Rae estava

dormindo. Eu esperei alguns minutos, então liguei a lanterna e li.

Com cada sentença, a bola de medo no meu estômago crescia.

Transtorno de personalidade anti-social não tinha nada a ver com ser rude.

Era uma pessoa que mostrava uma completa indiferença pelos outros, que não

tinha a habilidade da empatia – de se colocar no lugar da outra pessoa. O

transtorno era caracterizado por um temperamento violento e ataques de fúria,

o que só piorava. Se você não entendia que estava machucando alguém, o que te faria parar?

Eu mudei para a segunda página, intitulada “passado.”

Fazer uma investigação comum no DS tinha se provado difícil. Nada de certidões de nascimento ou outros registros de identificação foram

encontrados. Eles provavelmente existiam, mas a falta de informação concreta

para o começo de sua vida torna uma busca apropriada impossível. De acordo com DS e seu irmão adotivo, SB, Derek foi morar com eles com aproximadamente cinco anos de idade. DS não se lembra – ou recusou-se a detalhar – dos detalhes de sua vida antes disso, apesar de suas respostas sugerirem que ele talvez tenha sido criado em ambiente institucional.

O pai de Simon, Christopher Bae, parece ter tomado de fato a custódia de DS, sem registros de uma adoção formal ou arranjos de adoção. Os garotos foram matriculados na escola como “Simon Kim” e “Derek Brown”.

A razão para os nomes falsos não é conhecida.

Registros escolares sugerem que os problemas de comportamento de DS começaram na sétima série. Nunca tendo sido uma criança extrovertida ou

alegre, ele se tornou progressivamente mal humorado, seu retrocesso pontuado por episódios enganosos de raiva, geralmente culminando em ataques violentos.

Ataques violentos...

Os machucados em meus braços palpitarão e eu distraidamente esfreguei-os, hesitando.

Nenhum incidente tinha sido propriamente documentado, tornando um estudo forense completo da progressão do transtorno impossível. DS parecia ter evitado expulsões ou outras sérias medidas disciplinares até uma alteração descrita por testemunhas como “uma briga normal de escola.” DS atacou violentamente três jovens no que os empregados suspeitam que foi uma cólera quimicamente turbinada. Uma onda de adrenalina pode também explicar a força extraordinária reportada pelas testemunhas. Na hora que as autoridades intercederam, um jovem tinha sofrido fraturas na coluna vertebral.

Especialistas médicos temiam que ele talvez nunca pudesse andar novamente.

A página com espaçamento simples dos detalhes do passado continuava, mas as palavras tinham sumido, e tudo que eu podia ver era o chão movimentando-se com rapidez enquanto Derek me jogava do outro lado da lavanderia.

Força extraordinária...

Ataques violentos...

Talvez nunca pudesse andar novamente...

Eles tinham levado a Liz embora por jogar lápis e embalagens de gel para cabelo, e tinham deixado Derek? Um cara enorme com um histórico de

ataques

violentos? Com um transtorno que significava que ele não ligava para quem ele

machucava ou o quão gravemente?

Por que ninguém tinha me alertado?

Por que ele não estava trancado?

Eu enfiei as páginas debaixo do colchão. Eu não precisava ler o resto. Eu sabia o que diria. Que ele estava sendo medicado. Que ele estava sendo reabilitado. Que ele estava cooperando e não tinha mostrado sinais de violência enquanto estava na Casa Lyle. Que sua condição estava sob controle.

Eu coloquei a lanterna no meu braço. As marcas de dedos estavam ficando roxas.

Dezesseis

TODA VEZ QUE EU VAGAVA, eu ficava presa nesse lugar estranho entre o sono e o despertar, onde minha mente filtrava as memórias do dia, confundindo-as e as contorcendo. Eu voltava ao porão, Derek agarrando meu braço e me jogando do outro lado do cômodo. Então eu acordava no hospital, com a Sra. Talbot ao meu lado, me dizendo que eu nunca andaria novamente. Quando a batida para acordar soou na porta, eu enterrei minha cabeça debaixo do meu travesseiro.

"Chloe?" A Sra. Talbot abriu a porta. "Você precisa se vestir antes de descer hoje."

Meu estômago atacou. Com Liz e Peter embora, eles tinham decidido que devíamos todos tomar café da manhã juntos? Eu não podia encarar o Derek. Eu simplesmente não podia.

"Sua tia está vindo as oito para levá-la para tomar café. Você precisa estar pronta para ela."

Eu soltei meu aperto mortal no travesseiro e me levantei.

"Você está brava comigo, não está, Chloe?"

Eu parei de mexer os meus ovos mexidos no prato e olhei para cima.

Preocupação perturbava o rosto da tia Lauren.

Meias luas escuras debaixo de cada olho dizem que ela não estivera dormindo o bastante. Eu tinha deixado passar essas manchas antes, escondidas debaixo de maquiagem, até que ficamos debaixo das luzes fluorescentes do Denny's.

“Brava sobre o quê?” Eu perguntei.

Uma curta risada. “Bem, eu não sei. Talvez porque eu ter joguei numa casa de apoio com estranhos e desapareci.”

Eu abaixei meu garfo. “Você não me jogou. A escola insistiu que eu fosse para lá e a casa insistiu que você e o papai ficassem afastados enquanto eu me ajustava. Eu não sou uma criancinha. Eu entendo o que está acontecendo.”

Ela exalou, o som alto o bastante para ser ouvido acima do ronco do restaurante cheio.

“Eu tenho um problema,” eu continuei. “Eu tenho que aprender a lidar com ele, e não é culpa sua ou do papai.”

Ela se inclinou para frente. “Não é seu tampouco. Você entende isso também, certo? É uma condição médica. Você não fez nada para causá-la.”

“Eu sei.” Eu mordisquei minha torrada.

Você está sendo muito madura quanto a isso, Chloe. Estou orgulhosa de você.”

Eu acenei e continuei mordiscando. Sementes da geléia de framboesa estalaram entre os meus dentes.

“Ah, e eu tenho algo para você.” Ela colocou a mão dentro da sua bolsa e puxou um saquinho plástico. Dentro estava o meu colar de rubi. “As enfermeiras ligaram da casa e me disseram que você estava sentindo a falta dele. Seu pai esqueceu de pegá-lo do hospital quando você foi embora.”

Eu o peguei, manuseando o pingente familiar através do plástico, então o devolvi. “Você tem que ficar com ele por mim. Eu não posso ter jóias na casa.”

“Não se preocupe, eu já falei com as enfermeiras. Eu disse à elas que era

importante para você, e elas concordaram em te deixar ficar com ele.”

“Obrigada.”

“Mas certifique-se de usá-lo. Não queremos que suma novamente.”

Eu tirei o colar do saquinho e o coloquei. Eu sabia que era uma superstição tola, mas me fazia sentir melhor. Calma, eu acho. Uma lembrança da mamãe e

algo que eu usara por tantos anos que eu me sentia um pouco estranha sem.

“Não acredito que seu pai o deixou no hospital,” ela disse, balançando sua cabeça. “Só Deus sabe quando ele teria lembrado, agora que ele partiu novamente.”

Sim, meu pai tinha ido embora. Ele tinha me ligado no celular da tia Lauren para explicar que teve que partir para Xangai na noite passada numa viagem de negócios de emergência. Ela estava furiosa com ele, mas eu não conseguia perceber porque importava, quando eu estava morando numa casa de apoio.

Ele já tinha arranjado para tirar um mês de férias quando eu saísse, e eu preferia que ele estivesse por perto nessa época.

Minha tia falou sobre seu plano de uma “viagem de garotas para Nova York” quando eu fosse solta. Não tive a coragem de dizer a ela que eu preferia

simplesmente ir para casa, ver o papai, sair com meus amigos. Voltar a minha vida normal seria a melhor celebração pós-Casa Lyle que eu podia imaginar.

Minha vida normal...

Eu pensei nos fantasmas. Minha vida seria normal novamente?

Meu olhar viajou para a paisagem de rostos. Alguém aqui era um fantasma? Como eu poderia saber?

E quanto ao cara nos fundos usando uma camiseta de heavy metal,

parecendo que tinha acabado de sair do estúdio de Eu Amo os Anos 80, da VH1? Ou a mulher velha com o comprido cabelo grisalho e uma camiseta de tie-dye? Ou até mesmo o cara de terno, esperando na porta? A não ser que alguém trombasse neles, como eu sabia que eles não eram fantasmas, simplesmente esperando que eu os notasse?

Eu abaixei meu olhar para o meu suco de laranja.

Ah, aí está um plano, Chloe. Passe o resto da sua vida evitando contato visual.

“Então, como está se ajustando? Se dando bem com os outros garotos?”

Suas palavras foram um tapa, me lembrando que eu tinha problemas maiores que os fantasmas.

Ela estava sorrindo, a pergunta tendo como propósito ser uma piada.

Obviamente, eu estaria me dando bem com os garotos. Eu podia não ser a garota mais extrovertida, mas podiam contar comigo para não fazer rebuliço ou

causar problemas. Enquanto eu olhava para cima, seu sorriso se dissipou.

"Chloe?"

"Hmm?"

“Tem um problema com os outros garotos?”

“N-não. Tudo está b-b-b-” Meus dentes bateram enquanto eu fechava minha mandíbula. Para qualquer um que me conhecesse bem, minha gagueira era um estressômetro. Não havia sentido em dizer que tudo estava bem se eu nem ao menos conseguia deixar a mentira sair.

“O que aconteceu?” Sua mão agarrou seu garfo e faca, como se pronta para utilizá-los com destreza contra quem quer que fosse responsável. “Não é na—”

“Não me diga que não é nada. Quando eu perguntei sobre os outros garotos, você parecia enjoada.”

“São os ovos. Coloquei muita pimenta neles. Os outros garotos são legais.” Seus olhos perfuraram os meus, e eu sabia que eu não ia escapar. “Tem só esse, mas não é nada demais. Você não consegue se dar bem com todos, certo?”

“Quem é?” Ela acenou para que o garçom que se aproximava hesitantemente com o bule fosse embora. “Não gire seus olhos para mim, Chloe. Você está naquela casa para descansar, e se alguém está te incomodando—”

“Eu posso lidar com isso.”

Ela relaxou seu aperto mortal na cutelaria, abaixou-os, e alisei sua toalha de mesa individual. “Não é esse o problema, querida. Você tem o bastante para

se preocupar agora. Me diga quem esse garoto é e eu me certificarei que ele não te incomode mais.”

“Ele não vai—”

“Então é um garoto. Qual? Tem três – não, só dois agora. É o grandão, não é? Eu o vi essa manhã. Eu tentei me apresentar, mas ele foi embora. Darren, Damian . . .”

Eu me parei antes de corrigi-la. Ela já tinha me enganado para admitir que meu atormentador era um garoto. Eu realmente gostaria que, para variar, ela simplesmente ouvisse os meus problemas, talvez oferecesse algum conselho, não pulasse tentando consertar tudo.

“Derek,” ela disse. “Esse é o nome dele. Quando ele me ignorou essa manhã, a Sra. Talbot disse que ele era assim. Rude. Estou certa?”

“Ele só... não é muito amigável. Mas está bem. Como eu disse, você não pode se dar bem com todos, e os outros parecem legais. Uma garota é meio metida, como a minha colega de quarto de acampamento no ano passado. Lembra dela? Aquela que—”

“O que esse Derek fez com você, Chloe?” ela disse, se recusando a ser distraída. “Ele te tocou?”

“N-não, é c-claro que n-não.”

“Chloe.” Sua voz se aguçou, minha gagueira me entregando.

“Isso não é algo que se esconda. Se ele fez algo inapropriado, eu juro—”

“Não foi assim. Estávamos conversando. Eu tentei ir embora e ele agarrou o meu braço—”

“Ele te agarrou?”

“Por, tipo, um segundo. Só me assustou. Eu reagi exageradamente.”

Ela se inclinou para frente. “Você não reagiu exageradamente. Qualquer hora que alguém deite uma mão não-desejada em você, você tem o direito de opor-se e de reclamar e...”

E continuou, pelo resto do café da manhã. Uma lição de moral sobre “toques inapropriados,” como se eu tivesse cinco anos. Eu não sabia por que ela estava tão chateada. Não foi como se eu ao menos tivesse lhe mostrado meus machucados. Quanto mais eu argumentava, contudo, mais brava ela ficava, e eu comecei a pensar que talvez isso não fosse realmente sobre um garoto me incomodar ou agarrar meu braço.

Ela estava brava com o meu pai por se mandar e com a minha escola por me forçar a ir para essa casa de apoio, e porque ela não podia enfrentar eles, ela achou alguém que ela podia enfrentar, um problema que ela podia

solucionar para mim.

“Por favor, não,” eu disse enquanto nos sentávamos no carro, de marcha lenta na entrada para carros.

“Ele não fez nada. Por favor. É ruim o bastante—”

“Que é porque eu não vou dificultar ainda mais para você, Chloe. Eu não causar problemas; eu vou resolvê-los.” Ela sorriu. “Medicina preventiva.” Ela apertou meu joelho. Quando eu olhei para fora da janela, ela suspirou e desligou o motor. “Eu prometo que serei discreta. Eu aprendi como lidar com problemas como esse delicadamente, porque a última coisa que uma vítima precisa é ser acusada de tagarelar.”

“Eu não sou uma ví—”

“Esse garoto Derek nunca saberá quem reclamou. Até mesmo as enfermeiras não saberão que você disse uma palavra para mim. Eu vou cuidadosamente providenciar preocupações baseadas nas minhas próprias observações profissionais.”

“Só me dê alguns dias—”

“Não, Chloe,” ela disse firmemente. “Eu vou falar com as enfermeiras e, se necessário, com os administradores. Seria irresponsabilidade minha não fazê-lo.”

Eu me virei para encará-la, abrindo minha boca para argumentar, mas ela já estava fora do carro.

Quando eu voltei, Tori estava de volta. De volta na aula e de volta com sua atitude.

Se eu estivesse roteirizando essa cena, eu teria ficado tentada a fazer uma reversão de caráter. A jovem que vê sua única amiga levada, parcialmente por causa de um comentário nocivo que ela fizera.

Quando seus colegas de casa se reunissem, tentando levantar a depressão dela com apoio e preocupação, ela perceberia que não tinha perdido sua única amiga e juraria ser uma pessoa mais bondosa e gentil.

Na vida real, contudo, as pessoas não mudam da noite pro dia.

Tori começou a primeira aula me informando que eu estava sentada no lugar da Liz, e era melhor que eu não comesse a agir que ela não voltaria.

Depois, ela seguiu Rae e eu até o corredor. “Você teve um bom café da manhã

com sua tia? Seus pais são ocupados demais para você, eu acho?”

“Tenho certeza de que minha mãe teria vindo. Mas é meio difícil para ela, estando morta e tudo.”

Uma ótima réplica direta. Tori nem ao menos pestanejou.

“Então o que você fez para receber um passe livre já, Chloe? Foi essa a sua recompensa por ajudá-los a se livrar da Liz?”

“Ela não—” Rae começou.

“Como se você fosse muito melhor, Rachelle. Você nem ao menos pôde esperar a cama da Liz esfriar antes de se mudar com a sua nova amiguinha. Então, Chloe, qual é a do tratamento especial?”

“Não é especial,” Rae disse. “Sua mãe te leva para sair o tempo todo. No caso da Chloe, é provavelmente uma recompensa pelo bom comportamento. Com você, é só porque a sua mãe está na comissão dos diretores.”

Na nossa idade, ser “bem comportada” não é exatamente um objetivo a que se aspira.

Mas as narinas de Tori alargaram-se, seu rosto se contorcendo, como se Rae tivesse jogado o pior insulto possível.

“É?” ela disse. “Bem, a gente não vê os seus pais vindo aqui, vemos, Rachelle? Quantas vezes eles visitaram ou ligaram desde que você esteve aqui? Vamos ver... ah, certo, zero.” Ela fez um 0 com seu dedão e o dedo indicador. “E não tem nada a ver com mau comportamento. Eles simplesmente não ligam.”

Rae a empurrou para a parede. Tori soltou um grito de doer os ouvidos.

“Ela me queimou!” ela disse, agarrando seu ombro.

“Eu te empurrei.”

A Srta. Wang se apressou da sala de aula, seguida por Simon e Derek, que tinham ficado para trás para discutir uma lição.

“Rae me queimou. Ela tem fósforos ou algo assim. Olha, olha...”

Tori puxou para baixo o colarinho de sua camiseta.

“Não tire suas roupas, Tori,” Simon disse, levantando suas mãos para seus olhos. “Por favor.”

Derek soltou um ruído baixo que soava suspeitosamente uma risada.

Rae ergueu suas mãos. “Nada de fósforos. Nada de isqueiros. Nada nas minhas mangas...”

“Eu vejo uma marca vermelho muito fraca, Tori, de ser empurrada,” a Srta. Wang disse.

“Ela me queimou! Eu senti! Ela está escondendo fósforos novamente. Reviste-a. Faça algo.”

“Que tal você fazer algo, Tori?” Simon disse enquanto passava por nós.

“Tipo arranjar uma vida.”

Ela se virou – não para ele, mas para Rae – disparando sobre ela antes de ser agarrada pela Srta. Wang. As enfermeiras vieram correndo.

É, a Tori estava de volta.

Dezessete

EU PASSEI AQUELA PRIMEIRA aula preparada para que a Srta. Van Dop ou a Dra. Gill entrassem e puxassem Derek para uma “conferência.” Eu devia ter confiado na minha tia. Quando voltamos do café da manhã, ela silenciosamente tomou a Sra. Talbot de lado, dizendo apenas que queria discutir o meu progresso. Ninguém achou nada demais. E ninguém tinha entrado com tudo na sala e arrastado Derek para fora.

O episódio da Tori foi a única confusão numa manhã quieta.

Derek foi para as aulas e me ignorou. Ele foi para a sessão com a Dra. Gill antes do almoço. Quando ele saiu, eu estava no corredor, esperando para usar o banheiro. Simon estava dentro, como ele sempre estava antes das refeições. Eu nunca tinha conhecido um cara que fosse tão consciente sobre lavar as mãos antes de comer.

Eu estava pensando em correr escada acima para o banheiro das garotas quando a porta da Dra. Gill abriu, e a forma negra de Derek preencheu ela. Eu

me preparei. Ele foi para fora e olhou para mim. Meu coração golpeou tão fortemente que tive certeza de que ele conseguia ouvi-lo, assim como tinha certeza que ele tinha acabado de ser repreendido. Nossos olhos se encontram. Ele acenou, resmungou algo que parecia com um “oi,” e estava prestes a passar por mim quando a porta do banheiro abriu.

Simon saiu, de cabeça abaixada. Ele me viu e enfiou algo em seu bolso traseiro. “Opa. Acho que eu estava alugando o banheiro de novo, fazendo fila.”

“É só a Chloe.” Derek empurrou a porta aberta para mim. Ele não parecia

nem um pouco zangado. Mais bonzinho que o normal, até. Minha tia deve ter lidado bem com isso. Eu deveria saber que ela o faria.

Enquanto eu entrava, Simon disse para Derek, “Ei, o almoço é para cá.”

“Comece sem mim. Eu tenho que pegar um negócio no nosso quarto.”

Uma pausa. Então “Espera aí,” e os passos do Simon seguiram Derek escada acima.

Depois do almoço, foi minha vez de levar o lixo para fora. Experiência de vida, eu ficava dizendo a mim mesma enquanto maquinava o carrinho até o galpão, golpeando moscas que voavam baixinho para olhar mais de perto. Tudo experiência de vida. Você nunca sabe quando precisará de uma cena crítica com a protagonista rebocando lixo.

Minha raiva flutuou através terreno. O sol estava brilhando, o calor batendo no meu rosto, as árvores e os narcisos florescendo, o cheiro fraco de grama recém cortada quase mascarando o fedor de lixo podre.

Um belo começo para a minha tarde. Melhor do que eu tinha esperado – eu parei. Ali, no quintal atrás do nosso, estava um fantasma. Uma garotinha, com

não mais do que quatro anos.

Ela tinha que ser um fantasma. Ela estava sozinha no quintal, brincando do lado de fora em um vestido com rufos – uma confecção de bolo de casamento de laços e fitas, com mais fitas contorcidas em seus cachos do tipo saca-rolhas

e mais laços em seus brilhantes sapatos de couro envernizado. Ela parecia com a Shirley Temple saída de um velho pôster de filme.

Eu joguei as sacolas no galpão, onde estariam a disposição de racuns e

gambás saqueadores. As sacolas deram uma pancada onde atingiram o chão de madeira, mas a garota, a apenas 6 metros, não olhou para cima. Eu fechei o

galpão, andei por trás da cerca, e me agachei, chegando mais perto de seu nível.

“Olá,” eu disse.

Ela franziu a testa, como se se perguntando com quem eu estava falando.

Eu sorri. “Sim, eu consigo te ver. Que vestido bonito. Eu tinha um assim quando eu tinha a sua idade.”

Um último olhar hesitante sobre seu ombro, então ela moveu-se de lado para mais perto.

“A mamãe comprou para mim.”

“Minha mãe comprou o meu também. Você gostou?”

Ela acenou, seu sorriso iluminando seus olhos escuros.

“Aposto que sim. Eu amei o meu. Você—?”

“Amanda!”

A garota pulou, caindo de bunda e soltando um gemido. Uma mulher de calça e casaco de couro começou a correr, as chaves balançando em sua mão, a porta de trás fechando-se rapidamente atrás dela.

“Ah, Amanda, você sujou todo o seu lindo vestido. Eu vou ter que reprogramar as suas fotos especiais.” A mulher me olhou, pegando a garotinha

no colo e a carregando na direção da casa. “Eu te disse para não chegar perto dessa cerca, Amanda. Nunca fale com os garotos de lá. Nunca, me ouviu?”

Não fale com os garotos loucos. Eu desejei gritar de volta que não éramos loucos. Eu tinha confundido a filha dela por um fantasma, só isso.

Eu me perguntei se havia livros sobre esse tipo de coisa. Cinquenta Maneiras para Separar os Vivos dos Mortos Antes que Você Acabe numa Sala

Acolchoada. É, tenho certeza de que a biblioteca tinha esse.

Eu não podia ser a única pessoa no mundo que via fantasmas. Era algo que eu tinha herdado, como olhos azuis? Ou era algo que eu tinha contraído, como um vírus?

Devia haver outros. Como eu os acharia? Eu conseguiria? Eu deveria?

A pancada de passos me dizia que alguém estava vindo. Uma pessoa viva. Essa era uma lição que eu já tinha aprendido: fantasmas conseguem gritar, chorar, e falar, mas eles não fazem barulho nenhum quando se movem.

Eu ainda estava atrás do galpão, escondida de vista. Como estar no portão, só que aqui ninguém me ouviria gritar por ajuda.

Eu me lancei para frente bem enquanto a sombra contornava o galpão.

Simon.

Ele marchou até mim, seu rosto negro de raiva. Eu endureci, mas fiquei parada.

“O que você disse?” Suas palavras saíram devagar, deliberadas, como se estivesse lutando para manter sua voz firme.

“Disse?”

“Para as enfermeiras. Sobre o meu irmão. Você o acusou de algo.”

“Eu não disse nada as enfermeiras—”

“Sua tia disse, então.” Seus dedos tamborilaram contra o galpão. “Você sabe do que estou falando. Você contou a ela, ela contou às enfermeiras, então a Dra. Gill levou Derek para uma conferência especial antes do almoço e

o avisou para não incomodá-la. Se ele o fizer, elas o mandarão embora.”

“O-o quê?”

“Uma palavra vinda de você, e ele irá embora. Transferido.” Uma veia em seu pescoço palpitou. “Ele esteve perfeito desde que chegou aqui. Agora, de repente, depois de um problema com você, ele ganha uma advertência. Se ele ao menos te olhar diferente, ele vai embora.”

“Eu-Eu-Eu—”

“Algo aconteceu com vocês dois na noite passada, não foi? Derek subiu completamente apavorado. Disse que estava falando com você e ferrou tudo. Foi tudo que ele me disse.”

Eu considereei a verdade – que eu não queria ter tagarelado sobre o Derek. Eu tinha estado quieta no café da manhã e minha tia tinha descoberto que eu estava chateada. Mas isso podia soar como se eu estivesse fazendo bico, querendo arrastá-la junto comigo.

E a atitude do Simon me irritou. Ele tinha me acusado de inventar histórias, mirando injustamente em seu pobre e incompreendido irmão.

“Estava quente no restaurante,” eu disse. “Então eu arregacei minhas mangas.”

“O quê?”

Eu puxei a minha esquerda para cima, mostrando quatro machucados, escuros como manchas de tinta.

Simon empalideceu.

“Minha tia quis saber o que aconteceu. Quando eu não disse a ela, ela me enganou para admitir que foi um garoto. Ela tinha conhecido Derek essa manhã e ele foi rude, então ela decidiu que tinha de ser ele. Eu nunca

confirmei. Se ele está em encrenca, não é culpa minha. Eu tinha todo o direito de contar a alguém e eu não contei.”

“Está bem, está bem.” Ele esfregou sua boca, ainda encarando meu braço.

“Então ele agarrou o seu braço. É isso que parece. Certo? Ele só agarrou mais forte do que achou.”

“Ele me jogou do outro lado do cômodo.”

Os olhos de Simon se arregalaram, então ele abaixou suas pálpebras para esconder sua surpresa. “Mas ele não quis fazer isso. Se você tivesse visto como ele se apavorou ontem a noite, você saberia disso.”

“Então isso deixa tudo bem? Se eu ficar nervosa e te bater, está tudo bem, porque eu não quis fazê-lo, não planejei.”

“Você não entende. Ele simplesmente—”

“Ela está certa.” A voz de Derek o precedeu contornando a esquina.

Eu me encolhi. Eu não conseguia evitar. Enquanto o fazia, um olhar passou nos olhos de Derek. Remorso? Culpa? Ele pestanejou.

Ele parou atrás do ombro do Simon, há pelo menos um metro e meio de mim.

“Eu queria falar com você na noite passada. Quando você tentou ir embora, eu te puxei de volta e...” Ele dissipou, o olhar desviando para o lado.

“Você me jogou do outro lado do cômodo.”

“Eu não – É, você está certa. Como eu disse. Sem desculpas, Simon? Vamos.”

Simon balançou sua cabeça. “Ela não entende. Veja, Chloe, não é culpa do Derek. Ele é super forte e —”

“E você não estava usando seu colar de kriptonita,” Derek disse. Sua boca

se contorceu em um sorriso amargo. “É, eu sou grande; E sou bem rápido. Talvez eu não conheça a minha própria força ainda.”

“Não é—” Simon começou.

“Não é desculpa, como você disse. Você quer que eu fique longe de você? Desejo concedido.”

“Derek, conte a ela—”

“Deixa pra lá, está bem? Ela não está interessada. Ela deixou isso muito, muito claro. Agora vamos antes que alguém me pegue com ela e eu seja pisoteado novamente.”

"Chloe!" A voz da Sra. Talbot soou pelo quintal.

“Timing perfeito,” Derek murmurou. “Teve ter PES*.”

“Só um segundo,” eu falei de volta, movendo-se para o lado para que ela pudesse me ver.

“Vá em frente,” Derek disse quando a porta de trás se fechou com tudo.

“Você não quer se atrasar para o seu medicamento.”

* PES = percepção extra-sensorial. Em outras palavras, telepatia ou clarividência.

Eu olhei com raiva, então me virei, fazendo uma volta grande ao redor deles enquanto ia em direção a porta. Simon murmurou algo baixinho, como se

fosse para o Derek.

Fumaça surgiu no meu caminho. Eu tropecei para trás. Ela pairou sobre o chão, como uma mancha baixa de névoa.

"Simon!" Derek sibilou.

Eu me virei, apontando para a névoa. “O que é isso?”

“O que é o quê?” Derek seguiu meu dedo. “Hm. Deve ser um fantasma.

Não, espera, você não vê fantasmas. Você alucina. Acho que é uma alucinação então.”

“Não é—”

“Não é nada, Chloe.” Ele colocou suas mãos em seus bolsos, balançando-se em seus calcanhares. “Só a sua imaginação, como todo o resto. Agora vá com a maré e tome seus remédios e seja uma garota boazinha. Não se preocupe, eu ficarei fora do seu caminho de agora em diante. Parece que eu cometi um erro. Um grande erro.”

Ele queria dizer que tinha me julgado mal. Que eu não era digna de seu interesse.

Meus pulsos se fecharam.

“Cuidado, Chloe. Você não iria querer me bater. Então eu teria que tagarelar sobre você.”

Simon deu um passo para frente. “Corta essa, Derek. Ela não tagarelou—”

“Ele sabe disso,” eu cortei, segurando o olhar de Derek. “Ele está me testando. Ele é um canalha e um valentão e quaisquer “segredos” com os quais

ele esteja me provocando, ele pode mantê-los. Ele está certo. Eu não estou interessada.”

Eu girei, marchei até o carrinho, então peguei o cabo.

“Aqui,” Simon chamou. “Eu pego isso—”

“Ela já pegou.”

Eu me virei para ver a mão de Derek no ombro de Simon.

Simon gesticulou para que seu irmão saísse. “Chloe -”

Eu maquinei o carrinho de volta para a casa.

Dezoito

QUANDO EU ENTREI PELA porta dos fundos, eu quase atrolei a Tori.

“Se divertiu colocando o lixo para fora?” ela perguntou.

Eu olhei para trás através das cortinas com rufos para ver Simon perto do galpão. Eu podia ter dito que ele estava ajudando ou, melhor ainda, apontar que Derek estava lá também, se ela olhasse com mais atenção.

Mas eu não vi o porquê.

Derek me culpou por metê-lo em encrenca. Simon me culpou por meter Derek em encrenca.

Se Tori fosse me culpar por caçar o seu não-namorado, que fosse. Eu não tinha energia para ligar.

Rae estava quieta a tarde toda. Os comentários de Tori sobre seus pais não a visitarem parecia ter deixado-a para baixo. No intervalo, tivemos permissão para ir no andar de cima antes das aulas e mudar o resto das fotos dela para o nosso quarto.

“Obrigada por ajudar com isso,” ela disse. “Eu sei, eu não tenho que tirar isso agora, mas se eu deixar uma dessas, Tori é capaz de jogá-la fora e dizer que pensou que eu não queria mais.”

Eu olhei para a foto do alto, uma de uma garota loira por volta dos três anos e um garoto ligeiramente mais velho, que pareciam nativos americanos.

“Bonitinhos. Amigos? Crianças que você tomou conta?”

“Não, meu irmão e minha irmã caçulas.”

Tenho certeza de que meu rosto ficou de um vermelho brilhante e eu

gaguejei uma desculpa.

Rae riu. “Não precisa se desculpar. Eu sou adotada. Minha mãe era da Jamaica. Ou foi o que me disseram. Ela era só uma criança quando me teve, então teve que me dar para adoção. Esses—” ela apontou para uma foto de um casal caucasiano na praia “—são a minha mãe e o meu pai. E essa—” ela apontou para uma garota hispânica estudando a câmera com o Pato Donald “—

é a minha irmã, Jess. Ela tem doze anos. Esse—” Ela acenou para um garoto de rosto cerimonioso com cabelo vermelho “—é o meu irmão, Mike. Ele tem oito anos. Uma família muito multicultural, como pode ver.”

“Cinco filhos? Uau.”

“Jess e eu fomos adotadas. Os outros foram agregados*. Mamãe gosta de crianças.”

Ela pausou. “Bem, pelo menos em teoria.”

Nós andamos até o meu quarto. Ela tomou a pilha de fotos de mim e a colocou em sua nova penteadeira.

Enquanto ela deslocava seu Nintendo DS para o lado, seus dedos bateram no plástico arranhado. “Você sabe como algumas crianças ficam quando elas ganham uma nova engenhoca? Por semanas ou até mesmo meses é o treco mais legal, melhor, mais interessante que elas já possuíram e elas não conseguem parar de falar sobre isso. Elas carregam eles para todo lugar.

Então, um dia, elas ficam toda animadas com outro dispositivo eletrônico. Não

há nada de errado com o antigo. Simplesmente não é mais legal e novo. Bem, é assim que a minha mãe é.” Ela se virou e andou até a cama. “Só que com

ela, não são dispositivos eletrônicos. São crianças.”

"Ah."

“Quando eles são pequenos, eles são ótimos. Quando eles ficam mais velhos... nem tanto.” Rae sentou na cama e balançou sua cabeça. “É, eu provavelmente estou sendo muito dura com ela. Você sabe como é. Quando você é pequena, sua mãe é tão legal e não faz nada de errado e então quando você fica mais velha—” Ela parou e corou. “Não, eu acho que você não sabe como é, sabe? Me desculpe.”

“Está tudo bem.” Eu sentei na minha cama.

“Seu pai nunca se casou novamente?”

Eu balancei minha cabeça.

“Então quem cuida de você?”

* no original, 'foster', que são as crianças que são tiradas temporariamente dos orfanatos e colocadas numa casa com uma família, mas não são adotadas oficialmente.

Enquanto nos dirigíamos para a aula, eu contei a ela sobre a tia Lauren, e a sucessão sem fim de governantas, fazendo a rir com minhas impressões, e esquecer de tudo mais... pelo menos por um tempinho.

Naquela tarde, durante minha sessão com a Dra. Gill, eu fiz uma atuação digna de Oscar. Eu admiti que, como ela suspeitava, eu tinha achado que podia ver fantasmas. Agora, depois de escutar seu diagnóstico e deixar minha medicação fazer efeito, eu entendi que estivera alucinando. Eu era esquizofrênica. Eu precisava de ajuda.

Ela caiu totalmente nessa.

Tudo que eu tinha que fazer algo era continuar atuando por uma semana, mais ou menos, e eu estaria livre.

Quando a aula acabou, Rae e eu fizemos nosso dever de casa juntas na sala de mídia. Simon passou pela porta algumas vezes e eu achei que ele talvez quisesse falar comigo, mas quando eu enfiei minha cabeça para fora da porta, ele desapareceu escada acima.

Enquanto eu trabalhava, eu pensei sobre aquele pedaço de névoa no quintal. Se Derek não o tivesse visto também, eu teria confundido-o com um fantasma.

Por que ele tinha calado Simon? O Simon de algum jeito estava causando as minhas “alucinações”? Algum tipo de efeito especial?

Claro, isso explicaria os fantasmas que eu tinha visto na escola – projeções holográficas criadas por um cara que eu nunca tinha conhecido.

Certo.

Mas algo estava acontecendo.

Ou, pelo menos, era isso que Derek queria que eu acreditasse.

Ao se recusar a explicar e fazer um estardalhaço da recusa, Derek queria que eu fizesse exatamente o que eu estava fazendo agora – enlouquecendo ao me perguntar o que ele não estava me contando. Ele queria que eu fosse até ele, implorando por respostas, para que ele pudesse me ridicularizar e me atormentar um pouco mais.

De jeito algum Simon ou Derek poderiam ter criado os fantasmas na escola, mas aquela névoa seria um efeito simples de realizar. Talvez Derek tivesse feito isso. Foi por isso que Simon tinha protestado, e Derek tinha

calado-o.

Simon estava com medo de seu irmão? Ele fingia defendê-lo e agia como um melhor amigo, mas que escolha ele tinha? Ele estava preso com Derek até que seu pai voltasse.

Onde estava seu pai?

Por que ele tinha matriculado Simon e Derek na escola com nomes falsos?

Por que Simon estava aqui, se ele nem tinha uma ficha?

Perguntas demais. Eu precisava começar a achar respostas.

Estávamos limpando a mesa depois do jantar quando a Sra. Talbot veio na sala de jantar com um homem que ela apresentou como o Dr. Davidoff, o chefe

do comitê que comandava a Casa Lyle. Com só um fino círculo de cabelo e um

nariz enorme e afiado, ele era tão alto que parecia estar permanentemente abaixado para escutar melhor. Com o cabelo e o nariz, ele possuía uma semelhança infeliz com um abutre, a cabeça abaixada, os olhos de conta atrás de seus óculos.

“Essa deve ser a pequena Chloe Saunders.” Ele sorria de alegria com a falsa cordialidade de um homem de meia idade que não tem filhos e nunca para pensar que uma garota de quinze anos pode não gostar de ser chamada de “pequena” Chloe Saunders.

Ele me deu um tapinha desajeitado nas costas. “Eu gostei do seu cabelo, Chloe. Mechas vermelhas. Muito descolado.”

Ele disse “descolado” como eu digo uma palavra em espanhol quando eu não estou certa da pronúncia. Rae girou seus olhos atrás das costas dele,

então foi para frente. "Ei, Dr. D.""Rachelle. Ah, desculpe, Rae, certo? Está ficando longe de encrencas?"

Rae deu um sorriso alegre, um feito por encomenda para adultos que ela tinha que puxar o saco. "Sempre, Dr. D." "Essa é a minha garota. Agora, Chloe,

a Dra. Gill me disse que você teve um avanço e tanto hoje. Ela está muito feliz

com o seu progresso e com o quão rapidamente você se encaixou na rotina terapêutica e aceitou seu diagnóstico."

Eu tentei não me contorcer. Ele quis dizer isso de um jeito bom, mas ser uma boa paciente não era algo que eu queria ser publicamente parabenizada. Especialmente quando Derek tinha parado de comer para observar.

Agora vá com a maré, tome seus remédios e seja uma garota boazinha.

O Dr. Davidoff continuou. "Normalmente eu não me encontro com os novos até que eles estejam aqui a pelo menos uma semana, mas já que você está acelerada, Chloe, eu não quero segurá-la. Eu tenho certeza de que você está ávida para voltar para seus amigos e para a escola o mais rápido possível."

"Sim, senhor." Eu copiei o sorriso alegre de Rae, ignorando o olhar pesado de Derek. "Vamos comigo então e conversaremos no escritório da Dra. Gill."

Ele pôs sua mão no meu ombro para me propelir para fora.

Tori passou na nossa frente. "Olá, Dr. Davidoff. Aquele novo remédio que você me deu está funcionando a mil maravilhas. Eu estou indo muito bem."

"Isso é bom, Victoria."

Ele deu um tapinha em seu braço distraidamente, então me guiou para fora.

A sessão foi similar com a primeira que eu tive com a Dra. Gill, preenchendo o passado. Quem era Chloe Saunders? O que aconteceu com ela? Como ela se sentiu quanto a isso? Tenho certeza de que ele poderia obter tudo isso das anotações da Dra. Gill, e ela tinha ficado até tarde hoje para participar como ouvinte, mas era como em filme policial, onde o detetive entrevista o suspeito, fazendo todas as mesmas perguntas que o último cara. Não é a informação que é importante, mas como eu falo. Qual a minha reação emocional? Que detalhes extras eu acrescentei dessa vez? O que eu deixei de fora? Para tudo sua falsa cordialidade, o Dr. Davidoff era o supervisor da Dra. Gill, o que quer dizer que ele estava aqui para checar o trabalho dela. A Dra. Gill tinha se sentado dura e tensa, inclinando-se para frente, estreitando os olhos para mim enquanto ela corria para capturar cada palavra, cada gesto, como uma estudante com medo de perder um ponto chave para um exame. O Dr. Davidoff tomou seu tempo, pegando um café para si e um suco de caixinha para mim, relaxando na cadeira da Dra. Gill, conversando comigo antes de começarmos. Quando ele me perguntou se eu tinha tido alguma alucinação desde que eu chegara aqui, eu disse sim, que eu tinha visto uma mão sem corpo na segunda manhã e ouvido uma voz mais tarde naquele dia. Eu não mencionei ontem, mas disse honestamente que tudo estivera bem hoje. Eu estava “bem, simplesmente bem,” me deu um tapinha nas costas, e me guiou para fora do escritório.

Enquanto eu passei pela porta aberta da sala de mídia, eu dei uma olhada adentro. Derek estava no computador, suas costas para mim enquanto ele jogava o que parecia ser um jogo de estratégia de guerra. Simon também estava jogando um jogo, em seu Nintendo DS, enquanto estava jogado de lado

na cadeira reclinável, as pernas jogadas por cima do braço.

Ele me notou e se endireitou, os lábios separando como se pronto para me chamar.

“Se vai pegar um lanche, pegue uma coca para mim,” Derek disse, a atenção fixa na tela. “Você sabe onde elas estão escondidas.”

Simou parou, o olhar desviando entre nós. Seu irmão estava lhe dando a desculpa perfeita para escapular e falar comigo, mas ele ainda hesitou, como se

sentisse uma armação ou um teste. Não havia jeito de Derek saber que eu estava aqui, atrás de suas costas. Ainda assim Simon molengou em sua cadeira.

“Se quer uma coca, pegue você mesmo.”

“Não te pedi para me pegar uma. Eu disse que se você ia.”

“Eu não vou.”

“Então diz de uma vez. Qual a sua hoje?”

Eu continuei corredor abaixo.

Eu achei Rae na sala de jantar, o dever de casa espalhado na mesa.

“Você tem um DS, não tem?” Eu perguntei.

“Aham. Só tem Mario Kart nele, contudo. Você quer emprestado?”

“Por favor.”

“Está na minha penteadeira.”

Eu passei pela entrada da sala de mídia novamente. Os garotos ainda estavam ali, parecendo que não tinham se movido desde que eu passei pela última vez. Novamente Simon olhou. Eu acenei para o DS da Rae e gesticulei.

Ele sorriu e me mandou um jôia discreto.

Agora era achar um lugar ao alcance... Eu tinha um DS em casa e sabia que eu deveria ser capaz de conectar com outro dentro de quinze metros. A sala de mídia estava espremida entre o corredor da frente e a sala de aula, ambos fora de limites para que eu ficasse. Mas também estava bem abaixo do banheiro. Então eu subi, liguei o PictoChat* e rezei para que conseguisse me conectar com o Simon.

Eu consegui.

Eu usei o stylus** para escrever minha mensagem: vc quer conversar?

Ele fez um sinal de positivo, então escreveu um D seguido por uma foto do que, após um momento, eu percebi que era um olho. Sim, ele queria falar, mas

Derek estava de olho nele.

Antes que eu pudesse responder, ele mandou outra. D 8, uma caixa com um “sabonete” desenhado dentro, cercado por bolhas. Levou um momento, mas eu finalmente interpretei isso como “Derek vai tomar banho lá pelas oito.”

Ele apagou isso e desenhou um 8 seguido por um quintal. Encontrá-lo do lado de fora as oito.

Eu mandei de volta um sinal de positivo.

* é um software que possibilita a conversa de aparelhos Nintendo DS, com o outro até uma distância máxima de 30 metros.

** programa dentro do PictoChat, em que se pode escrever ou desenhar.

Dezenove

ÀS 19h50, EU ESTAVA AJUDANDO Rae a esvaziar a lavadora de louças.

Na sala escutei Simon perguntar se poderia sair para fazer alguns lançamentos

enquanto Derek tomava banho. A senhora Talbot o alertou que estava ficando escuro, e que ele não poderia ficar por muito tempo, mas ela desligou o alarme

e o deixou sair. Uma vez que a lavadora estava vazia, falei para Rae que a encontraria mais tarde, e então escapei atrás dele.

Como à senhora Talbot havia alertado o crepúsculo estava chagando. As enormes árvores que delineavam o quintal, criavam ainda mais sombras. A cesta de basquete estava em um pedaço de concreto, fora do alcance das luzes do alpendre, e eu somente conseguia ver o borrão branco da camiseta branca de Simon, e escutar o bump-bump-bump do quicar da bola. Eu circulei

o perímetro.

Ele não me viu, apenas continuou jogando, sua atenção fixada na bola, seu rosto solene.

Continuando nas sombras, me aproximei e esperei que me notasse.

Quando ele me viu, pulou como que assustado, então acenou em direção á uma parte ainda mais escura do outro lado da rede.

“Esta tudo bem?” eu perguntei. “Você parece... ocupado.”

“Apenas pensando.” Seu olhar seguiu em direção da linha da cerca. “Mal posso esperar para sair daqui. Acho que igual a todos aqui, mas...”

“Rae falou que vocês já estão aqui á algum tempo.”

“Pode se dizer que sim.”

Uma sombra passou por trás de seus olhos, como se estivesse vendo o futuro, e não achando nenhum sinal de liberdade. Pelo menos eu tinha um lugar para ir. Eles estiveram em lares adotivos. Para onde iriam depois daqui? Ele jogou a bola com força e conseguiu sorrir. “Estou desperdiçando nosso tempo não é? Tenho cerca de dez minutos antes do Derek procurar por mim. Primeiro, quero dizer que sinto muito.”

“Por quê? Você não fez nada.”

“Pelo Derek.”

“Ele é o teu irmão, não a tua responsabilidade. Você não pode impedir o que ele faz.” Apontei na direção da casa. “Por que você não quer que ele nos veja conversando? Ele vai ficar zangado”.

“Ele não vai ficar feliz.” Ele viu minha expressão e deixou escapar uma risada afiada. “Você quer dizer, se tenho medo dele me dar uma surra? De jeito

nenhum. Derek não é assim. Se ele fica zangado, só o que vai fazer é me tratar

da mesma maneira como trata a todos, ele vai me ignorar. Dificilmente fatal, mas não, se puder evitar eu não quero deixá-lo zangado. É que...”

Ele começou a quicar a bola, sua atenção fixada naquilo. Depois de um momento, ele parou a girou a bola nas mãos. “ ele já esta furioso por que eu o defendi, ele odeia isso, e agora se estou conversando com você, tentando explicar, quando ele não quer dar explicações...”

Ele girou a bola na ponta do dedo. “Veja, o Derek não é muito chegado às pessoas.”

Tentei não parecer chocada.

“Quando ele decidiu que provavelmente você estava mesmo vendo fantasmas, eu deveria ter dito, irmão, deixe que eu fale com ela. Eu deveria ter cuidado disso... bem, de maneira diferente. Derek não sabe quando desistir. Para ele é simples quanto dois mais dois. Se você não conseguir descobrir sozinha e não escutar quando ele te dá a resposta, ele vai continuar empurrando você até que acorde.”

“Fugir gritando também não ajuda.”

Ele riu. “Ei, se o Derek me perseguisse, eu também estaria gritando. E hoje você não fugiu. Você o encarou, o que acredite em mim, é uma coisa com a qual ele não está acostumado.” Ele sorriu. “Isso é bom. Isso é tudo o que você

tem que fazer. Não aceite as idiotices dele.”

Ele jogou a bola outra vez. Dessa vez ela caiu graciosamente através da cesta.

“Então o Derek acha que sou um... Necromante?”

“Você vê fantasmas, certo? Um cara morto falou com você, te perseguiu e pediu ajuda?”

“Como você...?” eu parei. Meu coração disparado, minha respiração vindo rápida e difícil. Eu acabara de convencer a Dra. Gill que eu havia aceitado meu

diagnostico. Por mais que quisesse acreditar em Simon, eu não me atrevia.

“Como eu sei? Por que é isso que fantasmas fazem com os necromantes.

Você é a única pessoa que pode escutá-los, e todos eles têm algo a dizer. É por isso que estão andando por aí, no limbo ou outro lugar.” Ele deu de ombros

e jogou a bola. “Não sei muitos detalhes. Na verdade nunca conheci um

necromante. Eu só sei o que me falaram.”

Eu inalei e exalei antes de falar, tão casual quando pude. “Acho que isso faz sentindo. É isso que se espera, que fantasmas façam contato com as pessoas que podem falar com os mortos. Médiuns, espíritas, videntes, essas coisas.”

Ele balançou a cabeça. “Sim, médiuns, espíritas e videntes são pessoas que acham que podem falar com os mortos. Mas necromantes podem. É hereditário.” Ele sorriu. “Como cabelo loiro. Você pode cobrir ele com mechas

vermelhas, mas por baixo, ele ainda é loiro. E você pode ignorar os fantasmas,

mas eles vão continuar vindo. Eles sabem que você pode vê-los.”

“Eu não entendo.”

Ele girou a bola e a equilibrou na palma da mão. Então murmurou algo. Eu estava prestes á falar que não conseguira escutar, quando a bola se ergueu. Levitando.

Eu fiquei olhando.

“Sim, eu sei, é quase tão inútil quanto aquela pequena neblina.” Ele falou, seu olhar fixado na bola que levitava, como que concentrado. “Agora, se eu pudesse levantar essa bola mais alguns centímetros, talvez até o aro da cesta, e acertar todas as vezes, isso seria um truque. Mas eu não sou Harry Potter e mágica de verdade não funciona desse jeito.”

“Isso é... Mágica?” eu falei.

A bola caiu na mão dele. “Você não acredita em mim, não é?”

“Não eu...”

Ele me cortou com uma risada. “Você acha que é algum tipo de truque ou

efeito especial. Bem, garota dos filmes, traga seu traseiro para cá e faça o teste.”

“Eu”...

“Venha aqui.” Ele apontou para o lugar ao lado dele. “Veja se você consegue achar os fios.”

Eu me aproximei. Ele falou algumas palavras, ainda mais alto agora, para que eu pudesse escutá-las. Não era inglês.

Quando a bola não se moveu, ele amaldiçoou. “Eu mencionei que não sou o Harry Potter? Vamos tentar novamente.”

Ele repetiu as palavras, devagar, seu olhar grudado na bola. A bola se ergueu uns cinco centímetros.

“Agora procure por fios ou arames, ou qualquer outra coisa que você acha que possa estar segurando isso.”

Eu hesitei, mas ele continuou incentivando e provocando até que me aproximei e coloquei um dedo entre a bola e a mão dele. Quando não bati em nada, deslizei todos meus dedos por debaixo da bola e então os mexi. A mão de Simon se fechou, agarrando minha mão e eu gritei enquanto a bola caía no chão de concreto.

“Sinto muito” ele falou, sorrindo, seus dedos ainda segurando os meus.

“Não pude resistir.”

“Sim, sou nervosa, como o teu irmão provavelmente já te falou. Então como você...” eu olhei para a bola, que parou na grama. “Uau.”

Seu sorriso aumentou. “Você acredita agora?”

Enquanto olhava a bola, eu lutava por uma explicação. Nenhum apareceu.

“Você pode me ensinar a fazer isso?” eu falei por fim.

“Não. Não mais do que você pode me ensinar como ver fantasmas. Ou você tem isso ou não.”

“Jogando basquete no escuro Simon”? Perguntou uma voz do outro lado do quintal. “Você deveria ter me chamado”. “Você sabe que sempre estou disposta a um...”

Tori parou abruptamente quando me viu. Seu olhar se moveu para minha mão, que ainda estava na dele.

“... Jogo a dois.” Ela terminou.

Puxei meus dedos para longe. Ela continuou encarando.

“Ola Tori.” Simon falou enquanto pegava a bola. “O que há?”

“Vi você jogando e pensei que talvez pudesse usar um parceiro.” O olhar dela se voltou para mim, sua expressão impossível de ler. “Acho que não.”

“Eu tenho que entrar” eu falei. “Obrigado pelo jogo Simon.”

“Não, espere.” Ele deu um passo em minha direção, então olhou para a Tori. “Uh, certo. De nada. E esta ficando escuro, não é? Deve ser a hora do lanche agora.” Ele correu para dentro de casa.

Deitei em minha cama, sem conseguir dormir. Dessa vez, entretanto, não eram os pesadelos que me mantinham acordada, mas os pensamentos que gritavam em minha cabeça, tão alto e insistente que pela meia noite, eu estava seriamente considerando uma verdadeira fuga até a cozinha, para pegar o tubo

de Tylenol que vi lá.

Eu era um necromante.

Ter um rótulo deveria vir com um alívio, mas eu não estava certa se isso era melhor do que a esquizofrenia. Pelo menos a esquizofrenia era algo

conhecido e havia medicamentos. Eu poderia conversar com as pessoas sobre isso, conseguir ajuda para lidar com a doença, tomar meus remédios, e fazer os sintomas desaparecer.

Esses mesmos remédios poderiam encobrir os sintomas da necromancia, mas como Simon falou, seria como colorir meu cabelo, ainda seria a mesma coisa por baixo, como minha verdadeira natureza esperando para surgir assim que a medicação acabasse.

Necromancia.

Passei dias negando que eu via fantasmas, e agora, abruptamente, não tenho nenhum problema para acreditar em mágica? Eu deveria ter exigido mais

demonstrações. Achado explicações alternativas. Mas eu havia feito isso comigo mesma, e agora, percebendo que realmente vejo os mortos, havia quase um conforto em aceitar que eu não era a única aqui com poderes estranhos.

E sobre Derek? Simon falou que Derek era anormalmente forte. Isso seria mágica? Eu havia sentindo aquela força. Li sua ficha, e sabia que ate mesmo as autoridades haviam estado confusas com a causa.

Por mais bizarro que possa soar, a explicação que fazia mais sentido, era a mais distante da realidade. Havia pessoas lá fora com poderes encontrados apenas em lendas e filmes. E nós éramos parte disso.

Eu quase ri. Isso parecia uma coisa saída de uma revista em quadrinhos.

Garotos com poderes sobrenaturais como super heróis.

Super heróis? Certo. De alguma forma, não acho que ver fantasmas e levitar bolas de basquete ira nos ajudar a salvar o mundo contra o mal. Se ambos, Derek e Simon possuem poderes, foi assim que acabaram juntos

como

irmãos adotivos? O que o pai deles falou? O desaparecimento dele tem algo a ver com a magia? Era por isso que os rapazes se matriculavam nas escolas com nomes falsos e estavam sempre se mudando? É isso o que pessoas como nós temos que fazer? Se esconder?

As perguntas se amontoavam em meu cérebro, nenhuma delas disposta a sumir sem uma resposta... Respostas que eu não tinha como conseguir as duas da manhã. Eles quicavam ao redor como a bola de basquete de Simon. Depois de um tempo, eu jurei poder vê-las, bolas laranjas pulando na minha cabeça, para frente e para trás, para frente e para trás, até que cai no sono. Uma voz cortou através do grosso manto do sono, e eu me virei, lutando para achar o caminho da consciência.

Engoli o ar enquanto olhava pelo quarto, meus olhos e ouvidos atentos. Tudo ainda estava silencioso. Olhei para Rae. Ela estava dormindo profundamente.

Um sonho. Eu comecei a me deitar.

“Acorde”.

O sussurro flutuou através da porta semi aberta. Eu deitei, resistindo a urgência de puxar os cobertores mais para cima.

Acho que você não vai mais se esconder? Esse é o plano, certo? Não ignorar mais as vozes, mas conseguir respostas, e tomar o controle.

Respirei fundo. Então deslizei para fora da cama e caminhei para o corredor. O patamar estava vazio. Eu escutava apenas o tiquetaquear do relógio vovô no andar de baixo. Quando me virei, uma forma pálida piscou próxima a uma porta fechada no fim do corredor. Eu achava que era um

armário. Qual o problema dos fantasmas com os armários nessa casa?

Caminhei pelo corredor e abri a porta. Uma escada escura levava para cima.

O

sótão.

Uh-uh, isso era tão ruim quanto o porão, talvez pior. Eu não iria seguir nenhum fantasma lá para cima.

Boa desculpa.

Eu não estou...

Você não quer falar com eles. Não de verdade. Você não quer saber a verdade.

Ótimo. Não apenas eu tinha que lidar com o escárnio e as piadas de Derek, como agora minha voz interna estava começando a soar como ele.

Respirei fundo e entrei.

Vinte

EU DESLIZEI MINHA MÃO PELA parede, procurando por um interruptor de

luz, então parei. Era uma boa ideia? Com a minha sorte, Tori iria para o banheiro, veria a luz do sótão, e investigaria... só para me achar aqui falando comigo mesma.

Eu deixei a luz desligada.

Uma mão no corrimão, a outra escorregando pela parede oposta, eu subi as escadas, ascendendo para a escuridão.

Minha mão escorregou do final do corrimão, e eu me lancei para frente.

Eu alcancei o topo. Uma gota da luz do luar veio da minúscula janela do sótão, mas mesmo depois de eu ter parado para deixar meus olhos se ajustarem, eu só consegui distinguir formas vagas.

Eu andei com as minhas mãos esticadas, sentindo meu caminho. Eu bati em algo, e lançou uma nuvem de poeira para cima. Minhas mãos voaram para o meu nariz para impedir um espirro.

“Garota...”

Eu endureci. Era o fantasma do porão, aquele que ficava insistindo que eu abrisse a porta trancada. Eu tomei um longo fôlego. Quem quer que ele fosse, ele não poderia me machucar. Mesmo aquele zelador, por mais que tivesse tentado, não pôde fazer nada mais do que me assustar.

Eu tinha o poder aqui. Eu era a necromante.

“Quem é você?” eu perguntei.

“... contato... passar....”

“Não consigo te entender.”

“... bloqueado...”

Algo estava bloqueando ele de fazer contato? Sobras de remédio no meu sistema?

“... porão... tente...”

“Tentar aquela porta de novo? Esquece. Nada mais de porões. Nada mais de sótãos. Se quiser falar comigo, faça-o no nível principal. Entendeu?”

“... não posso... bloqueado...”

“Sim, você está bloqueado. Eu acho que era algo que eu estava tomando, mas deve ficar melhor amanhã. Fale comigo no meu quarto. Quando eu estiver

sozinha. Está bem?”

Silêncio. Eu repeti, mas ele não respondeu. Eu fiquei parada lá, tremendo, por pelo menos cinco minutos antes de tentar uma última vez. Quando ele não

respondeu, eu me virei na direção das escadas.

“Chloe?”

Eu girei tão rápido que eu bati em algo na altura do joelho, minhas pernas nuas raspando contra a madeira, as mãos atingindo o topo com uma batida, me envolvendo em uma nuvem de poeira. Eu espirrei.

“Deus te acuda.” Um risinho. “Você sabe por que dizemos isso?”

Sangue golpeou os meus ouvidos a medida que eu reconhecia a voz. Eu conseguia enxergar a Liz, há alguns metros, vestida com sua camisola da Minnie Mouse.

“É porque quando espirramos, nossas almas voam dos nossos narizes e se ninguém disser ‘deus te acuda,’ o diabo pode pegá-las.”

Outro risinho. “Ou é o que minha vó sempre diz. Engraçado, né?”

Eu abri minha boca, mas não consegui forçar as palavras para fora.

Ela olhou ao redor, o nariz enrugando. “É o sótão? O que você está fazendo aqui?”

“Eu–eu–eu–eu–”

“Respire fundo. Isso sempre ajuda o meu irmão.” Outra olhada ao redor.

“Como viemos parar aqui? Ah, certo. A sessão espírita. Nós íamos fazer uma sessão espírita.”

“Sessão espírita?” eu hesitei. “Não se lembra?”

“Lembra do quê?” Ela franziu a testa. “Você está bem, Chloe?”

Não, eu tinha bastante certeza de que não estava. “Você... deixa para lá.

Eu – eu só estava falando com um homem. Consegue vê-lo? Ele está aqui?”

“Hm, não. Estamos só nós.” Seus olhos ficaram redondos. “Você está vendo fantasmas?”

“Fan-fantasmas?”

“Chloe?”

A voz era afiada e eu girei para ver a Sra. Talbot tateando seu caminho até mim. Eu me virei para Liz. Ninguém estava ali.

“Chloe, o que você está fazendo aqui em cima?”

“Eu–eu–eu–eu achei que tinha ouvido... um camundongo. Ou um rato.

Alguma coisa estava se movendo aqui em cima.”

“E você estava falando com ele?” Tori passou pela entrada do sótão.

“N-não, eu-eu-”

“Ah, eu tenho bastante certeza que ouvi você dizer fantasma. E você estava definitivamente falando com alguém. Parece que você não está tão curada quando disse que estava.”

A Sra. Talbot me trouxe uma pílula para dormir e esperou enquanto eu a tomava. O tempo todo, ele não disse uma palavra para mim, mas enquanto eu escutava seus pés batendo duplamente escada abaixo, eu soube que haveria muitas palavras para a Dra. Gill e o Dr. Davidoff.

Eu tinha estragado tudo.

Lágrimas queimaram os meus olhos. Eu as limpei.

“Você realmente consegue ver fantasmas, não consegue?” Rae sussurrou.

Eu não disse nada.

“Eu ouvi o que aconteceu. Você nem ao menos vai admitir isso para mim agora, vai?”

“Eu quero cair fora daqui.”

“Novidade. Todos queremos.” Um corte se arrastou em sua voz. “Tudo bem mentir para eles. Mas eu achei que você estivesse vendo fantasmas mesmo antes de você saber. Quem te deu a ideia de procurar pelo cara que você viu na sua escola? Você procurou ele, não procurou? Você simplesmente não se preocupou em me contar.”

“Não é—”

Ela girou, suas costas para mim. Eu sabia que devia dizer algo, mas não tinha certeza do que.

Quando fechei meus olhos, eu vi Liz novamente e meu estômago apertou.

Eu tinha mesmo visto-a? Falado com ela? Eu lutei por outra explicação. Ela não podia ser um fantasma porque eu a tinha visto e ouvido claramente – não como o fantasma que tinha me chamado lá. E ela não podia estar morta. As enfermeiras tinham prometido que poderíamos falar com ela.

Quando poderíamos falar com ela?

Eu lutei para me levantar, de repente precisando saber agora. Mas eu estava tão cansada que não conseguia pensar direito e flutuei aqui, apoiada nos meus cotovelos, enquanto a pílula para dormir surtia efeito.

Algo sobre a Liz. Eu queria checar... .

Minha cabeça caiu no travesseiro.

Vinte e Um

NA MANHÃ SEGUINTE QUANDO FUI chamada para a reunião com os médicos, fiz o melhor controle de danos que pude. Declarei que realmente havia passado do estagio eu-vejo-gente-morta e aceito minha condição, mas havia acordado escutando uma voz na noite, chamando por mim no sótão. Eu estava confusa, sonolenta, sonhando que via fantasmas, não realmente os vendo.

A Dra. Gill e o Dr. Davidoff não apreciaram completamente a distinção. Então tia Lauren chegou. Foi como quando eu tinha onze anos, pega olhando os resultados do teste, incentivada por meus colegas de classe, e ansiosa para impressionar. Ter sido levada até o escritório do diretor havia sido

ruim o suficiente. Mas desapontar tia Lauren havia doído mais que qualquer punição. Naquele dia, vi o mesmo desapontamento, e não havia machucado menos.

No final eu havia conseguido persuadi-los que eu havia tido uma pequena regressão, mas foi como uma criança gritando lobo. Da próxima vez que eu alegasse estar melhorando, eles levariam mais tempo para acreditar. Agora não haveria um caminho rápido para minha liberdade.

“Vamos precisar que você nos forneça amostras de urina na próxima semana.” Dra. Gill falou.

“Oh, isso é ridículo.” Tia Lauren falou. “Como vamos saber se ela não estava tendo uma crise de sonambulismo e sonhando? Ela não pode controlar os sonhos.”

“Sonhos são as janelas para a alma.” A Dra. Gill falou.

“As janelas para a alma são os olhos.” Minha tia rebateu.

“Qualquer um formado em psiquiatria ira lhe falar que é o mesmo para os sonhos. A voz da Dra. Gill estava nivelada, mas seu olhar dizia que ela estava cansada dos pais e guardiões questionando seus diagnósticos e defendendo suas crianças.” mesmo se Chloe estivesse apenas sonhando em ver fantasmas, isso sugere que subconscientemente, ela não aceitou sua condição. “Precisamos monitorá-la com testes de urina.”

“Eu-eu não entendo.” Falei. “Por que preciso de testes de urina?”

“Para nos assegurarmos de que você esteja recebendo a dosagem necessária para o seu tamanho, nível de atividade, alimentação e outros fatores. É um balanceamento delicado.”

“Eu não acredito” tia Laura começou.

Dr. Davidoff limpou a garganta. Tia Lauren pressionou os lábios em uma linha fina e começou a mexer em uma fibra em sua saia de lã. Ela raramente se dava por vencida em uma discussão, mas esses médicos possuíam a chave para o meu futuro. Eu já sabia o que ela iria falar. Os testes de urina não eram para checar a dosagem. Eles eram para terem certeza de que eu estava tomando o remédio.

Já que eu havia perdido as aulas da manhã, fui escalada para ajudar no almoço. Eu estava arrumando as mesas, perdida em meus pensamentos, quando uma voz falou. “Atrás de você”.

Virei-me para ver o Derek.

“Não posso vencer.” Ele falou. “Você é tão assustada quanto um gatinho.”

“Então se você entrar de mancinho e se anunciar, isso vai me assustar

menos do que se você tocasse no ombro”?

“Eu não entrei de mancinho.”

Ele balançou a cabeça, pegando dois rolinhos da cesta de pão, então rearranjou os outros para esconder o roubo. “Eu só queria dizer que se você e Simon querem conversar, não precisam fazer isso pelas minhas costas. A menos que queiram.”

“Nós estávamos apenas...”

“Eu sei o que estavam fazendo. Simon já me falou. Você quer respostas. Eu estou tentando dá-las para você durante todo esse tempo. Você só tem que perguntar.”

“Mas você falou...”

“Hoje à noite. Oito horas. Nosso quarto. Diga para a senhora Talbot que você vai estar comigo para aulas de matemática.”

“O lado de vocês é fora dos limites. Ela vai me deixar ir lá para cima sozinha com um garoto?”

“Apenas diga á ela que para estudar matemática. Ela não vai duvidar disso.”

Por que ele tinha problemas com matemática. Eu imaginei.

“Isso vai estar... tudo bem? Você e eu não deveríamos estar...”

“Diga a ela que Simon vai estar lá. E fale com a Talbot, não com a Van Dop.”

Vinte e dois

RAE E EU NÃO NOS FALAMOS muito o dia todo. Ela não foi má; Rae não era assim. Ela se sentou ao meu lado na aula e fez perguntas, mas não houve papo, nada de risinhos ou brincadeiras. Hoje éramos colegas, não amiga.

Antes do jantar, quando normalmente ficávamos juntas ou fazíamos lição, ela pegou seus livros, retirou-se para a sala de jantar, e fechou a porta.

Depois do jantar, eu a segui para a cozinha com meus pratos sujos.

“É minha vez de lavar a roupa,” eu disse. “Você tem um minuto para me mostrar como usar a máquina?” Eu abaixei minha voz. “E eu gostaria de falar com você.”

Ela deu de ombros. “Claro.”

“Sinto muito não ter te contado,” eu disse enquanto ela mostrava os botões da lavadora. “Eu estou... eu estou tendo dificuldades com isso.”

“Por quê? Você pode falar com os mortos. Isso é tão legal.”

Não era nada legal – era aterrorizante. Mas eu não queria soar como se estivesse choramingando. Ou talvez eu simplesmente não queria soar como uma fraca.

Eu joguei a primeira carga e acrescentei sabão.

“Opa, opa! Você vai fazer um tapete de espuma aqui.” Ela pegou a caixa de sabão de mim e tirou um pouco do detergente da máquina. “Se você pode provar que está vendo fantasmas, por que simplesmente não diz a eles?”

Uma pergunta perfeitamente lógica, mas com esse pensamento, algum instinto enraizado profundamente gritou Não conte! Nunca conte!

“Eu-eu não quero contar a ninguém a verdade. Ainda não. Não aqui.”

Ela acenou e colocou a caixa de lado. “Gill é uma burocrata com toda a imaginação de percevejo. Ela a manteria trancada aqui até que você parasse com essa ‘bobagem de fantasmas.’ É melhor guardar as coisas assustadoras para quando você sair.”

Nós selecionamos uma cesta de roupa em silêncio, então eu disse, “A razão pela qual eu queria falar com você aqui embaixo é porque, bem, tem um fantasma.”

Ela deu uma olhada vagarosa ao redor, amarrando uma camiseta ao redor de sua mão como um boxeador se preparando para uma luta.

“Não agora. Quero dizer, havia um fantasma aqui. O mesmo que eu ouvi acima na noite passada.” Antes da Liz aparecer. O dia todo eu fiquei lutando para não pensar na Liz. Se eu estivesse vendo-a, isso não queria dizer que... Por que eu não tinha perguntado a Sra. Talbot quando eu podia falar com a Liz? Eu tinha medo da resposta?

“—ele disse?”

Eu tirei isso da mente e me virei para Rae. “Hmm?”

“O que o fantasma disse?”

“É difícil dizer. Ele fica sendo cortado. Eu acho que é o medicamento. Mas ele disse que queria que eu abrisse a porta.”

Eu apontei. Sua cabeça girou ao redor tão rápido que ela recuou e esfregou seu pescoço.

“Aquela porta?” seus olhos cintilaram. “A porta trancada do porão?”

“Sim, é clichê, eu sei. Uuuuh, não entre na porta trancada, garotinha.”

Rae já estava caminhando para a porta.

Eu disse, “Eu achei que talvez nós pudéssemos, sabe, checar. Tipo abrindo ela.”

“Dãh, é claro. Eu teria feito isso há dias.” Ela chacoalhou a maçaneta.

“Como você consegue viver com o suspense?”

“Pra começar, eu tenho bastante certeza de que não tem nada ali.”

“Então por que está trancada?”

“Porque é para estocar coisas que eles não querem que mexamos. Mobília de jardim. Cobertores de inverno. Decoração de Natal.”

“Os corpos das crianças da Casa Lyle que nunca foram para casa...”

Ela sorriu, mas eu congelei, pensando na Liz.

“Jesus, eu estou brincando. Você é tão mulherzinha.”

“Não, eu simplesmente vi filmes demais.”

“Isso também.” Ela voltou para as prateleiras da lavanderia e fuçou uma caixa. “Outra porcaria de tranca, tão fácil que alguém com seis anos com cartão de crédito pode arrombar.”

“Não são muitas as pessoas de seis anos que tem cartão de crédito.”

“Aposto que a Tori tinha. É para quem essa casa foi feita.” Ela levantou uma esponja, balançou sua cabeça, e então derrubou-a de volta na caixa.

“Crianças ricas cujo único uso para um cartão de crédito é comprar um par de Timbs*. Eles enfiam trancas baratas nas portas, sabendo que vocês virarão a maçaneta e dizer “hm, trancada” e irão embora.”

“Isso é—”

Ela me parou com um olhar. “Injusto? Er, foi exatamente o que você fez, garota.” Ela brandiu um pedaço duro de papelão, uma etiqueta arrancada de uma camiseta nova.

“Não é perfeito,” ela murmurou enquanto deslizava-o entre a porta e a moldura. “Mas irá—” Ela sacudiu o papelão e xingou. “Ou talvez—” ela golpeou-o

duramente, um som cortante enquanto rasgava no meio “—não irá.”

Mais xingamentos, alguns deles bem criativos.

“Ficou um pedaço preso... Aqui, deixa eu pegar.”

Eu agarrei a beirada entre minhas unhas, o que teria sido muito mais fácil se ela as tivesse. Quando eu acordara no hospital, minhas unhas tinham sido pintadas de rosa, como se eles estivessem com medo que eu cometesse suicídio me arranhando. Eu consegui pegar o papelão, puxei... e rasguei outro pedaço, deixando o resto preso onde nenhuma unha, não importa qual comprida fosse, conseguiria alcançar.

“Tem o pressentimento de que alguém não quer que vamos lá?” Rae disse.

Eu tentei rir, mas desde que ela mencionara “corpos,” havia um gosto amargo na minha boca.

“Vamos precisar da chave,” ela pronunciou, se endireitando. “Talvez esteja no chaveiro com a do galpão na cozinha.”

“Eu pegarei.”

Quando eu deslizei para a cozinha, Derek estava mexendo na cesta de frutas. A porta não tinha feito nenhum barulho a abrir e ele estava de costas * marca de tênis e botas, geralmente usados para esportes ao livre.

para mim. A chance perfeita para dar o troco. Eu dei três passos devagares e silenciosos na direção dele, mal ousando respirar—

“A chave que você quer não está nesse chaveiro,” ele disse, não olhando para mim.

Eu congelei. Ele retirou uma maçã, deu uma mordida, então andou para a geladeira, esticou a mão atrás dela, e puxou um molho magnético de chaves. “Tente essas.” Ele as derrubou na minha mão e passou por mim a caminho da porta da cozinha. “Eu não faço ideia do que vocês estão fazendo lá embaixo, mas da próxima vez que você quiser secretamente abrir uma porta trancada, não bata nela forte o bastante para derrubar a casa.”

Quando eu levei as chaves para baixo, eu não contei a Rae que Derek sabia o que estávamos aprontando. Ela poderia decidir abortar o plano. De qualquer jeito, tagarelar não era do estilo do Derek. Ou assim eu esperava. Enquanto Rae tentava as chaves, eu esfreguei a parte de trás do meu pescoço, fazendo careta contra o palpitar entorpecente de uma dor de cabeça em ameaça. Eu realmente estava tão ansiosa para saber o que descansava atrás da porta? Eu girei meus ombros, tentando afastá-la.

“Achei,” ela sussurrou.

Ela abriu a porta para revelar...

Um armário vazio. Rae deu um passo para dentro. Eu segui. Nós estávamos num espaço tão pequeno que mal cabíamos.

“Está certo,” Rae disse. “Isso é estranho. Que constrói um armário, não coloca nada dentro, e então tranca ele? Deve ter uma pegadinha.” Ela bateu na

parede. “Uau! É de concreto. Concreto pintado. Deu um belo arranhão nas minhas articulações.” Ela tocou as paredes adjacentes. “Eu não entendo. Onde está o resto do porão?”

Eu esfreguei minhas têmporas, agora pulsando. “É um meio porão. Minha

tia morava numa velha casa vitoriana antes de cansar das renovações e se mudar para um condomínio. Ela disse que quando sua casa foi construída, não

tinha um porão, só um espaço para engatinhar debaixo da casa. Então alguém cavou um cômodo para a lavanderia. Ela costumava ter problemas realmente sérios de inundação e coisas do tipo. Talvez seja por isso que isso está vazio e trancado. Para que ninguém use.”

“Está bem, então o que o seu fantasma quer que você veja? Espaço de armazenamento negligenciado?”

“Eu te disse que provavelmente não era nada.”

As palavras saíram mais afiadas do que eu tinha intencionado. Eu girei meus ombros e esfreguei meu pescoço novamente.

“Qual o problema?” Rae pousou sua mão em meu braço. “Jesus, garota, você está coberta de calafrios.”

“É só um friozinho.”

“Talvez seja um ponto frio*.”

Eu acenei, mas eu não estava com frio. Só... ansiosa. Como um gato sentindo uma ameaça, seu pelo eriçando.

“Tem um fantasma aqui, não tem?” ela disse, olhando ao redor. “Tente contatá-lo.”

“Como?”

Ela me lançou um olhar. “Comece com ‘olá.’” Eu comecei.

“Mais,” Rae disse. “Continue falando.”

“Olá? Alguém está aqui?”

Ela girou seus olhos. Eu a ignorei. Eu já me sentia tola o bastante sem ter meus diálogos criticados.

“Se tem alguém aqui, eu gostaria de falar com você.”

“Feche seus olhos,” Rae disse. “Concentre-se.”

Algo me dizia que devia ser muito mais complicado do que “feche seus olhos, concentre-se, e fale com eles.” Mas eu não tinha uma ideia melhor. Então eu dei uma chance.

“Nada,” eu disse após um momento.

Quando abri meus olhos, uma forma passou relampejando por mim tão rápido que foi somente um borrão. Eu girei, tentando segui-la, mas tinha ido sumido.

* no original, 'cold spot', um termo usado para descrever uma área de frio localizado ou de queda repentina de temperatura, o que pode significar atividade paranormal.

“O quê?” Rae disse. “O que você viu?”

Eu fechei meus olhos e lutei para dar um replay da minha memória. Após um momento, veio. Eu vi um homem vestido em um terno cinza, recém-barbeado, usando um chapéu Fedora e óculos de armação de tartaruga, como alguém saído dos anos cinquenta.

Eu contei a ela o que eu tinha visto. “Mas foi só um relampejo. É o medicamento. Eu tive que tomá-los hoje e eles parecem... bloquear a transmissão. Eu só consigo relampejos.”

Eu me virei lentamente, os olhos estreitando enquanto eu me concentrava o mais forte que conseguia, procurando até pelo mais fraco vislumbre. Enquanto eu circulava, meu cotovelo bateu na porta, batendo-a contra a parede com um ruído estranhamente metálico.

Colocando Rae de lado, eu puxei a porta para frente para espiar atrás dela.

Ela se espremeu para dar uma olhada.

“Parece que deixamos algo passar, hein?” ela disse, sorrindo.

O armário era tão pequeno que quando a porta tinha aberto, tinha bloqueado a parede esquerda. Agora, olhando atrás dela, eu vi que tinha uma escada de metal fixa a parede. Levava a alguns passos a uma pequena porta de madeira no meio da parede, a tinta cinza sangrando com o concreto. Eu pisei na escada. A porta estava presa só pelo trinco. Um puxão com força e ela

abriu para a escuridão.

Um fedor de mofo saiu.

O cheio de morte apodrecida.

Certo. Como se eu soubesse como a morte cheirava. O único corpo que eu tinha visto fora o da minha mãe. Ela não cheirava a morte. Ela cheirava como a

mamãe. Eu me livrei dessa lembrança.

“Eu acho que é um espaço de engatinhar,” eu disse. “Como da antiga casa da minha tia. Deixe-me dar uma olhada.”

“Ei.” Ela puxou as costas da minha camiseta. “Não tão rápido. Parece terrivelmente escuro aí... escuro demais para alguém que dorme com as cortinas abertas.”

Eu corri minha mão sobre o chão. Terra úmida e comprimida. Eu a senti pela parede.

“Um espaço de engatinhar sujo,” eu disse. “Sem interruptor de luz. Nós vamos precisar de uma lanterna. Eu vi uma—”

“Eu sei. Minha vez de entrar.”

Vinte e três

QUANDO ERA VOLTOU, espalmou as mãos e falou. “Tudo bem, adivinhe onde eu escondi.”

Ela até mesmo girou, mas eu não pude ver nenhum bojo grande o suficiente para esconder uma lanterna. Com um sorriso, ela abaixou a parte da

frente da blusa, e retirou a lanterna com um floreio.

“Esse decote é ótimo.” Ela falou. “É como ter um bolso extra.” Ela colocou a lanterna na minha mão. Eu iluminei o espaço apertado. O chão sujo se estendia na escuridão tão longe quando o facho de luz podia alcançar.

Balancei a lanterna. O facho de luz iluminou algo á minha esquerda. Uma caixa

de metal.

“Tem uma caixa” eu falei. “Mas não posso alcançá-la daqui.”

Subi os dois degraus que faltavam e entrei. O espaço fedia a sujeira e a bolor. Como se ninguém tivesse entrado ali á anos.

O teto era realmente baixo, e tive que seguir abaixada. Consegui pegar a caixa. Era feita de um metal cinza com o tipo de tampa que sai completamente,

como uma caixa de presentes.

“Esta trancada?” Rae sussurrou. Ela havia subido na escada e estava espiando para dentro.

Passei o facho de luz ao redor da caixa. Não havia sinal de uma fechadura.

“Bem, então abra isso.” Ela falou.

Ajoelhando, preendi a lanterna entre meus joelhos. Deslizei meus dedos sobre a borda da tampa.

“Vamos, vamos.” Rae falou.

Eu a ignorei. Esse lugar era o que o fantasma queria me mostrar. Eu estava certa disso. E essa caixa era a única coisa nesse espaço vazio e escuro. Eu já havia visto caixas como essa em filmes, e as coisas que elas guardavam nunca eram boas. Pedacos de corpos normalmente estavam envolvidos.

Mas eu tinha que saber. A tampa começou a ceder, então parou. Eu a sacudi. Um lado saiu, mas o outro continuou emperrado. Passei meus dedos ao redor da borda, tentando encontrar o que a estava prendendo. Era um pedaço de papel.

Eu puxei e o papel rasgou, me deixando com um pedaço. Havia algo escrito nele, mas somente fragmentos de palavras. Encontrei o pedaço do papel que ainda estava preso na caixa e o puxei, forçando a tampa com minha outra mão. Com um forte puxão, o papel saiu livre... E também a tampa, que saiu voando e parou no meu colo. Antes que eu tivesse tempo para pensar, se eu queria olhar, eu estava olhando diretamente para o interior da caixa.

“Papeis?” Rae falou.

“Parecem como... Arquivos.”

Peguei uma pasta marcada 2002 e puxei um bolo de papeis. Li o primeiro.

“Imposto sobre propriedade.” Folheie os outros papéis. “São apenas documentos e coisas que eles precisam guardar. Eles os colocam dentro de uma caixa a prova de fogo e os guardam aqui. Provavelmente a porta só é trancada por que não nos querem bisbilhotando.”

“Não deve ser sobre o que o fantasma estava te falando. Isso significa que deve haver mais alguma coisa lá.”

Passamos dez minutos rastejando ao redor, e não encontrando nada mais

do que mofo que fedia tão mau que eu quase vomitei.

“Vamos embora.” Eu falei, ficando de joelhos e cruzando meus braços.

“Não há nada aqui, e esta congelando.”

Rae colocou o foco da lanterna em meu rosto. Eu a golpeei para longe.

“Não precisa ficar irritada.” Rae falou. “Eu só ia falar que não está frio.”

Eu peguei a mão dela e passei ao redor do meu braço. “Estou gelada. Isso é o meu braço arrepiado, tudo bem? Consegui sentir?”

“Eu não falei que você não estava –”

“Eu vou indo. Pode ficar se quiser.”

Comecei a me arrastar de volta. Quando Rae agarrou meu pé, deu um forte puxão, quase a derrubando.

“O que á com você?” Ela falou.

Eu massageei meus braços. A tensão fazia meus músculos se tencionarem, Minha mandíbula começou a doer e percebi que estava cerrando meus dentes.

“Eu apenas – eu estava bem antes, mas agora... Eu só quero sair daqui.”

Rae se arrastou ao meu lado. “Você também esta suando. Suor e arrepios. E os teus olhos estão brilhando, como se você estivesse com febre.”

“Talvez eu esteja. Podemos somente -?”

“Não á nada aqui, não é?”

“Não, eu –” Eu parei e olhei ao redor. “Talvez. Eu não sei. É só que – eu preciso sair.”

“Tudo bem.” Ela me entregou a lanterna. “Lidere o caminho.”

No momento que meus dedos se fecharam ao redor da lanterna, a luz começou a diminuir. Em segundos, havia somente um fraco brilho amarelado.

“Diga que isso é as baterias falhando.” Rae sussurrou.

Eu rapidamente entreguei a lanterna para ela. A luz ressurgiu, mas somente por um segundo. Então sumiu, nos mergulhando na escuridão.

Rae deixou escapar um juramento. Um desejo. Uma luz fulgurou. O rosto de Rae brilhou atrás das chamas.

“Eu sabia que essas coisas seriam úteis algum dia.” Ela falou. “Agora...”

Ela parou, seu olhar se direcionou para a chama. Ela encarou o fogo como uma criança maravilhada por uma fogueira.

“Rae!” eu falei.

“Oh, uh, desculpe.” Ela sacudiu com força a cabeça. Nós estávamos quase chegando á porta quando escutei o som distante da porta do porão se abrindo.

“O fósforo!” eu sussurrei.

“Certo.”

Ela apagou o fósforo. Não o sacudindo ou assoprando, mas abafando a chama contra a mão. Então jogou o fósforo apagado e a caixa por sobre o ombro.

“Garotas?” a senhora Talbot chamou do topo da escada. “O dever de casa de vocês esta pronto?”

Dever de casa. Simon e Derek. Olhei para o meu relógio. 07h58min.

Me arrastei para fora do aposento apertado.

Vinte e quatro

EU SABIA QUE A Rae ESTAVA DESAPONTADA com o que tínhamos encontrado – ou o que não tínhamos. Eu sentia um tipo esquisito de culpa, como uma artista que falhou em entreter. Mas ela nunca duvidara que eu tinha

visto um fantasma ou que ele tinha me dito para abrir aquela porta, e eu estava

grata por isso.

Eu devolvi a chave, me lavei, então encontrei a Sra. Talbot e disse a ela que estava indo para cima para uma aula de matemática com o Derek e que Simon estaria lá. Ela hesitou, mas só por um momento, então me mandou ir. Eu peguei meu recém-chegado livro de matemática do meu quarto e fui para o lado dos garotos. A porta estava aberta.

Simon esparramado na cama, lendo uma história em quadrinhos. Derek estava encurvado sobre a mesa pequena demais, fazendo sua lição.

O quarto era uma imagem reversa do nosso, nos fundos da casa ao invés da frente. As paredes do Simon estavam cobertas no que parecia serem páginas rasgadas de histórias em quadrinhos, mas quando eu forcei a vista, eu percebi que eram desenhos a mão. Alguns eram em preto e branco, mas a maioria era colorido, desde esboços de personagens até painéis salpicados até páginas inteiras, feitos em um estilo que não era bem mangá, mas não era exatamente de história em quadrinho. Mais de uma vez Simon tinha se metido

em encrenca por rabiscar nas aulas. Agora eu podia ver no que ele estivera trabalhando.

As paredes de Derek estavam nuas. Livros estavam empilhados em sua cômoda e revistas estavam abertas na cama. Empurrado no canto de trás de sua mesa estava algum tipo de aparelho cheio de fios e polias. Um projeto de escola, eu supus, mas se eu tivesse que construir algo tão complicado no próximo ano, eu estava ferrada.

Eu bati na verga da porta.

“Ei.” Simon jogou a história em quadrinhos para baixo enquanto se sentava. “Eu já ia dizer ao Derek que devíamos descer, ter certeza de que as enfermeiras não estavam brigando com você. Elas não brigaram, brigaram?” Eu balancei minha cabeça.

Derek colocou seu livro de matemática no criado-mudo, como um suporte, então colocou o invólucro* dela em cima. “Eu vou tomar banho. Comecem sem mim.”

“As enfermeiras não vão ouvir a água correndo?”

Ele deu de ombros, e empurrou seu cabelo para trás, escorrido e fino agora, o lustre maçante de óleo brilhando sob as luzes.

“Diga a elas que eu já estava lá. Só será por alguns minutos.”

Ele se dirigiu para a porta, circulando o mais longe ao meu redor que ele conseguiu, o que me fez pensar no quanto ele precisava daquele banho. Eu não ia fungar e descobrir.

Se ele tomava banho de noite, isso podia ser parte do problema.

Kari dizia que ela sempre costumava tomar banho de noite, mas ela teve que mudar para de manhã ou seu cabelo ficaria nojento até o jantar. Eu não ousaria sugerir isso ao Derek, mas enquanto ele passava, eu não consegui resistir a um inocente, “Por que você simplesmente não toma um banho de

manhã?”

“Eu tomo,” ele murmurou enquanto saía.

Simon deixou sua história em quadrinhos de lado. “Entre. Eu não mordo.”

Ele se reclinou no meio de sua cama, as molas rangendo, então deu um tapinha num lugar na ponta.

“Eu diria que essa é a primeira vez que eu tenho uma garota na minha cama... se eu não me importasse em soar como um perdedor total.”

Eu me estiquei para colocar meus livros no criado-mudo, escondendo meu rubor. Enquanto eu abria meu livro, para parecer que estávamos trabalhando nisso, eu derrubei o invólucro do livro do Derek. Eu olhei a capa e tive que checar novamente.

Álgebra com Trigonometria Universitária.

Eu virei as páginas.

“Se conseguir alguma coisa disso, você está bem a frente de mim,” Simon disse.

“Eu achei que Derek estava no segundo ano.”

* aquelas capas que vão em livros de capa dura americanos.

“É, mas não em álgebra. Ou geometria. Ou química, física, ou biologia, apesar dele só estar no terceiro ano* em ciências.”

Só no terceiro ano... ?

Quando ele dissera que ninguém questionaria que estudássemos matemática juntos, ele não quisera dizer que precisava de ajuda.

Ótimo. Já era ruim o bastante que Derek pensava que eu era uma loira amalucada, pulando a cada barulho. Aparentemente ele achava que eu não era muito brilhante, tampouco.

Eu coloquei o invólucro de volta em cima do livro do Derek.

"Tori... ela não te encheu muito nem nada, encheu?" ele perguntou. "Sobre ontem." Eu balancei minha cabeça.

Ele exalou e cruzei seus braços atrás de sua cabeça. "Bom. Eu não sei qual é o problema dela. Eu deixei claro que não estou interessado. A princípio,

eu tentei ser bonzinho quanto a isso, afastando-a. Quando ela não se ligou, eu disse a ela que não estava interessado. Agora, eu sou absolutamente rude com ela e ela ainda não se toca."

Eu me contorci para vê-lo melhor. "Eu acho que deve ser difícil – alguém realmente gostar de você e você não estar interessado."

Ele riu. "A única pessoa que Tori realmente gosta é da Tori. Eu sou só um substituto até que ela possa voltar para seus capitães de futebol americano. Garotas como a Tori precisam de um cara - qualquer cara - e aqui eu sou a única opção dela. Peter era jovem demais e Derek – Derek não é o tipo dela. Confie em mim, se outro cara entrar aqui, ela esquecerá que eu existo."

"Eu não sei. Eu acho que ela pode realmente—"

"Fala sério. Eu pareço isca de diva para você?" Ele virou de lado, a cabeça apoiada em seu braço. "Ah, claro, quando Derek e eu começamos em uma nova escola, eu ganho um pouco de atenção das garotas populares. Tipo" – ele

subiu sua voz para um falsete – "Ei, Simon, eu estava, tipo, me perguntando se

você podia talvez, sabe, me ajudar com minha lição de casa depois da escola?"

Porque é, tipo, de matemática e, tipo, você é chinês, certo? Eu aposto que você é muuuito bom nisso."

* no original, ‘twelfth grade’, uma série que corresponderia a depois do ensino médio, já que os alunos têm entre 17 e 18 anos.

Elke girou os olhos. “Primeiro, meu pai é coreano e minha mãe é sueca. Segundo, eu sou realmente ruim em matemática. Eu não gosto de relógio de cuco ou de esquiar ou de chocolate chique tampouco.”

Eu cuspi uma risada. “Eu acho que isso é suíço.”

“Hm. Então o que é sueco?”

“Hm, eu não sei. Almôndegas?”

“Bem, eu meio que gosto disso. Mas provavelmente não das suecas.”

“Então do que você gosta?”

“Na escola? História. Não ria. E eu não sou ruim em inglês. Eu escrevo uns haikus fodas, o que, a propósito, é japonês.”

“Eu sabia disso.” Eu olhei para cima para os desenhos em suas paredes.

“Você deve tirar dez em artes, contudo. Eles são maravilhosos.”

Seus olhos se iluminaram, âmbar cintilando no castanho escuro. “Não tenho certeza quanto ao maravilhoso, mas obrigado. Na verdade, eu não tiro dez em artes. No ano passado, eu mal passei. Eu irritei a professora porque eu ficava entregando minhas histórias em quadrinhos. Eu estava fazendo minhas tarefas, só que pegando as técnicas e as usando para minhas coisas próprias. Ela achou que eu estava sendo um espertinho.”

“Isso não é justo.”

“Bem, quando eu continuei entregando as minhas coisas próprias mesmo depois dos primeiros avisos, eu provavelmente estava sendo um espertinho. Ou só teimoso. De qualquer jeito, eu não sou muito bom na escola em geral – um estudante sólido de nota 8. Derek é o gênio. Minha melhor aula é educação

física. Eu gosta de corrida a corta-mato, corrida com obstáculo, beisebol, futebol. . ."

"Ah, eu jogava futebol." Eu parei. "Bem, um tempo atrás. Um tempão atrás. Tipo quando todos perseguíamos a bola como um enxame de abelhas.

"Eu me lembro desses dias. Eu vou ter que te dar umas lições de reciclagem, para que possamos começar um time. O clube de futebol da Casa Lyle."

"Um clube bem pequeno."

"Não, um clube bem exclusivo."

Eu me inclinei sobre meus cotovelos, me apoiando na cama. Da última vez que eu falei em particular assim com um cara foi... bem, provavelmente bem antes de eu parar de pensar neles como "outras crianças" e começar a pensar neles como "garotos."

"Falando em clubes exclusivos," eu disse, "Eu espero que você tenha me convidado aqui planejando responder algumas perguntas."

"Minha companhia não é o bastante?" Suas sobancelhas se levantaram em um fingido ultraje, arruinado pelo brilho em seus olhos. "Está bem, você foi

paciente por muito tempo. O que você quer saber?"

"Tudo."

Sorrimos um para o outro.

"Está bem, você é uma necromante e eu sou um feiticeiro. Você fala com os mortos e eu lanço feitiços."

"É por isso que você está aqui? Você fez algo?"

"Nem." Ele pausou, uma sombra cruzando seu rosto. "Bem, meio que, mas não mágica. Algo aconteceu. Com Der—" Ele se cortou. Pelo arquivo do

Derek,

eu sabia porque ele estava aqui, embora eu não estivesse prestes a admitir isso.

“De qualquer jeito, algo aconteceu, e então meu pai desapareceu e é uma história muito longa, mas a versão curta é que estamos presos aqui até que alguém descubra o que fazer conosco.”

E até que Derek seja “curado,” eu supunha. Era por isso que Simon não tinha um arquivo ou ia à terapia. Ele não estava aqui por nenhum problema. Quando o pai deles foi embora, as autoridades devem ter trazido Derek para cá, e decidiram deixar Simon com ele.

“Então o que mais há? Que outros tipos de...” Eu lutei por uma palavra.

“Sobrenaturais. Os tipos diferentes são chamados de raças. Não há muitas.

Os maiores seriam os necros, feiticeiros, bruxas – que são as garotas que lançam feitiços. Similares, mas uma raça diferente, e não tão fortes quanto os feiticeiros, ou é o que dizem. O que mais? Meio-demônios, mas não me pergunte sobre eles, porque eu não sei quase nada. Derek sabe mais. Ah, e xamãs. Eles são bons curandeiros e eles podem fazer projeções astrais.”

“Projeções...?”

“Deixar seus corpos. Se mover como fantasmas. É legal para colar em testes ou entrar de fininho no vestiário das meninas... para caras que fariam esse tipo de coisa...”

“Aham. Você disse que Derek sabe mais sobre meio-demônios. É isso o que ele é?”

Ele olhou na direção do corredor, a cabeça virando como se para ter certeza de que ainda conseguia escutar a água correndo.

“Você forçou de mim, está bem?”

“Hein?”

Ele virou de lado, se movendo perto o bastante para encostar na minha perna. Sua voz abaixou. “Sobre o Derek. O que ele é. Se ele perguntar, você forçou de mim.”

Eu me endireitei, irritação relampejando. “Então o Derek não quer que eu saiba o que ele é? O mesmo cara que jogou a necromancia na minha cara e exigiu que eu a aceitasse. Se ele não quer—”

“Ele quer. Ele vai querer. É só... complicado. Se você não perguntar, ele não vai te contar. Mas se você perguntar...”

Seus olhos se levantaram aos meus, me implorando para tornar isso fácil. Eu suspirei. “Ótimo, vou perguntar. O que o Derek é? Uma dessas coisas meio-demoníacas?”

“Não. Não há realmente um nome para o que ele é. Eu acho que você poderia chamar de gene do super-homem, mas isso é realmente brega.

“Aham.”

“E é por isso que não chamam assim. Caras como o Derek tem... aprimoramentos físicos, você poderia dizer. Força extra, como você viu. Melhores sentidos, também. Esse tipo de coisa.”

Eu olhei para o livro de matemática. “São mais espertos?”

“Nem, isso é do Derek. Ou é o que meu pai diz.”

“Seu pai é um... feiticeiro, também, então, eu acho. Então ele conhece outros... como nós?”

“É. Sobrenaturais têm um tipo de comunidade. Talvez uma rede seja uma palavra melhor. Você conhece outros para que possa falar com eles, conseguir

coisas que não consegue no mundo normal, que seja. Meu pai costumava estar nisso. Ultimamente, nem tanto. Coisas... aconteceram.”

Ele ficou quieto por um instante, puxando um fio solto do cobertor, então ele o soltou e caiu de costas novamente. “Nós falaremos mais sobre tudo isso mais tarde. História enorme. A versão curta é que, sim, meu pai costumava estar em toda a rede sobrenatural. Ele trabalhou para essa companhia de pesquisa, médicos sobrenaturais e cientistas tentando facilitar as coisas para os outros sobrenaturais. Meu pai é um advogado, mas eles precisam de pessoas desse tipo, também. De qualquer jeito, foi assim que pegamos o Derek.”

“Pegaram o Derek?”

Simon fez uma careta. “Isso não saiu bem. Soa como se o meu pai tivesse trazido para casa um filhotinho desgarrado. Mas é meio como ele é. Veja, o tipo

do Derek? É raro. Todos somos raros, mas ele é realmente, realmente raro.

Aquelas pessoas, aquelas para quem meu pai trabalhava, eles estavam criando ele. Ele ficou órfão ou foi abandonado ou algo quando era só um bebê,

e eles quiseram ter certeza de que ele não parasse em algum orfanato humano, o que seria ruim quando ele fizesse, tipo, doze anos e começasse a atirar as pessoas pela sala.

Só que a companhia do meu pai não era realmente equipada para criar uma criança. Derek não fala muito sobre viver lá, mas eu acho que era como crescer em um hospital. Meu pai não gostava daquilo, então eles deixaram ele trazer Derek para casa. Foi... estranho. Como se ele nunca tivesse saído antes. Coisas como a escola ou um shopping ou até mesmo uma rodovia faziam ele

pirar total. Ele não estava acostumado com as pessoas, todo aquele barulho—” Ele ficou imóvel, a cabeça se virando na direção do corredor. Os canos tiniram enquanto a água era desligada.

“Mais tarde,” ele murmurou.

“Ele acabou de sair. Ele não consegue ouvir—”

“Ah, sim, ele consegue.”

Eu me lembrei o que Simon dissera sobre os “sentidos aprimorados” de Derek.

Agora eu entendia porque Derek sempre parecia capaz de escutar coisas que ele não deveria ser capaz de escutar. Eu fiz uma nota mental para ser mais cuidadosa.

Eu limpei minha garganta, deixando-a normal. “Está bem, então temos feiticeiros, bruxas, meio-demônios, necromantes, xamãs, e outros tipos realmente raros, como o Derek. Chega, certo? Eu não vou me deparar com algum lobisomem ou vampiro, vou?”

Ele riu. “Isso seria legal.”

Legal, talvez, mas eu estava feliz em deixar os lobisomens e vampiros em Hollywood. Eu conseguia acreditar em magia e fantasmas e até em viagem espiritual, mas se transformar em animal ou sugar sangue esticava a descrença mais do que eu gostaria.

Uma dúzia de perguntas saltou aos meus lábios. Onde estava o pai deles?

E quanto às pessoas para as quais o pai dele trabalhava?

Por que ele tinha deixado eles? E quanto à mãe do Simon? Mas Simon tinha dito que “falaríamos sobre isso mais tarde.” Exigir a história pessoal deles

agora seria se intrometer.

“Então há três de nós? Em um lugar? Isso tem que significar alguma coisa.”

“Derek acha que é porque outros poderes sobrenaturais – como o dele e o seu – não podem ser explicados, então os humanos registram-nos como doenças mentais. Algumas crianças em lares podem ser sobrenaturais. A maioria não é. Você tem que falar com ele sobre isso. Ele explica as coisas melhor.”

“Está bem, de volta a mim, então. O que esses fantasmas querem?”

Ele deu de ombros. “Ajuda, eu suponho.”

“Com o quê? Por que eu?”

“Porque você pode ouvir eles,” Derek disse enquanto entrava, secando seu cabelo com a toalha. “Não tem muito sentido falar com alguém que não consegue te ouvir.”

“Bem, dâh.”

“Eu não ia dizer isso.”

Eu olhei para ele, mas ele estava de costas para mim, dobrando primorosamente a toalha e a pendurando na cadeira da mesa.

Ele continuou. “Quantos necromantes você acha que estão andando por aí?”

“Como eu poderia saber?”

“Bem, se a resposta fosse ‘um tantão,’ não acha que você teria ouvido falar deles?”

“Manera aí, mano,” Simon murmurou.

“Estamos falando de centenas no país inteiro.” Derek passou um pente pelo seu cabelo. “Já conheceu um albino?”

“Não.”

Estatisticamente, você tem três vezes mais chances de esbarrar num albino do que num necromante. Então, imagine que você é um fantasma. Se você vir um necro, é como estar preso numa ilha deserta, e então avistar um avião por acaso. Você vai tentar conseguir a atenção deles? É claro. E quanto ao que eles querem?” Ele virou a cadeira da mesa e sentou de pernas abertas nela. “Quem sabe? Se você fosse um fantasma e você esbarrasse em um ser vivo que pudesse te escutar, tenho certeza de que iria querer algo dele. Para saber o que eles querem, você vai precisar perguntar a eles.”

“É mais fácil falar do que fazer,” eu resmunguei.

Eu contei a eles sobre o fantasma no porão.

“Ainda pode ter algo lá. Algo que você não achou. Algo importante para ele.” Ele coçou preguiçosamente sua bochecha, recuou, e retirou sua mão.

“Talvez um papel ou um objeto que ele gostaria de passar para sua família.”

“Ou pistas para seu assassinato,” Simon disse. “Ou um tesouro enterrado.”

Derek o fixou com um olhar, então balançou sua cabeça. “Passando adiante... é provavelmente algo estúpido, como uma carta que ele esqueceu de

dar para sua esposa.” Insignificante.”

Isso não soava estúpido para mim. Ou insignificante. Meio romântico, na verdade. O fantasma prolongasse por anos, esperando passar aquela carta não entregue para sua esposa, agora uma mulher velha numa casa de repouso... Não o meu tipo de filme, mas eu não chamaria de estúpido.

“O que quer que seja,” eu disse, “o negócio é irrelevante, porque enquanto eu tomar essas pílulas, eu não posso fazer contato para perguntar.”

Derek limpou uma gota de sangue de sua bochecha, onde ele tinha coçado uma espinha. Ele franziu a testa com irritação, deixando-a borbulhar em sua

voz enquanto ele retrucava, “Então você precisa parar de tomar as pílulas.”

“Adoraria. Se eu pudesse. Mas depois do que aconteceu na noite passada, eles estão me fazendo passar por testes de urina agora.”

“Eca. Isso é dureza.” Simon ficou quieto, então estalou os dedos.

“Ei, tive uma ideia. É meio nojenta, mas e se você pegar as pílulas, triturá-las e misturá-las com a sua, sabe, urina.”

Derek encarou ele.

“O quê?”

“Você passou em química ano passado, não passou?”

Simon mostrou-lhe o dedo do meio. “Está bem, gênio, qual a sua ideia?”

“Eu vou pensar nisso. Nós devíamos fazê-la parar de tomar esses remédios. Eu não ligo realmente para o que o fantasma quer, mas ele pode ser útil. Enquanto temos um sujeito disposto, Chloe deve tirar vantagem disso, para

que possa aprender. Não é como se ela fosse a qualquer lugar em breve... a não ser que eles mandem ela embora.

Simon lançou-lhe um olhar. “Não é engraçado, mano.”

Derek varreu seus dedos por seu cabelo molhado. “Não estava tentando ser engraçado. Ver fantasmas não é fácil de esconder. Não é como lançar feitiços. Depois dessa manhã, com o Dr. Davidoff e a Gill, eu peguei um pouco

da conversa deles depois—” Derek olhou para mim. “Eu estava andando e ouvi—

”

“Ela sabe sobre a sua audição, mano.” Derek olhou feio para Simon, que só deu de ombros e disse, “Ela descobriu. Ela não é estúpida. De qualquer

jeito, você ouviu...”

Ele parou, a cabeça levantando. “Alguém está vindo.”

“Garotos? Chloe?” A Sra. Talbot chamou da escada. “Hora do lanche. Desçam.”

Simon falou de volta que estávamos indo.

“Só um segundo,” eu disse. “Você ouviu os médicos falando. Sobre o quê??

“Você. E se a Casa Lyle é o lugar certo para você.”

Vinte e cinco

ESTARIA O DEREK TENTANDO me assuntar? Á alguns dias atrás eu teria dito que sim, sem hesitação. Mas agora eu sabia que era apenas honestidade. Ele escutou, então passou para frente, sem tentar suavizar o choque, por que o

pensamento nem ao menos passou pela mente dele.

Mas isso me deixava ainda mais determinada de conseguir pelo menos uma das perguntas respondidas quando a enfermeira apareceu para anunciar que era hora de apagar as luzes.

“Sra. Talbot?”

“Sim querida?” ela falou, olhando para mim.

“Já podemos ligar para Liz? Eu realmente gostaria de conversar com ela. Para explicar sobre aquela ultima noite.”

“Não há nada o que explicar querida. Liz é quem esta se sentindo mal sobre isso, ter assustado você daquela maneira. Tenho certeza de que você poderá ligar para ela no final de semana.”

“Neste final de semana?”

Ela entrou no quarto, fechando a porta. “Os outros médicos me falaram que Liz esta tendo certa dificuldade em se ajustar.”

Rae pulou em sua cama. “O que há de errado?”

“É chamado de stress pros traumático. Aquela ultima noite foi muito difícil para ela. Os médicos no novo hospital não querem que ela relembre isso.”

“E se não mencionarmos isso?”

“Até mesmo falar com você ira lembrá-la, querida. Eles acham que ela estará melhor até domingo. No máximo na próxima semana.”

Dedos de tensão se instalaram em mim.

Agora não querida.

Talvez na próxima semana.

Talvez nunca.

Eu olhei de relance para Rae, mas visualizei Liz ao invés dela, empoleirada na beirada da cama, retorcendo os dedos, girafas roxas e laranjas dançando.

Liz morta.

Liz, o fantasma.

Isso era ridículo, é claro. Mesmo se eu pudesse sonhar com um razão para a casa Lyle querer matar garotos, e quanto á família deles? Esses não eram garotos de rua ou fugitivos. Eles tinham pais que iriam notar o desaparecimento

deles. Notar e se importar.

Você tem tanta certeza? E quanto aos pais de Rae? Tão atenciosos sempre ligando e vindo vê-la? E o pai do Simon e Derek? O homem invisível?

Virei-me de lado e enrolei o travesseiro sobre minhas orelhas, como se isso fosse acalmar as vozes.

Então lembrei o que Simon havia dito mais cedo. Projeção astral. Havia uma raça de seres sobrenaturais que podiam deixar seus corpos e se tele portar. Poderia os necromantes ver esses espíritos tele-transportados, também? Eu aposto que podem – o espírito seria a parte que deixou o corpo, na morte, ou durante essa projeção astral.

Então é isso que a Liz é. Uma... O que ele havia chamado isso? Xamã. Ela estaria se projetando aqui e eu a estava vendo.

Isso poderia explicar o porquê de eu poder vê-la, mas não o fantasma. Isso

também poderia explicar o poltergeist. Liz estava fazendo aquela coisa de projeção sem perceber, e jogando as coisas no redor.

Essa tinha que ser a resposta. Tinha que ser.

“Aqui”. Derek sussurrou, pressionando um pote de Mason* vazio em minha mão. Ele me chamou de lado depois da aula e agora estávamos parados na base da escada para o quarto dos garotos. “Leve isso para o teu quarto e esconda.”

“Isso é um... pote.”

Ele grunhiu, exasperado por eu ser lenta e falhar em entender a crítica importância em esconder um pote de Mason em meu quarto.

“É para a tua urina.”

“Minha o quê?”

* Pote de Mason, ou vidro de Mase, é usado em conservas, para preservar a comida. Eles foram inventados por John L. Mason, no início dos anos 1850. Ele virou o olho, um som como um rosnado escapou por entre os dentes seus enquanto ele se inclinava, se aproximando do meu ouvido. “Urina. Xixi. Tanto faz. Para o teste.”

Eu levantei o jarro até o nível dos olhos. “Acho que eles vão me dar algo menor.”

Dessa vez ele definitivamente grunhiu. Uma rápida olhada ao redor. Então ele se moveu em direção do meu braço, parando antes e me indicando os degraus. Ele subiu os degraus de dois em dois e estava no topo em um flash, então olhou de volta para mim, como se eu estivesse adiando a subida.

“Você tomou os remédios hoje, certo? Ele sussurrou.

Eu assenti.

“Então use o jarro para guardar.”

“Guardar...?”

“ A tua urina. Se você der para eles amanhã um pouco da que você fez hoje, vai parecer que você ainda esta tomando os remédios.”

“Você que eu... vá guardado isso? Em um jarro para espécime?”

“Tem uma idéia melhor?”

“Ou, não, mas...” levantei o jarro e olhei para ele.

“Oh pelo amor de Deus. Guarde o teu mijo. Não guarde o teu mijo. Da tudo no mesmo pra mim.”

Simon espirou do canto, suas sobrancelhas erguidas. “ Eu ia perguntar o que vocês estavam fazendo, mas escutando isso, acho que vou deixar passar.”

Derek me enxotou escada a baixo. Coloquei o vidro na minha mochila. Eu realmente preferia não usá-lo, mas se eu me revoltasse com a idéia de estocar minha urina, isso iria somente provar que eu era a garota mimada e medrosa que ele esperava.

Vinte e seis

EU USEI MESMO O JARRO, por mais nojento que fosse. Eu já tinha providenciado a minha “amostra” do dia, então da próxima vez que eu tive que

ir, eu fiz no banheiro de cima, na jarra, escondendo-a atrás dos produtos de limpeza debaixo da pia. Limpar o banheiro era uma das nossas tarefas, então eu esperava que isso quisesse dizer que as enfermeiras nunca olhassem ali embaixo.

Nós não trabalhamos muito na aula naquele dia. Nós tentamos, mas a Srta. Wang não estava cooperando. Era sexta e ela viu o final de semana se espreitando, então ela só nos passou nossas tarefas, então jogou paciência em seu laptop.

Rae passou a maior parte da manhã na terapia, primeiro com a Dra. Gill, então em uma sessão especial com o Dr. Davidoff, enquanto Tori ia para a sua

com a Dra. Gill. Isso significava que quando a Srta. Wang nos dispensou mais

cedo para o almoço, eu passei tempo com Simon e Derek, o que não tinha problema para mim. Havia ainda tanto que eu queria saber. Perguntar não era tão fácil, especialmente já que não eram coisas que podíamos discutir na sala de mídia.

Ir para fora teria sido a escolha óbvia, mas a Srta. Van Dop estava trabalhando no jardim. Então Simon se ofereceu para me ajudar a terminar de lavar a roupa. Derek disse que escapuliria para baixo mais tarde.

“Então é aqui que o nosso fantasma residente se espreita,” Simon disse,

circulando a lavanderia.

“Eu acho que sim, mas—”

Ele levantou uma mão, então se abaixou no chão e começou a ordenar a última cesta. “Você não precisa me contar que pode ter um fantasma aqui, e eu

não vou fazê-la contatá-lo. Quando Derek descer, ele pode tentar. Não deixe-o

forçá-la.”

“Eu não forço ela.” A voz do Derek precedeu-o na esquina.

“Se eu digo para alguém fazer alguma coisa e eles fazem?” Derek disse, contornando a esquina. “Não é problema meu. Tudo o que ela tem que fazer é dizer não. A língua dela funciona, não funciona?”

Ótimo. O cara consegue me fazer sentir estúpida mesmo quando ele está me dizendo que eu não tenho que deixá-lo me sentir estúpida.

“Então, se eles decidirem transferir você, o que vai fazer quanto a isso?”

Simon embolou uma camiseta. “Pelo amor de Deus, Derek, eles não vão—”

“Eles estão pensando nisso. Ela precisa de um plano.”

“Precisa?” Simon arremessou a camiseta na pilha colorida. “E quanto a você, mano? Se vazar que você é o próximo a sair, você tem um plano?”

Eles trocaram um olhar. Eu não conseguia ver o rosto do Simon, mas a mandíbula do Derek ficou imóvel.

Eu fiquei de pé e reuni uma carga para a máquina de lavar. “Se eles decidirem, eu não vejo que tenho muita opção. Eu não posso exatamente recusar.”

“Então você simplesmente vai desistir? Ir adiante como uma menina boazinha?”

“Manera, mano.”

Derek ignorou ele, pegou as roupas que eu tinha não tinha pego, e as derrubou na máquina de lavar, se movendo para o meu lado enquanto ele o fazia. “Eles não a deixam falar com a Liz, deixam?”

“Hm – o quê?”

“Tori perguntou essa manhã. Eu ouvi. Talbot disse não para ela e disse que tinha te falado a mesma coisa quando você perguntou na noite passada.” Ele pegou a caixa de sabão das minhas mãos, levantou o copo de medida da prateleira, e agitou-o.

“Isso ajuda.”

“Eles disseram que posso ligar para a Liz no final de semana.”

“Ainda assim, parece um pouco estranho. Você mal conhecia a garota, e você é a primeira querendo ligar para ela?”

“Chama-se ser atencioso. Talvez tenha ouvido falar disso?”

Ele colocou minha mão no mostrador. “Escuras, frio. Ou você acabará com escoamento de tinta.” Um olhar de volta para mim.

“Viu? Eu sou atencioso.”

“Claro, quando a maioria das coisas aí é sua.”

Atrás de nós, Simon bufou uma risada.

“Quanto a Liz,” eu continuei, “eu só quero ter certeza de que ela está bem.”

“Por que ela não estaria?”

Ele zombaria da minha estupidez, pensando que a Liz estava morta, assassinada.

Por mais estranho que pareça, isso era exatamente o que eu queria.

Reasseguração de que minha cabeça estava entupida demais de tramas

de filmes.

Eu cheguei até a parte onde acordei para ver Liz na cama, tagarelando.

“Então...” Derek intrometeu-se. “Liz voltou do grande além para lhe mostrar suas meias muito maneiras?”

Eu contei a eles sobre o “sonho” dela e a aparência no sótão.

Quando eu terminei, Simon ficou sentada lá, encarando, uma camiseta pendurada em suas mãos. “Isso certamente soa como um fantasma.”

“Só porque ela é uma fantasma não quer dizer que ela foi assassinada,”

Derek disse. “Ela pode ter tido um acidente completamente desvinculado a caminho do hospital. Se isso aconteceu, eles não iriam querer nos contar imediatamente.”

“Ou talvez ela não esteja morta,” eu disse. “Ela poderia estar fazendo projeção astral? Xamãs fazem isso, certo? Também pode explicar como ela estava movendo coisas ao redor. Não era o espírito de um poltergeist – era o espírito dela ou como quer que seja. Você diz que os nossos poderes começam a funcionar na puberdade, certo? Se não sabemos o que somos quando isso acontece, esse é exatamente o tipo de lugar em que vamos parar. Um lar para adolescentes com problemas esquisitos.”

Ele deu de ombros. Mas ele não discutiu.

“Ser uma xamã explicaria o que ela estava fazendo? Jogando as coisas ao redor? Ela podia estar saindo de seu corpo sem saber?”

“Eu... não sei.” A admissão veio lentamente, relutante.

“Deixe-me pensar sobre isso.”

Nós estávamos na metade da sobremesa quando a Sra. Talbot

reapareceu.

“Eu sei que vocês têm um período livre após o almoço, e eu odeio interferir com isso, mas eu vou ter que pedir a vocês para passarem ele nessa parte da casa, e darem a Victoria e a sua mãe alguma privacidade. Por favor fiquem fora

da sala de aula até que esteja na hora da aula, e não brinquem na sala de mídia. Vocês podem ir lá fora ou na sala de estar.”

Agora, semana passada, se alguém me dissesse para dar privacidade para alguém, eu me certificaria de ficar longe.

Isso era simplesmente educação. Após alguns dias na Casa Lyle, contudo, quando alguém dizia “Não vá lá,” eu não dizia “tudo bem,” mas sim “por quê?”

... e decidia descobrir. Nessa casa, conhecimento era poder, e eu era uma rápida aprendiz.

A pergunta era: Como chegar perto o bastante do escritório da Dra. Gill para escutar Tori e sua mãe, e aprender por que tínhamos que lhes dar privacidade para uma conversa amigável de mãe e filha. Eu podia pedir pro cara com a audição sobrecarregada, mas não queria dever nenhum favor ao Derek.

A Sra. Talbot disse que as garotas podiam ir para cima, mas não os garotos, porque chegar em seus quartos significava que teriam que passar pelo

escritório da Dra. Gill. Isso me deu uma ideia. Eu fui para cima, me arrastei para o quarto da Sra. Talbot, para o quarto da Srta. Van Dop através das portas adjacentes, então pelo corredor dos meninos para a escada.

Meu movimento ousado foi recompensado no momento em que me

agachei nas escadas.

“Eu não acredito que você fez isso comigo, Tori. Você tem ideia do quanto me embarçou? Você escutou o que as enfermeiras disseram sobre Chloe Saunders quando eu estava aqui no domingo, e não mal conseguiu esperar para contar as outras crianças.”

Eu levei um momento para perceber sobre o que a mãe da Tori estava falando. Tanta coisa tinha acontecido essa semana. Então me liguei – Tori contando aos outros que eu achava que via fantasmas. Rae dissera que a mãe da Tori tinha algumas ligações de negócio com a Casa Lyle, então quando ela tinha deixado aquela nova blusa para Tori no domingo, as enfermeiras devem ter mencionado sobre a garota nova e as suas "alucinações."

Tori tinha escutado atrás da porta.

“Se isso não fosse o bastante, eles me contaram que você esteve aborrecida sobre a transferência daquela garota.”

“Liz,” Tori sussurrou. “O nome dela é Liz.”

“Eu sei o nome dela. O que eu não sei é por que te mandaria para as profundezas.”

“Profundezas?”

“Ficar aborrecida no seu quarto. Brigar com a Rachelle. Se alegrando com o revés da garota nova ontem. A sua medicação não está funcionando direito, Victoria? Eu te disse, se essa nova prescrição não ajudar, você deve me informar—”

“Está ajudando, mãe.” A voz da Tori estava pesada, abafada, como se ela tivesse chorado.

“Ainda está tomando eles?”

“Eu sempre tomo eles. Você sabe disso.”

“Tudo o que eu sei é que se você estiver tomando eles, você devia estar melhorando e essa semana prova que você não está.”

“Mas isso não tem nada a ver com o meu problema. É – é a garota nova. Ela está me enlouquecendo. A Senhorita Boazinha. Sempre tentando aparecer.

Sempre tentando provar que ela é melhor.” Ela mudou para uma falseta amarga. “Ah, Chloe é uma garota tão boa. Ah, a Chloe vai sair daqui em dois tempos. Ah, Chloe dá tão duro.” Ela voltou para a sua voz normal. “Eu estou dando duro. Bem mais duro que ela. Mas o Dr. Davidoff já veio visitá-la.”

“Marcel só quer motivar vocês.”

“Eu estou motivada. Você acha que eu gosto de ficar presa aqui com esses perdedores e esquisitos? Mas eu não só quero sair – eu quero melhorar. Chloe não liga para isso. Ela mentiu, dizendo a todos que ela não acha que vê fantasmas. Chloe Saunders é uma pequena ca–” Ela engoliu o resto da palavra

e disse, “donzela de duas caras.”

Eu nunca fora chamada de nada assim, provavelmente nem por trás.

Mas eu tinha mentido. Eu tinha dito uma coisa enquanto me comportava de outra maneira. Essa era a definição de duas caras, não era?

“Eu entendo que você não goste dessa garota–”

“Eu odeio ela; Ela se muda, faz a minha melhor amiga ser chutada para fora, se exhibe para as enfermeiras e médicos, rouba o meu cara–” Ela parou bruscamente, então murmurou. “De qualquer jeito, ela mereceu.”

“Que negócio é esse de menino?” As palavras de sua mãe saíram afiadas, rígidas.

“Nada.”

“Você está envolvida com um dos garotos daqui, Tori?”

“Não, mãe, eu não estou envolvida com ninguém.”

“Não use esse tom comigo. E assoe o seu nariz. Eu mal consigo entendê-la com todo esse choro.”

Uma pausa. “Eu só vou te perguntar mais uma vez. Que negócio é esse de menino?”

“Eu só—” Tori inalou audivelmente o bastante para eu ouvir. “Eu gosto de um dos garotos daqui, e Chloe sabe disso, então ela esteve perseguindo ele para se exibir.”

Perseguindo ele?

“Que garoto é?” A voz de sua mãe estava tão baixa que eu tive que me forçar para ouvir.

“Ah, mãe, não importa. É só—”

“Não me venha com ‘ah, mãe.’ Eu acho que tenho o direito de estar preocupada—”

Sua voz caiu outro tom. “Não me diga que é o Simon, Tori. Não ouse me dizer que é o Simon. Eu te avisei para ficar longe daquele garoto—”

“Por quê? Ele é legal. Ele nem mesmo toma remédio. Eu gosto dele e – Au! Mãe! O que você está fazendo?”

“Conseguindo a sua atenção. Eu te disse para ficar longe dele e eu espero ser obedecida. Você já tem um namorado. Mais de um, que me lembre. Garotos perfeitamente bons que estão esperando que você saia daqui.”

“É, como se isso fosse acontecer cedo.”

“Acontecerá quando você decidir fazer acontecer. Você tem ideia de como

é embaraçante para um membro da diretoria ter sua própria filha mandada para

esse lugar? Bem, deixe-me dizer, Senhorita Victoria, não é nada comparado a humilhação de ainda tê-la aqui quase dois meses mais tarde.”

“Você já me disse isso. E me disse. E me disse.”

“Não o bastante, ou você estaria fazendo algo a respeito. Como tentar melhorar.”

“Eu estou tentando.” A voz de Tori subiu em um lamento de frustração.

“É culpa do seu pai – ele te estragou de tanto mimar. Você nunca lutou por nada na sua vida. Nunca soube o que é querer alguma coisa.”

“Mãe, eu estou tentando—”

“Você não sabe o que é tentar.” O veneno na voz da mãe dela fez a minha pele arrepiar. “Você é mimada e preguiçosa e egoísta e você não liga para o quanto está me machucando, me fazendo parecer uma mãe ruim, prejudicando

minha reputação profissional...”

A única resposta da Tori foi um soluço agonizante. Eu abracei meus joelhos, esfregando meus braços.

“Não se preocupe com Chloe Saunders.” A voz da mãe dela abaixou a um zumbido. “Ela não vai sair tão rápido quanto ela acha que vai. Se preocupe com Victoria Enright e comigo. Me deixe orgulhosa, Tori. É tudo o que eu peço.”

“Eu estou tem—” Ela parou. “E eu irei.”

“Ignore Chloe Saunders e ignore Simon Bae. Eles não são dignos da sua atenção.”

“Mas o Simon—”

“Você me ouviu? Eu não te quero perto daquele garoto. Ele é encrenca – ele e o irmão dele. Se eu escutar que vocês dois foram vistos juntos sozinhos, ele irá embora. Eu o farei ser transferido.”

Experiência de vida. Eu posso falar com entusiasmo, jurar estender meus horizontes, mas eu ainda estou limitada às experiências da minha vida. Como uma pessoa pode entender uma experiência que está completamente fora da sua própria? Ela pode vê-la, senti-la, imaginar como seria vivê-la, mas não é diferente de ver isso numa tela de cinema e dizer “Graças a Deus não sou eu.”

Após escutar a mãe da Tori, eu jurei nunca falar mal da tia Lauren novamente. Eu tinha sorte de ter uma “mãe” cuja maior falta era que ela gostava demais de mim. Mesmo quando ela ficava decepcionada comigo, ela tinha vindo a minha defesa. Me acusar de embarçá-la nunca teria entrada na mente da minha tia.

Me chamar de preguiçosa por não dar duro o bastante? Ameaçar mandar um garoto que eu gostava embora?

Eu estremeci.

Tori estava tentando melhorar. Rae tinha chamado-a de rainha dos remédios. Agora eu podia ver por que. Eu só conseguia imaginar como a vida era para a Tori, e até mesmo a minha imaginação não era boa o bastante para ir tão longe.

Como um pai poderia culpar seu filho por não superar uma doença mental? Não era como dar um empurrão em um estudante relutante para conseguir uma nota passável. Era como culpar alguém com distúrbios de aprendizagem

por não conseguir 10. Qualquer que fosse a “condição” da Tori, era como esquizofrenia – não era culpa dela e não estava inteiramente dentro de seu controle.

Tori matou aula naquela tarde, não era de se surpreender. A regra sobre não se esconder em seu quarto aparentemente não se aplicava a ela, talvez por causa da sua condição ou talvez por causa da posição da mãe dela. Entre períodos, eu fui escondida para cima para achá-la. Ela estava em seu quarto, seus soluços mal camuflados pela porta fechada.

Eu fiquei de pé no corredor, escutando-a chorar, desejando fazer algo.

Em um filme, eu iria lá, confortaria-a, e talvez até mesmo me tornaria sua amiga. Eu tinha visto isso na tela uma dúzia de vezes. Mas novamente, isso não era o mesmo que experimentar isso na vida real, algo que eu não podia realmente reconhecer até estar aqui, do lado de fora dessa porta.

Tori me odiava.

O pensamento fez meu estômago doer. Eu nunca fui odiada antes. Eu era o tipo de garota que, se alguém perguntasse o que os outros achavam de mim, eles diriam “Chloe? Ela é legal. Eu acho.” Eles não me amavam, não me odiavam, só não achavam grandes coisas de mim.

Se eu merecia o ódio da Tori era outro assunto, mas eu não podia discutir com sua experiência de eventos. Para ela, eu tinha entrado sem permissão e tomado seu lugar. Eu tinha me tornado a “paciente boazinha” que ela desesperadamente precisava ser.

Se eu entrasse no quarto dela agora, ela não veria um rosto amigável. Ela veria uma vencedora que veio se vangloriar, e ela me odiaria ainda mais. Então

eu a deixei lá, chorando em seu quarto, sozinha.

Quando o intervalo da tarde acabou, a Sra. Talbot anunciou que as aulas tinham acabado por hoje. Nós iríamos fazer uma rara viagem para o mundo exterior. Não iríamos longe – só para uma piscina comunitária interna a uma quadra, dentro da distância de andar.

Uma grande ideia. Se ao menos eu tivesse um biquíni.

A Sra. Talbot ofereceu para ligar para a tia Lauren, mas eu não ia interromper minha tia por isso, especialmente depois de ela ter sido arrastada pelo meu mau comportamento ontem.

Eu não era a única sendo deixada para trás, contudo. Derek tinha que ir para sua sessão com a Dra. Gill. Isso não parecia justo, mas quando eu disse isso ao Simon, ele disse que Derek não podia ir para fora. Eu acho que isso fazia sentido, considerando-se pelo que ele estava aqui. No dia em que eu tinha chegado, quando eles tinham levado os outros para almoçar enquanto eu me instalava, ele deve ter ficado confinado em seu quarto.

Após todos terem saído, eu tirei vantagem das enfermeiras não estarem e passei tempo no meu quarto, escutando música. Eu só tinha estado lá por alguns minutos quando pensei ter ouvido uma batida na minha porta. Eu tirei um fone. Outra batida. Eu tinha bastante certeza de que fantasmas não podiam

bater em portas, então eu chamei.

A porta se abriu. Ali estava Tori, parecendo... muito não-Tori. Seu cabelo escuro estava de pé espetado, como se ela tivesse corrido suas mãos por ele. Sua camisa estava amassada, a parte de trás fora de sua calça jeans.

Eu me sentei. “Achei que você tivesse ido nadar.”

“Eu estou com cólica. Tudo bem pra você?” Suas palavras eram curtas, não tanto com sua arrogância usual, mas forçadas. “De qualquer jeito, eu não vim para pedir seu delineador emprestado. Não como se você tivesse um. Eu só vim para dizer que você pode ficar com o Simon. Eu decidi...” Seu olhar desviou-se. “Eu não estou interessada. Ele não faz meu tipo, de qualquer jeito.

Muito.... novo.” Um retorcimento de seus lábios. “Imaturo. De qualquer jeito. Fique com ele. Ele é todo seu.”

Eu estive tentada a disparar de volta um “Nossa, obrigada,” se não fosse óbvio o quanto isso estava machucando-a. Simon estava errado. Tori realmente gostava dele.

“De qualquer jeito” – ela limpou sua garganta. “Eu vim declarar trégua.”
“Trégua?”

Com um aceno impaciente, ela entrou no quarto, fechando a porta atrás dela.

“Essa rixa boba nossa. Você não vale minha...” Ela dissipou, o ombro pesando. “Nada mais de briga. Você quer o Simon? Fique com ele. Você acha que vê fantasmas? É problema seu. Tudo o que eu quero é que você diga a Dra. Gill que eu me desculpei por contar a todos que você via fantasmas no primeiro dia. Eles iam me deixar sair na segunda, mas agora não vão. E é culpa sua.”

“Eu não—”

“Eu não acabei.” Um toque de sua velha atitude deu uma cadência irritada às palavras. “Diga a Dra. Gill que eu me desculpei e que talvez você tenha

exagerado isso tudo. Eu achei que fosse legal você ver fantasmas e levei pro lado errado, mas que eu fui legal com você desde então."

"Sobre me 'dar' Simon... Eu não estou—"

"Esse é parte do acordo. Parte dois? Eu vou te mostrar algo que você quer ver."

"O que é?"

"Naquele—" um movimento de sua mão "—nojento espaço apertado. Eu estava descendo para ver quando você finalmente ia lavar minha calça jeans, e

eu escutei você e a Rae procurando por algo."

Eu limpei qualquer expressão do meu rosto. "Eu não sei o que—"

"Ah, esquece. Deixe-me adivinhar. Brady disse a Rae que havia algo ali, não contou?"

Eu não fazia ideia do que ela queria dizer, mas acenei.

"É uma caixa de jóias cheia de coisas velhas." Seus lábios se curvaram em desgosto.

"Brady me mostrou. Ele achou que realmente fosse me interessar por isso. É, tipo, antiguidade, ele disse. Nojento." Ela estremeceu. "Quando eu não estava toda "Ah, uau, isso é tão doce e romântico. Eu simplesmente amo colares apodrecendo e nojentos espaços apertados,' ele deve tê-lo mencionado para a Rae. Se você quiser, eu posso te mostrar."

"Claro, eu acho. Talvez hoje a noite—"

"Você acha que eu vou me arriscar me meter em mais encrenca? Eu vou te mostrar agora, quando eu terei tempo de tomar banho depois. E não ache que vai achar por conta própria, porque você não vai."

Eu hesitei.

Sua boca se apertou. “Ótimo. Você não quer me ajudar? Isso é simplesmente perfeito.”

Ela se dirigiu à porta.

Eu joguei minhas pernas para o lado da cama. “Espera aí. Eu estou indo.”

Vinte e sete

EU SUBI NA ESCADA, empurrando a porta e espiei para dentro da escuridão. Recuei e olhei para Tori.

“Rae tem uma lanterna. Precisamos pega-la.”

Tori suspirou irritada. “Onde esta a lanterna?”

“Eu não sei. Pensei que você...”

“Por que eu iria saber onde eles guardam a lanterna? Você acha que fico fugindo por ai durante a noite? Leio livros sujos sob os cobertores? Apenas vá...” ela parou seus lábios se curvando em um sorriso. “Oh certo. Você tem medo do escuro, não é?”

“Onde você escutou...”

Ela puxou a perna da minha calça. “Desça daí garotinha. Vou liderar o caminho... E espantar todos os terríveis fantasmas.”

“Não, eu faço isso. Apenas me de um segundo para os meus olhos se ajustarem.”

Onde estava Rae e seus fósforos quando se precisava deles? Espere. Os fósforos. Ela os havia jogado aqui. Senti o chão ao meu redor, mas a terra escura camuflava a caixa.

“Ola? Tori falou. “Já ficou petrificada de medo? Se mova ou saia do caminho.

Eu comecei a seguir em frente.

“Vá para a esquerda.” Tori falou enquanto subia atrás de mim. “É na metade do caminho na direção da parede.”

Nós havíamos seguidos cerca de seis metros quando ela falou. “Vá para a

direita. Vê o pilar?”

Foquei meu olhar e consegui distinguir um pilar.

“É bem atrás daquilo.”

Me arrastei até o pilar e comecei a sentir o chão ao redor da base.

“Atrás, não embaixo. Você não consegue fazer nada? Aqui, deixe comigo.”

Ela alcançou meu braço, sua mão se fechou ao redor do meu antebraço e me desequilibrou.

“Hei!” eu falei. “Isso...”

“Machuca?” os dedos dela se fecharam com mais força. Quando tentei puxar meu braço, ela acertou o meu estomago com o joelho, e eu me dobrei.

“Você sabe em quantos problemas você me meteu Chloe? Você veio aqui, faz

com que a Liz seja mandada embora, rouba o Simon e arruína minhas chances

de sair daqui. Bem, você esta prestes a sair. Uma passagem de ida para o hospício. Vamos ver o quanto você tem medo do escuro.”

Ela levantou um retângulo áspero. Um tijolo quebrado? Ela o baixou. Dor explodiu na parte de trás da minha cabeça e cai para frente, sentindo gosto de terra antes de tudo se apagar.

Depois de muito tempo eu acordei tonta, uma parte mais profunda em mim gritava. “Você precisa se levantar!” antes da parte sonolenta e confusa resmungar. “São somente os remédios novamente.” e eu deslizei novamente para a inconsciência.

Finalmente lembrei que não estava tomando remédios e acordei. Com o

som de uma respiração áspera. Eu fiquei deitada, meu cérebro ainda confuso, meu coração disparado, enquanto eu tentava perguntar. “Quem está aí?”

Mas os meus lábios não se moviam.

Me remexi loucamente, incapaz de levantar, incapaz de mover meus braços, mal conseguindo respirar. Então, enquanto eu lutava para inspirar, eu percebi de onde o som de respiração estava vindo.

De mim.

Forcei-me a ficar parada, para me acalmar. Algo estava amarrado ao redor do meu rosto, puxando minha pele quando eu me movia. Fita adesiva. Eu tinha

fita adesiva sobre minha boca.

Minhas mãos estavam amarradas nas minhas costas, e minhas pernas...

Me retorci no escuro, tentando ver meus pés, mas com a porta fechada e sem luz entrando, eu não conseguia ver nada. Quando movi minhas pernas, podia sentir alguma coisa as prendendo perto do tornozelo. Amarrada.

Aquela vadia maluca!

Nunca pensei em chamar alguém por esse nome, mas para Tori, nenhuma outra palavra se enquadraria.

Ela não havia somente me levado para esse lugar apertado e me deixado inconsciente. Ela havia me amarrado e amordaçado.

Ela era maluca. Completamente maluca.

Bem, dã, é por isso que ela esta presa nesse lugar. Mentalmente perturbada. Leia o rotulo Chloe. Você é a idiota que esqueceu.

Agora eu estava presa aqui, amordaçada e amarrada no escuro, esperando que alguém me encontrasse.

Alguém ira te encontrar?

É claro. Eles não iriam apenas me deixar aqui para apodrecer.

Você provavelmente esteve inconsciente por horas. Talvez eles tenham parado de procurar. Talvez pensem que você fugiu.

Não importava. Uma vez que Tori tivesse sua diversão, e sua revanche, ela iria encontrar uma maneira de avisar alguém onde eu estava.

Será que ela iria? Ela é maluca, lembra. Tudo o que importa para ela é se livrar de você. Talvez ela decidisse que seria melhor eu nunca ser encontrada.

Alguns dias sem água...

Pare com isso.

Eles pensarão que alguém entrou. Amarrou a pobre da chloe e a deixou em um lugar escondido. Isso daria uma boa historia. A ultima historia de Chloe.

Ridículo. Eles iram me encontrar. Eventualmente. Mas eu não iria ficar aqui e esperar o resgate.

Virei-me de costas e tentei usar minhas mãos para erguer meu corpo.

Quando não consegui, rolei de lado, então comecei a me retorcer até que fiquei

de joelhos.

Assim, pelo menos eu poderia me arrastar. Se eu conseguisse chegar do outro lado, poderia bater na porta, chamando a atenção de alguém. Seria um caminho lento, mas...

“Chloe?”

Uma voz de homem. Dr. Davidoff? Eu tentei responder, mas pude somente fazer um som abafado “uh-uh”

“... seu nome... Chloe...”

Quando a voz se aproximou, e a reconheci, os pelos de meu braço se

arrepiaram. O fantasma do porão.

Me preparei e olhei ao redor, sabendo mesmo que fazendo isso eu não conseguiria ver nada na escuridão.

Nessa completa escuridão.

“... relaxe... vim por você...”

Segui em frente e esmaguei meu rosto em um poste, batendo meu nariz.

Dor explodiu atrás dos meus olhos e eles se encheram de lágrimas.

Quando abaixei minha cabeça fazendo uma careta, bati com minha cabeça contra o poste, e caí de lado.

Levante.

Por qual motivo? Mal posso me mexer. Não posso ver para onde estou indo. Está muito escuro.

Levantei minha cabeça, mas é claro que eu não via nada. Os fantasmas poderiam estar me cercando, em todos os lugares...

Oh, pare com isso! Eles são fantasmas. Não podem fazer nada contra você. Eles não podem “ter vindo por você”.

“... invocá-los... Você deve...”

Fechei meus olhos e me concentrei em respirar. Nada mais além de respirar, bloqueando as vozes.

“...ajudar você... Escute... Essa casa...”

Apavorada como estava, no momento em que escutei as palavras “essa casa” pronunciadas com tanta urgência, tive que escutar.

“...Bom... Relaxe... Concentre-se...”

Lutei contra minhas amarras, tentando me levantar.

“Não, relaxe... Vim por você... Aproveitando o tempo... Fazer contato... Não

posso... devo... a historia deles... urgente...”

Me estiquei para escutar mais, lutando para entender. Relaxe e se concentre? Parecia com a sugestão da Rae.

Isso havia funcionado quando eu estava com ela, pelo menos o suficiente para eu ver um flash.

Fechei meus olhos.

“...Bom ... Relaxe... invoque...”

Apertei meus olhos fechados e me imaginei fazendo contato com ele. O visualizei. Visualizei o puxando. Me esforcei até que minhas têmporas começaram a latejar.

“... Criança... Não tão...”

A voz dele estava mais alta. Levantei minhas mãos, me permitindo passar através da barreira, para contatar os mortos.

“Não! O fantasma falou. “Não –!”

Minha cabeça caiu para trás, meus olhos procurando pela escuridão.

Você esta aí? Pensei as palavras, então tentei as dizer em voz alta, um “uh-uh-uh”, contra a mordada.

Esperei por dois minutos em completo silencio. Bom trabalho em chamar fantasmas. Eu devo tê-lo jogado longe, fora de alcance.

Pelo menos o interlúdio havia me dado um momento para me acalmar.

Meu coração havia parado com as batidas que pareciam de um coelho assustado, e até mesmo a escuridão não parecia tão ruim. Se eu pudesse seguir em direção da porta, e bater nela...

E em qual direção ficava a porta?

Eu teria que descobrir.

Comecei a seguir em direção á um pequeno fecho de luz que provavelmente passava ao redor da porta. O chão tremeu, e me arrastei para frente.

Enquanto eu lutava, as amarras ao redor de minhas mãos cediam, se soltando. Girei meus braços, separando meus pulsos. Qualquer que tenha sido o nó que Tori fizera ela havia feito um trabalho pobre, e o nó se soltou.

Garotas ricas, eu pensei. Isso seria o que Rae teria dito.

Soltei minhas mãos. Quando segui para soltar minhas pernas, o tremor voltou mais forte dessa vez, e tive que me segurar para evitar cair.

Um terremoto?

Com a minha sorte, eu não duvidava disso. Esperei acabar, então comecei a lutar com as cordas em meus pés. Ela estava trançada e amarrada em vários lugares, como se já tivesse nós antes de Tori tê-la encontrado. Achar o nó certo no escuro era...

Um barulho cortou meu pensamento. Soava como alguém pisando no chão de terra. Mas fantasmas não faziam nenhum som quando se moviam. Eu escutei. O som voltou, um som como se alguém estivesse jogando um punhado de pedras pelo chão.

Engoli e continuei trabalhando com o nó.

E se houvesse uma pessoa real ali comigo? Alguém que poderia me ferir?

Um som de algo raspando veio de trás de mim. Eu pulei, caindo de lado. A mordalha abafou meu grito, e eu procurei na escuridão, meu coração batendo tão alto que eu jurava por escutá-lo.

Dump – dump – dump.

Aquilo não era o meu coração.

O som vinha da direita, muito suaves para serem passos. Como mãos batendo contra o chão. Como alguém se arrastando em minha direção.

“Pare com isso!”

Eu só pretendia pensar as palavras, mas as escutei saírem de minha garganta ferida, abafadas pela mordaca. O tamborilar parou. Um som gutural, como um gemido.

Meu deus, não havia alguém aqui, havia alguma coisa, algum tipo de animal.

Uma toupeira. Rae e eu havíamos visto uma toupeira morta ontem.

Uma toupeira? Grunhindo? Fazendo um barulho alto o suficiente para ser escutado atrás de um aposento?

Apenas fique parada. Se eu ficar parada, aquilo não poderá te encontrar.

Isso é para tubarões! Sua idiota, tubarões e dinossauros não podem encontrar você se ficar parada. Isso não é Jurassic Park!

Uma risada histérica subiu por minha garganta. A engoli, torcendo o som em um choramingar. A batida ficou mais alta, mais perto, ressaltada agora por

um novo barulho. Um... Clicar.

Clique – claque – clique – claque.

O que seria aquilo?

Você vai ficar aqui sentada e descobrir?

Tentei retirar minha mordaca, mas não consegui pegar a fita, então desisti e passei a trabalhar nas cordas ao redor dos meus pés novamente, meus dedos tateavam tão rapidamente que a corda cortava minha pele. A cada nó, eu procurava por uma ponta solta, sem encontrar nenhuma até...

Havia uma. Uma ponta solta.

Trabalhei no nó, puxando esse pedaço, depois aquele, procurando pelo momento certo para puxar a corda e chegar ao final. Coloquei toda minha concentração naquilo, bloqueando os sons.

Eu estava tentando colocar meus dedos sob uma parte do nó quando alguma coisa soou bem ao meu lado. Um raspar, então um clique, claque. Um cheiro forte de mofo encheu minhas narinas. Então dedos gelados raparam em meu braço nu.

Algo em mim apenas... Se soltou. Uma pequena onda de umidade escorreu por minha perna, mas eu mal notei. Fiquei sentada lá, congelada, me mantendo tão parada e rígida que minha mandíbula começou a doer.

Procurei pela coisa que farfalhava, arrastava e clicava e que parecia me rodear. Outro som apareceu. Um longo e baixo choramingar.

O meu choramingar. Tentei parar, mas não pude, consegui somente ficar lá, tão apavorada que minha mente estava em branco.

Então aquilo me tocou novamente. Coisas como longos, secos e frios dedos, faziam cócegas em meu pescoço. Um barulho indescritível, de esmagar, quebrar e arrastar, fez com que todos meus cabelos se eriçassem. O som se repetiu até que deixou de ser um som, mas uma palavra. Uma palavra horrível, falhada, que não poderia vir de nenhuma garganta humana, uma única

palavra que se repetia sem parar.

“Ajude-me. Ajude-me. Ajude-me.”

Arremeti para frente, longe daquela coisa. Com meus tornozelos ainda amarrados, cai de cara no chão, então fiquei de quatro, me movendo o mais rápido que pude em direção da porta distante.

Um som de algo, chiando, batendo e quebrando veio do outro lado.

Outro.

Oh deus, o que eram aquelas coisas? Quantos estavam ali?

Não importa. Apenas vá!

Arrastei-me ate chegar à porta. Meus dedos raparam a madeira. Eu empurrei. Mas a porta não cedeu.

Estava trancada.

Me afastei e bati com meus punhos contra a porta, gritando e batendo, chamando por ajuda.

Dedos frios se fecharam ao redor do meu tornozelo.

Vinte e oito

MINHA MÃO ENCOSTOU EM ALGO estirado no chão. A caixa de fósforos.

Eu a peguei tateei a tampa. Eu puxei um fósforo, então virei a caixa, os dedos procurando a tira de riscar. Ali.

“Ajude. Ajude. Me.”

Eu pedalei para trás, içando e chutando meu pé preso para me afastar, o fósforo caindo. Eu parei, e passei minha mão na terra, procurando-o.

Pegue outro!

Eu peguei. Achei a tira de riscar novamente. Espremi o fósforo entre meus dedos e... percebi que não tinha ideia de como acendê-lo. Por que teria? No acampamento, somente orientadores acendiam fogo. Eu nunca tinha fumado cigarro. Eu não compartilhava da fascinação das outras garotas por velas.

Você deve ter feito isso antes.

Provavelmente, mas eu não me lembrava...

Quem liga? Você viu em filmes, não viu? Não pode ser muito difícil.

Eu espremi o fósforo novamente, o risquei... e ele se dobrou com o impacto. Eu puxei outro. Quantos tinha?

Não muitos – era a mesma embalagem que a Rae usara na primeira vez que eu a flagrei acendendo fósforos.

Dessa vez, eu segurei o fósforo mais embaixo, perto da cabeça. Eu o risquei.

Nada. Eu risquei de novo e a cabeça do fósforo acendeu, queimando as pontas dos meus dedos levemente, mas eu não soltei. A chama brilhava claramente, mas emitia muita pouca luz. Eu conseguia ver minha mão, mas

além disso – escuridão.

Não, havia algo a direita, se movendo na terra. Eu só conseguia distinguir uma sombra escura, se arrastando na minha direção. Grande e comprida. Algo

se esticou. Parecia um braço, coberto de manchas, a mão quase branca, dedos longos brilhando contra a terra.

As mãos se esticaram para frente, arranhando a terra, então puxando o corpo junto. Eu conseguia ver roupas, roupas rasgadas.

O cheiro de terra e algo úmido preencheu minhas narinas.

Eu levantei o fósforo mais alto. A coisa ergueu sua cabeça. Um crânio me encarava, tiras de carne enegrecida e de cabelo incrustado de terra pendurado. Buracos oculares vazios se viraram na minha direção.

A mandíbula se abriu, os dentes fazendo ruído enquanto a coisa tentava falar, pronunciando somente aquele gemido horrível e gutural.

“Ajude. Ajude-me.”

Eu gritei contra a mordança tão alto que eu achei que minha cabeça fosse explodir.

Qualquer coisa que ainda estivesse na minha bexiga saiu. Eu derrubei os fósforos. Ele emitiu faísca no chão, então se apagou, mas não antes de eu ver uma mão ossuda alcançando a minha perna e um segundo cadáver escorregando ao lado do primeiro.

Por um segundo, eu simplesmente fiquei sentada ali, quase tendo convulsão de medo, meus gritos um pouco mais do que abrasões. Então aquela mão se enrolou ao redor da minha perna, osso gelado cortando, pedaços de pano rasgado encostando na minha pele nua. Mesmo que eu não conseguisse ver, eu conseguia visualizar, e aquela imagem era o bastante para

parar os gritos na minha garganta e me fazer retornar à vida.

Eu me soltei, chutando, estremeando enquanto meu pé fazia contato, e eu escutei um som seco e quebrante. Enquanto eu escapava, eu ouvi alguém dizer o meu nome, me falando para parar.

Eu tentei puxar a mordaca, mas meus dedos tremendo ainda não conseguiam achar uma ponta. Eu desisti, engatinhando o mais rápido que conseguia, até que as batidas e cliques e zunidos raivosos ficassem distantes.

"Chloe! Pare." Uma sombra escura pairava acima de mim, iluminada por uma luz turva. "Sou—"

Eu chutei o mais forte que consegui. Um sibilo afiado de dor e um xingamento.

"Chloe!" Dedos fixaram-se no meu braço. Eu me virei. Outra mão agarrou meu braço, e me tirou o equilíbrio.

"Chloe, sou eu. Derek."

Eu não sei o que fiz em seguida. Eu acho que posso ter sofrido um colapso em seus braços, mas se eu sofri, eu prefiro não lembrar disso dessa maneira.

Eu me lembro de sentir a mordaca sendo arrancada, então ouvir aquele horrível thump-thump e arranhção.

"T-t-em—"

"Pessoas mortas, eu sei. Eles deviam estar enterrados aqui embaixo. Você acidentalmente os invocou."

"I-i-invocou—"

"Depois. Agora, você precisa—"

A batida soou novamente, e eu conseguia vê-los - na minha mente - puxando seus corpos débeis junto. O farfalhar das roupas deles e de carne

seca. O ruído e clique dos ossos deles.

Seus espíritos presos dentro. Presos em seus cadáveres—

“Chloe, foco!”

Derek agarrou meus antebraços, segurando-me firme, me puxando perto o suficiente para ver o relampejo branco de seus dentes enquanto ele falava. De trás dele veio aquela luz fraca que eu tinha visto antes.

A porta fora deixada aberta, deixando entrar o suficiente de luz para distinguir sombras.

“Eles não te machucarão. Eles não são zumbis comedores de cérebro de filmes, está bem? Eles só são corpos mortos com seus espíritos retornados a eles.”

Só corpos mortos? Com seus espíritos retornados a eles? Eu tinha mandado pessoas – fantasmas – de volta a seus cadáveres. Eu pensei como seria isso, empurrado de volta em seu corpo decomposto, preso lá—

“Eu-eu-eu preciso mandá-los de volta.”

“É, essa seria a ideia.”

Tensão enfraquecia o sarcasmo de suas palavras: e quando eu parei de tremer, eu consegui sentir a tensão correndo por mim, vibrando pelas mãos que agarravam meus braços, e eu soube que ele estava lutando para permanecer calmo. Eu esfreguei minhas mãos sobre meu rosto, o fedor de terra enchendo minhas narinas.

“E-está bem, então como eu mando eles de volta?”

Silêncio. Eu olhei para cima. “Derek?”

“Eu ... eu não sei.” Ele se livrou daquilo, girando seus ombros, a aspereza retornada a sua voz. “Você os invocou, Chloe. O que quer que tenha feito,

desfaça. Reverta.”

“Eu não fiz—”

“Só tente.” Eu fechei meus olhos. “Voltem. De volta para sua vida após a morte. Eu os liberto.”

Eu repeti as palavras, concentrando tão arduamente que suor escorreu pelo meu rosto. Mas a batida continuou vindo.

Mais perto. Mais perto.

Eu fechei meus olhos e fiz um filme para mim mesma, estrelando uma jovem tola necromante que precisa mandar espíritos de volta para o mundo dos

mortos. Eu me forcei a imaginar os cadáveres. Eu me vi chamando seus fantasmas, libertando-os de seus laços terrestres. Eu imaginei seus espíritos se

levantando—

“Ajude. Ajude.” Minha garganta ficou seca. A voz estava bem atrás de mim.

Eu abri meus olhos.

Derek soltou um xingamento e suas mãos se apertaram ao redor dos meus antebraços.

“Mantenha seus olhos fechados, Chloe. Só lembre-se, eles não a machucarão.”

Uma ponta de dedo ossuda tocou meu cotovelo. Eu pulei.

“Está tudo bem Chloe. Eu estou bem aqui. Continue.”

Enquanto eu me mantinha imóvel, as pontas dos dedos cutucaram meu braço, então deslizaram por ele, acariciando, testando, sentindo, como o homem cego com o elefante*. Osso arranhou minha pele. Um ruído farfalhante

* a história do homem cego e do elefante se originou na Índia. Um grupo de homens cegos (ou homens no escuro) toca um elefante para aprender como é. Cada um toca uma parte diferente, e somente uma. Então eles comparam notas sobre o que sentiram, e aprendem que discordam completamente. A história é usada para indicar que a realidade pode ser vista diferentemente dependendo da perspectiva da pessoa, sugerindo que o que parece ser uma verdade absoluta pode ser relativa, devido a natureza enganadora de meias-verdades.

enquanto o cadáver se puxava para mais perto. O cheiro dele—

Visualize.

Eu estou!

Não desse jeito!

Eu fechei meus olhos – sem sentido, já que eu não conseguia ver nada com eles abertos, mas isso me fez sentir melhor. Os dedos deslizavam e cutucavam minhas costas, puxando minha camiseta, o cadáver fazendo sons gah-gah-gah como se tentasse falar.

Eu cerrei meus dentes e bloqueei isso. Não era fácil, sabendo o que estava me tocando, pressionando contra meu lado—

Já chega!

Eu me concentrei ao invés na respiração do Derek. Respirações lentas e profundas por sua boca, enquanto ele lutava para ficar calmo.

Respirações profundas. Respirações profundas. Ache um lugar silencioso. O lugar criativo.

Lentamento os sons e toques e cheiros do mundo real se dissiparam.

Eu fechei meus olhos, e me deixei cair livremente na minha imaginação. Eu

me foquei nos corpos, imaginando-me rebocando seus espíritos, libertando-os,

como pombas presas, voando para a luz do sol.

Eu repeti as imagens – libertando os espíritos, desejando-lhes o bem, desculpando-me enquanto eu os mandava tomar rumo. Turvamente eu ouvi a voz do Derek, dizendo-me que eu estava indo bem, mas ela parecia flutuar, como um sonho a beira da consciência. O mundo real estava aqui, onde eu estava desfazendo meu erro, revertendo o—

“Eles se foram, Chloe,” ele sussurrou.

Eu parei. Eu ainda podia sentir os dedos ossudos, agora na minha perna, um corpo descansando contra o meu, mas não estava se movendo.

Quando eu me virei de lado, o cadáver caiu, uma casca vazia, tendo um colapso aos meus pés.

Derek soltou uma respiração longa e profunda, correndo suas mãos pelos seus cabelos. Após um momento, ele perguntou, como se em uma reflexão tardia, se eu estava bem.

“Eu viverei.”

Outra respiração profunda estremecedora. Então ele olhou para o corpo.

“Suponho que temos trabalho a fazer.”

Vinte e nove

POR “TRABALHO”, ELE QUERIA DIZER limpar. O que significava voltar a

enterrar os corpos. Tudo o que direi sobre aquilo é que eu estava feliz que mesmo com a porta aberta, ainda estava escuro demais para ver os corpos muito bem.

As sepulturas eram rasas, pouco mais do alguns centímetros de terra sobre os corpos, o suficiente para eles cavarem para fora quando seus espíritos foram jogados de volta á seus corpos.

Mas eu não queria pensar sobre aquilo.

Eu posso dizer que os corpos haviam sido enterrados há muito tempo, provavelmente antes da casa Lyle ter se tornado um lar para grupos.

E eles eram adultos. Por agora, isso era tudo o que eu precisava saber.

Enquanto trabalhávamos, perguntei para o Derek como ele havia me encontrado. Ele falou que quando percebeu que Tori havia ficado para trás, soube que ela estava aprontando alguma coisa, então ele foi ver como eu estava. Como exatamente ele me encontrou, ele não disse, apenas deu de ombros e resmungou algo sobre procurar nos “lugares certos” quando ele achou que eu havia desaparecido.

A questão agora era: o que fazer sobre a Tori?

“Nada.” eu falei, limpando minhas mãos tremulas depois de ter terminado com a segunda cova.

“Huh?”

Era bom escutar ele falando isso, uma vez.

“Eu vou agir como se nada tivesse acontecido.”

Ele considerou isso então assentiu. “Sim. Se você culpá-la as coisas somente irá ficar pior. O melhor é ignorá-la e esperar que ela desista. “Rezar para ela desistir.” Eu resmunguei enquanto rastejava para a porta. “Ainda tem roupas limpas aqui em baixo?” Derek perguntou. “Uma carga na secadora. É tudo. Por...? Oh certo. É melhor não ir lá para cima cobertos de sujeira.” Eu desci a escada. “A maioria das que estão na secadora são suas...”

“Chloe? Derek?” a senhora Talbot estava parada na lavanderia. “O que vocês dois estão fazendo juntos? Derek você sabe que não deveria...” a atenção dela vagou sobre minha roupa suja.

“Querido Deus, o que aconteceu com você?”

Não havia razão para negar que estávamos naquele pequeno espaço, já que ela havia nos pego saindo do closet, e a mim coberta de sujeira. Fechei minhas pernas, esperando que aquilo escondesse a marca molhada. O ferimento na parte de trás da minha cabeça latejava e tive que lutar para falar, rezando para que o Derek me ajuda-se. Mas ele não ajudou.

Um resgate por dia deveria ser seu limite.

“Eu estava cuidando das roupas, e D-Derek veio até aqui, procurando por...”

A doutora Gill entrou no porão. Meu olhar se dirigiu para ela. “Continue Chloe.”

“E-ele queria a camiseta dele. E-eu perguntei por alguma coisa para tirar manchas, por que eu não havia encontrado nenhum, e eu abri o armário para procurar, e o Derek falou que a porta normalmente esta trancada. Nós en-

encontramos a escada para o espaço entre as paredes e estávamos curiosos.”

“Oh, eu aposto que estão curiosos.” A doutora Gill falou, cruzando os braços.

“Garotos da sua idade são muito curiosos, não são?”

“E- eu acho que sim. Nós estávamos explorando...”

“Eu aposto que estavam.” A doutora Gill cortou.

Eu entendi o que ela pensava o que Derek e eu estávamos fazendo.

Mesmo se eu negasse isso, vi que ela havia nos dado a desculpa perfeita.

Eu apenas baixei meus olhos, envergonhada, e falei. “Sim, você nos pegou” eles tinham uma explicação, sem precisar entrar no espaço entre as paredes para descobrir aqueles corpos enterrados as pressas.

Se fosse com Simon, eu teria feito isso em um segundo. Mas Derek? Eu não era tão boa em mentir assim.

Mas não importava. Quando mais eu negasse, mais certeza eles tinham de que estávamos aprontando. A doutora Gill já havia se decidido. Se você encontrasse um garoto adolescente e uma garota em um lugar escuro e privado, realmente haveria alguma duvida do que eles estariam fazendo?

Até mesmo a senhora Talbot parecia convencida, sua boca estava apertada em desaprovação enquanto eu balbuciava.

E Derek? Ele não falou nenhuma palavra.

Quando fomos liberados, corri para o andar de cima e troquei meus jeans antes que alguém notasse a marca de urina. Quando examinei minha cabeça, havia dois ovos, um feito pela Tori e um por ter atingido o pilar.

De volta para o andar de baixo, mostrei o menor para a doutora Gill,

torcendo para que aquilo provasse nossa historia de estar explorando o lugar —

veja eu bati com a minha cabeça. Ela apenas olhou com curiosidade, e me entregou um Tylenol, e me mandou deitar no quarto da TV. Minha tia Lauren estava a caminho.

“Eu não sei o que dizer Chloe.”

A voz da tia Lauren era pouco mais que um sussurro. Aquelas eram as primeiras palavras que ela havia falado para mim desde que havia chegada a casa Lyle. Eu a escutei discutindo com a doutora Gill e com as enfermeiras mais cedo, exigindo saber por que elas não estavam se certificando que Derek ficasse longe de mim, como a haviam prometido.

Agora comigo, aquela raiva havia desaparecido.

Nós estávamos sozinhas no escritório da doutora Gill. Justamente como a Tori e a mãe dela estiveram. Eu sabia que essa reunião não acabaria com ameaças e hematomas, mas eu imaginava que não sairia dali me sentindo muito melhor do que Tori.

Tia Lauren estava sentada completamente reta, suas mãos juntas sobre o colo, os dedos torciam seu anel de esmeralda.

Eu sei que você tem quinze anos. Mesmo que você ainda não tenha tido um encontro, você esta curiosa. Em um lugar como esse, isolado de seus amigos e família, morando com garotos, a tentação em experimentar...”

“Não era isso. Não era nada como isso.” me virei para encará-la. “ Nós encontramos aquela passagem entre as paredes e Derek quis ver achando que seria legal.”

“Então você o seguiu lá para dentro? Depois do que ele fez para você?” ela

havia ficado parada, o desapontamento no olhar dela mudou para horror.
“Oh,

Chloe, eu não posso acreditar. Você acha que ele te ameaçou e feriu no outro dia por que gosta de você?

“O quê? Não, claro que não. Derek não... ele cometeu um erro. Ele não me machucou e ele não queria fazer isso. Foi um mal entendido.”

Ela estendeu a mão e apertou a minha. “Oh Chloe. Querida, não. Você não pode cair nessa. Você não pode inventar desculpas por ele.”

“Desculpas?”

“Talvez esse seja o primeiro garoto que diga ‘eu gosto de você’, e eu sei como isso é bom, mas esse não vai ser o único garoto que vai gostar de você Chloe. Ele é apenas o primeiro com a coragem de falar isso. Ele é mais velho. Ele tirou vantagem da situação. Na escola, eu acredito que as garotas não olhariam duas vezes para ele, e aqui esta ele com uma jovem bonita, impressionável, presa...”

“Tia Lauren!” me liberei do aperto das mãos dela. “Deus, não é...”

“Você pode conseguir melhor Chloe. Muito melhor.”

Pelo desgosto no rosto dela, eu sabia que ela não estava falando em como Derek me tratava. Senti um estranho início de ultraje. Claro, eu não conseguia

fingir estar junto com Derek. Mas eu me sentia mal por pensar desse jeito.

A aparência de Derek não era culpa dele. Ele estava obviamente ciente disso, e como os outros reagiam á isso, e certamente não era como se ele tentasse ser repulsivo. E adultos deveriam saber.

Tia Lauren deveria ser aquela a me dar o discurso você não pode julgar um livro pela capa.

Qualquer vontade que eu tivesse de contar a verdade para a tia Lauren se evaporou. Ela olhava para o Derek e ela via uma aberração que havia atacado sua sobrinha. Nada que eu pudesse falar iria convencê-la do contrário, por que

ele parecia como uma aberração. E nada do que eu pudesse falar a convenceria que eu realmente estava vendo fantasmas, por que eu iria soar como uma esquizofrênica.

“Você não vai falar nada Chloe?”

“Por quê?” eu escutei a frieza da minha voz. “Eu tentei. Você já tem uma opinião.”

Ela se mexeu na cadeira, se aproximando da beirada, diminuindo o espaço entre nós. “Eu gostaria de escutar o seu lado da historia.”

“Só por que estou nesse lugar, só por que eu estou doente, não significa que sou diferente do que era uma semana atrás. Naquela época, você saberia que havia algo errado com essa historia. Você teria pedido minha explicação antes de me acusar de alguma coisa. Mas agora?” eu levantei. “Agora sou apenas a garota maluca.”

“Chloe não pense...”

“ Eu sei exatamente o que pensar.” Eu falei, e sai da sala.

Tia Lauren tentou me seguir, mas eu não a escutei. Eu estava com muita raiva. Muito ferida. Por ela ter pensado que eu estava me divertindo em um nicho na parede com o primeiro garoto que mostrara interesse por mim? Isso realmente machucava.

Só deus sabe o que ela pensava que estávamos fazendo. Eu tinha quase certeza de que a imaginação dela, a levou muito além da etapa do doce

primeiro beijo. Para ela pensar de eu ir de “nunca ter tido um encontro” á “rolando no chão com um estranho”? Aquilo era um insulto. Não, mais que um

insulto. Aquilo me deixava furiosa.

Tia Lauren saberia alguma coisa sobre mim? E se ela não soubesse quem saberia?

Quando ficou claro que eu não iria me “acalmar” e falar com minha tia, foi a hora para a próxima faze. O julgamento.

Fui convocada de volta ao escritório, com Derek como minha testemunha e a doutora Gill e o doutor Davidoff como juiz e júri. Foi um julgamento fechado.

Ate mesmo a tia Lauren fora proibida de ficar.

Eu não me incomodei de discutir sobre o por que de estarmos naquele lugar. Eu já havia passado da faze “ o meu deus, eu não quero que ninguém pense que sou esse tipo de garota”. Se eles acham que o Derek e eu estávamos nos agarrando no chão, então pelo menos isso significava que eles não entrariam naquele nicho e não veriam os sinais das covas perturbadas... Ou se entrassem, eles iriam pensar que sabiam o que causara aquilo.

Apesar da descrença da tia Lauren, eu tinha certeza de que Derek estava horrorizado pela idéia como eu estava. Quando a doutora Gill tentou obter uma

confissão dele, ele apenas deu de ombros, e resmungou “tanto faz”, seus braços estavam cruzados, seu grande corpo jogado na cadeira, e sua aparência parecia desafiadora. Como eu, ele percebera que não havia por que discutir, mas ele também não estava disposto a confessar.

“Essa não é a primeira vez que vocês dois tem... se envolvido.” A doutora

Gill falou finalmente. “ E tenho o pressentimento de que essa não será a última

vez. Precisamos cortar isso pela raiz, e a única maneira de fazermos isso é com uma transferência. Um de vocês vai ter que partir.”

“Eu vou.” Eu escutei as palavras e levei um momento para perceber que haviam vindo de mim.

Eu estava maluca? Me voluntariando para ser transferida quando eu já estava preocupada sobre o que essa tal de transferência significava?

Mas eu não retirei a proposta. Se um de nós tivesse que partir, deveria ser eu.

Por mais apavorada que eu estava por ser mandada embora, eu não iria separar Simon e Derek.

Mesmo assim, eu esperava que Derek interferisse. Não sei por que – certamente não por cavalheirismo. Mas, parecia certo ele pelo menos ter levantado para protestar. Uma coisa educada a ser fazer... O que eu acho deve explicar o porquê dele não ter falado uma palavra.

“Ninguém vai a lugar nenhum.” O doutor Davidoff falou calmamente. “Por agora, estou colocando os dois em observação. Mas não me dêem nenhuma razão para repensar essa decisão. Isso está entendido?

Estava.

Trinta

QUANDO OS DOUTORES NOS DISPENSARAM, Derek e eu nos dirigimos para o corredor juntos. Eu tentei vadiar, mexendo em uma mancha imaginária na minha camisa e dando-lhe tempo de andar a frente, evitando qualquer embaraço. Ele se estacionou na minha frente, os braços cruzados, dedos batendo em seus bíceps com impaciência.

Eu me lembrei de como ele tinha me resgatado. Eu deveria estar grata. Eu estava. Naquele momento, contudo... Eu não sei. Minha cabeça doía e eu ainda estava machucada pela rejeição da minha tia, e quando eu me ofereci para ser mandada embora e ele não discutiu, magoou. Eu não queria que magoasse. Mas magoou.

“O que você está limpando?” ele sussurrou por fim.

“Uma mancha.”

“Não tem mancha.”

Eu me endireitei, puxando minha camisa para baixo e ajustando-a. “Porque eu limpei.”

Eu tentei passar por ele. Ele não se moveu.

“Precisamos conversar,” ele sussurrou.

“Você realmente acha que essa é uma boa ideia?”

“Simon estará lá,” ele disse. “Cinco minutos. Lá fora.”

Eu realmente não achava que era sábio eu ser vista andando com o Derek, mesmo se Simon estivesse lá. Então cinco minutos mais tarde eu estava na sala de mídia, deitada na poltrona, escutando meu iPod, tentando me perder na

música.

Quando uma sombra passou pela minha cabeça, eu pulei.

Rae estava parada lá, as mãos abertas. “Calma, garota. Sou só eu.”

Eu tirei meus fones.

Ela arrumou seu suéter sobre uma cadeira. “Então, o que aconteceu?”

“Não é o que todos pensam.”

“Bem, dâh.”

Ela se assentou na outra ponta, os pés puxados para debaixo de si, uma almofada pequena em seu colo, ficando confortável, esperando pela verdadeira

história. Ela me conhecia há menos de uma semana, e ela sabia que eu não estivera de sacanagem num espaço apertado com Derek.

“Eu te conto mais tarde,” eu murmurei, “quando estivermos em nosso quarto.”

“Mas você vai me contar, certo?”

Eu assenti.

“Ótimo. Então, como foi?”

Eu contei a ela sobre minha reunião com os doutores e sobre a tia Lauren.

“É uma coisa quando estranhos acham que você faria coisas que não faria.

Eles não te conhecem. Mas quando é alguém que deveria te conhecer?

Alguém que você achava que te conhecia?” Eu balancei minha cabeça.

“É, tive a minha quota disso. Na escola, se eu fizesse algo errado, eu era empurrada para o conselheiro, que me dava uma lição de moral sobre as tentações da rua e sobre a importância de ficar na escola. É tipo, dá licença?

Tem algo no meu histórico que diz que eu já estive perto de uma gangue?

Ou que eu não acho que a escola é importante? Eu tiro oito direto, e eu

nunca matei aula – vá dar lição de moral em outra pessoa.”

Ela abraçou a almofada em seu peito. “Eu digo a mim mesma que tudo bem – eles não me conhecem. Mas eu ouço a mesma merda da minha mãe. Toda vez que chegamos nessa, ela me lembra da minha amiga Trina. Fugiu aos quatorze, se misturou a uma gangue, e foi morta com um tiro de um carro em movimento. Oi? O que isso tem a ver comigo? Havia uma razão para Trina

e eu não sermos mais amigas. Eu não sou desse jeito!”

“Eles querem o bem, eu acho. Mas magoa.”

“O pior de tudo—” Seu olhar levantou-se para acima da minha cabeça. “O que você quer?”

Derek circulou na minha frente e bateu no seu relógio. “Eu disse cinco minutos?”

“Sim, você disse. E eu disse que não era uma boa ideia.”

“Precisamos falar com você.”

Rae começou a se levantar. “Eu devo ir chamar as enfermeiras?”

Eu acenei para ela se abaixar, então me virei para Derek. “Não.”

Ele empurrou suas mãos nos bolsos de sua calça jeans, se balançou em seus calcanhares, então disse, “Simon quer falar com você.”

“O Simon tem dois pés?” Rae perguntou? “Uma boca? O que você é? Seu fiel São Bernardo, andando desajeitadamente por aí, trazendo as mensagens do seu mestre?”

Ele rotacionou, ficando de costas para a Rae. “Chloe?” Havia uma nota de súplica em sua voz que fez minha determinação fraquejar.

“Chloe, pu—” Ele segurou o u, esticando-o; e por um segundo, eu achei que ele realmente iria dizer “por favor,” e se ele tivesse dito, eu teria cedido,

apesar

das minhas reservas sobre sermos vistos juntos. Mas após um segundo, ele cortou a sílaba e saiu arrogantemente.

“Tchau!” Rae gritou depois dele. “Sempre um prazer conversar com você!”

Ela se virou para mim. “Você vai me contar o que foi tudo isso, certo?”

“Eu prometo. Então, como foi a natação?”

“Legal, eu acho. É legal sair, mas não muito divertido. Simon nada correndo, eu mal consigo nadar cachorrinho, então ficamos separados. Nada de novo ali. Eles tem um escorregador maneiro, contudo, e—”

Ela olhou atrás de mim novamente e ofereceu um aceno cauteloso.

“Ei,” Simon disse.

Ele se empoleirou no braço da poltrona. Eu me desloquei para dar-lhe espaço, mas Rae estava do outro lado, então eu não podia ir longe, e o quadril dele roçou no meu ombro.

“Eu—” eu comecei.

“Não quer ir lá fora,” ele terminou por mim. “Beleza. Nós dois podemos nos esconder do Derek aqui, ver quanto tempo leva pra ele nos encontrar.”

“Eu vou deixar vocês dois—” Rae começou, se levantando do sofá.

“Não, fique,” Simon disse. “Eu não quis me intrometer.”

“Você não se intrometeu. Eu ouço as tarefas chamando o meu nome, contudo, então eu vou me mandar.”

Quando ela se foi, eu me desloquei. Simon deslizou ao meu lado. Eu dei a ele bastante espaço, mas ele ficou próximo, não tocando, mas quase, e eu olhei a lacuna entre nós, o estreito centímetro do limitado sofá, encarando-o porque, bem, eu não sabia o que mais fazer, o que falar.

O terror do espaço apertado estivera pairando sobre minha cabeça, almofadado pelo choque e confusão e estresse de lidar com os doutores e a tia Lauren, mas agora essa almofada começava a afundar, o peso deslizando, as memórias retornando.

“Eu me sinto péssimo,” ele disse. “Em relação a Tori. Eu sabia que ela estava brava sobre nos ver juntos, então eu tentei informá-la, mas eu acho que só piorei.”

“Não é sua culpa. Ela tem problemas.”

Uma risada pequena e afiada. “É, esse é um jeito de se colocar.” Após um minuto, ele olhou para mim. “Você está bem?”

Eu assenti.

Ele se inclinou, seu ombro roçando o meu, o hálito quente contra a minha orelha. “Se fosse comigo, eu não estaria bem. Eu teria ficado assustado pra caramba.”

Eu afundei minha cabeça, e uma mecha do meu cabelo caiu para frente.

Ele a alcançou com sua mão livre, como se para colocá-la para trás, então parou. Ele limpou sua garganta, mas não disse nada.

“Foi bem interessante,” eu disse após um momento.

“Aposto que sim. O tipo de coisa que é bem legal nos filmes, mas na vida real...” Nossos olhos se encontraram. “Nem tanto, hein?”

Eu assenti. “Nem tanto.”

Ele se contorceu, recuando para o canto do sofá. “Então, qual o seu filme preferido de zumbi?”

Eu cuspi uma risada e enquanto ela me alegrava, o peso se aliviou. Eu senti meus pensamentos mudarem, firmando-se em um lugar onde eu pudesse

entendê-los um pouco. Eu estivera tentando esquecer o que aconteceu, passar por isso, ser forte, ser durona, ser como o Derek. Invocar os mortos? Nada de mais. Mande-os de volta, enterre os corpos, o próximo problema, por favor. Mas eu não podia fazer isso. Eu continuava vendo-os, cheirando-os, sentindo seu toque. Meu estômago ficava apertando com o horror lembrado, então pensando sobre o que eu tinha feito a eles, o horror deles. A melhor maneira para eu lidar com isso nesse momento era me distanciar um pouco. Não se esqueça disso – simplesmente deixe-os de lado com imagens seguras de celulóide.

Então falamos sobre filmes de zumbi, debatendo e discutindo os méritos de filmes que, de acordo com a censura, nenhum de nós deveria ter visto.

“Tem os melhores efeitos especiais,” Simon disse, “sem discussão.”

“Claro, se você fizer coisas suficientes explodirem, você pode esconder falhas de roteiro grandes o bastante para passar um caminhão por ali.”

“Roteiro? É um filme de zumbi.”

Ele estava agora esparramado no chão, tendo-se deslocado para lá para demonstrar uma “cena de morte” zumbi particularmente podre. Eu estava deitada no sofá, olhando para baixo para ele.

“Deixe-me adivinhar,” ele disse. “Você vai escrever o primeiro filme zumbi de arte mundial a estreiar em Sundown.”

“Sundance. E, não. Se eu tiver que dirigir qualquer filme de arte?” Eu estremeci. “Me dá um tiro agora.”

Ele sorriu e se sentou. “Eu apoio isso. Nada de filmecos de arte pra mim.

Não que eu vá escrever ou dirigir qualquer filme. Então, qual você quer fazer?

Escrever ou dirigir?”

“Ambos, se eu conseguir; O roteiro é onde a história está, mas se você quer ver essa história ganhar vida, você tem que dirigir, porque em Hollywood o

diretor é rei. Roteiristas? Mal são notados.”

“Então o diretor está no topo do monte.”

“Não, esse é o estúdio. O diretor é o rei. O estúdio é Deus. E eles só querem algo que possam vender, algo que se encaixe em seus quatro pequenos quadrantes.”

“Quadrantes?”

“Os quatro maiores grupos demográficos. Garotos e garotas, divididos por jovens e velhos. Acerte todos os quatro, e você terá um blockbuster... e um estúdio muito feliz. Isso não vai, contudo, acontecer com um filme de zumbi, não importa o quanto seja descolado.”

Ele se virou de barriga. “Como você sabe tudo isso?”

“Eu posso estar presa em Buffalo, mas eu estou conectada. Eu recebo a Variety, Creative Screenwriting, um punhado de prévias da indústria, salvo os

blogs nos favoritos... Se eu quiser estar nessa indústria, eu tenho que conhecer

essa indústria. Quanto mais cedo melhor.”

“Ah, cara. Eu nem sei ainda o que eu quero ser.”

“Eu posso te contratar para fazer todos os meus efeitos de névoa.”

Ele riu, então olhou para trás de mim. “Ei, mano. Pegou bastante ar fresco?”

“Eu queria falar com você.” Derek virou seu olhar para me incluir.

“Vocês dois.”

“Então puxa uma cadeira. O assunto atual de conversa são filmes de zumbi.” Simon olhou para mim. “Ainda estamos em filmes de zumbis?”

“Eu acho que sim.”

“Filmes de zumbis?” Derek disse, lentamente, como se tivesse escutado mal.

Seu rosto se obscureceu e ele abaixou sua voz.

“Vocês dois se esqueceram do que aconteceu hoje?”

“Nem. É por isso que estamos falando sobre isso.” Simon jogou um sorriso na minha direção. “Mais ou menos.”

Derek abaixou sua voz outro tom. “Chloe está em perigo. Em perigo sério. E você está aí de boa, prosando sobre filmes de zumbis?”

“De boa? Prosando? Boa escolha de palavras. Muito evocativa. Você está fazendo uma afirmação? Eu sei perfeitamente bem o que aconteceu e o que isso pode significar para a Chloe. Mas o céu não vai cair se não discutirmos isso nesse mesmo minuto, Chicken Little.” Ele se alongou. “Agora, eu acho que

todos podemos aproveitar um tempo para simplesmente relaxar.”

“Relaxar? Você faz muito disso, não faz?” Derek andou até o Simon. “De fato, é basicamente o que você faz.”

Eu me levantei. “É-é melhor eu ir ver se a Rae precisa de ajuda. Com suas tarefas.”

Simon se sentou. “Espera aí. Quase acabamos aqui.” Ela se virou para Derek.

“Certo?”

“Claro. Vá em frente. Fica calminho. Estou certo de que o papai vai entrar por essa porta a qualquer minuto e nos resgatar. E se ele estiver encrencado?”

Se ele precisar de ajuda? Bem, que pena, porque isso necessitaria de esforço e você está ocupado demais... relaxando.

Simon pulou de pé. Derek marcou seu território. Eles se encararam por um momento, então Simon me empurrou levemente na direção da porta.

“Vamos.”

Quando eu hesitei, ele balbuciou “por favor.” Eu assenti e nós fomos embora.

Trinta e um

ENQUANTO CAMINHÁVAMOS PELO corredor, olhei para o Simon. Seu rosto estava tenso, inexpressível. Quando ele me pegou o olhando, ele sorriu como que me assegurando de que não estava zangado comigo.

“Senhora Talbot?” ele chamou. “Posso ir lá fora? Jogar um pouco antes de escurecer?”

“Claro querido.”

Nós esperamos na porta. Ela saiu da cozinha secando as mãos em uma toalha, e inseriu o código de segurança. Somente então ela olhou para cima e percebeu que Simon não estava sozinho.

“Oh Chloe... eu não sei se vocês dois podem...”

“É basquete, senhora Talbot”. Ele empurrou a porta de tela e a segurou para eu passar. “A senhora pode nos observar da janela se quiser.”

“Somente... só não vão á lugar algum em que eu não possa vê-los.”

Ele fechou a porta de tala atrás de nós e caminhou pelo quintal tão rápido que tive que correr para acompanhá-lo. Olhei por sobre meu ombro. A porta estava fechada, e não havia sinal da senhora Talbot.

Ele olhou ao redor. “Você esta vendo a bola?”

“Acho que esta no barracão. Vou pega-la...”

Ele tocou meu braço. “Não. A menos que você realmente queira jogar.”

Eu balancei minha cabeça e ele me levou ate um banco de pedra próximo ao centro do jardim. “ Talbot ainda pode nos ver daqui.” Ele exalou. “ O Derek

realmente sabe como me irritar. O pior disso? Eu sei que ele esta fazendo de propósito, tentando me irritar, e eu me irritado de qualquer maneira. Estúpido,

estúpido, estúpido.”

Por um momento ele não falou nada, seu olhar escaneava o quintal.

“Derek quer que eu vá procurar por nosso pai.”

“Como? Fugindo? Você não pode...”

“ Isso não é grande coisa.” ele se recostou no banco. “Quando você é criado como nós fomos, como seres sobrenaturais, é... diferente. As regras são

diferentes. Elas precisam ser. Se há problema, você precisa correr.”

“Mas você não quer ir?”

“Oh eu quero. Estou me mordendo desde que chegamos aqui. Meu pai esta lá fora, em algum lugar, talvez com problemas e eu estou sentado aqui nessa casa? indo as aulas? Matando o tempo com o Derek? Agindo como se não houvesse nada de errado? Isso esta me matando Chloe. Derek sabe o quanto eu quero sair. Como eu disse, ele esta me provocando.”

“Onde esta o teu pai?”

Ele balançou a cabeça. “Nós não sabemos. Ele apenas... as coisas deram erradas e ele desapareceu e nós acabamos aqui. É uma longa historia...”

“Então isso pode esperar.”

“Obrigado. O ponto é ele se foi e tenho certeza de que ele não partiu por vontade própria. Então nós estamos presos aqui, supostamente esperando para sermos liberados, mas então o quê? Para onde nós iríamos? Não á uma avó, ou tio, ou amigos da família esperando para nos receber. Nós iremos para

lares adotivos e então teremos de escapar de lá, então qual o ponto em esperar?”

“Você quer ir embora agora, mas não pode sair.”

“Nós podemos sair. Derek tem um plano.” Ele deu uma rápida gargalhada.

“Acredite em mim, o cara sempre tem um plano. Mas é um plano de fuga para

um, para mim. Ele não vai ir. Recusou completamente.”

“O quê? Ele esta fazendo você se sentir culpado por ficar, enquanto ele não vai fugir? Por que ele não quer ir?”

“É eu sei, e eu não quero soar como se estivesse defendendo ele, mas ele tem um motivo para não querer ir. É um motivo idiota, mas é uma grande coisa

para ele, e não é o porquê de tentar fazer com que ele mude de idéia. Ele apenas... Se apavora.”

“Se apavora?”

Simon flexionou as mãos, as encarando. “É complicado. A idéia de Derek é para eu sair e procurar por nosso pai. Papai me ensinou meios de entrar em contato com ele. Feitiços e coisas do tipo. Mas não posso abandonar o Derek.”

“Não pode?”

“Não, eu acho. Estou preocupado com o papai, mas ele pode tomar conta dele mesmo muito melhor do que o Derek pode.”

Eu devo ter parecido cética, por que ele continuou. “ Eu sei que o Derek parece que pode tomar conta de si mesmo, e na maior parte das coisas ele pode, mas em outras...” ele balançou a cabeça. “É complicado. Se eu fugir e algo der errado, tenho medo que ele... deixe que dê errado.”

“Eu não entendo.”

“Eu sei.” ele olhou para as mãos. “Eu sei que não estou fazendo muito sentindo, mas...”

“É complicado.”

“Sim. Mas...” ele inalou. “Estou começando a pensar que vou precisar aproveitar essa oportunidade. Derek esta certo. Sentado sobre meu traseiro não está nos levando a lugar nenhum. Agora ha você para considerar. Você realmente precisa sair daqui.”

“Eu preciso?” as palavras escaparam como um soluço.

“Derek esta certo. Não interessa o quanto trabalhamos para esconder os teus poderes, eles não são como os meus. Não podem ser escondido. Não enquanto você viver sob um microscópio.”

“Se eu for transferida para um hospital, posso sobreviver a isso.”

“Mas e se não for uma transferência?” ele olhou para longe, preocupação em seus olhos. “E o que você falou sobre a Liz continua a me incomodar. Talvez ela seja uma chamam. Ou se ela estiver morta, talvez tenha sido um acidente. Por que eles iriam matar os garotos que não estivessem melhorando? Isso parece maluco, mas até mesmo o Derek esta preocupado.”

“Derek? Mas ele falou...”

“Eu sei o que ele falou. Mas quando falei com ele mais tarde, ele não descartou isso tão rapidamente. Até mesmo criando algumas questões ele mesmo. Com o Derek isso é o mais perto dele concordar que você pode chegar. Mas você ainda precisa de ajuda. Dizer que tudo esta bem e você consegue ser liberada, e o que você vai fazer? Com quem você vai falar? Como você vai aprender a voltar a ser normal?”

Normal. Uma palavra tão simples e chata. Engraçado como ela parecia brilhar agora, como um anel, ou um carrossel, cheio de promessas, mas simplesmente fora do alcance.

Sair daqui não ira resolver meus problemas. Tia Lauren estaria sempre observando, mal interpretando qualquer coisa “fora do normal” que eu fizer como sinal de que preciso voltar para a casa Lyle... Ou pior.

Mas fugir?

Eu sabia o que o Derek diria. Eu até mesmo conseguia visualizar sua expressão, aquele sorriso de desdém e frustração. Eu não era mais a Chloe Saunders, freqüentadora da escola de arte. Eu nem ao menos era Chloe Saunders a esquizofrênica. Se a Chloe Saunders necromante seguir as velhas regras, ela poderia acabar em uma cela acolchoada, gritando sobre vozes que ninguém mais podia escutar.

Eu não era ingênua. Eu lia os jornais. Eu sabia o que acontecia com crianças que fugiam, e que não era a vida maravilhosa de liberdades que elas imaginavam. Quanto tempo levaria para encontrar o pai do Simon? Como iríamos viver nesse meio tempo?

O que iríamos comer? Onde iríamos dormir? Eu tinha algum dinheiro, mas por quanto tempo ele iria durar? O que aconteceria quando nossas fotos fossem colocadas nos noticiários? Quando todos os policiais e cidadão preocupado estivessem procurando por nós?

Eu poderia abrir um buraco aqui, fechar meus olhos, e rezar para que nada de ruim acontecesse. Ou eu poderia tomar o controle disso em minhas mãos. Entrar em ação.

Conseguir ajuda do pai desaparecido do Simon, não era exatamente minha idéia de um plano sólido. Mas se eu sair daqui, eu poderei procurar por Liz. Seria mais fácil. Há um número limitado de hospitais em Buffalo. E se ela não

estiver em segurança em um hospital, o que isso significaria para o resto de

nós? Estaríamos em perigo? Eu não podia continuar pressionando meus dedos

contra os ouvidos e fingindo que tudo estava bem.

“Se você sair daqui, vou com você.” Eu falei.

“Você não precisa. Eu só quero dizer que / preciso ir, por mim e pelo Derek, agora por você. Quando encontrar meu pai, ele poderá nos ajudar.”

“Quem vai te ajudar? Lá fora?”

Um sorriso torto. “Eu tenho meu feitiço da neblina assassina.”

“Você precisa de ajuda. Derek seria bem melhor nisso, mas você vai ficar preso comigo. Eu vou.”

Trinta e dois

EU ESPEREI NO BANHEIRO dos meninos, enfiada dentro do armário. Com cada barulho do corredor, meu coração golpeava, dizendo que eu ainda estava prestes a me fazer de idiota.

Mas eu não estava enganada. Como o Derek, eu podia somar dois mais dois e ver a resposta. Eu limpei minhas palmas suadas contra minha calça jeans, olhei no meu relógio, e rezei para ter chegado a conclusão certa. E, de algumas maneiras, rezei para não ter chegado.

Quando meu relógio marcou 20h, a porta do banheiro se abriu. Derek acendeu a luz e fechou a porta. Enquanto ele se virava na direção do espelho, ele me viu e soltou um grito de surpresa que teria sido muito satisfatório em qualquer outra circunstância.

“Você está biruta?” ele sibilou. “O que está fazendo aqui?”

Eu passei por ele e tranquei a porta.

“Se quer discutir o plano, esse realmente não é o lugar,” ele disse.

Ele deu um giro, o olhar me seguindo enquanto eu andava até o chuveiro e ligava a água fria, para que pudesse afogar a nossa conversa sem embaçar o ambiente.

“Ótimo,” ele murmurou. “Agora eles vão achar que estamos tomando banho juntos. Talvez possamos dizer a eles que estávamos lavando a terra do espaço de engatinhar e tentando conservar a água.”

Eu me plantei na frente dele. “Você armou pra mim.”

Ele abriu sua boca, mas, para variar, nada saiu e ele se contentou com uma carranca simbólica.

“Todo esse tempo eu estive tentando descobrir por que você quer me ajudar. Por que você se importa se eu sei que sou uma necromante? Por que você se importa se eu for chutada para fora? Por que arriscar seu pescoço por mim, como você fez essa tarde?”

“Eu só quero—”

“Ajudar. Claro, você é detestável e arrogante, mas no fundo, tem um cara decente que quer ajudar um companheiro sobrenatural. É, tá certo. Tem que haver outra razão. Hoje eu a encontrei. Simon.”

Ele cruzou seus braços. “É, Simon queria que eu fosse bonzinho com você. Está bem? Posso tomar meu banho agora? Sozinho?”

“Você quer que o Simon fuja. Para achar o pai de vocês. Mas ele não vai sem você. Ele precisa de uma razão para ir agora mesmo. Então você lhe deu uma. A dama em apuros escolhida.”

“Não sei do que está falando,” ele murmurou, mas seu olhar não encontrava bem o meu. Minhas dúvidas restantes sumiram em uma nova onda de raiva.

“Aqui estava eu, uma necromante real, ingênua e perdida. Isca perfeita. É só ficar nos empurrando para perto, fazer um estardalhaço sobre como eu sou indefesa, e eventualmente ele colocará sua armadura reluzente. Grande plano. Mas ainda falta algo. Perigo. Em qualquer suspense bom, o seu herói precisa de três coisas. Objetivo, motivação, e perigo. Objetivo: achar seu pai desaparecido. Motivação: ajudar a pobre menina necromante. O perigo está faltando, contudo. Você precisa colocar a dama em apuros de verdade. E se ela estivesse prestes a ser transferida para um hospício de verdade? Onde ela estaria longe do alcance do Simon e sem ajuda? Ou, pior, onde ela poderia

morrer, vítima de algum plano maligno. Então você pega a Tori para—”

“Não!” Ele levantou suas mãos, choque genuíno em seus olhos. “Eu não tive nada a ver com aquilo. Mesmo que a Tori chegasse perto o bastante de mim para ter uma conversa – que, você deve ter notado, ela não chega – eu não faria isso. Eu não fiz nada para fazê-los transferirem você.”

“Está bem, então você só tirou proveito da situação.”

Eu dei-lhe um momento para responder. Ele não respondeu, o que era toda a resposta que eu precisava.

“Quando eu te contei primeiramente que estava vendo a Liz, você não deu atenção. Mas então você percebeu que isso podia trabalhar a seu favor, então você mudou o seu tom com o Simon. Você plantou as sementes da dúvida, então esperou que elas germinassem. Foi por isso que você não discutiu quando eu me ofereci para ser transferida. Era exatamente onde você me queria. Você manipulou a situação e você mentiu—”

“Eu nunca menti.”

Eu o fixei com um olhar. “Você realmente ouviu os médicos falando sobre me transferir ontem?”

Ele enfiou suas mãos em seus bolsos. “Eu os ouvi falando sobre você e eles pareciam estar sugerindo—”

“Está bem, você não mentiu. Você exagerou.”

Ele fez uma carranca. “Você está em perigo. Quanto mais eu penso na Liz—”

“Corta a baboseira, está bem, Derek? Você conseguiu o que queria. O Simon vai ir. Eu vou com ele. Você está certo. Ele precisa sair e achar o pai dele. É claro, você podia ter nos poupado de toda essa encrenca simplesmente

indo você mesmo com ele. Mas isso pode ser perigoso. E ele não é o seu pai, então não é realmente problema seu—”

Ele avançou na minha direção tão rapidamente que eu tropecei, mas consegui me segurar de ficar firme. Não era fácil, com ele agigantando-se sobre mim, os olhos queimando.

“É isso o que eu penso, Chloe?”

Eu preendi meus joelhos, recusando a quebrar o contato visual.

“Eu não sei o que você pensa, Derek,” eu disse calmamente – ou assim eu esperava. “Simon diz que há uma razão para você não ir. Uma razão estúpida, de acordo com ele. Então talvez seja uma desculpa. Talvez você simplesmente não queira se incomodar.”

“Uma desculpa?” Uma risada amarga. Então ele se afastou de mim lentamente, como se forçando-se. “Você leu o meu arquivo, certo?”

“Eu—”

“Eu sei que você leu ele naquela noite quando você e a Rae fingiram estar assaltando a cozinha.”

“Só por causa do que você fez. Eu tinha que saber—”

“O quanto eu era perigoso. Eu não te culpo. Mas você obteve a sua resposta, certo? Você sabe exatamente o quanto eu sou perigoso.”

Eu engoli em seco. “Eu—”

“Você sabe o que eu fiz, e você acha que eu devia estar andando na rua?”

Seu lábio se curvou. “Eu estou exatamente onde eu pertencço.”

Algo nos olhos dele, na voz dele, no rosto dele, fez o fundo da minha garganta arder. Eu dei uma olhada no chuveiro, observando a água marcar as portas à medida que os duros golpes preenchiam o silêncio.

Após um momento, eu olhei de volta para ele. “Você deve ter tido uma razão para fazer isso.”

“Tive?” Quando eu tentei desviar o olhar novamente, ele deu um passo para o lado e capturou meu olhar. “É isso que você quer, Chloe? Ouvir a minha

razão? A minha desculpa? Que o cara puxou a arma para cima de cima e se eu não tivesse jogado-o na parede, eu estaria morto? Bem, não foi como aconteceu. Há um garoto aí fora que nunca andará novamente e eu não tenho desculpa. É culpa minha. Tudo culpa minha. O nosso pai desaparecer. Simon ser jogado aqui. Eu—”

Ele fechou sua boca, as mãos indo para seus bolsos enquanto ele encarava acima da minha cabeça, os músculos em sua mandíbula trabalhando.

Depois de outro momento, ele disse, "Então, é, eu quero que o Simon saia, e eu farei tudo para tirá-lo, mas não é como se eu estivesse te colocando em perigo. Você está ganhando um pouco com isso. Você não tem razão alguma para reclamar.”

Eu só pude encarar, qualquer sensação de que talvez eu o entendesse evaporando como sempre acontecia. Eu tinha vislumbrado algo por baixo, e ele

tinha agarrado isso e escondido tão rápido que ele deixou machucados que me

chamavam de tola por esperar mais.

“Nenhum perigo?” Eu disse lentamente. “Eu estou fugindo. Do grupo. Da minha família. Da minha vida.”

“Você estará com o Simon. Não finja que é muito sacrifício.”

“O quê?”

“Você sabe o que eu quero dizer. Alguns dias sozinha com o Simon? Isso será duro. E significa muito para ele. Muito. Fugir para ajudá-lo a achar seu pai? Ele nunca esquecerá isso.”

Eu arregalei meus olhos. “Ai meu Deus, você acha? Sério? Isso é tão legal. Eu aposto que ele vai me pedir para sermos firmes e tudo. Nós podemos mandar cartas de amor entre o meu centro de detenção juvenil e o dele, e talvez eles nos deixem nos encontrarmos nos bailes mistos...” Ele olhou com raiva para mim.

“Você realmente acha que eu sou uma idiota, não acha?” Eu disse, então levantei minha mão. “Não, não responda isso. Por favor. Novidade: ter um namorado não está no topo da lista de prioridade de toda garota. Nesse momento, está nivelado na minha o mais baixo que dá – muito abaixo de tais preocupações triviais como ter a minha vida de volta.”

“Está certo—”

“Depois que isso acabar, eu não ficaria surpresa se Simon nunca mais quisesse me ver novamente. Simplesmente colocar tudo isso para trás. Você sabe do que mais? Tudo bem. Porque eu preciso descobrir o que aconteceu com a Liz. E eu quero ajudar o Simon porque é a coisa certa a fazer, não porque eu acho que ele é tããã gatinho. Eu posso não ser um gênio como você—”

O olhar de raiva retornou. “Eu não sou—”

“Mas eu sou espera o bastante para saber que isso não será uma grande aventura romântica. Eu estou fugindo. Eu viverei nas ruas. Mesmo se acharmos o seu pai, não tenho certeza de que ele será capaz de consertar minha vida.” Eu pensei na tia Lauren e senti uma pontada de tristeza. “Eu não

tenho certeza se ela pode ser consertada.”

“Então eu deveria ser grato a você por ir?”

“Eu nunca disse—”

Ele voltou ao seu modo pairante. “Você precisa cair fora daqui tanto quanto o Simon, talvez mais. Você talvez não veja o perigo que você corre, mas eu vejo. E eu estou preocupado.”

“Preocupado? Comigo?”

Ele deu de ombros. “Claro. Aborrecido. Você sabe.” Ele nem conseguia me olhar nos olhos quando disse isso. “É, precisamos de você, mas eu quero ajudar um companheiro sobrenatural.” Ele desviou um olhar na minha direção.

“Temos que ficar juntos.”

“Não ouse.”

“O quê?”

O olhar dele quebrou, começando a vagar pelo banheiro.

“Você está certo.” Eu preciso de ajuda. Minha vida está desmoronando e talvez algum dia eu olhe para trás como o erro maior e mais estúpido que já cometi, mas nesse momento, é a única solução que eu vejo. Você precisa que eu seja a sua dama em apuros escolhida? Está certo. Mas nunca diga que está fazendo isso por mim. Isso não tem nada a ver comigo, não ouse fingir que tem.”

Eu me virei e fui embora.

Trinta e três

EU GOSTARIA DE SABER SE DEPOIS da nossa fuga conseguirei tempo para dormir. Por que certamente não estava dormindo muito na casa Lyle. Naquela noite eu estava tão exausta que nem ao menos tive a chance de

me irritar sobre o Derek ou me apavorar sobre o passo que eu estava para dar. Eu toquei a cama e cai diretamente em sonhos sobre sirenes de carros de policia e latidos de cães rastreadores. Sobre um garoto preso em uma cama de hospital e um garoto preso em uma casa para grupos, e fantasmas presos em corpos apodrecidos. Com zumbis gritando por misericórdia e uma garota gritando. “Mas eu não tinha a intenção.” E um garoto falando. “Eu também não

tinha intenção. Mas não importa.”

Os sonhos rodavam e se união até que um deles se soltou. Uma imagem enterrada pelas mais fortes e barulhentas, separada falava. “E eu?”

Eu acordei rapidamente e sentei suspensa no escuro, cambaleando no emaranhado de memórias as questões começaram a aparecer, a resposta era uma promessa.

Então eu pulei da cama.

Eu bati na porta do quarto.

“Derek?” A resposta foi um ronco alto.

Eu bati na porta novamente, elevando minha voz o mais alto que me atrevi.

“Derek?” Meus dedos se curvavam contra o piso gelado e massageei meus braços arrepiados. Eu deveria ter pegado um suéter. E meias.

Eu nem deveria estar lá. Eu já tinha falado tudo para o cara, já tinha feito a saída perfeita.

... E agora eu estava de volta, implorando para ele falar comigo.

Falando em estragar uma cena.

Levantei minha mão para bater, e o trinque estalou. Quando a porta abriu, eu levantei meu olhar para o nível dos olhos, com uma desculpa pronta nos

lábios, e me encontrei encarando um peito. Um peito nu... E não o peito de um

menino. Um peito amplo e musculoso, e o único sinal que eu não estava olhando para um homem adulto eram as marcas vermelhas e irritadas das acnes.

Na casa Derek sempre usava camisetas e jeans largos. Se eu imaginasse como ele era por baixo deles (o que eu não imaginei) eu teria pensado que ele era atarracado, quase com excesso de peso. Toda aquela comida ingerida tinha que ir para algum lugar. E aparentemente ia, mas não para gordura. Minhas bochechas se aqueceram e baixei meu olhar do peito de Derek apenas para ver que ele estava usando nada mais que boxers.

“Chloe?”

Meu olhar correu (agradecidamente) para o rosto dele.

Ele olhava para mim. “Chloe? O quê?”

“Você me deve.”

“Huh?” ele esfregou os olhos com o polegar e o indicador, rosnou um bocejo e mexeu os ombros. “Que horas são?”

“Tarde. Ou cedo. Não importa. Preciso da tua ajuda e você me deve. Se vista e desça em cinco minutos.”

Virei e segui escada abaixo.

Será que Derek me seguiria? Provavelmente não, considerando que eu havia ignorado seu comando de “me encontre em cinco minutos” naquela tarde.

Eu planejava não sair da porta até que ele concordasse em me ajudar. Mas não esperava que ele estivesse quase nu durante nossa conversa. Isso

também me lembrava que eu estava usando somente minha calça de pijama e uma blusa. Quando desci as escadas, encontrei o moletom que a Rae havia deixado na sala de mídia mais cedo. Eu o estava colocando quando entrei no corredor e quase bati contra o Derek.

Ele estava usando calça de moletom e uma camiseta e havia parado no meio do corredor, coçando furiosamente um antebraço nu.

“Pulgas?” eu falei.

A piada era uma tentativa fraca para aliviar a tensão de antes, e não acho que merecia a careta que ele fez para mim.

“Apenas vamos terminar de uma vez com isso.” ele falou. “Não estou de bom humor.”

Eu deveria ter perguntando o que isso era diferente do normal, mas mordi minha língua, o fazendo entrar na sala de mídia e fechando a porta. Então mexi

minha cabeça escutando. “Estamos bem aqui.” ele falou. “Apenas fale baixo. Se alguém aparecer, vou escutar.”

Me movi através da sala e parei em uma parte iluminada pelo luar. Quando ele me seguiu pela primeira vez pude dar uma boa olhada nele sobre a luz. Seu rosto estava pálido, as bochechas vermelhas, e não era das acnes. Suor empapava seu cabelo, ao redor do rosto e seus olhos avermelhados brilhavam,

lutando para focarem.

“Você esta com febre.” Eu falei.

“Talvez.” Ele puxou o cabelo para trás. “Alguma coisa que comi, eu acho.”

“Ou algum vírus que você pegou.” Eu falei.

Ele balançou a cabeça. “Eu não...” ele hesitou, então continuou. “Eu não

fico doente. Pelo menos não normalmente. É parte da minha... Condição. Isso parece ser uma reação.” Ele coçou os braços novamente. “Não é grande coisa.

Só estou um pouco mais mal humorado que o normal, Simon que o diga.”

“Você deveria voltar para cama. Esqueça isso...”

“Não, eu estou bem. Eu devo isso á você. Do que você precisa?”

Eu queria discutir, mas eu podia ver que ele já havia se decidido.

“Espere”. Eu falei, e corri para o saguão.

Ele sussurrou um exasperado. “Chloe!” atrás de mim, seguido por uma seqüência de palavrões indiferentes, como se ele não conseguisse trabalhar a energia para amaldiçoar de maneira apropriada.

Retornei com um copo de água gelada e entreguei para ele junto com quatro Tylenol.

“Dois para agora, dois para mais tarde, se for o caso.”

Ele jogou todos os quatro na boca e drenou a água.

“Ou você pode tomar todos agora.”

“Tenho um metabolismo rápido.” Ele falou. “Outra parte da minha condição.”

“Conheço muitas garotas que não se incomodariam em ter isso.”

Ele resmungou alguma coisa ininteligível e bebeu o restante da água.

“Obrigado, mas...” ele olhou para mim. “Você não precisa ser legal comigo só por que não estou me sentindo bem. Você esta zangada e tem direito de estar. Eu usei você e piorei tudo fingindo não estar. Se eu fosse você, não traria água a menos que fosse para jogar na minha cabeça.”

Ele se virou para colocar o copo sobre a mesa, fiquei feliz por ele ter feito

isso por que eu estava quase certa de que minha mandíbula havia caído. Ou a febre havia ido direto para o cérebro ou eu ainda estava dormindo, sonhando, por que aquilo havia soado muito como uma admissão de culpa. Talvez até uma desculpa.

Ele se virou de volta. “Tudo bem, então você precisa de...?”

Eu acenei para ele sentar. Aborrecimento cintilou no rosto dele, (ficar confortável era uma distração com a qual ele não poderia ser incomodado) mas

quando sentei na cadeira em frente, ele caiu pesadamente no sofá. Se eu não conseguia convencê-lo a voltar para a cama, pelo menos ele poderia descansar enquanto conversamos.

“Você sabe alguma coisa sobre os necromantes, certo? Eu comecei.

Ele deu de ombro. “Não sou um especialista.”

“Mas você sabe mais do que eu, o Simon, ou qualquer outra pessoa com a qual posso conversar no momento. Então como os necromantes fazem contato

com os mortos?”

“Você quer dizer como o caro no porão? Se ele está lá você deveria vê-lo. Então você apenas fala, como estamos falando agora.”

“Quero dizer contatar pessoas específicas. Eu posso fazer isso? Ou estou restrita á aqueles com quem encontro?”

Ele ficou calado. Quando falou, a voz dele era estranhamento suave. “Se você está se referindo á tua mãe Chloe...”

“Não.” A palavra saiu mais afiada do que eu pretendia. “Eu nem ao menos pensei, bom, sim, eu considerei isso, algum dia talvez, é claro que eu gostaria,

adoraria...” escutei a mim mesma divagando e respirei fundo. “Isto está ligado á

nossa situação.”

“Você quer dizer que é a Liz?”

“Não. Eu-eu devo tentar fazer contato com ela, eu acho. S-só para ter certeza. Mas não é isso. Esqueça o porquê de eu querer saber.”

Ele se reclinou nas almofadas do sofá. “Se eu souber o porquê, poderei responder mais facilmente.”

Talvez, mas eu não iria contar para ele até ter fatos o suficiente para comprovar minha teoria.

“Se eu puder contatar pessoas específicas, como eu posso fazer isso?”

“Você pode, mas não é fácil e não é garantido que consiga na sua idade. Como os feitiços de Simon, você esta no... nível de aprendiz.”

“Onde eu posso fazer coisas por acidente, como levantar os mortos.”

“Bem, não.” Ele distraidamente coçou o braço, o raspar preencheu o silêncio. “Pelo que escutei ressuscitar os mortos é a coisa mais difícil de se fazer, e precisa de um complicado ritual.” Ele balançou a cabeça e parou de coçar. “Eu devo ter escutado errado. Como eu falei, não sou um especialista.”

“Então vamos voltar para o como. Como posso invocar um fantasma em específico?

Ele relaxou, recostando a cabeça contra o sofá encarando o teto antes de acenar, como se fosse para ele mesmo. “Se me lembro bem, á duas maneiras. Você pode usar um objeto pessoal.”

“Como um cão farejador.”

Ele fez um pequeno som que pareceu com uma risada. “É, acho que sim.

Ou como um psíquico que vemos nos filmes, eles sempre pedem por algo que

pertenceu á pessoa.”

“ E o segundo jeito?” tentei não demonstrar o quanto eu queria aquela resposta, o quanto eu achava já ter adivinhado.

“Você precisa estar sobre a cova.”

Meu coração disparou, e tive que esperar um momento para poder falar.

“Na cova. Presumindo que seja onde o corpo esteja. É o corpo que é importante, não o local onde está enterrado.”

Ele abanou para minha distinção, o velho Derek retornando. “É, o corpo. O pertence pessoal mais importante.”

“Então eu acho que sei o que o fantasma no porão quer.” Expliquei como o fantasma havia me apressado para fazer contato para invocá-los, e então ouvir a historia deles.

“Ele estava se referindo aos corpos enterrados. Era por isso que ele queria que eu fosse até lá. Para que eu pudesse chegar perto o suficiente para fazer contato com aqueles fantasmas.”

Derek levou as mãos ás costas para poder coçar entre os ombros. “Por quê?”

“Pelo que ele parece falar, é sobre a casa Lyle. Alguma coisa que eles podem me contar.”

“Mas aqueles corpos tem estado lá embaixo á muito mais tempo do que a casa Lyle tem sido um lar para grupos. E se os fantasmas sabem de alguma coisa, por não contar ele mesmo?”

“Eu não sei. Ele falou...” lutei para lembrar. “Ele parecia estar falando que não podia fazer contato com eles.”

“Então como ele sabe que eles têm algo importante para falar?”

Boa pergunta. Era por isso que eu tinha procurado pelo Derek. Por que ele desafiava minhas suposições, me mostrando onde os furos estavam e o que eu precisava aprender antes de pular para qualquer conclusão.

“Eu não sei.” eu falei finalmente. “Não importa como eles chegaram lá, tenho quase certeza que eles não morreram de causas naturais. Você provavelmente está certo, e está completamente sem conexão conosco, e esse fantasma está confuso, perdido na linha do tempo. Ou talvez ele queira que eu

resolva o assassinato deles.” eu parei. “Mas, seja o que for que ele quer que eu

escute, vou escutar. Ou pelo menos tentar.”

“Espere.”

Ele levantou uma mão, e me preparei para mais argumentos. Era uma perda de tempo. Perigoso, também, depois de termos sido pegos lá embaixo mais cedo. E não se esqueça da última vez que tentei contatar os fantasmas, eles acabaram retornando para seus corpos. Se eu fizer aquilo novamente seria melhor não chamá-lo para ajudar a enterrá-los novamente.

Ele levantou. “Nós devemos pegar uma lanterna. Vou pegá-la. Você vai pegar seus sapatos.”

Trinta e quatro

EU NÃO IA COLOCAR MEUS PÉS – descalços, com meias, ou com sapatos – naquele espaço de engatinhar até que eu tivesse falado com o primeiro fantasma e feito todas as perguntas que Derek havia levantado.

Nós fomos para a lavanderia. Derek tomou uma posição de lado, inclinando-se contra a secadora. Eu me sentei de pernas cruzadas no meio do chão, fechei meus olhos, e me concentrei.

Não levou muito tempo, como se o fantasma estivesse esperando por mim. Eu ainda não conseguia capturar mais do que frases e vislumbres. Eu disse isso ao Derek, “Eu parei de tomar os medicamentos depois de você ter me dado aquele jarro. Mas eles ainda devem estar no meu sistema.”

“... remédios não ...” o fantasma disse. “... bloqueado ...”

“O que está bloqueado?”

“Feitiço... fantasmas ... bloqueando ...”

“Um feitiço para bloquear fantasmas?” Eu adivinhei.

Isso chamou a atenção do Derek e ele se virou para frente, os braços descruzando. “Ele disse que um feitiço está bloqueando ele? De que tipo?”

Eu estava prestes a traduzir, mas o fantasma obviamente conseguia escutar e respondeu. “Mágica ... ritual ... importante.”

“É importante?”

“Não... não é importante,” ele disse enfaticamente.

Eu relatei isso ao Derek, que resmungou sobre a imperfeição desse método de comunicação enquanto furiosamente coçava seu antebraço, então, disse, ‘Diga a ele para dizer uma palavra por vez. Repita-a até que você

entenda e você diga de volta. Será devagar, mas pelo menos não vamos perder—”

Ele parou, seu olhar seguindo o meu para seu antebraço. Sua pele estava... se movendo. Ondulando.

“Mas que—?” ele começou, então rosnou em frustração e deu um chacoalhão forte em seu braço. “Espasmos musculares. Eu tenho tido muitos desses ultimamente.”

Ele espiou a pele ondulante novamente, fechou sua mão, e bombeou seu braço, tentando resolver isso. Eu estava prestes a sugerir que ele fosse ao médico, então percebi que isso talvez não fosse tão fácil para alguém como Derek. Eu conseguia ver agora que eram seus músculos, expandindo e se contraindo por vontade própria. Uma consequência de sua condição, eu acho, os músculos se desenvolvendo excessivamente.

Como o resto dele, passando rapidamente pela puberdade.

“Contanto que você não arranque suas roupas e fique verde,” eu disse.

“O quê?” Seu rosto se contorceu, então ele entendeu. “O Incrível Hulk. Ha-ha. Incrível Filme Estúpido, isso sim.” Ele esfregou seu antebraço. “Me ignore e volte para o seu fantasma.”

O fantasma tinha escutado a sugestão do Derek sobre falar uma palavra por vez, e foi o que nós fizemos. Funcionou muito melhor, apesar de parecer um pouco como adivinhação, ele dizendo uma palavra diversas vezes, e eu repetindo animadamente até que eu finalmente entendesse.

Eu comecei com perguntas sobre o próprio fantasma, e descobri que ele era um necromante. Ele estivera no hospital quando eu fora admitida. Algo em

relação a impedir fantasmas de assediar pacientes mentais, o que eu não entendi muito bem, mas não era importante.

Fantasmas reconheciam necromantes, então ele soubera que era isso o que eu era.

Percebendo que eu não sabia o que eu era, ele soube que eu precisava de ajuda. Mas antes que ele pudesse fazer contato, eles me mudaram. Então ele me seguiu para a Casa Lyle.

Só que de algum modo ela estava bloqueada contra fantasmas. Ele achava que era um feitiço, apesar de que, quando Derek questionou sua suposição, o fantasma admitiu que podia ser tanto causa dos materiais de construção quanto da localização geográfica. Tudo que ele sabia era que os únicos lugares

em que ele conseguia fazer pelo menos um contato parcial comigo era o porão

e o sótão.

Quanto aos corpos no espaço de engatinhar, ele sabia duas coisas. Um, eles tinham sido assassinados. Dois, eles eram de sobrenaturais. Coloque isso junto e ele estava convencido que suas histórias seriam importantes. Ele mesmo não podia porque não conseguia contatar os mortos tão facilmente quanto conseguia antes de virar um deles.

“Mas eles eram só esqueletos e carne secas,” Derek disse.

“Como múmias. O que quer que tenha acontecido a eles não teria nada a ver conosco, aqui, agora.”

“Talvez,” foi a única resposta do fantasma.

“Talvez?” Derek jogou suas mãos para cima e começou a marchar. Ele murmurou baixinho, mas não havia raiva nisso, só frustração, tentando

resolver

esse problema e ver uma conexão, quando ele realmente devia estar na cama, curando a febre.

“Samuel Lyle,” o fantasma comunicou a seguir. “O dono original. Conhece ele?”

Eu disse que não e perguntei ao Derek.

“Como eu conheceria o cara que construiu esse lugar há cem anos?”

“Sessenta,” o fantasma disse, e eu recoloquei.

“Que seja.” Derek continuou a marchar. “Ele ao menos sabe que ano é?”

Eu poderia afirmar que se o fantasma sabia há quanto tempo a casa tinha sido construída, ele obviamente sabia o ano atual, mas Derek só estava queixando-se, sua febre tornando difícil para ele se concentrar nesse quebra-cabeça.

“Sobrenatural,” o fantasma disse. “Lyle. Feiticeiro.”

Isso fez Derek parar quando eu relatei isso.

“O cara que construiu esse lugar era um feiticeiro?”

“Magia negra. Alquimista. Fez experimentos. Em sobrenaturais.”

Um arrepio subiu pelos meus braços e eu cruzei eles. “Você acha que foi assim que aquelas pessoas no porão morreram? Esse feiticeiro, Lyle, fez experimentos neles?”

“Como ele sabe tanto sobre esse cara?” Derek disse. “Ele te seguiu aqui, não seguiu?”

“Todos sabiam,” o fantasma replicou. “Em Buffalo. Todos os sobrenaturais. Sabiam onde ele vivia. E ficavam aqui. Ou não ficavam.”

Derek balançou sua cabeça. “Eu ainda não vejo como isso está conectado

a nós.”

“Talvez sim,” o fantasma replicou. “Talvez não. Preciso perguntar.”

Derek zuniu um xingamento e bateu sua mão na parede forte o bastante para me fazer recuar. Eu andei até ele.

“Vá para cama. Você provavelmente está certo. Tenho certeza de que não é nada—”

“Não estou dizendo isso. Eu só estou dizendo que... Um feiticeiro construiu esse lugar há sessenta anos; há sobrenaturais enterrados no porão; e agora aqui estamos nós, três crianças sobrenaturais. A casa de apoio tem seu nome por causa dele. Isso é significativo? Ou só tem esse nome por causa do cara que construiu ela? Parece muito para ser uma coincidência, mas eu simplesmente não estou entendendo a conexão.”

“Eu posso fazer isso. Volte—”

“Não, ele está certo. Precisamos perguntar. Eu só...” Ele enfiou sua mão na parte de trás de sua camisa, coçando. “Eu me sinto mal e está me deixando mal-humorado. Mas precisamos fazer isso.”

O fantasma nos seguiu para o espaço de engatinhar.

“Como eu evito o que eu fiz antes?” eu perguntei. “Retorná-los a seus corpos?”

Silêncio. Eu contei até sessenta, então disse, “Oi? Você ainda está aí?”

“Fique calma. Concentrada. Mas vá devagar. Suavemente. Seu poder. Forte demais.”

“Meus poderes são fortes demais?”

Eu não consegui suprimir um sorriso. Eu podia não ter certeza sobre querer esses poderes, mas era meio legal ouvir que eu tinha mais que a média dos

necromantes. Como fazer um teste de QI e descobrir que você é mais esperto do que achava.

“Sua idade. Nunca deveria ser capaz de...”

Silêncio. Eu esperei pacientemente para captar a próxima palavra. E esperei.

“Oi?”

Ele começou novamente, palavra por palavra. “Cedo demais. Muito. Muito...”

Uma pausa mais longa.

“Algo está errado,” ele disse finalmente.

“Errado?”

Derek engatinhou das sombras, onde ele estivera observando silenciosamente. “O que ele está dizendo?”

“Algo sobre os meus poderes. Que eles estão... errados.”

“Fortes demais,” o fantasma disse. “Anormais.”

“Anormais?” Eu sussurrei.

Os olhos de Derek flamejaram. “Não dê ouvidos a ele, Chloe. Então você é poderosa. Grande coisa. Você está bem. Só vá devagar com isso.”

O fantasma se desculpou. Ele deu mais alguns instruções, então disse que observaria do “outro lado,” no caso da presença dele ter estimulado os meus poderes mais cedo. Se eu precisasse dele, ele voltaria.

Um último aviso contra tentar demais, e ele se foi.

Trinta e cinco

DEREK RETORNOU PARA AS sombras me deixando sozinha novamente, sentada com as pernas cruzadas com a lanterna á minha frente. Por mais que eu gostasse de usá-la como uma vela para espantar a escuridão, a coloquei de lado direcionando o fecho de luz para onde os corpos estavam enterrados, na esperança de que se o chão se movesse Derek pudesse me alertar antes que eu acordasse os mortos.

Para libertar os fantasmas de seus corpos usei visualização, então fiz isso novamente. Imaginei-me arrastando os fantasmas do além, os puxando para fora como um mágico puxa um lenço sem fim de sua manga.

Algumas vezes senti uma oscilação, apenas para desaparecer novamente. Continuei trabalhando, lentamente e progressivamente, resistindo à urgência de me concentrar com mais força.

“O que você quer?” uma voz de mulher soou tão perto e tão limpa que peguei a lanterna certa de que uma das enfermeiras havia nos encontrado. Ao invés, o fecho de luz iluminou uma mulher vestindo uma camisola. Ou era o que a parte de cima dela estava usando. Ela estava em pé, sua cabeça raspava no teto baixo, o que significava que ela estava ‘enterrada’ das coxas para baixo no chão de terra.

Ela talvez tivesse menos de trinta anos, com cabelo loiro. Suas feições aguçadas estavam rígidas com a irritação.

“Bem, necromante, o que você quer?”

“Diga para ela nos deixar em paz.” A voz de um homem gemeu na escuridão. Iluminei na direção dele, mas apenas consegui distinguir uma forma

translúcida na parede mais distante.

“Eu só q-quiero conversar com vocês”. Eu falei.

“Isso é obvio.” A mulher falou. “Chamando, nos puxando e importunando até nos arrastar contra nossa vontade.”

“Eu não p-pretendia...”

“Você não pode nos deixar em paz não é? Não foi o suficiente nos mandar de volta para nossos corpos. Você sabe como é isso? Sentada aproveitando uma tarde agradável e de repente você esta de volta ao seu corpo, enterrado, cavando seu caminho até a superfície, aterrorizada por poder ter sido aprisionada por algum necromante que procura por escravos zumbis?”

“Eu não pretendia...”

“Oh você escutou isso Michael? Ela não tinha a intenção.” A mulher se moveu na minha direção. “Então se eu acidentalmente desencadear uma tempestade de fogo do inferno sobre a sua cabeça, estará tudo bem, contanto que eu não tenha a intenção de fazer isso? Você tem um poder menininha, e é melhor você aprender a usá-lo de maneira apropriada antes que alguém decida

te ensinar uma lição. Invoque-me novamente e farei isso.”

Ela começou a desaparecer.

“Espere! Vocês...” lutei para lembrar do que Simon havia chamado as mulheres que podiam invocar feitiços. “Você é uma bruxa, certo? O que aconteceu com você aqui?”

“Eu fui morta, no caso disso não ser perfeitamente obvio.”

“Foi por que você era uma bruxa?”

Ela ressurgiu novamente tão rápido que pulei. “Você quer dizer se eu trouxe isso para mim mesma?”

“N-não. Samuel Lyle o homem que era o dono dessa casa, ele matou você? Por que você era uma bruxa?”

Os lábios dela se curvaram em um feio sorriso. “Tenho certeza que ser uma bruxa adicionou um prazer extra para ele. Eu deveria saber que não deveria confiar em um feiticeiro, mas fui uma tola. Uma tola desesperada. Sam

Lyle nos prometeu uma vida fácil. Isso é o que todos queremos, não é? Poder sem um preço. Sam Lyle era um vendedor de sonhos. Um vendedor de óleo de cobra. Ou um maluco.”

Isso a fez torcer o rosto em um sorriso novamente. “Nós nunca conseguimos descobrir qual dos dois, não é Michael?”

“Um maluco.” Veio um sussurro ao fundo. “As coisas que ele fez conosco...”

“Ah, mas estávamos por vontade própria. Pelo menos no início. Veja menininha, todos os avanços científicos e experiências requerem cobaias, e era isso que o Michael e eu éramos. Ratos de laboratório sacrificados pela visão de um homem maluco.”

“E quanto a mim?”

Ele zombou. “E o que sobre você?”

“Isso tem alguma coisa a ver com o fato de eu estar aqui? Agora? Há mais de nós. Sobrenaturais. Na casa.”

“Eles estão fazendo experimentos em você? Amarrando você nas camas e prendendo fios elétricos ate que você arranque um pedaço da língua?”

“N-não. N-nada como isso.”

“Então você pode se considerar abençoada, menininha, e pare de nos

incomodar. Sam Lyle esta morto e se o destino é justo na dimensão do inferno.”

Ela começou a desaparecer novamente.

“Espere! Preciso saber...”

“Então descubra!” ela voltou novamente. “Se você pensa que esta aqui por causa de um feiticeiro morto você esta tão louca quanto ele era, mas eu não tenha as suas respostas. Sou uma sombra, não um oráculo. Por que vocês pestes estão aqui onde morri? Como eu deveria saber? Por que eu deveria me importar?”

“Eu estou em perigo?”

Os lábios dela se retorceram. “Você é uma sobrenatural. Você sempre estará em perigo.”

“Missão cumprida, mas não conseguimos nada. Exceto mais perguntas.”

Eu falei enquanto limpávamos nossas roupas na lavanderia. “Agora você pode

finalmente voltar para a cama.”

Derek balançou a cabeça. “Não importa. Não vou conseguir dormir.”

“Por causa disso? Eu sinto muito. Eu não tinha a intenção...”

“Eu não estava dormindo antes de você me chamar.” Ele tirou o sapato e despejou a terra dentro da pia.

“Essa febre, ou seja, lá o que for. Esta me deixando no limite. Impaciente.”

Como uma pista os músculos dos antebraços dele começaram a se mexer.

“Parte do problema é que não estou fazendo exercícios o suficiente. Jogar uma bola ao redor com o Simon não ajuda com isso. Preciso de mais... espaço.

Mais atividades. Acho que é o que esta causando isso.” ele esfregou com mais

força os músculos que se mexiam.

“Você não pode pedir equipamentos para exercícios? Eles parecem ser bons para coisas do tipo.”

Ele inclinou um olhar na minha direção. “Você viu minha ficha. Você realmente acha que eles vão comprar para mim um conjunto de alteres e um saco de pancadas?” ele olhou ao redor da lavanderia. “Você esta cansada?”

“Depois disso? Não.”

“Que tal um pouco de ar puro? Ir para rua, sair para uma caminhada?”

Eu ri. “Claro se não fosse pelo pequeno problema de um sistema de alarme em nosso caminho.”

Ele passou a mão pelo cabelo, tirando a sujeira de quando ele havia raspado a cabeça no teto baixo. “Eu sei o código.”

“O quê?”

“Você acha que eu iria encorajar o Simon a partir sem saber o código de segurança? Eu posso nos tirar daqui, e nós realmente deveríamos dar uma caminhada, checar rotas de fuga, lugares para se esconder. Eu não dei muitos passeios, então não tive a oportunidade de dar uma olhada na vizinhança.”

Cruzei meus braços. “Você pode sair a qualquer hora? Fazer os exercícios que precisa? Mas nunca saiu?”

Ele ficou se mexendo mudando o peso. “Nunca pensei nisso...”

“Claro que pensou. Mas poderia haver um alerta de quando o código é desligado. Ou um registro de ter sido desligado. Então você nunca arriscou. Mas agora nós devemos. Se formos pegos, bem, todos já acham que estamos aprontando. Nós estaríamos com problemas por sairmos, mas não como o

Simon e eu teríamos se fôssemos pegos fugindo.”

Ele coçou o queixo. “Essa é uma boa idéia.”

“E que nunca passou pela sua cabeça.”

Ele não falou nada. Eu suspirei e segui para as escadas.

“Chloe.” Ele falou. “Espere. Eu...”

Eu olhei para trás. “Você vem?”

Trinta e seis

CINCO MINUTOS MAIS TARDE, NÓS estávamos andando pela calçada, as luzes da Casa Lyle se dissipando atrás de nós. Nós demos a volta no quarteirão e mapeamos todas as rotas da casa.

Nós estávamos em uma sessão de Buffalo que eu não conhecia, uma cheia de casas velhas em terrenos grandes, onde você esperaria encontrar uma Mercedes ou um Cadillac em cada entrada.

Mas eu podia ver porque não tinham – as chaminés formando vagalhões há algumas quadras para o leste.

Após duas quadras andando para o oeste, a luz da poluição em frente sugeria um distrito comercial, o que Derek confirmou.

Como essa vizinhança, era velho e decente o bastante, mas não chique.

Nada de lojas de penhores – e sex shops -, mas nada de bistrôs ou cafeterias também. Nas raras saídas do Simon, ele tinha dito ao Derek que ele tinha visto

muitas lojas velhas e comuns, com bastante becos e cantos escuros.

“Quando você chegar naquela área comercial,” Derek disse, “você estará livre. Se não conseguir ir para lá?” Ela acenou para o leste, na direção da fábrica. “Vá para lá. É tudo indústria. Tenho certeza de que encontrará um depósito ou dois abandonados, se precisarem se esconder por um tempo.” Ele olhou ao redor, escaneando a vizinhança, as narinas alargando-se enquanto ele entornava o frio ar da noite, provavelmente um alívio bem vindo para sua febre.

“Você vai se lembrar de tudo isso?”

“Pode dizer novamente? Mais devagar? Talvez escrever pra mim? Com

figuras?”

Ele olhou com cara feia. “Eu só estou checando, está bem? É importante.”

“Se estiver preocupado que não consigamos lidar com isso, tem uma solução óbvia. Venha conosco.”

“Não.”

“Eu só estou dizendo....”

“Bem, não diga.”

Ele andou mais rápido, deixando-me correndo para acompanhá-lo. Eu podia afirmar que Simon estava certo – o assunto estava fechado para discussão – mas eu não conseguia me impedir.

“Simon está preocupado com você.”

“É?” Ele parou, se virou, e esticou seus braços. “Eu pareço bem para você?”

“Não, você parece um cara que deveria estar na cama, cuidando de uma febre, não vagabundeando–”

“Eu não estou vagabundeando,” ele retrucou, mais rudemente que o necessário. “Quero dizer, onde estou? Na rua, certo? Há quadras da Casa Lyle. Nenhum carro de polícia está vindo correndo pela estrada atrás de mim. Se algo der errado, eu posso escapar. Você realmente acha que a Talbot e a Van Dop poderiam me impedir?”

“A questão não é se você consegue escapar. É se você irá.”

Ele pausou. Enquanto estava grata por saber que ele simplesmente não ia me dizer o que eu queria ouvir, eu não gostava de ver quanta reflexão essa pergunta exigia. Simon tinha dito que receava que se algo desse errado, Derek

pudesse simplesmente largar mão. Ele já decidira que pertencia a Casa Lyle.

Ele iria embora mesmo se corresse perigo? Ou ele só conseguia ver o perigo que ele apresentava... ou achava que apresentava?

“Derek?”

Ele enfiou suas mãos em seus bolsos. “Tá.”

“Tá o quê?”

Ele arrancou uma das mãos e coçou seu braço, as unhas afundando até deixarem marcas vermelhas. “Se eu estiver em perigo, eu cairei fora e acharei vocês. Está bem?”

“Está bem.”

Eu acordei para ver uma imagem na minha cama e me sentei, o nome da Liz nos meus lábios. Mas era a Rae, inclinada contra a parede, os joelhos levantados, os olhos brilhando com divertimento.

“Achou ter visto um fantasma?” ela disse.

“N-não. Talvez.” Eu esfreguei os meus olhos e bocejei.

“Suponho que não seja uma boa idéia surpreender alguém que vê assombrações, hein?”

Eu dei uma espiada ao redor do quarto, pestanejando arduamente. A luz do começo da manhã entornava. Eu olhei para a cama da Rae e imaginei a Liz

ali, os dedos do pé balançando na luz solar.

“A Liz deixou alguma coisa para trás?” eu perguntei.

“O quê?”

Eu me puxei para cima, empurrando as cobertas de lado. “Quando você se mudou, achou alguma coisa?”

“Só uma camiseta da Tori. Não me incomodei em devolver ainda. Não é

como se a Tori estivesse com pressa para devolver aquele moletom ver com capuz que ela emprestou da Liz. Eu a vi usando outro dia. Por quê? A Liz ligou

finalmente?”

Eu me estiquei. “Não. Eu só estava...” Outro bocejo. “É cedo e metade do meu cérebro ainda está na terra dos sonhos. Eu perdi a batida da Sra. Talbot?”

“Não, ainda temos alguns minutos. Eu queria falar com você antes que todos levantassem.”

“Claro, o que –” eu dei um solavanco e fiquei ereta. “Ontem! Nós tínhamos que conversar. Eu esqueci totalmente.”

“Você esteve ocupada.” Ela puxou a bainha de sua camisola baby doll.

“Então, eu vou receber um convite?”

“Convite?”

“Para a grande fuga. Era sobre isso que você ia falar comigo na noite passada, certo? O que você e o Simon e o Derek estiveram correndo por aí planejando nos últimos dias.”

Eu não quero imaginar o olhar no meu rosto nesse momento. Choque, horror, descrença – tenho certeza de que está tudo lá, escrito grande o bastante para apagar suas dúvidas.

“Eu n-não–”

“–sabe do que eu estou falando?” Ela torceu um fio solto entre seus dedos e arrancou-o, o olhar fixo nele. “Então o que você ia me contar? Inventar uma história para me jogar para fora do caminho?”

“N-não. Eu ia te contar o que acontecer no espaço de engatinhar. Com o Derek. Eu contatei aquele fantasma novamente.”

“Ah.”

Seu olhar caiu. Por mais fascinante que a minha história de zumbi normalmente seria, não era o que ela estava esperando ouvir. Ela deixou o fio cair na cama.

“Então não estou convidada, estou?”

“Não t-tem—”

Ela levantou suas mãos. “Eu escutei Simon e Derek discutindo sobre escapar uma vez. Agora, com todo esse papo de transferir você ou o Derek, e vocês de repente andando juntos...”

“Não é—”

“Ontem a noite, eu acordei e você tinha ido embora. Eu desci as escadas bem quando você e o Derek estavam se esgueirando e eu ouvi o bastante para saber que não estavam dando um passo sob a luz do luar.”

“Derek não vai fugir.” O que era verdade, ainda que não fosse exatamente o que ela quis dizer.

Ela relaxou contra a parede novamente, puxando seus joelhos para cima.

“E se eu cumprisse os requisitos do clube? Isso me daria um convite?”

“O quê?”

“O seu clube. Os especiais. Aqueles com super poderes.”

Eu soltei uma risada que soava mais com o latido de um poodle assustado.

“Super p-poderes? Bem que eu queria. Meus poderes não vão me dar um espaço no Cartoon Network tão cedo... exceto como alívio cômico. A Ghost Whisperer Junior. Ou Ghost Screamer, mais provável. Sintonizem, toda semana, enquanto Chloe Saunders corre gritando de mais um fantasma procurando sua ajuda.”

“Está bem, super poder pode ser um exagero. Mas e se você pudesse tirar

um garoto do seu caminho com o estalar de seus dedos? Aposto que isso seria útil.”

Eu saí da cama e andei até a penteadeira. “Claro, mas não foi isso que o Derek fez. Ele me agarrou. Acredite em mim, eu senti contato físico.”

“Não estou falando do Derek. Alguns dias antes do Brady ser mandado embora, ele e Derek tiveram um problema. Ou Brady estava tentando ter um. Derek não queria nada daquilo, então o Brady ficou fazendo chacota dele, tentando obter uma reação, e quando Derek foi enfrentá-lo, Simon estalou seus

dedos e, bam, Brady voou para a parede. Eu estava lá. Derek e Simon não o tocaram. Era por isso que eu queria ver o arquivo do Simon.”

“Bem, como você viu, Simon não tem um arquivo. Ele está aqui por causa do Derek. O pai deles desapareceu e Derek foi mandado para cá por causa de seu problema, então eles colocaram o Simon no mesmo lugar.”

“Como o pai deles desapareceu?”

Eu dei de ombros e coloquei uma camiseta. “Eles não falaram muito sobre isso. Não quero pressionar.”

Uma pancada. Quando eu olhei sobre o meu ombro, Rae tinha caído de volta na cama.

“Você é boazinha de mais, garota,” ela disse. “Eu fiquei atrás deles o tempo todo por causa dessa história.”

Eu balancei minha cabeça. “Eu acho que ouvi a Sra. Talbot—”

“Não ouviu. É sábado. Podemos dormir, e você não vai se safar tão facilmente. Eu sei que o Simon tem algum poder mágico, como você. E tenho bastante certeza que o Derek tem. É por isso que vocês são tão unidos. Foi por

isso que o pai do Simon adotou o Derek, eu aposto.”

Eu olhei para o espelho e corri a escova pelo meu cabelo.

“O que me faz ter tanta certeza disso?” Rae continuou. “Lembra-se quando eu te contei sobre o meu diagnóstico? Como não se encaixava. Eu não te contei a história toda. Você não leu o meu arquivo, leu?”

Eu me virei lentamente, a escova ainda levantada.

Ela continuou. “De acordo com o relatório, eu me meti em uma briga com a minha mãe e a queimei com um isqueiro. Só que eu não estava segurando um isqueiro. Eu simplesmente agarrei seu braço e lhe dei queimaduras de primeiro grau.”

“Por que você não—?”

“Te contei?” ela cortou. “Eu estava esperando até te conhecer melhor. Até que você acreditasse em mim. Mas então você percebeu que estava vendo fantasmas e eu sabia como isso soaria. Como uma criancinha ciumenta que seus amigos vão para a Disney World – tem que mostrar que ela é especial também. E meu poder não é como o seu. Eu não consigo fazê-lo aparecer. Simplesmente aparece, quando eu fico nervosa.”

“Como com a Tori. Você queimou ela mesma, não queimou?”

Ela abraçou meu travesseiro ao seu peito. “Acho que sim. Mas cadê a prova? Ela sentiu que foi queimada e ficou uma marca vermelha, mas não foi como se eu tivesse tacado fogo na sua camiseta.” Ela sorriu maliciosamente.

“Por mais divertido que isso seja. Então para a minha mãe eu menti e disse que estava brincando com um isqueiro e, quando fui até ela, esqueci que ainda

estava segurando-o. Ninguém ligou de não haver um isqueiro. Eles vêem o

que

querem ver. Coloque um rótulo; medique; e, se tiver sorte, simplesmente irá embora. Só que o que temos não irá embora.”

Meu cérebro lutou para captar tudo isso. Eu sabia que devia dizer alguma coisa, mas o quê? Admitir? Negar?

Rae rolou da cama para ficar de pé, torceu seus longos cachos para trás, e levantou sua mão. Quando não me movi, ela disse, “Elásticos? Atrás de você?”

“Certo.”

Eu joguei um para ela. Ela o amarrou ao redor de seu rabo de cavalo e se dirigiu para a porta.

“Espera,” eu disse.

Ela balançou sua cabeça. “Você tem que falar com os garotos primeiro.”

“Eu não—”

Ela se virou para me encarar. “Sim, você tem que. Você deveria. Você iria querer que eles fofocassem sobre os seus segredos antes de checar com você? Fale com eles. Então me retorne. Não é como se eu fosse a lugar algum.”

Trinta e sete

TOMEI O CAFÉ DA MANHÃ COM A Tori. Eu tinha certeza que ontem ela esperava me ver ser carregada para fora da casa, amarrada em uma maca, gritando, levada á loucura depois de ficar horas amarrada e amordaçada na escuridão. Mas nessa manha, ela apenas se sentou lá e comeu, seus olhos distantes, expressão vazia, como se tivesse desistido. Se eu contasse para os médicos o que ela fez, ela teria que ser mandada embora, não importando o quão poderosa a mãe dela era.

Talvez quando sai do porão e não falei, ela percebeu o quão perto ela havia estado de ser transferida. Talvez ela tenha percebido que sua proeza poderia ter sido fatal. Talvez ela até mesmo estivesse se sentindo mal sobre o que fez. Isso provavelmente era muito para se esperar, mas pela aparência do rosto dela nessa manha, qualquer desavença entre nós havia acabado. Ela havia colocado aquilo para fora do organismo, e viu como chegara perto de cometer um grande erro. Por pior que fosse para eu ficar perto dela, pensando no que ela me fez passar, eu não daria a ela nenhuma satisfação.

Então eu sentei e lutei para comer como se não tivesse nada errado.

Cada colherada de aveia que me forçava a engolir caia no meu estomago e se congelava em uma pedra de cimento.

Não apenas eu tinha que comer com alguém que poderia ter me matado, mas também agora eu tinha que encontrar o que fazer com a Rae. Como eu iria contar para os rapazes? Derek com certeza iria me culpar.

Eu estava tão envolvida em meus pensamentos que somente quando estava voltando de meu banho e escutar a enfermeira do final de semana a

senhora Abdo, falando sobre uma ‘porta’ e uma nova ‘fechadura’ que lembrei de nossa fuga na noite anterior. Teríamos sido pegos?

“Dr. Davidoff quer um cadeado.” A senhora Talbot falou. “Não sei se eles fazem cadeados para portas internas, mas se você não conseguir encontrar em alguma ferragem, vamos ligar para o Rob e trocar a porta. Depois de ontem o Dr. Davidoff não quer os garotos naquela parte do porão.”

A porta do porão. Eu suspirei aliviada e continuei a descer. Cheguei ao final da escada quando Simon espiou da sala de jantar.

“Pensei ter escutado você. Pegue.” Ele jogou uma maçã. “Eu sei que você gosta das verdes. Derek as tem estocado.” Ele fez sinal para eu entrar. “Sente e coma com a gente. Você vai precisar de energia. É sábado, e por aqui, isso significa afazeres, o tempo todo.”

Quando passei por ele, ele se reclinou para sussurrar. “Tudo bem?”

Eu assenti. Ele fechou a porta. Olhei para a mesa vazia. “Onde está o Derek?” eu perguntei mantendo minha voz baixa.

“Ele está na cozinha, se abastecendo. Fiquei sabendo que vocês tiveram uma pequena aventura a noite passada.”

Derek havia insistido em contar para o Simon que entrar em contato com os fantasmas dos zumbis havia sido idéia dele, então se o Simon ficasse bravo

por ter sido excluído, a culpa cairia sobre ele. Pensei que ele estava tentando roubar a glória, fingindo que ele havia descoberto o que os fantasmas queriam.

Mas a expressão do Simon me mostrou que ele estava sentindo como se houvesse perdido alguma coisa. Então eu estava de uma maneira feliz por ele não pensar que fui eu que o deixei dormindo.

Enquanto eu me ajeitava na mesa, Derek voltou com um copo de leite em uma mão, e de suco na outra. Simon estendeu a mão para um dos copos, mas Derek colocou ambos ao lado do prato e rosnou. “Vá pegar o seu.” Simon se levantou, batendo nas costas do Derek, e seguiu para a cozinha.

“Você esta bem?” eu sussurrei.

O olhar do Derek seguiu em direção a porta da cozinha. Ele não queria que o Simon soubesse que ele estava doente. Eu não estava certa se gostava disso, e nos olhamos nos olhos, mas a posição da mandíbula dele me avisou que aquilo não estava aberto para discussões.

“Estou bem.” Ele resmungou depois de um momento. “O Tylenol finalmente fez efeito.” Ele tinha círculos escuros sob os olhos que estavam ligeiramente injetados de sangue, mas os meus também estavam. Ele estava pálido, a acne mais vermelha que o normal. Cansado, mas recuperado. Não havia febre nos olhos dele e pela maneira como ele estava atacando a aveia, ele não havia perdido o apetite.

“Eu passei Dr. Saunders?” ele falou baixinho.

“Acho que sim.”

Ele grunhiu enquanto colocava mais açúcar em sua tigela. “Foi algum tipo de alergia, como eu disse.” Ele comeu três colheres cheias de mingau. Então com o olhar ainda em seu café da manhã, ele falou. “O que há de errado?”

“Eu não falei nada.”

“Tem alguma coisa acontecendo. O que é?”

“Nada.”

Ele virou a cabeça, olhando para mim. “É?”

“Sim.”

Ele bufou e voltou para sua tigela, enquanto o Simon voltava. “Alguém viu a lista de afazeres dessa manha?” ele falou, me entregando um copo de suco de laranja, ele sentou e estendeu a mão para a tigela de açúcar. Derek tirou a tigela dele, fez uma pausa e então espalhou mais açúcar sobre sua aveia. Um olhar passou entre eles. Simon engoliu seu suco de laranja e falou.

“Estamos na tarefa de recolher as folhas. Van Dop quer que limpamos as folhas mortas do outono passado...”

Enquanto ele falava, o olhar de Derek voltou para mim, estudando.

Eu olhei para longe, e mordi minha maçã,

Sábado realmente era o dia das tarefas. Normalmente, eu estaria gemendo só de pensar em tarefas (e desejando estar na escola), mas hoje isso iria me ajudar perfeitamente. Com a Dra. Gill, a Sra. Wang, e Sra. Van Dop fora, a Sra.

Abdo fora fazendo compras, e a Sra. Talbot trabalhando na papelada da clínica, nós tínhamos liberdade na casa e eu tinha uma desculpa para falar com

o Simon na rua sozinha, me oferecendo para ajudar a juntar as folhas, enquanto Derek estava no andar de cima trocando os lençóis das camas.

“Você está tendo dúvidas.” Simon falou quando estávamos longe o suficiente da casa para não sermos escutados.

“O quê?”

Ele se inclinou e começou a amarrar os tênis de cabeça para baixo. “Sobre fugir. Você está com medo de contar para o Derek por que ele vai ficar furioso,

e gritar na tua cara.”

“Esse não é...”

“Não esta tudo bem. Eu estava surpreso por você ter se oferecido desde principio. Surpreso de uma boa maneira, mas se você mudou de idéia, esta tudo bem e eu não culpo você.”

Eu continuei a caminhar em direção ao barracão. “Eu vou... A menos que você esteja com duvidas em me levar.”

Ele abriu a porta do barracão e sinalizou para eu ficasse onde estava, enquanto ele desaparecia na escuridão, com a sujeira e poeira pelo caminho.

“Eu provavelmente deveria dizer que não preciso de nenhuma ajuda. Mas honestamente?” suas palavras eram interrompidas por barulhos enquanto ele procurava pelos ancinhos. “Apesar de não esperarmos por problemas, outro par de olhos, poderiam ser muito úteis em uma fuga.”

“Eu prefiro ser esse segundo par de olhos, do que ficar sentada aqui esperando por ajuda.” Eu falei quando ele saiu do barracão segurando dois ancinhos.

“Como o Derek você quer dizer?”

“Não, isso não foi uma indireta.” Eu fechei a porta do barracão e fechei o trinco. “A noite passada ele me falou por que vai ficar. Por causa do que ele fez. O que eu já sabia por que eu tipo que...”

“Leu a ficha dele?”

“Eu... eu estava...”

“Verificando a historia dele depois que ele te agarrado no porão. É isso o que ele achou. Movimento esperto.” Ele sinalizou para começarmos no quanto

mais distante, onde uma camada de folhas decompostas, do ano passado

cobria o chão. “Não deixe que ele te incomode sobre isso. Ele leu o seu.”

Dei de ombros. “Acho que é Justo.”

“Ele leu o seu antes de você ter lido o dele. Aposto que ele não mencionou isso quando você confessou.”

“Não ele não comentou.”

Nós começamos a juntar as folhas. Por pelo menos um minuto, Simon não falou nada, então ele olhou para mim. “Eu aposto que ele também não mencionou como aquilo aconteceu. A luta, quer dizer.”

Eu balancei minha cabeça. “Ele só falou que o cara não tinha puxado uma arma para ele. Ele não quis discutir sobre isso.”

“Aconteceu no outono passado. Nós nos mudamos para uma cidadezinha caipira perto de Albany. Sem querer ofender as cidades pequenas, tenho certeza de que são ótimos lugares para se morar... para a maioria das pessoas. Mas focos multiculturais elas não são. Mas meu pai conseguiu um trabalho em Albany, e aquele foi o único lugar que ele conseguiu antes do ano escolar começar.”

Ele puxou as folhas para a pilha que eu havia começado. “Eu estava matando tempo atrás da escola, esperando que o Derek terminasse de falar com o professor de matemática. Eles estavam tentando fazer um currículo especial para ele. Escolas pequenas não estão acostumadas com caras como o Derek. Ou como eu, como acabou acontecendo.”

Um rato saiu correndo debaixo de uma raiz de árvore, e Simon se abaixou para olhar o buraco se certificando de que não havia mais ratos antes de passar o ancinho ao redor da árvore. Eu estava praticando basquete quando três caras do último ano vieram na minha direção. Eles estavam

usando batedores e quando vieram na minha direção senti o cheiro de problemas com redneck*. Eu não iria fugir, mas se eles quisessem a quadra eu

iria sair do caminho deles, você sabe como é?”

Uma rajada de vento dispersou a camada superior do nosso monte de folhas. Ele suspirou, e seus ombros caíram. Fiz sinal para ele seguir com a história, enquanto eu continuava a juntar as folhas.

“Só que eles não queriam a quadra. Eles queriam a mim. Parece que a mãe de um dos caras trabalhava em uma 7-Eleven antes de ela ser comprada por uma família de vietnamitas que a demitiram. Isso foi tipo um ano antes, mas naturalmente, eu deveria ser parente deles, certo? Eu falei sobre isso, que por mais chocante que possa ser, nem todos os asiáticos tem parentescos e nem todos nós temos lojas de conveniências.”

Ele parou de juntar as folhas. “quando eu falei que não sou vietnamita, um dos caras perguntou o que eu era. Eu falei americano, mas eventualmente eu

*Expressão ofensiva. Como caipira. A tradução literal seria ‘pescoço vermelho’.

dei a eles o que queriam, e disse que meu avô veio da Coréia do Sul. Bem, como eu iria saber que o tio de um dos caras fora morto na guerra da Coréia.

Se esse cara já participou de alguma aula de história, ele dormiu o tempo todo.

Ele achava que a Coréia tinha declarado guerra contra os americanos. Então eu o corriji. E sim, eu fui um pouco arrogante. Meu pai sempre falou que se eu

não consigo aprender a manter minha boca fechada, é melhor trabalhar mais em meus feitiços de proteção. E naquele dia...” ele voltou a juntar as folhas,

sua voz mais baixa. “... naquele dia, ele estava certo. Eu sou um pouco arrogante, mas mantenho isso light, você sabe? Mais para bobo. A próxima coisa que percebi foi que um dos caras puxou um canivete. Ele estava perto, mas mesmo assim eu fiquei olhando para aquilo como um idiota, pensando o que seria aquilo. Um celular? Um mp3 player? Então, a lamina saiu. Eu tentei correr, mas era tarde demais. Outro cara chutou meu pé e cai. O cara com a faca estava de pé em cima de mim, e eu estava pronto para lançar um feitiço para mandá-lo longe, quando o Derek apareceu na esquina. Ele pegou o cara com a faca e o jogou para o lado, socou o segundo cara, e o terceiro correu. O segundo cara levantou, ele estava bem e correu atrás do terceiro cara. Mas o primeiro? Aquele que ele tirou de cima de mim?”

“Não se levantou.” Eu sussurrei.

Simon tirou uma folha presa nos dentes do ancinho. “Derek estava certo. Não havia nenhuma arma. Mas você sabe o quê?” ele levantou seu olhar para o meu. “Se o cara tivesse atacado o Derek com uma arma, ele teria ficado calmo e lidado bem com aquilo. Mas não era ele quem estava em perigo. Eu estava. E para o Derek isso é uma coisa completamente diferente. Esta na natureza dele, meu pai sempre disse que o...” ele começou a passar o ancinho nas folhas com mais força, arrancando a grama nova e terra. “Então foi assim que tudo aconteceu. Eu fui arrogante e não consegui me defender de um bando de caipiras, e agora o Derek...”

Ele parou, e eu sabia que o Derek não era o único que se culpava pelo que havia acontecido.

“De qualquer maneira.” Ele falou depois de um momento. “Você não me trouxe aqui fora para falar sobre isso, e se eu ficar aqui enrolando o Derek vai

vir atrás de nós. E tenho a sensação de que isso não é algo que você queira discutir com ele.”

“Não é.”

Contei para ele sobre a Rae. “Eu não sei o que falar e isso só deixam as coisas piores, mas ela me pegou completamente despreparada. Agora o Derek vai achar que deixei alguma coisa escapar ou que eu estava fofocando com minha amiga, contando para ela meus segredos, o que eu não fiz, eu juro...”

“Eu sei. Você não é desse jeito.” Ele se escorou no ancinho. “Rae esta certa sobre o Brady. Lancei um feitiço atordoante nele. Eu fui descuidado e estúpido, mas depois do que aconteceu com aqueles outros caras, eu queria ser rápido no gatilho, você entende? Quando vi que o Brady estava tentando provocar o Derek, eu apenas... reagi.”

“Você queria acabar com a situação.”

“É. E se a Rae pegou vocês entrando a noite passada, isso é culpa do Derek. Ele deveria estar prestando atenção. Ele tem os ouvidos, e os.” Ele parou. “Os olhos. Ele consegue enxergar muito bem no escuro, melhor do que

nós. Normalmente ele teria notado a Rae, mas ele deveria estar ocupado pensando em escapar.”

Preocupado não, mas doente e com febre. Mas eu não podia falar isso. Simon continuou.

“Ele tem estado de mau humor também. Mais chato que o normal. Ele quebrou nosso chuveiro. Você soube sobre isso?” ele balançou a cabeça.

“Arrancou a torneira do lugar, então eu tive que falar para a Talbot que a torneira já estava solta. Mas quanto a Rae, nós temos que contar para ele.”

“Você acha que ela é um de nós? Um sobrenatural?”

“Ela poderia ser um meio demônio. Se ela for, o que isso significa para nós, por estarmos aqui? Quatro entre cinco garotos? Talvez a Liz também, se ela for

uma xamã? Isso não é coincidência. Não pode ser.” Ele parou pensando.

“Vamos nos preocupar sobre isso mais tarde. Por agora, estou mais preocupado em ela saber sobre nosso plano.”

“Ela não apenas sabe. Ela quer participar.”

Ele amaldiçoou baixinho.

“Ela pode ser útil.” Eu falei. “Ela é bem mais esperta nas ruas do que eu.”

“E eu. É que apenas...” ele deu de ombros. “Tenho certeza de que a Rae é legal, mas eu não teria reclamado se fôssemos só nós dois.” Ele olhou para mim. Meu coração começou a bater mais rápido.

“Tem muita coisa que quero falar para você.” Ele tocou a parte de trás da minha mão, chegando tão perto que pude sentir a respiração dele contra meu cabelo.

“O que é isso sobre a Rae?” Uma voz demandou. Nos viramos para ver o Derek do outro lado do gramado.

Simon amaldiçoou. “Alguém já te falou que o seu senso de timing realmente é uma droga.”

“É por isso que não toco bateria. Agora o que está acontecendo?”

Eu contei para ele.

Trinta e oito

SIMON DUVIDAVA QUE RAE TIVESSE poderes sobrenaturais. Havia metade-demônios, mas aos quinze anos ela deveria estar fazendo mais do que deixar marcas que mal se qualificavam como queimaduras de primeiro grau. Ele não achava que ela estava mentira. Ela estava simplesmente ansiosa demais para acreditar.

Eu suspeitava que ele estivesse certo. Dada quando nasceu, deslocada por irmãos mais novos, jogada na Casa Lyle com estranhos e esquecida, significaria muito para Rae ser especial. Eu tinha visto isso em seu rosto naquela manhã, brilhando de animação.

A pessoa mais devagar em rejeitar a ideia foi Derek. Ele não disse que acreditava que Rae fosse uma meio-demônio, mas seu silêncio dizia que ele considerava a possibilidade. A noite passada ainda estava incomodando-o – e a minha – a nossa falha em achar ou descartar uma conexão entre nós, Samuel Lyle, e aqueles corpos sobrenaturais no porão. Se Rae era uma meio-demônio e Liz poderia ser uma xamã, então a possibilidade de estarmos aqui por acidente caía.

Você poderia argumentar que uma casa de apoio para adolescentes perturbados não é um lugar incomum para achar adolescentes sobrenaturais, especialmente aqueles que não sabem o que são. Nossos sintomas poderiam estar mascarados para se encaixar em desordens psiquiátricas conhecidas, e, desde que todos sabiam que era impossível contatar os mortos ou queimar pessoas com suas próprias mãos ou jogar um garoto para o lado e quebrar seu pescoço – a solução óbvia seria que somos doentes mentais.

Alucinando, ficando obcecados com fogo, incontrolavelmente violentos... Mas não havia nada de paranormal nas oscilações de humor da Tori. Peter aparentemente tinha algum tipo de distúrbio de ansiedade e isso não se encaixava no padrão também.

Ainda assim, eu não conseguia me livrar da sensação de que estava deixando algo passar, que a conexão estava aqui e meu cérebro estava distraído demais por outros problemas para ver isso. Eu suspeito que Derek sentisse o mesmo.

Se Rae era sobrenatural ou não, todos concordavam que ela deveria vir conosco. Para Derek, não era tanto uma questão de devemos levá-la, mas sim de ousamos deixá-la. E se ela retaliasse contando às enfermeiras? Eu não conseguia enxergar isso, mas depois que tivéssemos ido embora, se dessem uma dura nela, ela desabaria antes que Derek.

A única condição de Derek era a de que deixássemos os detalhes sobre os nossos poderes e os nossos planos vagos, pelo menos por enquanto.

Eu disse a Rae, e então Derek jogou a bomba que nenhum de nós esperava. Nós tínhamos que partir naquela noite.

Já que era sábado, nós teríamos o dia todo para nos preparar, e as tarefas nos davam uma desculpa para vasculhar a casa, procurando por suprimentos. Hoje à noite era a falta da Srta. Van Dop e era muito menos provável que a enfermeira do final de semana percebesse que estávamos aprontando alguma. Era melhor ir agora, antes que alguma outra coisa desse errado.

Uma vez passada o pânico inicial “AIMEUDEUS, você quer dizer hoje à noite!”, tive que concordar que quando mais cedo fôssemos embora, melhor.

Então, enquanto Rae montava guarda limpando o banheiro das garotas, eu empacotava. Eu tinha empacotado para o acampamento diversas vezes, mas, em comparação, isso era agonizante. Para cada item que eu colocava, eu tinha que considerar o quanto eu precisava dele, quanto espaço e peso acrescentariam, e se eu não ficaria melhor pegando-o na estrada.

A escova estava fora, e o pente dentro. Desodorante, definitivamente dentro. Meu iPod e gloss labial podem não ser essenciais na vida diária, mas eram pequenos o bastante para manter. Sabonete, uma escova de dentes, e pasta de dentes precisariam ser compradas mais tarde porque eu não poderia ter o luxo de alguém notá-las faltando do banheiro agora.

A seguir vinham as roupas. Ainda estava frio, especialmente a noite.

Colocar em camadas seria a solução. Eu empacotei como a tia Lauren tinha me ensinado quando passamos uma semana na França. Eu usaria um moletom, um pulôver de manga comprida, e uma camiseta com calça jeans. Na

sacola, eu colocaria mais duas camisetas, outro pulôver, e três pares de meia e calcinha.

Isso seria o bastante? Por quanto tempo fugiríamos?

Eu estivera evitando essa pergunta desde que eu tinha me oferecido primeiramente para ir. Simon e Derek pareciam achar que encontraríamos seu pai bem rapidinho. Simon tinha feitiços e só precisava viajar por Buffalo, jogando-os.

Parecia fácil. Fácil demais?

Eu tinha visto os olhares em seus olhos. Os de Derek mal escondiam preocupação. Os de Simon, uma teimosa convicção. Quando pressionados, ambos admitiram que, se não conseguissem achar seu pai, havia outros

sobrenaturais que conseguiriam contatar.

Se levasse mais que alguns dias, eu tinha um cartão de banco e o dinheiro do meu pai. Simon e Derek tinham cartão de banco, também, com fundos de emergência que o pai deles havia acumulado para eles, pelo menos mil dólares

cada, eles achavam.

Nós precisaríamos retirar o máximo que conseguíssemos imediatamente, antes que alguém soubesse que tínhamos partido e começasse a nos procurar.

Derek manteria seu cartão e seu dinheiro caso precisasse, mas teríamos o dinheiro do Simon, além do meu.

Isso nos bastaria.

O que quer que acontecesse, ficaríamos bem. Outra camiseta, contudo, podia não ser uma má ideia.

Camiseta... Isso me lembrava...Eu empurrei minha mochila para debaixo da cama, e deslizei para o quarto da Tori.

A porta estava entreaberta. Através dela, eu conseguia ver que a cama da Tori estava vazia. Eu dei um gentil empurrão.

“Oi?” Ela saltou da antiga cama da Rae, arrancando seus fones de ouvido.

“Custa bater?”

“Eu – eu achei que você estava lá embaixo.”

“Ah, então você ia tirar vantagem disso, não ia? Colocar seu esqueminha em ação?”

Eu abri a porta e entrei. “Que esquema?”

“Aquele que você e a sua gangue têm planejado. Eu vejo vocês espreitando por aí, tramando contra mim.”

“Hein?”

Ela enrolou o fone de ouvido ao redor de seu tocador de MP3, puxando-o com força, como se imaginando ele dando volta no meu pescoço, ao invés. “Você acha que sou estúpida? Você não é tão doce e inocente quanto parece, Chloe Saunders. Primeiro, você seduz o meu namorado.”

“Namo – seduzir?”

“Então você pisca seus olhos azuis claros para o alto, moreno, e ameaçador, e assim que se dá conta, ele está perseguindo você como um cachorrinho perdido?”

“O quê?”

“E agora, para certificar que todos no lar estão contra mim, você inclui a Rachelle. Não ache que eu perdi a sua conferência essa manhã.”

“E você acha que estamos... tramando contra você?” Eu cuspi uma risada e me reclinei contra a penteadeira.

“Como você passa esse ego pela porta, Tori? Não estou interessada em vingança. Não estou nem um pouco interessada em você. Entendeu?”

Ela deslizou para a beirada da cama, os pés tocando o chão, os olhos se estreitando. “Você acha que é esperta, não acha?”

Eu desmoronei contra a penteadeira com um suspiro exagerado.

“Você não desiste nunca? Você é como um CD riscado. Eu, eu, eu. O mundo gira ao redor da Tori. Não é de se espantar que a sua mãe ache que você é uma mimada—”

Eu me parei, mas era tarde demais. Por um instante, Tori congelou em meio ao seu levantamento. Então, lentamente, ela se enrolou de volta na cama.

“Não quis dizer—”

“O que você quer, Chloe?” Ela tentou colocar um pouco de reação em suas

palavras, mas elas saíram silenciosas, esgotadas.

“A camiseta da Liz,” eu disse após um instante. “Rae disse que você emprestou um moletom com capuz verde da Liz.”

Ela acenou na direção da penteadeira. “Está lá. Gaveta do meio. Se bagunçar vai redobrar tudo.”

E foi isso. Nada de “Por que você quer?” ou mesmo “Ela ligou pedindo?”

Seu olhar já tinha ficado distante. Dopada? Ou nem ligava mais?

Eu achei a camiseta. Um moletom com capuz verde-esmeralda da Gap.

Um objeto pessoal.

Eu fechei a gaveta e me endireitei.

“Você pegou o que veio pegar,” Tori disse. “Agora corra e vá brincar com seus amigos.”

Eu andei até a porta, agarrei a maçaneta, então me virei para encará-la.

“Tori?”

“O quê?”

Eu queria desejar-lhe boa sorte. Eu queria dizer-lhe que eu esperava que ela conseguisse o que estava procurando, o que precisava. Eu queria dizer-lhe que sentia muito.

Com tudo que acontecia na Casa Lyle, e a descoberta que pelo menos três de nós não pertencíamos ali, era fácil esquecer que alguns pertenciam. Tori tinha problemas.

Esperar que ela se comportasse como qualquer adolescente normal, então excluindo e evitando-a quando ela não se comportava, era como zombar dos mais lerdos na escola. Ela precisava de ajuda e apoio e consideração, e ela não tinha conseguido isso de ninguém mais além da Liz.

Eu agarrei a camiseta da Liz em minhas mãos e tentei pensar em algo a dizer, mas qualquer coisa que eu dissesse soaria errada, condescendente. Então eu disse a única coisa que podia. “Adeus.”

Trinta e nove

COLOQUEI O CASACO DE LIZ EM minha mochila. Ele ocupou mais espaço do que eu poderia fornecer, mas eu precisava dele. Aquilo poderia responder uma pergunta ao qual eu realmente precisava da resposta... Assim que eu conseguisse coragem para fazer a pergunta.

Quando Derek anunciou que iríamos partir naquela noite, meu primeiro pensamento fora que não haveria tempo suficiente, mas havia tempo demais.

Nós fizemos os trabalhos de casa que nunca entregaríamos, ajudamos à senhora Talbot a planejar refeições que nunca iramos comer, todo o tempo lutando contra a urgência de nos escondermos para planejar mais um pouco. Tanto Rae quanto a Tori haviam notado minhas ‘reuniões’ com os meninos, e se continuássemos assim as enfermeiras poderiam suspeitar que fosse mais do que os hormônios da adolescência trabalhando.

Alertei os outros sobre a Tori, mas ninguém parecia preocupado.

Era como o que falei para ela. Que ela estava completamente fora de nossas mentes. Perguntei-me se isso a ferira mais do que todo o resto.

Passamos a tarde assistindo um filme. Pela primeira vez eu prestei tão pouca atenção ao filme que se me perguntassem sobre a história dez minutos depois dos créditos finais, eu não saberia do que se tratava.

Derek não se juntou á nós. Simon falou que seu irmão estava exausto da noite anterior e queria descansar, para estar com a cabeça funcionando para nos ajudar a noite. Perguntei-me se sua febre havia retornado.

Quando a senhora Talbot perguntou sobre o Derek, Simon falou que ele

‘não estava se sentindo muito bem’. Ela estalou a língua em desaprovação e se

retirou para jogar cartas com a senhorita Abdo, ela nem mesmo foi ao andar de

cima para ver como ele estava. Era assim que as coisas funcionavam com o Derek. As enfermeiras pareciam deixá-lo por conta própria, como se seu tamanho as fizesse esquecer que ele ainda era um garoto. Ou talvez, dado á sua ficha e diagnostico, elas queriam menos contato possível com ele.

Será que ele notou a maneira como elas o tratavam? Tenho certeza que sim. Nada escapava ao Derek, e suspeito que isso apenas reforçava para ele que precisava ficar aqui.

Enquanto o filme rodava, eu pensava sobre ele. Derek tem sido tão cuidadoso em não deixar o Simon saber que ele tem estado doente. Se o Simon podia dizer que ele ‘não estava se sentindo muito bem’, isso significa que ele esta muito doente para conseguir esconder.

Escapei da sala de mídia, peguei quatro Tylenol e um copo de água e subi as escadas.

Bati na porta. Não ouve resposta. A luz brilhava sob a porta, mas ele poderia ter caído no sono enquanto lia.

Ou estar muito doente para atender.

Bati novamente, um pouco mais alto.

“Derek? Sou eu. Trouxe água e Tylenol.”

Ainda nada. Toquei a maçaneta que estava fria sob meus dedos. Ele provavelmente estava dormindo. Ou me ignorando.

“Vou deixar isso aqui.”

Quando me curvei para colocar o copo no chão, a porta se abriu apenas o

suficiente para que eu pudesse ver os pés descalços do Derek. Levantei. Ele estava somente com os boxers novamente, e meu olhar correu para a segurança do seu rosto, mas não antes de notar uma camada de suor sobre seu peito. O suor empapava seu cabelo ao redor do rosto, e seus olhos estavam febris, seus lábios abertos, sua respiração parecia forte, trabalhosa. “V-você esta...?” eu comecei.

“Estou bem.”

Ele passou a língua sobre seus lábios abertos e piscou com força, como se estivesse lutando para focar a visão. Quando lhe entreguei o copo ele o pegou através da abertura da porta e bebeu um longo gole.

“Obrigado.”

Entreguei a ele o Tylenol. “Você tem certeza de que esta bem?”

“Bem o suficiente.”

Ele segurou a porta com o pé e coçou as costas.

“Talvez você devesse tomar um banho.” Eu falei. “Um banho frio por causa da febre. Bicarbonato de sódio pode aliviar a coceira. Eu posso conseguir...”

“Nah, estou bem.”

“Se você precisar de algo...”

“Apenas preciso descansar. Volta lá para baixo antes que alguém note.”

Segui em direção da escada.

“Chloe?” Olhei para trás. Ele estava recostado na porta.

“Não diga nada para o Simon, tudo bem? Sobre o quão mal eu estou?”

“Ele sabe que você não esta se sentindo bem. Você realmente deveria contar...”

“Estou bem.”

“Você não esta bem. Ele vai acabar descobrindo...”

“Ele não vai. Vou cuidar para que isso não aconteça.”

Ele entrou e fechou a porta.

Naquela noite na cama, Rae não conseguia ficar calada. Ela queria conversar sobre sua mochila e sobre o que havia colocado nela, se havia feito as escolhas certas e se ela deveria pegar mais alguma coisa...

Eu odiava mandá-la calar a boca. Ela estava tão excitada quando uma criança se preparando para sua primeira noite em um acampamento, o que era estranho por que depois do que aconteceu com a amiga dela, Rae deveria saber que a vida nas ruas não iria ser nenhuma aventura maravilhosa e sem supervisão.

Acho que para ela, isso não seria a mesma coisa. Ela estava saindo com o Simon e eu, e éramos os garotos menos prováveis em se tornar Bonnie e Clyde*. Isso não era um ato de delinquência; era uma missão. E além disso, como o Simon e o Derek haviam dito velhas regras não se aplicavam mais para nós.

*Bonnie Elizabeth Parker (Rowena, 1 de outubro de 1910 — Bienville Parish, 23 de maio de 1934) foi uma famosa criminosa que, com o namorado Clyde Barrow e sua quadrilha de assaltantes, cometeu assaltos pelo interior dos Estados Unidos no começo da década de 30 do século XX, até ser morta pela polícia em 1934. Ela e seu companheiro ficaram conhecidos na história criminal americana como Bonnie e Clyde.

“Por que somos especiais.” Ela deu uma risada. “Isso soa tão bobo. Mas é o que todos querem, não é? Ser especial.”

Será? Havia muitas coisas que eu gostaria de ser. Inteligente, com certeza. Talentosa, definitivamente. Bonita? Tudo bem, eu admito. Mas especial? Passei muito tempo de minha vida sendo especial. A garota rica que perdeu a mãe. A garota nova da classe. A rainha do drama que não queria ser atriz. Para mim, especial significava diferente, e não de uma maneira boa. Eu queria ser normal e acho que a ironia disso é que enquanto eu sonhava em ter uma vida normal, o tempo todo eu já a tinha... Ou o mais perto disso do que nunca mais vou estar.

Mas agora eu observava Rae deitada de barriga, segurando fósforos, lutando para acendê-los apenas com os dedos, a ponta da língua aparecendo entre os dentes, determinação que beirava o desespero, e eu podia ver o quanto ela queria um poder sobrenatural. Eu tenho um, um com o qual eu me importo tão pouco que alegremente o daria para ela.

Era como na escola, enquanto as outras meninas sonhavam querendo jeans de marcas caras contando quantas horas teriam que trabalhar de babá até que pudessem comprar um par, e eu sentava lá usando a minha, com outros quatro pares em meu armário em casa, sem terem mais importância para mim do que um par de jeans baratos. Eu me sentia culpada por não apreciar o que eu tinha.

Mas a necromancia não era um par de jeans caros, e eu tinha quase certeza que minha vida seria melhor sem isso.

Definitivamente mais fácil. Ainda assim, se eu acordasse amanhã e não pudesse falar com os mortos, eu ficaria desapontada?

“Acho que esta ficando quente.” Ela falou segurando a cabeça do fósforo entre os dedos.

Sai da cama. “Deixe-me ver.”

“Não.” ela puxou de volta. “Ainda não. Não até que eu tenha certeza.”

Será que Rae era metade demônio? Derek falou que eles realmente queimavam coisas com as mãos. Mas na sua idade Rae já deveria estar acendendo aquele fósforo sem problemas. Mas ele também nunca ouvira falar em um necromante que acordou um dia e começou a ver fantasmas em todos os lugares. Normalmente isso é um processo gradual.

Não é assim que acontece o processo de desenvolvimento em geral? Um livro pode dizer. “Aos doze anos, a criança começa o processo da puberdade, que se encerra aos dezoito.” Mas isso é uma generalização. Você pode encontrar garotas como eu, e garotos como o Derek, nenhum de nós dois se encaixam nas normas.

Talvez os poderes sobrenaturais de Rae estejam desabrochando mais tarde, como eu e minha menstruação. E talvez meus poderes sejam como a puberdade do Derek, as mudanças aconteceram todas de uma vez.

Aparentemente metade demônios possui uma mãe humana e um pai demônio, que adquire forma humana para engravidá-la.

Isso se encaixava na história de Rae, com uma mãe que a deu para adoção quando ela nasceu, e nenhum pai por perto.

“Fumaça!” ela gritou antes de colocar a mão sobre a boca. Ela balançou o fósforo. “Eu vi fumaça. Eu juro. Sim, eu sei, eu preciso de vida, mas é que foi tão legal. Aqui, observe.”

Ela pegou outro fósforo do livro.

Seria Rae metade demônio?

Eu realmente esperava que sim.

Quarenta

O ALARME DO RELÓGIO DA RAE ESTAVA programado para tocar as três. De acordo com Derek, essa era a hora mais silenciosa da noite, quando estaríamos menos propensos a sermos vistos. Às 2:45 nós desligamos o alarme, e às 2:50 estávamos fora de nosso quarto, as mochilas nas mãos.

Quando eu fechei nossa porta com cuidado, o corredor ficou negro como piche. O tique-taque do relógio de pêndulo nos guiou até a escada.

Eu juro que dessa vez cada degrau fazia barulho, mas por mais arduamente que eu me esforçasse para ouvir sons da Tori ou da Sra. Talbot se movimentando, eu só ouvi o relógio.

No final da escada, a lua espiava por entre as cortinas puxadas, elevando a escuridão o bastante para que eu conseguisse distinguir as cadeiras e mesas antes que eu trombasse nelas. Eu estava virando para o corredor quando uma figura escura saiu das sombras. Eu engoli um grito e fiz cara feia, pronta para amaldiçoar Derek. Mas era Simon, e uma olhada em seu rosto cinzento matou

as palavras na minha garganta.

“O que—?” eu comecei.

“Derek está com você?”

“Não, por—”

“Ele se foi.” Ele levantou algo que brilhou e eu levei um tempo para reconhecer o relógio do Derek.

“Ele programou o alarme para 2:45. Quando tocou, eu acordei e o achei no meu travesseiro. A cama dele estava vazia.”

Os dedos da Rae se fecharam no meu braço. “Mas o Derek não vem,

certo? Vamos só ir embora.”

“Ele te disse alguma coisa noite passada?” Eu sussurrei.

Simon balançou sua cabeça. “Ele estava dormindo. Eu não acordei ele.”

“Talvez ele esteja no banheiro,” Rae sussurrou. “Vamos, gente, nós temos que—”

“Eu chequei os banheiros. E o quarto-reserva. E a cozinha. Tem algo errado. Algo aconteceu a ele.”

“Se aconteceu, ele teria te deixado o relógio? Talvez...” eu lutei para achar uma explicação razoável, lutando contra o pânico crescente que dizia que não havia uma. “Talvez ele tenha medo que tentemos arrastá-lo junto no último instante e acordemos alguém.”

“Falando nisso...” Rae disse com um olhar afiado para o teto.

Simon e eu olhamos um para o outro e eu soube, tão lógica quanto era minha explicação, que Derek sabia que Simon não podia ir embora sem se certificar de que ele estava bem.

“Gente...” Rae disse.

“Vão vocês duas,” disse Simon. “Eu vou achar—”

“Não,” eu disse. “Eu vou.”

“Mas—”

Eu levantei minha mão para cortá-lo. “Que bem irá fazer se eu sair e você não? O pai é seu. Você sabe como achá-lo.”

O olhar de Simon deslizou para o lado.

“O quê?” Rae se virou para mim. “Esqueça o Derek, Chloe. Ele não vem, se lembra? Ele vai ficar bem. Nós temos que ir.

“Eu vou achá-lo e ir atrás de vocês,” eu disse. “Nós nos encontramos atrás

da fábrica, está bem?”

Simon balançou sua cabeça. “Ele é responsabilidade minha—”

“Agora, o seu pai é responsabilidade sua. Você não pode ajudar o Derek – ou a mim – se não achá-lo.”

Silêncio.

“Está certo?”

Suas sobrelanceiras se juntaram, e eu pude afirmar que isso não estava certo, que ele odiava fugir.

“Você tem que ir,” eu disse.

Ele tomou a minha mão, entrelaçou seus dedos ao redor dela, e apertou.

Tenho certeza de que fiquei tão vermelha quanto se ele tivesse me dado um beijo.

“Tenha cuidado,” ele disse.

“Terei.” Eu vou achá-lo, então eu acharei vocês.”

“Estarei esperando.”

Simon pegou a minha mochila. Daria na cara se eu fosse pega carregando-a. Se eu a guardasse em algum lugar, eu podia não ter a chance de pegá-la de volta.

Nós tínhamos o código de segurança – Derek tinha escrito ele para nós, junto com instruções e mapas feitos a mão. Eu poderia tomar isso como prova

de que ele não planejava estar aqui quando fôssemos embora, mas eu sabia que isso era só o Derek sendo o Derek, não deixando nada ao acaso.

Então por que se mandar e arriscar que Simon não fosse? Minha última lembrança de Derek relampejou - de pé na porta do seu quarto, embanhado

em suor, mal capaz de se focar - e eu soube o que tinha acontecido.

Se Simon o visse desse jeito, ele saberia como Derek estava doente. Se Simon soubesse, Simon ficaria. Sem dúvida.

Então Derek havia feito a única coisa que pôde – se escondido em algum lugar, deixado o alarme ligado, e rezado para que Simon fosse. Uma magra chance contra chance nenhuma.

Então onde ele estava? Eu me dirigi para o porão primeiro. A porta estava fechada, a luz apagada, mas ele não deixaria nenhum sinal se estivesse se escondendo. A lavanderia estava vazia. A porta do armário estava fechada.

Na noite passada, quando tínhamos ido andar, ele tinha engolido o ar gelado. Quando retornamos, sua febre parecia ter ido embora e eu presumi que isso fosse o efeito do Tylenol, mas talvez o ar gelado tivesse sido o bastante. Se ele estivesse desesperado por um remédio rápido, ele iria para fora, com esperança de se esfriar o bastante para ver Simon ir embora.

Eu fui para a varanda dos fundos. A lua, visível pela metade, tinha se deslizado para atrás das nuvens e estava tão escuro quanto o corredor das escadas.

Eu conseguia distinguir o brilho das luzes de um vizinho, mas as árvores altas bloqueavam tudo exceto aquele brilho fraco.

Meu olhar varreu o jardim negro, vendo só a caixa pálida que eu sabia que era o galpão. Estava mais frio que a noite anterior, e minha respiração pendia no ar. O único som era o quebrar dos galhos, tão uniforme e monótono quanto

o tique-taque do relógio de pêndulo.

Eu dei três passadas hesitantes para o deque. Na hora que eu estava descendo os degraus de concreto, eu conseguia distinguir mais formas pálidas

no jardim – o banco, a cadeira de jardim, um anjo de jardim, e uma mancha do

tamanho de uma bola de futebol próxima do galpão.

Um motor acelerou e eu congelei, mas era só um carro passando.

Outros dois passos vagarosos. Eu espiei por sobre o meu ombro e considerei voltar com tudo para dentro para procurar uma lanterna, mas Simon

tinha levado a única que eu conhecia.

Eu espiei ao redor. Meus lábios se separaram para sussurrar o nome do Derek, então se fecharam. Ele responderia? Ou se esconderia?

Quando eu me aproximei da assim-presumida bola, eu vi que era um tênis branco grande. Do Derek. Eu o peguei, olhando-o selvagemente agora.

Um golpe de vento me acertou, tão frio que fez meus olhos lacrimejarem.

Eu esfreguei a ponta de gelo do meu nariz enquanto o vento gemia pelas árvores. Então o vento morreu... e o gemido continuou, um som longo e baixo

que fez a parte de trás do meu pescoço formigar.

Eu me virei lentamente. O som parou. Então veio uma tossida reprimida, e enquanto eu me virava na direção dela, eu vi uma meia branca espiando atrás do galpão.

Eu fui rápido até lá. Derek estava ali, nas profundezas das sombras, de quatro, sua cabeça e a parte superior do corpo mal visíveis. O fedor de suor transbordava dele, e a brisa trouxe um cheiro afiado e azedo que fez a parte de

trás da minha garganta se contrair, forçando vômito reflexivamente.

Seu corpo ficou tenso enquanto ele forçava o vômito sem êxito, um vômito seco e barulhento.

"Derek?" eu sussurrei. "É a Chloe."

Ele ficou rígido. "Vá embora." As palavras eram um rugido gutural, quase inteligíveis.

Eu dei um passo para frente, abaixando minha voz outro tom. "Simon se foi. Eu o convenci a ir em frente enquanto eu te achava."

Suas costas se arquearam, os braços se esticaram, os dedos pálidos cavando o solo. Um gemido baixo, cortado por um resmungo.

"Você me achou. Agora vá."

"Você realmente acha que eu te deixaria assim?" Eu dei outro passo para frente. O fedor de vômito me fez colocar minha mão no nariz. Eu comecei a respirar pela minha boca. "Se você está vomitando, é mais do que uma febre. Você precisa—"

"Vá!" A palavra era um rugido e eu cambaleei para trás.

A cabeça dele caiu. Outro gemido, esse acabando com um som mais agudo, quase como uma lamúria. Ele usava uma camiseta, os músculos nus dobrando-se enquanto ele agarrava o chão novamente. Seus braços escureceram, como se uma sombra tivesse passado sobre eles, então reapareceram, pálidos contra a sombra ao redor.

"Derek, eu—"

Suas costas arquearam, esticando-se tanto que eu conseguia ver a linha rígida de sua espinha, a camiseta apertada, os músculos serpenteando e ondulando. Então ele cedeu, suas respirações arfantes tão barulhentas quanto folhas farfalhantes.

"Por favor. Vá." As palavras eram um murmúrio profundo, como se ele não estivesse abrindo sua boca.

“Você precisa de ajuda—”

“Não!”

“O Simon, então. Eu vou chamar o Simon. Eu já—”

“Não!”

Ele se virou e eu vislumbrei seu rosto, contorcido, desfigurado... errado. Ele abaixou sua cabeça antes que eu pudesse processar o que tinha visto.

Ele tentou vomitar, o som horrível e cru, como se ele estivesse tossindo suas estranhas. Suas costas levantaram-se novamente, os membros esticando-se até o limite, os ossos estalando. Seus braços se escureceram, então se iluminaram, os músculos e tendões ondulando. A lua escolheu aquele

momento para espiar para fora da nuvem e quando os braços dele escureceram, eu vi que era pelo brotando, o bastante para passar da superfície, então deslizando por sua pele. E as mãos dele... Seus dedos estavam longos e retorcidos como garras, afundando na terra enquanto suas costas arqueavam.

Na minha mente, eu ouvi Simon novamente. “Caras como o Derek tem... aprimoramentos físicos, você poderia dizer. Força extra, como você viu. Melhores sentidos, também. Esse tipo de coisa.”

Esse tipo de coisa.

Então a minha própria voz perguntando levianamente, “Eu não vou me deparar com algum lobisomem ou vampiro, vou?”

E a resposta do Simon, junto com uma risada. “Isso seria legal.”

Não era uma resposta. Evitando uma retórica que ele não podia dar.

Derek teve uma convulsão, sua cabeça voando para trás, a mandíbula apertada, um uivo gemente horrível sibilado de seus dentes. Então sua cabeça

abaixou e ele tentou vomitar, fios de saliva escorrendo.

"Derek?"

Ele forçou o vômito, seu corpo todo assolado de vômito. Quando eles acabaram, eu me aproximei um pouco. Ele inclinou sua cabeça para longe.

“Tem algo que eu possa fazer?”

Uma voz dentro da minha cabeça disse, “Claro. Corra pela sua vida!” Mas era um aviso pequeno, nem mesmo sério, na verdade, porque não havia questão em correr. Esse não era um monstro de matinê. Mesmo agora, com pelo brotando de seus braços, dedos retorcidos em garras, quando ele olhou para longe e rosnou para que eu fosse embora, eu sabia que, o que for que estivesse acontecendo, ele ainda era o Derek.

“Tem algo que eu possa fazer?”

Uma pergunta ridícula. Eu podia imaginar a resposta que ele daria em outra hora – a curvatura de seus lábios, o girar de seus olhos.

Mas após um desanimado “vá embora,” ele ficou agachado ali, a cabeça virada, o corpo tremendo, cada respiração rápida acabando em um tremor.

“Não.” Seus dedos cavaram o chão, os braços endurecendo, então relaxando. “Vá.”

“Não posso te deixar aqui. Se tiver algo que eu possa fazer...”

“Não.” Uma inspiração afiada de ar, então ele expeliu as palavras. “Não vá.”

Sua cabeça levantou na minha direção, só o bastante para eu ver um olho verde, arregalado com horror.

Seus braços e pernas ficaram rígidos, as costas elevando-se enquanto ele vomitava.

Vômito espalhou-se na grama, uma onda nova com cada espasmo. O cheiro enjoativo encheu o ar.

E eu fiquei sentada ali, não fazendo nada, porque não havia nada que eu pudesse fazer. Meu cérebro percorreu ideias, descartando cada uma tão rápido

quanto elas chegavam. Eu me aproximei e coloquei minha mão em seu braço, sentindo o pelo áspero se empurrar pela pele pelando de quente que retorcia e pulsava. Isso era tudo que eu podia fazer – ficar e dizer a ele que eu estava aqui.

Finalmente, com uma última forçada, um último respingo de vômito manchando a cerca a noventa centímetros de distância, parou. Simplesmente parou.

Os músculos debaixo da minha mão ficaram parados, o pelo áspero recedeu.

Lentamente, ele relaxou, suas costas pingando, as mãos soltando seu aperto na terra. Ele ficou agachado ali, arfando, o cabelo pairando ao redor de seu rosto.

Então ele desmoronou lateralmente, suas mãos indo para seu rosto, os dedos ainda longos, tortos, as unhas grossas, como garras. Ele se curvou de lado, os joelhos puxados, e gemeu.

“Eu devo—? Simon. Eu devo chamar o Simon? Ele saberá o que—?”

“Não.” A palavra era rouca, gutural, como se suas cordas vocais não fossem bem humanas.

“Acabou,” ele disse após um minuto. “Eu acho. Estou bem certo.” Ele esfregou seu rosto, ainda escondido atrás de suas mãos.

“Não devia ter acontecido. Ainda não. Não por anos.”

Em outras palavras, ele sabia perfeitamente bem o que ele era, ele simplesmente não tinha esperado a... transformação até que ele fosse mais velho. Eu senti uma centelha de raiva que ele tinha me enganado, feito Simon mentir por mim, mas eu não pude sustentá-la, não depois do que eu tinha visto,

não sentada ali, observando-o, a camiseta encharcada com suor enquanto ele lutava para lutar, seu corpo tremendo com exaustão e dor.

“Vá,” ele sussurrou. “Eu ficarei bem agora.”

“Eu não—”

“Chloe,” ele retrucou, o velho Derek de volta em sua voz. “Vá. Ajude o Simon. Diga a ele que estou bem.”

“Não.”

"Chloe ..." Ele estendeu meu nome em um rosnado baixo.

“Cinco minutos. Eu quero ter certeza de que você está bem.”

Ele resmungou, mas caiu em silêncio, relaxando na grama.

“Viu que você rasgou mesmo as suas roupas,” eu disse, tentando manter o meu tom leve. “Espero que você não goste daquele camiseta, porque ficou queimada.”

Era uma piada fraca, mas ele disse, “Pelo menos eu fiquei verde.”

“Não, só...” Eu ia dizer “peludo,” mas eu não conseguia expelir a palavra, não conseguia entender o que eu tinha visto.

A porta dos fundos bateu. Derek levantou-se, suas mãos caindo de seu rosto. Seu nariz parecia esmagado, largo e achatado, as bochechas sobressaindo como se estivessem se levantando para encontrá-lo, suas sobrancelhas grossas e pesadas. Não monstruoso, mais como uma reconstrução artística de um homem neandertal.

Eu tirei meu olhar de perto e rastejei em direção ao canto do galpão. Ele pegou a minha perna.

“Eu serei cuidadosa,” eu sussurrei. “Eu só vou dar uma olhada.”

Eu deslizei de barriga, rastejando até o canto e espiando. Uma luz de lanterna varria o jardim.

“Uma mulher,” eu sussurrei, o mais baixo que pude. “Eu acho que é a Rae – não, magra demais. A Srta. Abdo, talvez?”

Ele apertou meu calcanhar. Minha calça jeans tinha subido, e sua mão estava enrolado ao redor da pele nua acima da minha meia. Eu conseguia sentir sua palma, áspera, como as almofadas no pé de um cachorro.

“Vá,” ele sussurrou. “Eu vou te dar uma mão para subir a cerca. Escale a próxima e –”

A luz da lanterna deu uma cortada pelos fundos do jardim.

“Quem está aí?” A voz era alta, afiada, com um ligeiro sotaque.

“Dra. Gill,” eu sussurrei para Derek. “O que ela–?”

“Não importa. Vá!”

“Eu sei que tem alguém aí,” ela disse. “Eu escutei você.”

Eu olhei para Derek, seu rosto ainda deformado. A Dra. Gill não podia encontrá-lo desse jeito.

Eu agarrei o tênis dele que eu tinha derrubado, e chutei um meu, e isso o confundiu o bastante para eu me desvencilhar de seu aperto e correr para a lateral da cerca, me apertando entre ela e o galpão. No último segundo, ele levantou-se e disparou até mim, mas eu estava longe demais para alcançar, e ele não podia seguir.

“Chloe! Volte aqui! Não ouse–”

Eu continuei indo.

Quarenta e um

ME ESPREMI PELO vão entre a cerca e o galpão, com o tênis do Derek em uma das mãos, e com a outra puxando minha blusa para fora do jeans, e bagunçando meu cabelo. Quando cheguei ao final do galpão, espiei para fora. A Dra. Gill estava de costas para mim, sua lanterna varria o outro lado do quintal.

Corri por trás dos arbustos e continuei ao longo da cerca até chegar à varanda. Então me abaixei nos arbustos, espalhando sujeira em minhas bochechas, e saí tropeçando e quebrando galhos.

“D-Dra. Gill.” Me atrapalhei ao colocar minha camisa para dentro do jeans.

“E-eu só estava aqui para p-pegar um pouco de ar.”

Pulei em um pé, tentando colocar o tênis do Derek.

“Acho que esse tênis não é o seu Chloe.” Ela falou enquanto se aproximava, com a lanterna virada para meus olhos.

Protegi meu rosto da luz e levantei o tênis, olhando para ele. Então deixei escapar uma risada nervosa. “OOps. Acho que peguei o pé errado antes de vir para fora.”

“Onde ele está?”

“Quem?” eu rangi.

Ela apontou para o sapato. “Derek.”

“Derek? Isso é dele? sub-repticiamente lancei um olhar por sobre meu ombro, em direção aos arbustos chamando a atenção para lá. “eu-eu não vejo o Derek desde o jantar. E-ele está aqui fora também?”

“OH eu tenho certeza de que está. Ele saiu há muito tempo com o Simon e

a Rae. Fugindo enquanto você fica de guarda e servindo de distração.”

“O-o quê?” dessa vez o gaguejar não era falso. “E- escapar? N-não. Derek e eu estávamos...” eu gesticulei para os arbustos. “Ele conhecia o código então

saímos para ficarmos sozinhos e... você sabe.”

Ela se aproximou, iluminando meus olhos. “Continuar de onde vocês pararam na sexta feira a tarde?”

“Certo.” Puxei minha camiseta para baixo e tentei parecer envergonhada.

“Você realmente acha que vou cair nessa Chloe? Garotas como você nem sequer olham para garotos como o Derek, muito menos ficam rolando pelos arbustos e porões com eles.”

Minha cabeça de ergueu. “M-mas você nos pegou. Sexta feira. Foi você que falou...”

“Eu sei o que falei Chloe. E sei que vocês realmente estavam fazendo naquele porão. Encontrei seus novos amigos.”

Fiquei parada, com meus pés presos, incapaz de acreditar no que estava escutando.

“O que eles te contaram?” os dedos dela circularam meu braço. “Eles eram dele, não eram? Os pacientes do Samuel Lyle.” Ela se inclinou na minha direção, com olhos brilhantes, tão febris quanto os do Derek, mas com um toque de loucura por trás deles. “Eles te contaram seus segredos? Suas histórias? Vou fazer com que ninguém saiba da tua fuga. Vou dizer que te encontrei dormindo na sala de TV. Apenas me diga tudo o que aqueles fantasmas te contaram.”

“E-eu não posso falar com fantasmas.”

Tentei me soltar, mas seus dedos se apertaram ainda mais. Parei de

resistir como se tivesse desistido, então me joguei na outra direção. A mão dela

caiu do meu braço, mas eu puxei forte demais e perdi o equilíbrio. Ela pulou em

minha direção. Eu mergulhei, acertando o chão. Enquanto me arrastava para longe dela, uma forma sombria surgiu sobre a guarda do deque.

A Dra. Gill só teve tempo de ver uma sombra passando por ela. Ela se virou, com sua boca aberta. Derek caiu bem na frente dela. Os braços dela se abriram e ela deixou escapar um grito, caindo para trás, mas ela ainda estava com o corpo virado e tropeçou nos próprios pés. Enquanto caía, ela procurou por algo no bolso. Derek mergulhou e prendeu os braços dela enquanto ela pegava um radio de duas bandas. Ele caiu na grama. O crânio dela bateu contra o caminho de cimento.

Corri para frente. Derek já estava abaixada ao lado dela, verificando sua pulsação.

“Ela esta bem.” Ele falou, respirando aliviado. “Esta apenas inconsciente. Vamos. Antes que ela acorde.”

Os dedos dele se fecharam ao redor do meu braço. Dedos sujos, mas muito humanos, seu rosto e mãos haviam voltado ao normal, sua camiseta rasgada e suada eram os únicos sinais do que acontecera. Soltei-me dele, corri para onde estava o tênis dele, o peguei e virei para vê-lo segurando o tênis que eu havia descartado.

“Uma troca?” Nós colocamos nossos sapatos.

“Simon esta esperando na fabrica.” Eu falei. “Temos que avisá-lo. Eles sabem sobre a fuga.”

Ele me empurrou na direção da cerca. “A estrada não vai ser segura. Corte caminho através dos quintais.”

Olhei por sobre meu ombro.

“Estou logo atrás de você.” Ele falou. “Agora vá!”

Na primeira cerca comecei a escalar, mas eu era muito lenta para o Derek, que me levantou e me colocou do outro lado, então ele pulou a cerca como se fosse uma corrida de obstáculo. Duas portas mais a frente o lamento de uma sirene fez com que nos escondêssemos atrás de uma casa de bonecas.

“Policia?” eu sussurrei.

“Não sei dizer.”

Depois de um momento falei. “A Dra. Gill sabe sobre os corpos. Ela não estava no escritório quando os invoquei como pensávamos. Ela sabe que posso fazer contado com os mortos, e sobre o Samuel Lyle, e...”

“Depois.” Ele estava certo. Espremi os pensamentos em minha cabeça e me concentrei na sirene. O uivar passou, seguindo na direção de onde viemos e então desapareceu.

“Ele parou na casa?” perguntei.

Ele balançou a cabeça. “Ainda posso escutá-la. Agora vamos.”

De acordo com o Derek havia sete terrenos entre a casa Lyle e o final da quadra. Eu confiava nele para contá-los. Estávamos correndo através do quinto

pátio quando ele colocou sua mão na minha frente como se fosse uma cancela em um cruzamento de trem e me choquei contra ela. Quando me virei sua cabeça estava de lado enquanto ele escutava. Dez segundos se passaram.

Agarrei sua camiseta, mas ele me ignorou por mais dez segundos. Então ele

abaixou a cabeça e sussurrou. “Escutei um carro se movendo devagar. Tem alguém lá fora.”

“Onde?”

Com um aceno impaciente ele falou. “Lá. Na rua que precisamos cruzar.”

Ele levantou um dedo. “Passos. Alguém esta falando. Uma mulher. Ela esta sussurrando. Não consigo entender.”

“Você reconhece a voz?”

Ele balançou a cabeça. “Fique aqui. Vou me aproximar, e ver se escuto melhor.”

Ele correu até a casa, parando atrás de um conjunto de arbustos. Eu olhei ao redor. Eu estava parada no meio do pátio, exposta a qualquer um que escutasse um barulho e olhasse pela janela. O lugar onde ele estava parecia muito mais seguro. Quando me aproximei ele se virou me prendendo em seus olhos.

“Sinto muito.” Eu sussurrei, e me movi mais lenta e silenciosamente.

Ele acenou para eu me afastar. Quando não parei, ele me olhou com uma careta e então voltou a se virar. Arrastei-me para trás dele e fiquei parada. Ele movia a cabeça lentamente, rastreando as vozes, eu presumi. Mas quando a cabeça dele virou para o meu lado, notei a elevação de seu queixo e o aumento de suas narinas, e percebi que ele farejando o ar.

Quando ele notou que eu estava observando ele fez uma carranca.

“Você pode reconhecer os, uh...?”

“Cheiros.” Ele cuspiu a palavra. “Sim, posso rastrear aromas. Como um cão.”

“Eu não quis...”

“Tanto faz.”

Ele olhou para longe novamente, olhando para a linha da cerca. “Acho que você já descobriu o que sou.”

“Um lobisomem.”

Tentei falar isso casualmente, mas não tenho certeza se obtive sucesso.

Eu não queria soar assustada, por que era exatamente isso que ele esperava – e o porquê dele não ter contado a verdade. Falei a mim mesma que não era diferente do que ser um necromante, um feiticeiro ou metade demônio. Mas era.

Quando o silencio se alongou, eu sabia que deveria falar alguma coisa. Se ele tivesse me contado que era metade demônio eu o estaria enchendo de perguntas, e como não as estou fazendo agora, meu silencio o condena como algo diferente de nós, algo menos natural, algo... Pior.

“Então o que... aconteceu lá atrás? Você estava, uh...”

“Me transformando.” Ele deu um passo para a direita, se inclinando para escutar melhor então recuou. “Não era para começar até que eu tivesse pelo menos dezoito. Foi isso que o papai achava. A noite passada, a coceira, a febre e os espasmos musculares, isso deve ter sido um aviso. Eu deveria ter adivinhado.”

A cabeça dele se ergueu quando uma brisa passou por nós. Ele respirou fundo, então sacudiu a cabeça. “Não há ninguém que eu reconheça.” Ele apontou para o jardim. “Vamos escalar a cerca dos fundos, seguir através daquele caminho e dar a volta. Com sorte, eles terão ido embora até lá.”

Pulamos por cima da cerca dos fundos, e seguimos através do próximo quintal até a entrada de carros. Derek observou a rua, olhando, escutando e

acho que farejando, e acenou para que eu atravessasse a rua. Deslizamos para o primeiro quintal que encontramos e continuamos nos escondendo seguindo para leste, cortando caminho através dos jardins.

Quando chegamos à estrada, vi o carro que ele havia falado. Era uma SUV prateada, parada uma quadra mais abaixo. Os faróis estavam apagados, mas alguém estava recostado na janela do motorista como se estivesse conversando.

“Vamos ter que correr.” Derek falou. “Espero que eles não nos notem.”

“Você acha que estão procurando por nós?”

“Não, mas...”

“Então se correremos, ira parecer suspeito.”

“São três e meia da manhã. Vamos parecer suspeitos de qualquer maneira.” Ele olhou para o carro por um momento. “Ótimo. Mas a qualquer sinal de problema? Siga minha liderança.”

“Sim, senhor.”

Quarenta e dois

NÓS ESCALAMOS A CERCA sob um salgueiro chorão, deixando seus galhos e sombras nos esconderem. Então Derek me posicionou à sua esquerda, longe do carro. Dessa distância, eles somente veriam o que parecia ser um homem adulto e talvez uma mulher ao lado dele.

“Nós vamos andar e falar, está bem? Um casal normal, uma caminhada noturna. Sem esconder nada.”

Eu assenti, e sua mão fechou ao redor da mim. Nós nos movemos rapidamente para a calçada, então diminuímos a velocidade quando chegamos ao meio-fio.

“Está bem, fala,” ele murmurou.

“Então quando você... se transformou...”

Uma risada curta, isso obviamente não era o que ele tivera em mente. Mas eu estava mantendo a minha voz baixa, e se eu não conseguia ouvi-los falando, eles não ouviriam mais do que um murmúrio da minha voz.

“Você se transforma em...” Eu lutei para pensar na palavra certa para a imagem que vinha a mente – um lobisomem hollywoodiano, metade humano, metade besta.

“Um lobo.” Ele nos dirigiu para a esquerda, longe do carro.

“Lobo?”

“Sabe. Canino grande e selvagem. Visto comumente em zoológicos.”

“Você se transforma em... ? Mas isso não é—” eu me parei.

“Fisicamente possível?” Outra risada curta. “É, meu corpo estava gritando a mesma coisa. Não faço ideia de como funciona. Acho que descobrirei mais

tarde. Muito mais tarde, se tiver sorte. Nós estávamos nos dirigindo para a rua

à esquerda. A fábrica é bem—”

Ele parou abruptamente, virando-se nitidamente no mesmo momento que os faróis do carro em marcha lenta se acenderam. Sua mão se apertou ao redor da minha e ele começou a correr, me arrastando junto.

“Eles nos viram,” ele disse.

“Mas eles não estão nos procurando.”

“Sim, eles estão.”

Ele puxou meu braço, me empurrando na direção do próximo quintal.

Enquanto chegávamos perto da cerca, ele me agarrou ao redor da cintura e me

jogou por cima. Eu atingi o chão de quatro, levantei, e corri para o esconderijo

mais perto - um galpão de metal. Derek mergulhou atrás de mim e, por um momento, eu simplesmente fiquei parada ali, inclinando minha bochecha flamejante contra o metal frio, arfando o ar gelado. Então eu me endireitei.

“Como—?”

“Eu escutei eles dizerem ‘São eles’ e ‘Chame o Marcel.’”

“Marcel? Esse não é o nome do Dr. Davidoff?”

“É, e algo me diz que ele não é comum o bastante para ser uma coincidência.”

“Mas como—”

Ele apertou sua mão contra a minha boca e eu senti gosto de terra. Ele se abaixou até a minha orelha. “Eles estão circulando o quarteirão. Eu ouço vozes. Eles devem estar com as janelas abaixadas, tentando nos escutar.”

Mas quem eram eles? De onde eles tinham vindo? Simon e Rae não tinham ido embora a mais do que quarenta minutos. Como eles tinham chegado aqui tão rápido?

“Tori,” eu sussurrei.

“O quê?”

“Tori descobriu sobre a nossa fuga. É por isso que ela estava tão silenciosa. Ela não desistiu; ela estava—”

“Não importa. Eles estão se dirigindo por aquela estrada,” Derek disse, apontando. “Vamos.”

Ele me compeliu para a direção oposta.

“A fábrica é no final. Nós simplesmente precisamos chegar até lá. Corra na grama – é mais silencioso.”

Nós corremos pela faixa entre a calçada e a estrada, nossos sapatos batendo no calçamento da passagem, então silenciosos na grama entre. Nós estávamos a três casas do final, a fábrica aproximando-se, quando Derek soltou um xingamento. Dentro de três passos, eu soube o por que: Havia uma cerca de dois metros e meio de malha em forma de corrente ao redor do estacionamento da fábrica, e o portão estava trancado com cadeado.

“Pra cima,” ele disse.

Eu agarrei as correntes e comecei a escalar. Ele tentou me impulsionar, mas eu acenei para que ele esquecesse disso e seguisse. Eu estava quase no topo quando a lateral da fábrica se acendeu com dois círculos de luz. Eu olhei por cima do meu ombro.

O motor da SUV urrou enquanto acelerava.

“Vai, vai, vai!” Derek sussurrou.

O carro parou com tudo, os freios guinchando. Eu me virei no topo e comecei a lutar para descer. Ao meu lado, Derek se agachou no topo da cerca, depois pulou. Ele pousou de pé, acomodado, e girou enquanto a porta do carro era aberta.

“Pule! Eu te pego.”

Eu já estava na metade do caminho, mas eu me soltei. Ele me pegou e me girou de pé com um empurrão na direção da fábrica.

"Derek! Chloe!"

Era a voz de uma mulher. Eu continuei correndo, mas tive que olhar para trás, ouvindo o meu nome. Uma pequena mulher de cabelos grisalhos agarrava

as correntes. Uma estranha.

Um homem se apressou em curvar a frente do carro. Ele carregava um objeto longo e escuro, e enquanto ele o levantou, meu coração gaguejou.

“Arma!” Eu gritei, ainda correndo.

Derek olhou por sobre mim, os olhos arregalados.

“Eles têm uma—”

Ele me obstruiu bem quando algo passou ruidosamente. Nós deslizamos para uma pilha de estrados de madeira. Eles fizeram baderna ao nosso redor, estalando duramente contra as minhas costas e ombros. Eu lutei para sair debaixo e mergulhei atrás da próxima pilha, então corri, agachada, até que tivéssemos alcançado a parede da fábrica.

Nós corremos pela parede norte e nos abaixamos no cais de entrega de uma baía. Derek me puxou para trás de uma lixeira de metal enferrujado.

“El-eles at-atiraram na gente,” eu sussurrei, mal capaz de fazer com que as palavras saíssem. “Não. E d-devo ter – um rádio talvez. Ou um celular. Eu cometi um erro.”

“Você não cometeu.” Ele se virou, esticando sua mão para as suas costas. “M-mas eles at-atiraram na gente. Eles tentaram nos matar. Is-isso não faz o menor sentido.”

Ele pegou algo das dobras finais de sua camiseta. Um longo e estreito tubo metálico com um final pontudo.

“Ficou preso na minha camiseta. Me cortou, mas não deve importar. Precitaria de muito para me nocautear.”

“Te nocautear?” Eu encarei-o. “É um dado de tranquilizante?”

“Eu acho que sim. Nunca vi um fora de um programa de natureza.”

Mas nós não éramos animais. As pessoas não caçavam crianças com armas tranquilizantes.

“Eu n-não entendo.”

“Nem eu. O negócio é que, eles nos querem de volta. Muito. O que é mais razão para continuar indo.” Ele derrubou o dardo e passou por mim para a beirada da lixeira e inalou - não fazendo esforço para esconder isso agora.

“Simon está aqui. Ele não está perto, mas ele passou recentemente.”

“Você consegue acha-lo?”

“É. Agora, contudo, eu vou confiar que ele consegue se cuidar e nos preocupar conosco. Ele ficará quieto até que veja você. Nós devemos achar um lugar para fazer o mesmo até que eles sigam adiante.”

Ele marchou para as portas de entrega, mas elas estavam trancadas e firmes, as maçanetas na parte de dentro. Eu me arrastei junto à lixeira e

escaneei o terreno da fábrica.

“Parece um depósito lá trás. Você mencionou algo sobre isso sexta? Que daria um bom lugar para se esconder?”

Ele olhou por cima do meu ombro. “Esse é perto demais da fábrica para estar abandonado.” Ele o estudou. “Mas funcionará por ora. Eu devo ser capaz

de arrombá-lo.”

Ele vasculhou o terreno, então me empurrou junto da parede escura, e nós nos lançamos até o depósito. Um distinto puxão com violência na porta e estávamos dentro.

Derek estava certo: não estava abandonada. Estava cheia de rolos de aço, o que nos dava vários esconderijos. Eu tinha que me mover devagar, sentindo o caminho e seguindo os passos de Derek, testando cada passo para ver se fazia barulho.

Quando tínhamos dado cerca de vinte passos, ele achou uma fenda e nos enfiou para dentro. Nós mal entramos quando uma voz do lado de fora rugiu.

"Derek? Eu sei que você está aí. È o Dr. Davidoff."

Eu olhei para Derek, mas ele estava com sua cabeça virada na direção da voz.

"Derek? Eu sei que você não quer fazer isso. Você quer melhorar. Você não pode fazer isso fugindo."

A voz estava se movendo, enquanto o médico andava pelo terreno da fábrica. Derek inclinou sua cabeça, escutando, então sussurrou,

“Quatro – não, cinco pares de passos. Todos separados. Procurando.”

Esperando que nós nos delatássemos.

"Derek? Você sabe que não deveria estar aqui fora. Não é seguro. Nós

falamos sobre isso, lembra? Você não quer machucar ninguém. Eu sei disso, e

você sabe que precisa da nossa ajuda, para melhorar.”

Eu olhei para cima. A mandíbula de Derek trabalhava, seu olhar distante.

“Eu poderia ir,” ele sussurrou. “Criar uma distração para que você pudesse escapar. Simon está por aí. Você só precisa encontrar—”

“Você vai voltar? Depois deles terem atirado em você?”

“Só tranquilizantes.”

“Só? Só?” Minha voz subiu e eu lutei para mantê-la abaixada. “Eles estão caçando a gente, Derek. A Dr. Gill sabe o que eu sou.”

“Ela sabia. Isso não quer dizer que eles saibam.”

“Você tem certeza?”

Ele hesitou, seu olhar levantando na direção da voz.

“Derek?” O Dr. Davidoff continuou. “Por favor. Eu quero facilitar isso pra você, mas você precisa facilitar isso pra gente. Saia agora e conversaremos. Só isso. Só conversar. Nenhuma medida disciplinar será tomada e nós não iremos transferir você.”

Derek se deslocou contra mim. Considerando.

“Você não pode—” eu comecei.

“Se você não sair, Derek, nós te acharemos, e você será transferido... para um centro de detenção juvenil por sequestrar a Chloe.”

“Eng—” eu guinchei.

Ele tapou sua mão na minha boca até que eu assinalei que ficaria quieta.

O Dr. Davidoff continuou. “Você já tem um histórico documentado de comportamento inapropriado em relação a ela.

Quando a polícia ver isso, e ouvir nossas afirmações corroborantes, você

ficará bem encrencado, Derek, e eu sei que você não quer isso. Mesmo que ela te defenda, não importará para a polícia. Você é um garoto de dezesseis anos fugindo com uma garota de quatorze.” Ele fez uma pausa. “Você percebe

que ela tem apenas quatorze, não, Derek?”

Eu balancei minha cabeça veemente e sussurrei, “Ele está mentindo. Eu fiz quinze mês passado.”

O Dr. Davidoff disse, "Para a polícia, será um caso claro de sequestro e obstrução, possivelmente até mesmo crime sexual."

“Crime—!” eu guinchei.

O olhar do Derek me calou a boca tão efetivamente quanto sua mão tinha.

“A escolha é sua, Derek. Dificulte isso, e você só irá se machucar.”

Derek bufou e com isso, o Dr. Davidoff o perdeu. Hostilize os temores de Derek em machucar os outros, e ele pode ser convencido a se entregar. Mas ameace o próprio Derek? Como o Simon disse, era um negócio totalmente diferente.

“Fique aqui,” ele sussurrou. “Eu vou achar uma saída.”

Eu quis discutir, insistir em ajudar, mas eu não tinha a visão noturna dele.

Se eu começasse a tropeçar ao procurar por uma saída, eu faria com que o Dr. Davidoff e os outros viessem correndo.

Eu fiquei parada.

Quarenta e dois

NÓS ESCALAMOS A CERCA sob um salgueiro chorão, deixando seus galhos e sombras nos esconderem. Então Derek me posicionou à sua esquerda, longe do carro. Dessa distância, eles somente veriam o que parecia ser um homem adulto e talvez uma mulher ao lado dele.

“Nós vamos andar e falar, está bem? Um casal normal, uma caminhada noturna. Sem esconder nada.”

Eu assenti, e sua mão fechou ao redor da mim. Nós nos movemos rapidamente para a calçada, então diminuímos a velocidade quando chegamos ao meio-fio.

“Está bem, fala,” ele murmurou.

“Então quando você... se transformou...”

Uma risada curta, isso obviamente não era o que ele tivera em mente. Mas eu estava mantendo a minha voz baixa, e se eu não conseguia ouvi-los falando, eles não ouviriam mais do que um murmúrio da minha voz.

“Você se transforma em...” Eu lutei para pensar na palavra certa para a imagem que vinha a mente – um lobisomem hollywoodiano, metade humano, metade besta.

“Um lobo.” Ele nos dirigiu para a esquerda, longe do carro.

“Lobo?”

“Sabe. Canino grande e selvagem. Visto comumente em zoológicos.”

“Você se transforma em... ? Mas isso não é—” eu me parei.

“Fisicamente possível?” Outra risada curta. “É, meu corpo estava gritando a mesma coisa. Não faço ideia de como funciona. Acho que descobrirei mais

tarde. Muito mais tarde, se tiver sorte. Nós estávamos nos dirigindo para a rua

à esquerda. A fábrica é bem—”

Ele parou abruptamente, virando-se nitidamente no mesmo momento que os faróis do carro em marcha lenta se acenderam. Sua mão se apertou ao redor da minha e ele começou a correr, me arrastando junto.

“Eles nos viram,” ele disse.

“Mas eles não estão nos procurando.”

“Sim, eles estão.”

Ele puxou meu braço, me empurrando na direção do próximo quintal.

Enquanto chegávamos perto da cerca, ele me agarrou ao redor da cintura e me

jogou por cima. Eu atingi o chão de quatro, levantei, e corri para o esconderijo

mais perto - um galpão de metal. Derek mergulhou atrás de mim e, por um momento, eu simplesmente fiquei parada ali, inclinando minha bochecha flamejante contra o metal frio, arfando o ar gelado. Então eu me endireitei.

“Como—?”

“Eu escutei eles dizerem ‘São eles’ e ‘Chame o Marcel.’”

“Marcel? Esse não é o nome do Dr. Davidoff?”

“É, e algo me diz que ele não é comum o bastante para ser uma coincidência.”

“Mas como—”

Ele apertou sua mão contra a minha boca e eu senti gosto de terra. Ele se abaixou até a minha orelha. “Eles estão circulando o quarteirão. Eu ouço vozes. Eles devem estar com as janelas abaixadas, tentando nos escutar.”

Mas quem eram eles? De onde eles tinham vindo? Simon e Rae não tinham ido embora a mais do que quarenta minutos. Como eles tinham chegado aqui tão rápido?

“Tori,” eu sussurrei.

“O quê?”

“Tori descobriu sobre a nossa fuga. É por isso que ela estava tão silenciosa. Ela não desistiu; ela estava—”

“Não importa. Eles estão se dirigindo por aquela estrada,” Derek disse, apontando. “Vamos.”

Ele me compeliu para a direção oposta.

“A fábrica é no final. Nós simplesmente precisamos chegar até lá. Corra na grama – é mais silencioso.”

Nós corremos pela faixa entre a calçada e a estrada, nossos sapatos batendo no calçamento da passagem, então silenciosos na grama entre. Nós estávamos a três casas do final, a fábrica aproximando-se, quando Derek soltou um xingamento. Dentro de três passos, eu soube o por que: Havia uma cerca de dois metros e meio de malha em forma de corrente ao redor do estacionamento da fábrica, e o portão estava trancado com cadeado.

“Pra cima,” ele disse.

Eu agarrei as correntes e comecei a escalar. Ele tentou me impulsionar, mas eu acenei para que ele esquecesse disso e seguisse. Eu estava quase no topo quando a lateral da fábrica se acendeu com dois círculos de luz. Eu olhei por cima do meu ombro.

O motor da SUV urrou enquanto acelerava.

“Vai, vai, vai!” Derek sussurrou.

O carro parou com tudo, os freios guinchando. Eu me virei no topo e comecei a lutar para descer. Ao meu lado, Derek se agachou no topo da cerca, depois pulou. Ele pousou de pé, acomodado, e girou enquanto a porta do carro era aberta.

“Pule! Eu te pego.”

Eu já estava na metade do caminho, mas eu me soltei. Ele me pegou e me girou de pé com um empurrão na direção da fábrica.

"Derek! Chloe!"

Era a voz de uma mulher. Eu continuei correndo, mas tive que olhar para trás, ouvindo o meu nome. Uma pequena mulher de cabelos grisalhos agarrava

as correntes. Uma estranha.

Um homem se apressou em curvar a frente do carro. Ele carregava um objeto longo e escuro, e enquanto ele o levantou, meu coração gaguejou.

“Arma!” Eu gritei, ainda correndo.

Derek olhou por sobre mim, os olhos arregalados.

“Eles têm uma—”

Ele me obstruiu bem quando algo passou ruidosamente. Nós deslizamos para uma pilha de estrados de madeira. Eles fizeram baderna ao nosso redor, estalando duramente contra as minhas costas e ombros. Eu lutei para sair debaixo e mergulhei atrás da próxima pilha, então corri, agachada, até que tivéssemos alcançado a parede da fábrica.

Nós corremos pela parede norte e nos abaixamos no cais de entrega de uma baía. Derek me puxou para trás de uma lixeira de metal enferrujado.

“El-eles at-atiraram na gente,” eu sussurrei, mal capaz de fazer com que as palavras saíssem. “Não. E d-devo ter – um rádio talvez. Ou um celular. Eu cometi um erro.”

“Você não cometeu.” Ele se virou, esticando sua mão para as suas costas. “M-mas eles at-atiraram na gente. Eles tentaram nos matar. Is-isso não faz o menor sentido.”

Ele pegou algo das dobras finais de sua camiseta. Um longo e estreito tubo metálico com um final pontudo.

“Ficou preso na minha camiseta. Me cortou, mas não deve importar. Precitaria de muito para me nocautear.”

“Te nocautear?” Eu encarei-o. “É um dado de tranquilizante?”

“Eu acho que sim. Nunca vi um fora de um programa de natureza.”

Mas nós não éramos animais. As pessoas não caçavam crianças com armas tranquilizantes.

“Eu n-não entendo.”

“Nem eu. O negócio é que, eles nos querem de volta. Muito. O que é mais razão para continuar indo.” Ele derrubou o dardo e passou por mim para a beirada da lixeira e inalou - não fazendo esforço para esconder isso agora.

“Simon está aqui. Ele não está perto, mas ele passou recentemente.”

“Você consegue acha-lo?”

“É. Agora, contudo, eu vou confiar que ele consegue se cuidar e nos preocupar conosco. Ele ficará quieto até que veja você. Nós devemos achar um lugar para fazer o mesmo até que eles sigam adiante.”

Ele marchou para as portas de entrega, mas elas estavam trancadas e firmes, as maçanetas na parte de dentro. Eu me arrastei junto à lixeira e

escaneei o terreno da fábrica.

“Parece um depósito lá trás. Você mencionou algo sobre isso sexta? Que daria um bom lugar para se esconder?”

Ele olhou por cima do meu ombro. “Esse é perto demais da fábrica para estar abandonado.” Ele o estudou. “Mas funcionará por ora. Eu devo ser capaz

de arrombá-lo.”

Ele vasculhou o terreno, então me empurrou junto da parede escura, e nós nos lançamos até o depósito. Um distinto puxão com violência na porta e estávamos dentro.

Derek estava certo: não estava abandonada. Estava cheia de rolos de aço, o que nos dava vários esconderijos. Eu tinha que me mover devagar, sentindo o caminho e seguindo os passos de Derek, testando cada passo para ver se fazia barulho.

Quando tínhamos dado cerca de vinte passos, ele achou uma fenda e nos enfiou para dentro. Nós mal entramos quando uma voz do lado de fora rugiu.

"Derek? Eu sei que você está aí. È o Dr. Davidoff."

Eu olhei para Derek, mas ele estava com sua cabeça virada na direção da voz.

"Derek? Eu sei que você não quer fazer isso. Você quer melhorar. Você não pode fazer isso fugindo."

A voz estava se movendo, enquanto o médico andava pelo terreno da fábrica. Derek inclinou sua cabeça, escutando, então sussurrou,

“Quatro – não, cinco pares de passos. Todos separados. Procurando.”

Esperando que nós nos delatássemos.

"Derek? Você sabe que não deveria estar aqui fora. Não é seguro. Nós

falamos sobre isso, lembra? Você não quer machucar ninguém. Eu sei disso, e

você sabe que precisa da nossa ajuda, para melhorar.”

Eu olhei para cima. A mandíbula de Derek trabalhava, seu olhar distante.

“Eu poderia ir,” ele sussurrou. “Criar uma distração para que você pudesse escapar. Simon está por aí. Você só precisa encontrar—”

“Você vai voltar? Depois deles terem atirado em você?”

“Só tranquilizantes.”

“Só? Só?” Minha voz subiu e eu lutei para mantê-la abaixada. “Eles estão caçando a gente, Derek. A Dr. Gill sabe o que eu sou.”

“Ela sabia. Isso não quer dizer que eles saibam.”

“Você tem certeza?”

Ele hesitou, seu olhar levantando na direção da voz.

“Derek?” O Dr. Davidoff continuou. “Por favor. Eu quero facilitar isso pra você, mas você precisa facilitar isso pra gente. Saia agora e conversaremos. Só isso. Só conversar. Nenhuma medida disciplinar será tomada e nós não iremos transferir você.”

Derek se deslocou contra mim. Considerando.

“Você não pode—” eu comecei.

“Se você não sair, Derek, nós te acharemos, e você será transferido... para um centro de detenção juvenil por sequestrar a Chloe.”

“Eng—” eu guinchei.

Ele tapou sua mão na minha boca até que eu assinalei que ficaria quieta.

O Dr. Davidoff continuou. “Você já tem um histórico documentado de comportamento inapropriado em relação a ela.

Quando a polícia ver isso, e ouvir nossas afirmações corroborantes, você

ficará bem encrencado, Derek, e eu sei que você não quer isso. Mesmo que ela te defenda, não importará para a polícia. Você é um garoto de dezesseis anos fugindo com uma garota de quatorze.” Ele fez uma pausa. “Você percebe

que ela tem apenas quatorze, não, Derek?”

Eu balancei minha cabeça veemente e sussurrei, “Ele está mentindo. Eu fiz quinze mês passado.”

O Dr. Davidoff disse, "Para a polícia, será um caso claro de sequestro e obstrução, possivelmente até mesmo crime sexual."

“Crime—!” eu guinchei.

O olhar do Derek me calou a boca tão efetivamente quanto sua mão tinha.

“A escolha é sua, Derek. Dificulte isso, e você só irá se machucar.”

Derek bufou e com isso, o Dr. Davidoff o perdeu. Hostilize os temores de Derek em machucar os outros, e ele pode ser convencido a se entregar. Mas ameace o próprio Derek? Como o Simon disse, era um negócio totalmente diferente.

“Fique aqui,” ele sussurrou. “Eu vou achar uma saída.”

Eu quis discutir, insistir em ajudar, mas eu não tinha a visão noturna dele.

Se eu começasse a tropeçar ao procurar por uma saída, eu faria com que o Dr. Davidoff e os outros viessem correndo.

Eu fiquei parada.

Quarenta e três

DEPOIS DE ALGUNS MINUTOS, Derek retornou e sem palavras me levou para a parede dos fundos, onde uma janela havia sido quebrada. Ela deve ter sido lacrada, mas o tapume agora estava caído no chão.

“Espere.”

Ele retirou o vidro quebrado da parte de baixo da janela, então entrelaçou os dedos formando um degrau para mim. Enquanto eu me arrastava pela janela minha manga se prendeu em um vidro remanescente.

Uma porta próximo bateu.

“Chloe? Derek? Sei que vocês estão aqui. A porta está quebrada.”

Puxei minha manga para me libertar, sentindo uma forte fisgada. O vidro caiu no pavimento mais abaixo quando passei pela janela.

Pulei para o chão, me recuperei e comecei a correr, seguindo para a próxima cobertura – uma lona sobre uma pilha de madeira. Cai e me arrastei para baixo dela, Derek me empurrou mais para o fundo. Encontrei um local onde a lona formava uma tenda e me estiquei deitada sobre meu estomago. No

momento em que recuperei o fôlego, meu antebraço começou a latejar, me avisando que o vidro havia feito mais do que raspar minha pele.

“Você está ferida.” Derek sussurrou como se lendo minha mente.

“Não, não estou.”

Ele agarrou meu braço e o puxou. Senti uma pontada de dor. Fiquei rígida e me engasguei. Estava muito escuro para ver, mas a manga estava molhada contra minha pele. Sangue. Ele havia sentido o cheiro.

Ele cuidadosamente levantou minha manga e amaldiçoou.

“Ruim?” eu sussurrei.

“Profundo. Temos que parar o sangramento. Precisamos de um curativo.”

Ele largou meu braço. Ouve um flash branco e percebi que ele estava tirando a camiseta.

“Espere.” Eu falei. “É tudo o que você tem. Eu estou usando mais de uma.”

Ele virou seu rosto. Eu tirei todas as três camisetas, rangendo os dentes

quando o material raspava meu braço. Eu ficava me lembrando que eu mal havia sentido aquilo antes dele me falar que estava ruim. Coloquei as duas camisetas de cima novamente e entreguei para ele minha regata. Ele a rasgou e o som ecoou. Eu devo ter parecido assustada, por que ele falou. “Não tem ninguém por perto. Posso escutá-los vasculhando o armazém.”

Ele amarrou as tiras ao redor do meu braço. Então a cabeça dele levantou, rastreando alguma coisa, e escutei o fraco som de uma voz chamando, e então alguém respondendo.

“Todos estão no armazém agora.” Ele sussurrou. “Hora de sair. Vou tentar encontrar o cheiro do Simon. Siga-me.”

Derek ziguezagueou através dos obstáculos, nunca diminuindo de velocidade. Por sorte, eu estava atrás dele, onde ele não conseguia ver a quantidade de vezes que bati meus joelhos ou cotovelos desviando de algum obstáculo.

Finalmente ele diminuiu. “Consegui.” Ele sussurrou, e apontou um dedo para o lado sul da fábrica. Seguimos por aquele caminho. Quando nos aproximamos de uma esquina, uma figura se inclinou para fora do vão de uma

porta, então voltou rapidamente. Simon. Um momento mais tarde, Rae saiu e acenou loucamente antes de ser puxada de volta, provavelmente pelo Simon. Corremos e os encontramos e um nicho estreito e comprido que cheirava a cigarro e se parecia como uma entrada principal.

“O que você está fazendo aqui?” Rae sussurrou olhando para o Derek como se estivesse alarmada. “Você deveria estar...”

“Mudança de planos.”

“É bom ver você mano.” Simon falou, batendo nas costas do Derek. “Eu

estava preocupado sobre a Chloe não nos encontrar. Tem um monte de gente procurando por nós.”

“Eu sei.”

Simon caminhou até a porta olhando para fora, então caminhou até onde eu estava, me entregando a mochila. “Você está bem?”

Eu assenti, mantendo meu braço ferido fora de vista. “Eles têm armas.”

“O quê?” os olhos da Rae se arregalaram. “De jeito nenhum. Eles nunca...”

“Armas com tranqüilizantes.” Derek corrigiu.

“Oh.” Ela assentiu como se armas com tranqüilizantes fosse algo comum na busca de adolescentes fugitivos.

“Quem você viu?” Derek perguntou para o Simon.

“Van Dop, Davidoff, e eu acho, Talbot, mas não tenho certeza. Nenhum sinal da Gill.”

“Ela está na casa.” Eu falei. “Mas tem mais dois que não reconhecemos.

Um homem e uma mulher.” Eu olhei para o Derek. “Policiais disfarçados, o que

acha?”

“Não faço idéia. Vamos nos preocupar sobre isso mais tarde. Agora, somos alvos fáceis. Precisamos sair daqui.”

Enquanto Derek ia olhar para fora, Simon se inclinou para perto do meu ouvido.

“Obrigado. Por ter encontrado ele. Estava tudo bem?”

“Depois.” Derek falou. “Tem outro armazém mais nos fundos, com janelas quebradas. Provavelmente está abandonado. Se conseguirmos chegar até lá...”

“Chloe?” Rae falou, olhando para o meu braço. “O que está cobrindo a tua

manga? Isso parece...” ela tocou o tecido. “Oh meu Deus. Você está sangrando. Você está sangrando muito.” Simon foi para o outro lado. “Está ensopado. O que...?”

“Apenas um corte.” Eu falei.

“É profundo.” Derek falou. “Ela precisa de pontos.”

“Eu não...”

“Ela precisa de pontos.” Ele repetiu. “Vou pensar em algo. Por agora...” ele amaldiçoou e pulou da entrada. “Eles estão vindo.” Ele olhou ao redor, fazendo

uma careta. “Esse é o pior esconderijo...”

“Eu sei.” Simon falou. “Eu queria encontrar um lugar melhor, mas...” um olhar para Rae falou que ela não queria partir.

“Qual o problema com esse lugar?” ela falou. Ela se encostou contra a parede. “É completamente escuro. Eles não podem me ver.”

“Até apontarem uma lanterna para você.”

“Oh.”

Derek marchou até a porta, segurou a maçaneta e deu um empurrão para testar. Então ele firmou os pés, segurou a maçaneta com ambas as mãos e empurrou até que os tendões em seu pescoço se retesassem. A porta estremeceu, e então se abriu com um estalo tão alto quando um tiro de espingarda.

Ele acenou freneticamente para que entrássemos. “Achem um esconderijo.” Ele sussurrou enquanto eu passava.

Corremos para dentro de uma sala ampla, ladeada de portas, algumas abertas, outras fechadas. Rae seguiu para a primeira. Derek a empurrou para frente.

“Continue em frente!” ele sussurrou.

Ele passou por ela e nos guiou para um segundo corredor. Então ele sinalizou pedindo silencio enquanto escutava, mas mesmo sem super sentidos, escutei o barulho da porta e passos.

“Está aberta!” um homem gritou. “Eles vieram por aqui.”

“Temos que sair daqui.” Derek sussurrou. “Vamos nos separar. Encontrar uma saída. Qualquer saída. Então assobiem, mas baixo. Vou escutar vocês.”

Quarenta e quatro

NA ESQUINA SEGUINTE, nós nos dividimos para procurar uma saída.

A primeira porta que eu tentei abriu-se para um cômodo longo e estreito cheio de mesas de trabalho. Nenhum sinal de uma saída.

De volta no corredor, eu conseguia ouvir vozes, mas distantes, procurando nos cômodos mais próximos da entrada, presumindo que tínhamos entrado no primeiro que vimos.

Se apressando em direção da próxima porta, eu avistei uma figura na sala do outro lado do corredor. Eu parei abruptamente, mas tarde demais. Eu já estava parada à vista.

Enquanto eu puxava o meu coração da minha garganta, eu percebi que o homem estava de costas para mim. Vestido com calça jeans e uma camiseta xadrez, ele era do mesmo tamanho que o homem com a arma, e tinha o mesmo cabelo escuro.

Eu não me lembrava da camiseta xadrez, mas ele estivera usando uma jaqueta.

Ele estava de pé numa plataforma erguida, agarrando o corrimão, olhando para baixo para uma grande serra industrial. Ele parecia atento ao que quer que tenha prendido sua atenção.

Eu dei um cuidadoso passo para frente. Quando o homem se deslocou, eu congelei, mas ele parecia apenas estar reajustando seu aperto no corrimão. Eu levantei meu pé. O homem fez o mesmo - pisando na barra mais baixa da barreira.

Ele escalou o corrimão e ficou agachado ali, as mãos agarrando a barra.

Algo se moveu embaixo dele e meu olhar foi direto para a serra. As lâminas estavam virando – girando tão rápido que o cintilar de uma luz distante de emergência saltou como um estroboscópio. Mas não houve som, nem mesmo o zunido do motor.

O homem testou seu aperto no corrimão. Então, de repente, ele lançou-se para frente. Eu o vi acertar as lâminas, vi o primeiro salpicar de sangue, e eu caí contra a parede, minha mão voando para cobrir a minha boca, mas não antes que a primeira nota de um grito escapasse.

Algo – alguma parte dele – voou da serra, parando na entrada com um chapinhar. Eu arranquei o meu olhar antes que eu pudesse ver o que era, vacilantemente voltando enquanto passos correndo soavam atrás de mim. Braços me agarraram. Eu ouvi a voz do Simon na minha orelha. "Chloe?" "Tinha um homem. Ele—" eu fechei minhas mãos em punhos, empurrando a imagem para trás. "Um fantasma. Um homem. Ele p-pulou na serra." Simon me puxou contra ele, sua mão indo para a minha nuca, enterrando meu rosto contra seu peito. Ele cheirava a amaciante de roupa de baunilha com um traço de suor, estranhamente confortante. Eu me demorei, recuperando a respiração.

Derek deu a volta na esquina. "O que aconteceu?"

"Um fantasma," eu disse, afastando-me de Simon. "Eu sinto muito."

"Alguém ouviu. Temos que ir."

Enquanto eu estava me virando, eu vi o fantasma novamente, parado na plataforma. Derek seguiu o meu olhar. O fantasma ficou parado exatamente na

mesma posição, agarrando o corrimão. Então ele deu um passo para cima.

"Está r-repetindo. Como uma espiral de filme." Eu saí dessa. "Não importa.

Nós—”

“Temos que ir,” Derek disse, me puxando. “Mova-se!”

Enquanto começamos a ir corredor abaixo, Rae soltou um assobio perfurante.

“Eu não disse suave?” Derek sibilou baixinho.

Nós nos desviamos para o corredor da Rae para vê-la parada numa porta marcada SAÍDA. Ela esticou a mão para a maçaneta.

“Não!” Derek marchou até ela e quebrou a porta ao abrir, escutando e farejando antes de empurrá-la totalmente. “Está vendo aquele depósito?”

“Aquele, tipo, a um quilômetro e meio para trás?” Rae disse.

“Meio quilômetro, no máximo. Agora vá. Estamos logo atrás—” Sua cabeça levantou-se, localizando um som. “Eles estão vindo. Eles ouviram o assobio. Vão vocês. Eu os distrairei, então seguirei.”

“Ãh-ãh,” Simon disse. “Eu te protejo. Chloe, pegue a Rae e corra.”

Derek abriu sua boca para discutir.

Simon o cortou. “Você quer distrações?” Ele sussurrou um feitiço e acenou com sua mão, névoa subindo. “Eu sou o cara.” Ele se virou para mim. “Vá. Nós alcançaremos.”

Eu queria discutir, mas, novamente, não havia nada que eu pudesse oferecer. Meus poderes já tinham provado serem mais atraso do que ajuda. Rae já estava há seis metros no terreno, dançando no lugar como um boxeador, acenando para que eu me apressasse.

Quando eu me virei para ir, Derek passou Simon batendo em seu ombro.

“Entre no depósito e não vá embora. Por uma hora, nem espie. Se não voltarmos, encontre um lugar para se esconder. Nós voltaremos.”

Simon assentiu. “Conte com isso.”

“Não fique no depósito se for perigoso, mas esse será o nosso ponto de encontro. Fique checando. Se não puder ficar, ache uma maneira de deixar um

bilhete. Te encontraremos lá. Entendeu?”

Eu assenti.

“Eles devem estar aqui atrás,” alguém gritou. “Vasculhem cada cômodo.”

Derek me empurrou pela entrada.

Simon inclinou-se, balbuciando "Te vejo em breve," com um positivo, então ele se virou para Derek. “Hora do show.”

Eu comecei a correr.

Quarenta e cinco

NÓS ESPERAMOS NO DEPÓSITO por uma hora e quarenta minutos.

“Eles foram pegos.” Eu sussurrei.

Rae deu de ombros. “Talvez não. Talvez eles tenham encontrado a oportunidade de fugir, e aproveitaram.”

Um protesto surgiu em meus lábios, mas o engoli. Ela estava certa. Se eles tivessem a oportunidade de fugir e nenhuma maneira fácil de nos alertar, eu queria que eles aproveitassem a oportunidade.

Levantei meu traseiro adormecido do concreto frio. “Vamos esperar aqui por mais algum tempo, então iremos. Se eles fugiram, vão nos encontrar mais tarde.”

Rae balançou a cabeça. “Eu não contaria com isso, Chloe. É como eu disse, pela maneira como eles falam, agem e se comportam, é sempre nós contra eles, e ‘nós’ significa os dois. E ninguém mais exceto talvez aquele pai desaparecido deles.”

Ela mudou sua posição se agachando. “Eles pelo menos te deram alguma idéia de onde ele pode estar? Ou por que ele não apareceu para buscá-los?”

“Não, mas...”

“Não estou discutindo, estou apenas falando...” ela rastejou até a abertura e espiou para fora. “É como no ano passado quando sai com um cara. Ele fazia

parte da panelinha da escola. ‘Os garotos populares’.” Ela adicionou as aspas com os dedos. “E é claro, eu meio que gostei de andar com eles. Eu pensei que aquilo me fazia um deles. Só que eu não era. Eles eram legais, mas eles eram amigos desde, tipo, terceiro ano. Só por que eu havia sido aceita não

significava que eu era um deles. Você possui esses super poderes. Isso te dá crédito com o Simon e o Derek. Mas...” ela se virou para mim. “Você apenas os

conhece á uma semana. Mas quando as coisas ficam sérias...”

“A prioridade principal deles é um ao outro. Eu sei disso. E eu não estou dizendo que você está errada, apenas...”

“Claro que o Simon é legal com você. Eu vi isso. Mas...” ela mordiscou o lábio, então lentamente levantou os olhos para os meus. “Quando você ficou para trás procurando pelo Derek, não era com você que o Simon estava preocupado. Ele nem ao menos mencionou o teu nome. Era tudo só sobre o Derek.”

É claro que ele estava preocupado com o Derek. Derek era o irmão dele; eu sou uma garota que ele conheceu á uma semana atrás. Mas ainda assim doía um pouco o fato dele não ter falado em mim.

Eu estava prestes a falar para a Rae sobre a parte do plano que ela havia perdido para fazer aquele nosso ponto de encontro permanente, e continuar voltando para checar. Mas agora isso iria soar como se eu estivesse tentando provar que os rapazes não haviam virado as costas para mim. O quão patético seria isso?

Eu ainda achava que eles voltariam quando as coisas se acalmassem. E não tinha nada a ver com se o Simon gostava de mim ou não. Eles voltariam por que era a coisa certa a se fazer. Por que eles falaram que o fariam. E talvez isso me fizesse uma garota tola, que vê filmes demais, onde os caras bons sempre voltam para salvar o dia.

Mas era nisso que eu acreditava.

Mas, entretanto isso não significava que eu ficaria ali como uma mocinha

de um filme, revirando seus dedos, esperando para ser resgatada.

Eu posso ser ingênua, mas não sou estúpida. Nós marcamos um ponto de encontro, então não havia a necessidade de ficarmos esperando por mais tempo.

Rastejei para fora de nosso esconderijo, observei e escutei. Sinalizei para Rae sair.

“A primeira coisa que preciso fazer é conseguir dinheiro.” Falei. “Tenho o dinheiro que meu pai deu, mas poderemos precisar de mais. Há um limite de retirada diário, e provavelmente vai ser tudo o que conseguirei, então tenho que agir rápido, antes que eles comecem a rastrear o cartão, ou congelem a conta. Derek falou que o caixa vinte e quatro horas mais próximo fica...”

“O que você está fazendo?” Rae perguntou.

“O quê?”

Ela segurou o meu braço e apontou para o sangue. “Você não precisa de dinheiro; você precisa de um médico.”

Eu balancei a cabeça. “Não posso ir a um hospital. Mesmo se eles ainda não colocaram um APB* em mim, eu sou muito jovem. Eles vão ligar para a minha tia Lauren.”

“Quero dizer a tua tia Lauren. Ela é médica não é?”

“N-não. Não posso. Ela apenas nos levaria de volta...”

“Depois de eles terem atirado na gente? Sei que você está com raiva dela agora, mas você me falou como ela está sempre se preocupando com você, sempre cuidando de você, defendendo você. Se você aparecer na porta dela e contar que o Davidoff e seus comparsas atiraram em nós, mesmo que tenha sido com tranqüilizantes, você realmente acha que ela vai te levar de volta para

a casa Lyle?”

“Vai depender se ela acreditar em mim. Uma semana atrás ela acreditaria. Mas agora?” eu balancei a cabeça. “Quando ela estava falando comigo sobre o

Derek, era como se eu não fosse mais a Chloe. Sou esquizofrênica. Sou paranóica e disfuncional. Ela não vai acreditar em mim.”

“Então me conte exatamente como a arma e o dardo se parecem, e vou dizer que também os vi. Não, espere! O dardo. Derek retirou um da camisa, certo? Você sabe onde está?”

“Eu- eu acho que sim.” tentei lembrar, visualizando ele largando o dardo na área de entregas. “Sim, eu sei exatamente onde está.”

“Então vamos até lá pegá-lo.”

Não foi tão fácil assim. Pelo que sabíamos o pátio da fábrica deveria estar cheio de policiais procurando pelos dois adolescentes fugitivos. Mas quando olhamos para fora, as únicas pessoas que vimos foram meia dúzia de trabalhadores da fábrica, seguindo para à hora extra de domingo, rindo e conversando, com suas marmitas balançando e térmicas de café fumegando. Olhei para minha camiseta ensopada de sangue, e a troquei pelo moletom da Liz. Então rastejamos para fora, seguindo de esconderijo para esconderijo.

* All Points Bulletin - Significa que todos os policiais e locais devem ficar atentos a uma determinada pessoa, ou veículo, normalmente usados em pessoas desaparecidas, carros roubados ou fugitivos.

Não havia sinal de ninguém procurando por nós. Isso fazia sentido.

Quantos adolescentes fugiam em Buffalo todos os dias? Mesmo escapar de um lar para crianças perturbadas não justificaria uma caçada completa.

Na noite passada, provavelmente haviam sido somente os empregados da casa Lyle que estavam nos procurando. Talvez membros da diretoria, como a mãe da Tori, mais preocupados com a reputação da casa, do que com nossa segurança.

Se eles querem manter nossa fuga sigilosa, eles se foram antes de qualquer empregado da fábrica chegar. Agora eles provavelmente estão em uma reunião, decidindo o que fazer, e quando notificar nossos pais – e a polícia.

Eu encontrei o dardo com facilidade, e o coloquei em minha mochila. Então seguimos para o distrito empresarial, saindo à três quadras da casa Lyle e mantendo nossos olhos abertos. Nada aconteceu. Encontramos um telefone público, e ligamos para um táxi, e demos ao motorista o endereço da tia Lauren.

Tia Lauren morava em um duplex perto da universidade. Quando subimos as escadas da casa, o jornal Buffalo News ainda estava lá. Eu o peguei e toquei a campainha.

Depois de um minuto uma sombra passou por trás da cortina. As fechaduras foram destravadas e a porta aberta. Tia Lauren ficou parada em um roupão curto, e com os cabelos molhados.

“Chloe? Oh meu Deus. Onde...” ela abriu a porta. “O que você está fazendo aqui? Você está bem? Está tudo bem?”

Ela me puxou para dentro pelo meu braço machucado e tentei não gemer. O olhar dela passou para a Rae.

“Tia Lauren essa é a Rae. Ela é da casa Lyle. Precisamos falar com você.”

Enquanto nos entravamos fiz as devidas apresentações. Então contei para ela toda a história. Bem, a parte editada. Bem editada, sem menção á zumbis, mágicos, ou lobisomens. Os garotos haviam planejado fugir e haviam nos convidado. Nós fomos juntos apenas pela diversão de fugir, nos divertir, então

voltar mais tarde. Sabendo que a tia Lauren não gostava da Dra.Gill, eu incluí a

parte em que ela me atacou no jardim, com suas acusações malucas. Então eu contei sobre a arma.

Ela olhou para o dardo, largado sobre a mesa do café, sobre uma pilha de revistas. Ela o pegou cautelosamente como fosse explodir, e o virou nas mãos.

“É um dardo tranqüilizante.” Ela falou, sua voz era pouco mais que um sussurro.

“É o que pensamos.”

“Mas... eles atiraram em você com isso? Em você?”

“Em nós.”

Ela caiu para trás, o couro rangendo sob ela.

“Eu estava lá Dra. Fellows.” Rae falou. “Chloe está falando a verdade.”

“Não, eu...” Ela levantou seus olhos até os meus. “Eu acredito em você querida. Eu só não consigo acreditar – isso é completamente...” ela balançou a cabeça.

“Onde você encontrou a Casa Lyle?” eu perguntei.

Ela piscou. “Encontrei?”

“Como você a encontrou para mim? Nas paginas amarelas? Através de uma recomendação?”

“E sobre os fantasmas...” Eu comecei.

“Você quer dizer sobre o que aquela mulher Gill falou?” tia Lauren jogou o dardo de volta sobre as revistas com tanta força que a pilha caiu, e as revistas deslizaram sobre o topo de vidro da mesa.

“A mulher obviamente precisa de ajuda psicológica ela mesma. Achando que você poderia se comunicar com fantasmas? Uma palavra sobre isso para o

comitê e ela terá a licença revogada. Ela vai ter sorte se não for expulsa.

Nenhuma pessoa sã acredita que se pode conversar com os mortos.”

Tudo bem, esqueça a confissão...

A tia Lauren se levantou. “Vou começar ligando para o teu pai, então para o meu advogado, e ele pode entrar em contato com a Casa Lyle.”

“Dra.Fellows?”

A tia Lauren se virou para a Rae.

“Antes de fazer isso, é melhor você dar uma olhada no braço da Chloe.”

Quarenta e seis

A TIA LAUREN DEU UMA olhada e surtou. Eu precisava de pontos, imediatamente. Ela não tinha os suprimentos em casa, e eu tinha que ter uma atenção médica completa. Quem sabia o que eu podia ter cortado ou que sujeira ou germes estavam no vidro? Enquanto ela me reinfundia, ela me fez beber uma garrafa de Gatorade para repor quaisquer fluídos que eu tinha perdido ao sangrar. Dentro de dez minutos, Rae e eu estávamos na parte de trás de sua Mercedes, saindo de sua garagem.

Eu cochilei antes que alcançássemos o primeiro sinal de trânsito. Eu suponho que todas aquelas noites sem dormir tinham algo a ver com isso. Estar no carro da tia Lauren ajudou, com seu cheiro familiar de perfumador de ar de baga e seus suaves assentos beges de couro e a mancha desbotada azul onde eu tinha derramado um geladinho há três anos. De volta para casa. De volta ao normal.

Eu sabia que não era tão simples. Eu não tinha voltado ao normal. E Derek e Simon ainda estavam lá fora e eu estava preocupada com eles. Mas até mesmo essa preocupação parecia esvair-se enquanto o carro batia, como se eu estivesse deixando isso para trás em outra vida. Uma vida de sonho. Parcialmente com pesadelo, parcialmente... sem.

Convocar os mortos, escapar das garras de um médico maligno, atravessar depósitos abandonados com pessoas atirando em mim. Tudo parecia tão irreal nesse carro familiar, a estação de rádio ligada na WJYE, minha tia rindo de algo que Rae dissera sobre sua escolha de música, dizendo que eu reclamava também. Tão familiar. Tão normal. Tão reconfortante.

E, ainda assim, mesmo enquanto eu cochilava, eu me agarrei às memórias daquela outra vida, onde os mortos voltavam à vida e pais desapareciam e feiticeiros conduziam experimentos horrorosos e enterravam os corpos sob a casa e garotos podiam fazer névoa aparecer das suas pontas dos dedos ou se transformarem em lobos. Agora tinha acabado e era como acordar para descobrir que eu não conseguia mais ver fantasmas. A sensação de que eu tinha perdido algo que faria a minha vida mais difícil, mas também a faria ser diferente. Uma aventura. Especial.

Eu acordei com a tia Lauren me chacoalhando.

“Eu sei que você está cansada, querida. Simplesmente entre e você pode voltar a dormir.”

Eu tropecei para fora do carro. Ela me pegou, a Rae mergulhando para ajudar.

“Ela está bem?” Rae perguntou à minha tia. “Ela perdeu muito sangue.”

“Ela está exausta. Vocês duas devem estar.”

Quando o ar frio me atingiu, eu bocejei e dei um chacoalhão impetuoso na minha cabeça. Eu conseguia distinguir um prédio na minha frente. Eu pestanejei forte e ele ficou em foco. Um retângulo amarelo de tijolo com uma porta única e sem identificação.

“Esse é o hospital?”

“Não, essa é uma clínica onde não se precisa de reserva. Eu liguei para o Buffalo General e o Mercy e as suas emergências estão lotadas. Uma típica manhã de domingo. Entre os ferimentos de tiro da noite de sábado e os motoristas bêbados, é um zoológico. Eu conheço um médico aqui e nós

faremos com que você entre direto.”

Ela olhou para cima enquanto uma mulher pequena e de cabelos grisalhos contornava a esquina.

“Ah, ali está a Sue. Ela é enfermeira aqui. Rae, Sue vai te levar para a sala de espera, te dar café-da-manhã, e te checar.”

Eu espiei a mulher enquanto lutava para me focar. Ela parecia familiar.

Quando ela parou para falar com a minha tia, eu percebi que ela devia ser sua amiga. Mas mesmo depois de ela ter se afastado, isso ficou cutucando os fundos do meu cérebro brumoso, eu não estava captando alguma conexão. Não foi até estarmos dentro que eu me lembrei onde eu tinha visto ela.

Bem na noite passada, agarrando a cerca de elo de correntes, chamando o meu nome.

Eu me virei para a tia Lauren. “Aquela mulher—”

“Sue, sim. Ela é enfermeira aqui. Ela tomará conta da—”

“Não! Eu a vi na noite passada com o homem que atirou na gente.”

O rosto da tia Lauren enrugou-se e ela colocou seu braço ao redor de mim.

“Não, querida, não é a mesma mulher. Você passou por muita coisa e está confusa—”

Eu a empurrei para longe. “Não estou. Eu a vi. Foi ela quem recomendou a Casa Lyle? Nós precisamos cair fora daqui.”

Eu me liberei de seu aperto e corri de volta para a porta. Eu agarrei a maçaneta, mas ela a pegou, segurando-a para ficar fechada.

“Chloe, me escute. Você precisa—”

“Eu preciso cair fora.” Eu puxei a porta com ambas as mãos, mas ela a segurou rápido. “Por favor, tia Lauren, você não entende. Nós temos que cair

fora daqui.”

“Alguém por favor chamaria o Dr. Fellows?” uma voz ecoou pelo corredor.

Eu me virei para ver o Dr. Davidoff marchando na nossa direção.

Um homem passou apressado por ele, vindo até mim com uma seringa.

“Isso não será necessário, Marcel,” a tia Lauren retrucou. “Eu já dei algo à ela.”

“E posso ver que está funcionando muito bem. Bruce, dê um sedativo à Chloe, por favor.”

Eu olhei para a tia Lauren. “V-você me drogou?”

Seus braços ficaram ao meu redor. “Você ficará bem, querida. Eu prometo.”

Eu ataquei repentinamente, atingindo-a tão forte que ela recuou. Então ela se virou para o Dr. Davidoff.

“Eu te disse que essa não era a maneira de se lidar com isso. Eu disse para deixar comigo.”

“Deixar o que com você?” eu disse, dando um lento passo para trás e batendo na porta.

Ela esticou a mão para mim, mas minhas mãos voaram para cima, evitando-a.

“Deixar o que com você?”

O homem com a seringa pegou o meu braço. Eu tentei puxá-lo, mas a agulha entrou. A tia Lauren deu um passo na minha direção, a boca abrindo. Então uma mulher se apressou pelo corredor, chamando o Dr. Davidoff.

“O time acabou de ligar para se reportar, senhor. Não há sinal dos garotos.”

“Que surpresa, que surpresa,” tia Lauren disse, se virando para o Dr.

Davidoff.

“Kit ensinou-os bem. Uma vez que eles tenham ido embora, eles continuarão fugindo. Eu te avisei.”

“Nós os acharemos.”

“É melhor que sim, e quando os achar, eu espero que lidem com aquele bruto do jeito que deveriam ter lidado há anos. Sacrificá-lo como um cachorro

com raiva. Espere até ver o que ele fez com o braço da Chloe.”

"D-Derek?" Eu lutei contra a influência do sedativo. “Derek não fez isso. Eu me cortei—“

A tia Lauren me pegou enquanto eu deslizava pela parede. Eu tentei afastá-la, mas meus braços não respondiam. Ela gritou para que eles se apressassem com a maca, então se inclinou sobre mim, me segurando parada.

“Você não precisa protegê-lo, Chloe,” ela sussurrou.

“Nós sabemos o que ele é.” Uma olhar penetrante para o Dr. Davidoff. “Um monstro. Um que não pertencia na...”

Eu não peguei suas próximas palavras. O corredor piscou, esvaindo-se.

Quando eu foquei, eu vi seu rosto sobre o meu. “Mas não o deixaremos ferir o Simon, Chloe. Eu te prometo isso. Quando você acordar, você vai nos ajudar a achar o Simon e traze-lo para casa. Eu sei que ele é importante para você. Ele é importante para todos nós. Você todos são. Você e Rachelle e Simon e Victoria. Muito especiais. Você são—“

Tudo ficou preto.

Quarenta e sete

Permaneci deitada, olhando para a parede. Eu não conseguia me forçar a me virar e olhar ao redor. Não conseguia nem ao menos me importar em levantar minha cabeça do travesseiro. Eu podia sentir a força do sedativo me chamando para voltar a dormir, mas mantive meus olhos abertos, o olhar fixo na parede pintada de verde.

Tia Laura havia me traído.

Quando ela pensou que eu estava aprontando com o Derek, eu me senti traída. Agora eu olho para trás, e o quão furiosa eu estava, e minha garganta se aperta enquanto eu desejo poder ser capaz de voltar lá, onde aquilo era a pior coisa que eu conseguia imaginá-la fazendo.

Tudo era mentira.

Ela era uma mentira. Nosso relacionamento era uma mentira.

Até mesmo quando eu era uma criança e via o bicho papão no porão, ela sabia muito bem que eu estava vendo fantasmas.

Minha mãe sabia disso, era por isso que ela insistia para que nos mudássemos.

Remexi em meu colar. Seria isso mais que um talismã bobo, para me convencer estar segura? Será que minha mãe realmente achava que isso iria me proteger? Era por isso que a tia Lauren insistiu que eu o usasse na Casa Lyle? Simon me falou que a Necromancia era hereditária.

Se ambas minha mãe e tia sabiam sobre os fantasmas, isso deve estar no sangue delas.

Será que meu pai sabe? É por isso que ele se mantém longe de mim? Por

que sou uma aberração?

Pensei sobre minha mãe. Sobre o acidente. O atropelamento e fuga onde o motorista nunca foi encontrado. Isso realmente teria sido um acidente? Ou alguém á teria matado...?

Não. Espremi o pensamento para fora do meu cérebro, enquanto eu me agarrava ao travesseiro. Eu não podia deixar minha mente fazer essas coisas, ou ficaria maluca.

Maluca.

Tia Lauren sabia que eu não estava maluca, e ela me deixou pensar que ela acreditava que sim. Me mandando para um Lar para grupos.

Um lar cheio de outros garotos com poderes sobrenaturais.

Quando a tia Lauren falou que éramos especiais, ela incluiu a Rae. Então ela realmente deve ser um daqueles meio-demônios.

E quanto a Tori? O que ela é? A mãe dela sabe? Se a mãe dela trabalha para eles, ela deve saber, e se ela sabe, e culpar Tori por não ficar melhor...

Que tipo de mãe faria isso?

Mas minha tia não tinha feito a mesma coisa? Ela apenas adocicou isso com sorrisos e abraços, e talvez isso seja pior. Agora, eu me sinto pior.

É para a Casa Lyle que eles nos mandam quando as coisas dão errado?

Colocando-nos lá, e nos medicando, tentando nos convencer de que temos uma doença mental? Mas por quê? A verdade não teria sido mais fácil? Por que não nos contar enquanto ainda somos jovens e nos preparar, nos ensinar como controlar nossos poderes?

Pelo que Simon falou, era dessa maneira que deveria funcionar. Você contar para seus filhos e os treina como usar e esconder seus poderes, antes

de perderem o controle.

O que é a Casa Lyle?

Eu lembro sobre o que o Simon falou sobre o pai.

Ele trabalhava para uma empresa de pesquisas, médicos sobrenaturais e cientistas tentando deixar as coisas mais fáceis para os outros sobrenaturais. Então eu escutei o fantasma da bruxa enterrada no porão.

Sam Lyle nos prometeu uma vida mais fácil. É isso o que todos queremos, não é? Poder sem preço... Você vê garotinha, todos os avanços científicos requerem experimentos, e um experimento requer cobaias, e era isso que Michael e eu éramos. Ratos de laboratório para a visão de um homem louco. Eu me virei, meu coração batia tão forte que eu mal conseguia respirar. Tia Lauren falou que éramos especiais. Todos nós. Rae, Simon, Tori e eu. Mas não o Derek.

Acredito que tenha sido brutal ser tratado da maneira como ele foi anos atrás. Sendo abandonado como um cão raivoso.

Eu tinha que encontrar o Derek antes deles.

Eu me virei, olhando para o que me cercava. Uma cama de casal com grandes travesseiros e uma manta grossa. Carpete no chão. Uma mesa. Uma poltrona. Um banheiro privativo através de uma porta semi-aberta. Como um hotel de luxo.

Do outro lado do quarto havia uma porta, pintada de branco. Se parecendo como qualquer outra porta interna, mas quando caminhei até lá, e coloquei minhas mãos contra ela, senti que era feita de metal. Uma grossa porta de metal sem janelas, nem mesmo um olho mágico.

E sem maçaneta.

Onde quer que eu esteja não era um falso lar para grupos, onde eu podia me mover pela casa, e jardins, fazer deveres, estudar e passear. Eu estava naquele quarto, e não iria sair.

Voltei para a cama.

Eu estava presa. Eu nunca vou escapar, nunca...

Oh, isso é ótimo. Você está acordada por cinco minutos, deu uma rápida olhada ao redor, e desistiu. Por que você simplesmente não se deita e espera que eles venham e te amarrem em uma mesa? O que aquela bruxa falou? Alguma coisa sobre ser presa á fios elétricos até arrancar a própria língua? Eu deixar escapar um choramingar.

E quanto ao Derek? Ele saiu da casa Lyle e agora você não vai nem tentar alertá-lo? Apenas deixar que o peguem? Matá-lo?

Derek não seria pego. Ele era esperto demais para isso. Ele escapou da Casa Lyle...

Ele tirou você da Casa Lyle? Ele não planejava sair. Aquilo foi pura sorte.

Lembra quando a Dr. Davidoff tentou chamá-lo de volta? Ele quase foi. O que

vai acontecer se eles tentarem novamente? Talvez ele tenha aquelas duvidas, e decida que realmente é melhor ele ficar preso.

Na enquanto ele tiver que proteger o Simon.

Ah, Simon o Derek nunca entregaria o Simon. Mas e quanto distrai-los para o Simon fugir, como ele fez para você e a Rae? Se ele achar que se entregando vai deixar Simon escapar, ele vai fazer. Você sabe que ele vai. Eu tinha que alertá-lo. Mas para fazer isso, eu tinha que sair daqui. Dessa vez, eu não poderia apenas me sentar e deixar que outra pessoa fizesse os planos. Eu tinha que fazer isso sozinha.

Talvez eu esteja presa aqui somente por enquanto, mas eventualmente vão me deixar sair. Eu não era exatamente um prisioneiro de auto-risco. Eles terão que me tirar daqui para fazer exercícios, para comer, para fazer experimentos em mim...

Tentei não pensar sobre esse ultimo.

O ponto era, eu vou sair, e quando fizer isso, preciso estar preparada para escapar. Entretanto primeiro preciso dar uma boa olhada ao meu redor e planejar. Mas como eu faria isso trancada nesse quarto? Rezar para achar uma

planta baixa convenientemente escondida sob o colchão? Me projetar astralmente através da porta e olhar por aí? Eu parei e lentamente olhei na direção do suéter que estava usando. O moletom verde da Liz.

Se ela estiver morta, talvez eu posso invocá-la, fazer com que ela investigue o prédio e...

Se ela estiver morta? Então agora você está torcendo para ela estar morta?

Agarrei a manta e respirei fundo. Durante vários dias eu vinha me recusando a acreditar que Liz estivesse morta. Não importando quantas provas

tivesse, eu não podia acreditar por que a simples idéia disso parecia insana. Mas agora, sentada aqui, olhando para esse quarto, traída pela minha tia, esperando que eles rasteiem e matem o Derek como se fosse algum tipo de animal...

Liz estava morta.

Eles a haviam assassinado.

Ela fora algum tipo de ser sobrenatural, e seus poderes estavam fora de

controle, então eles a executaram. Eles devem ter feito isso, ou teriam incluindo o nome dela naquela lista. E quanto ao Peter? Será que os pais dele apenas fingiram ter ido buscá-lo, apenas para deixar essas pessoas matá-lo? Ou talvez por que ele tenha ficado melhor, ele foi liberado. Liz não melhorou...

Então ela não saiu.

Uma pequena parte de mim ainda se prendia á esperança de estar errada sobre a Liz. Mas eu sabia que não era verdade.

Eu retirei o casaco. Vi meu braço com um curativo. O corte foi costurado enquanto eu estava inconsciente. Se eles estavam cuidando de mim, pelo menos isso significava que ainda não planejavam me matar.

Olhei para o moletom, pensando sobre a Liz e sobre morrer. Em como seria estar morta aos dezesseis, o restante de sua vida apagado...?

Eu apertei meus olhos fechados. Não havia tempo para isso.

Procurei em meu quarto por câmeras. Não encontrei nenhuma, mas isso não significava que não estivessem ali. Se eles me vissem conversando sozinha, iriam imaginar o que eu estava fazendo, talvez decidindo que meus poderes estão fora de controle, como os de Liz.

Eu tinha que escolher se fazia ou não aquilo.

Sentei com as pernas cruzadas sobre a cama, segurando o moletom da Liz, e chamando por ela como fiz com os outros fantasmas. Eu não precisava me preocupar sobre perder o controle e levantar os mortos. Não havia corpos por ali. Ou pelo menos eu esperava que não. Mas eu não fazia idéia do que estava do outro lado da porta, talvez um laboratório, talvez os corpos dos outros fracassos, como a Liz.

Não havia tempo para isso.

O fantasma do necromante falou que a Casa Lyle, estava protegida por um feitiço contra os fantasmas. Isso significa que esse lugar provavelmente também estava o que significa que vou precisar de todo aquele poder extra que ele disse que tenho.

Concentrei com tanta força que minhas têmporas começaram a doer, mas nada aconteceu.

Fechei meus olhos para visualizá-la melhor, mas eu continuava espiando e perdendo minha concentração. Finalmente os fechei e os mantive fechados, colocando tudo o que tinha em me imaginar puxando Liz para fora de onde quer que ela estivesse e...

“Uou. Onde estou?”

Abri meus olhos e lá estava ela, ainda usando sua camisola da Minnie e meias com girafas.

Liz.

Não, o fantasma da Liz.

“Olá?” ela abanou uma mão na frente dos meus olhos. “O que há de errado Chloe? Não há nada para se ficar assustada. Eu sei que a Casa Lyle não é exatamente a Disneyland, mas...” ela olhou ao redor ficando seria. “Essa não é

a Casa Lyle. Não é? Onde? Oh meu Deus. Estamos em um hospital. Eles te colocaram aqui também? Quando?”

Ela piscou com força, balançando a cabeça. “Eles tem alguns remédios fortes aqui. Continuo dormindo e tendo sonhos estranhos, e quando acordo, estou completamente confusa. Eles também te deram esses remédios?”

Então onde a Liz havia estado durante todo esse tempo? Presa no limbo?

Uma coisa era certa. Ela não sabia que estava morta.

E agora eu tinha que contar para ela.

Contar? De jeito nenhuma. Ela estava feliz. Se ela não soubesse, era melhor.

E quanto tempo você acha que vai levar até ela descobrir?

Não seria melhor ser você a contar para ela?

Eu não queria. Eu realmente não queria. Mas eu precisava dela para me ajudar a escapar, e resgatar a Rae e avisar o Simon e o Derek. Estava tudo dependendo de mim dessa vez, e para ajudá-los, preciso fazer algo terrível.

Com meus dedos tremendo, apertei seu moletom e respirei fundo.

“Liz? Tem uma coisa que preciso te contar.”

FIM!!!

A série Darkest Powers continua com Darkest

Powers 2: The Awakening

Créditos:

Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156>

Tradução: Juliana Dias

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=2713339427589710285>

Tradução: Nel Farias

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=1484899046676038373>

Revisão: Juliana Dias

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=2713339427589710285>

Skoob

<http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/140942/perfil:on>

Twitter

<http://twitter.com/tdlivros>

Blog

<http://traducoesdelivros.blogspot.com>